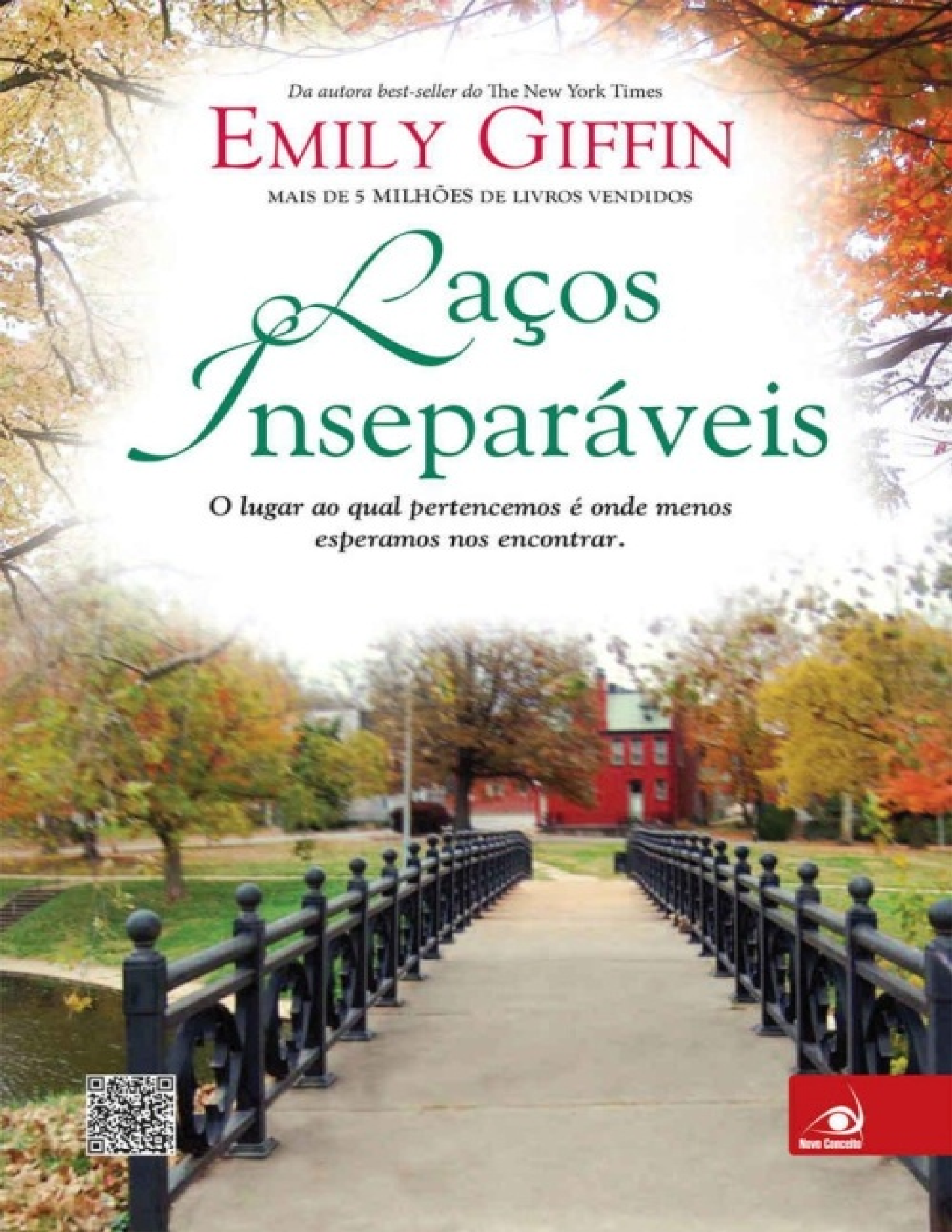
Da autora best-seller do The New York Times

EMILY GIFFIN

MAIS DE 5 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

Laços Inseparáveis

O lugar ao qual pertencemos é onde menos esperamos nos encontrar.



Novo Conceito

Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

Laços Inseparáveis

Emily Giffin

Tradução
Maria Angela Amorim De Paschoal

Novo Conceito

Copyright © 2012 by Emily Giffin
Copyright © 2012 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão Digital – 2012

Produção Editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Giffin, Emily
Laços Inseparáveis / Emily Giffin ; tradução Maria Angela Amorim De Paschoal. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2012.

Título original: Where we belong.

ISBN 978-85-8163-150-9

1. Ficção norte-americana I. Título.

12-11684 | CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br

Para Nancy LeCroy Mohler,

minha BFF

Agradecimentos

Primeiramente e antes de qualquer outra coisa, gostaria de agradecer meus leitores fiéis — de Atlanta ao Rio, a Varsóvia e em todos os lugares que se encontram — por tornar meu trabalho significativo e divertido. Conversar com vocês no Facebook, no Twitter, nos aviões e nos tours que faço me ajuda a superar os dolorosos bloqueios que os escritores sofrem e a me lembrar do porquê eu continuo a contar histórias. Obrigada por lerem meus livros.

Meu agradecimento eterno a Jennifer Enderlin, minha editora desde que esta jornada começou. Obrigada por tudo, especialmente pelas suas edições cuidadosas, que sempre elevam meus livros (Estas foram suas melhores anotações até hoje!).

Obrigada a você, Stephen Lee, meu agente de publicidade e amigo querido. Como fomos longe, juntos, desde a primeira noite de autógrafos na Borders, quando o gerente suplicava para as pessoas ouvirem a “Emily Griffin” no segundo andar.

Obrigada a tantos outros na St. Martin’s Press, especialmente Sally Richardson (Você poderia ser mais elegante do que é?), Matthew Shear (com a risada mais gostosa que eu já vi) e meu queridinho John Murphy (miau).

Obrigada também a Jeff Dodes, Matt Baldacci, Jeanne-Marie Hudson, Paul Hochman, Nancy Trypuc, Anne Marie Tallberg, Sara Goodman, Katie Ginda, Bailey Usdin, Stephanie Davis e todos os vendedores da Broadway e Fifth Avenue. Um grande viva para Olga Grlic por seu talento artístico.

Estou tão agradecida a Theresa Park, minha agente de primeira classe, e sua equipe, Emily Sweet, Abigail Koons e Pete Knapp. Não há ninguém que faça melhor trabalho para um cliente — e eu realmente gosto de você também.

Obrigada a todos que ajudaram com este manuscrito, especialmente Kevin A.

Garnett, pela informação sobre o mundo da televisão; Lisa Elgin Ponder, Doug Elgin e McGraw Milhaven por sua ajuda com as coisas de St. Louis; Allyson Wenig Jacoutot e Jennifer New pelos seus relatos de Nova York (ou talvez Kirby ainda estivesse em Triborough); Adam Duritz e Yvonne Boyd pela ajuda com as baterias; e Alexandra Shelley por me ajudar a moldar este livro quando ainda estava nas fases iniciais. E obrigada a você, Mollie Smith e Maura Lubell, pelo meu site lindo e funcional. (Visite www.emilygiffin.com!)

Nunca vou conseguir agradecer o bastante a minha família e amigos — pelo apoio moral e por me ouvirem reclamar que eu não conseguiria cumprir o prazo. (Conselho a meus amigos escritores: ir para um hotel, pedir serviço de quarto e beber vinho enquanto assiste aos filmes da Jennifer Aniston provavelmente não levará você à última linha mais rápido.) Em relação a uma questão que eu não consegui consertar: Kirby foi concebida em 1995 durante a famosa onda de calor em Chicago e, no entanto, agora tem 18 anos. Leia o livro novamente em dois anos e tudo estará acertado.

Meu grande apreço para minha assistente e confidente Kate Brown McDavid, e a incrível Martha Arias por tudo o que fizeram para manter minha vida e minha sanidade mental em ordem. Eu adoro ver vocês duas todas as manhãs.

Um obrigada muito especial para Nancy LeCroy Mohler, Mary Ann Elgin e Sarah Giffin pelos seus incansáveis inputs nos muitos, *muitos* rascunhos deste manuscrito (e de cada livro antes desse). Uma década atrás, vocês três foram as primeiras a encontrar Rachel e Darcy; sou tão agradecida por terem me encorajado a apresentá-las ao mundo.

E, principalmente, meu amor eterno e gratidão para minhas quatro pessoas favoritas — Buddy, Edward, George e Harriet. Um viva para a equipe Blaha!

1

Marian

Eu sei o que dizem sobre segredos. Sei tudo o que se diz a respeito. Que eles podem assombrar e perseguir você. Que podem envenenar relacionamentos e dividir famílias. Que, no final, somente a verdade pode libertar. Talvez este seja o caso para algumas pessoas e alguns segredos. No entanto, eu realmente acreditava que era a exceção para tais regras e nunca, nem uma vez sequer, deixei transparecer a menor menção deste segredo de duas décadas para ninguém. Nem para meus amigos mais próximos nos momentos de embriaguez, ou para meu namorado, Peter, nos nossos momentos mais íntimos. Meu pai não sabia nada sobre isso — e eu nem conversava sobre o assunto com minha mãe, a única pessoa que estava lá quando tudo aconteceu. Era quase como se nós tivéssemos feito um voto secreto de silêncio, nos forçando a deixar tudo para trás, a seguir em frente. Apesar de tudo, nunca esqueci aquilo, nem por um dia, e estava convencida de que, às vezes, o passado realmente era o passado.

Eu deveria ter imaginado. Deveria ter acreditado com o fundo do meu coração naquelas palavras que deram início a tudo, naquela noite sufocante há tanto tempo: *Você pode fugir, mas não pode se esconder.*

Mas aquelas palavras, tudo que aconteceu aquela noite, meu segredo, eram as coisas mais distantes a ocupar minha mente enquanto Peter e eu caminhávamos pela Bleecker Street logo após um prolongado jantar no Lupa, um de nossos restaurantes favoritos na cidade. Depois de várias tentativas, parecia que o inverno tinha acabado pra valer, e a noite perfumada de primavera estava ainda mais aquecida pela garrafa de vinho Barolo que Peter havia pedido. Esta é uma das muitas coisas que eu admiro nele — seu gosto refinado, juntamente com sua crença firme de que a vida é curta demais para um vinho não muito bom. Ou qualquer outra coisa que não fosse memorável. Ele é generoso e trabalhador demais para ser considerado um esnobe, se deixarmos de lado seus amigos preguiçosos, herdeiros de grandes fortunas, que não conseguiram nada “por

conta própria". Mas ele, com certeza, é um esnobe, já que sempre estudou em escolas de elite e circulou nas altas rodas. Também me sinto à vontade neste mundo — mas eu sempre tinha vivido à beira dele, antes de Peter me levar para dentro deste turbilhão de jatinhos, iates e casas de veraneio em Nantucket e St. Bart.

— Ahh, finalmente. Não tem lama na calçada — digo satisfeita por estar usando saltos e um cardigã leve, depois de meses de botas de borracha horríveis e casacos de inverno sufocantes.

— Eu sei... *Quel soulagement* — Peter murmura, colocando seu braço nos meus ombros. Talvez ele seja o único cara que eu conheça que pode se sair bem murmurando em francês sem parecer terrivelmente pretensioso, talvez por ter passado grande parte de sua infância em Paris, filho de uma modelo francesa e um diplomata americano. Mesmo depois que se mudou para os Estados Unidos, aos 12 anos, ele só podia falar francês dentro de casa. Seu sotaque tão perfeito quanto seus modos.

Eu sorrio e encosto meu rosto em seus ombros largos, enquanto ele me dá um beijo leve no alto da minha cabeça e diz:

— Aonde vamos agora, Champ?

Ele me deu este apelido depois que eu o venci num jogo controverso de Scrabble em nosso terceiro encontro, então dobramos o jogo e eu o venci novamente, zombando dele o tempo todo. Dei risada e cometi o erro fatal de contar que "Champ" era o nome do meu cachorrinho de estimação quando criança, um labrador cego, cor de chocolate, que mancava bastante, marcando assim esta expressão de carinho. "Marian" ficava relegada a quando estávamos na companhia de terceiros, no auge da paixão e nas nossas raras discussões.

— Sobremesa? — sugiro enquanto viramos a esquina. Ficamos olhando os cupcakes da Magnólia e os canoles do Rocco, mas decidimos que estávamos satisfeitos demais para comer qualquer um deles e, em vez disso, continuamos a caminhar num silêncio confortável, passando por cafés e bares e multidões de satisfeitos moradores do Village. Então, inspirada pelo vinho e pelo tempo, e por um sopro da sua elegante colônia, deixei escapar: — E o nosso casamento?

Aos 36 e depois de quase dois anos de namoro, esta pergunta não saía da minha cabeça, era o assunto número 1 de especulação entre meus amigos. Mas esta noite marca a primeira vez que toquei diretamente no assunto com ele. Me arrependi imediatamente da minha falta de controle e me preparei para uma resposta insatisfatória. Claro que o espírito da noite mudou instantaneamente e sinto seus braços enrijecerem à minha volta. Digo a mim mesma que isso não é um mau sinal; talvez não tenha sido o momento certo. Chego até a pensar que ele já comprou o anel de noivado — e que sua reação tem mais a ver com o fato de as minhas palavras estragarem sua surpresa.

— Ah, esquece isso — digo com a voz esganiçada, com uma risada forçada que só torna as coisas mais embaraçosas. É como tentar desdizer “Eu te amo” ou desfazer a aventura de uma noite. Impossível.

— Champ — ele fala e pausa por alguns segundos. — A gente está tão feliz juntos.

As palavras são doces, até promissoras, mas nem se aproximam de uma resposta, e não consigo resistir e digo:

— *Tãooooo* significa... o que exatamente? Vamos ficar assim para sempre? Vamos para o cartório esta noite? Ou o meio-termo? — Meu tom é brincalhão e Peter aproveita a oportunidade para aliviar a tensão.

— Talvez fosse uma boa ideia se a gente comesse uns cupcakes — ele diz.

Eu não sorrio. A imagem de um anel de brilhantes em uma lapidação esmeralda guardado num de seus mocassins italianos começa a se desvanecer.

— Tô brincando — ele diz me apertando ao encontro dele. — Repete a pergunta?

— Casamento. Nós dois. O que você acha? — eu digo. — Você já pensou... alguma vez sobre isso?

— Sim. Claro que sim...

Sinto um “mas” chegando como a gente sente a chuva cair no rosto depois de um ensurdecedor barulho de trovões. Sem sombra de dúvida ele termina a frase:

— Mas meu divórcio acabou de sair. — Outra resposta descompromissada.

— Tudo bem — eu digo, me sentindo derrotada enquanto ele olha de relance para uma vitrine escurecida, parecendo encantado com papéis de carta e canetas Mont Blanc. Faço uma nota mental para não me esquecer de lhe comprar uma, já que esgotei todos os presentes da linha "o que comprar para alguém que tem tudo", especialmente para alguém tão meticuloso quanto Peter. Abotoaduras, aparelhos eletrônicos, fins de semana em pousadas rústicas em New England. Até mesmo a estátua de Lego customizada de um alce, a mascote não oficial do seu adorado Dartmouth.

— Mas seu casamento já acabou há tanto tempo. Você não mora com Robin há mais de quatro anos — digo.

É algo que eu sempre comento, mas nunca neste contexto, geralmente quando estamos juntos com outros casais, para desfazer a ideia de alguém me ver como a culpada — a amante que arrebatou e roubou o marido de alguém. Ao contrário de algumas amigas que parecem se especializar em homens casados, nunca tive interesse em olhar ou tomar um drinque com um homem com aliança na mão esquerda. Do mesmo modo como, desde antes de conhecer Peter, sempre tive tolerância zero com desonestidade, joguinhos, fobias por compromisso, ou qualquer outro sintoma da síndrome de Peter Pan, uma aparente epidemia, pelo menos em Manhattan. Em parte era sobre princípios e amor próprio. Mas também uma questão de pragmatismo, de saber gerenciar a vida aos 30 anos.

Eu sabia exatamente o que queria — *quem* eu queria — e acreditava que poderia chegar lá através de puro esforço e determinação, do mesmo modo como tinha, obstinadamente, ido atrás da minha carreira na televisão.

Este caminho também não foi fácil. Logo depois que me formei na escola de cinema da New York University, me mudei para Los Angeles e trabalhei como uma humilde assistente de produção numa *sitcom* para adolescentes da Nickelodeon de curta duração. Depois de 18 meses tentando acertar os pedidos de almoço memorizados na minha cabeça, e não escrever uma frase sequer para o programa, consegui um emprego na equipe de escritores de uma série dramática de médicos. Foi um ótimo trabalho, já que aprendi bastante, fiz

contatos incríveis e consegui chegar a editora de textos. Porém, não tinha vida própria e não gostava muito do programa. Então, chegou um momento em que resolvi arriscar. Deixei a segurança de um programa de sucesso e me mudei para Nova York, para um apartamento confortável em Park Slope. Para pagar as contas, vendi alguns anúncios e fiz trabalhos freelances para uns seriados em andamento. Meu lugar favorito para escrever era um barzinho simpático, administrado por uma família, chamado Aggie's, onde havia brigas constantes entre os quatro irmãos, muitas das quais eram motivadas pelas mulheres com as quais eram casados e sua mãe imigrante irlandesa. Deixei de lado outros projetos e comecei a delinear suas histórias, até que, de repente, *South Second Street* nasceu. (Mudei o bar moderno do Brooklin para a Filadélfia nos anos 1970.) Não era o conceito que estava dominando boa parte da televisão no momento, mas eu era tradicional e acreditava que poderia criar um mundo convincente com meu texto e personagens — em vez de usar artifícios. Meu agente também acreditou em mim, e depois de conseguir colocar meu episódio-piloto nas grandes redes de TV, uma guerra de lances se seguiu. Aceitei um acordo com um pouco menos de dinheiro (mas o suficiente para me mudar para Manhattan) e com mais liberdade de criação. E *voilà.* Meu sonho se tornou realidade. Finalmente eu me tornei uma produtora executiva. Uma produtora de programas.

Então, depois de um ano intenso, conheci Peter. Conheci seu nome bem antes de encontrá-lo, através de notícias da indústria da televisão e comentários no *Variety*: Peter Standish, o adorado executivo de televisão roubado de outra rede de TV, seria o salvador que iria transformar nossos índices globais deficientes e reconstruir nossa identidade. Como o novo CEO, ele era tecnicamente meu chefe, outra das minhas regras sobre quem não namorar. Entretanto, na manhã em que me deparei com ele na Starbucks do saguão do nosso prédio, me permiti uma exceção, racionalizando que eu não me reportava diretamente a ele — o diretor de programação ficava entre nós na cadeia de comando. Além do mais, eu já tinha um nome conhecido. Meu seriado era considerado um sucesso moderado, uma façanha difícil para um programa de meia temporada, portanto ninguém poderia me acusar de estar usando-o para subir ou alavancar uma carreira estagnada.

Claro que a essa altura, enquanto estava atrás dele na fila, escutando ele pedir um “cappuccino duplo extra-seco”, a questão era completamente teórica. Ele não usava uma aliança (notei isso imediatamente), mas deixou transparecer um ar de indisponibilidade quando o toquei nos ombros, me apresentei e lhe dei as boas-vindas de um jeito alegre e profissional. Sabia a idade dele pelos comunicados que ainda estavam na minha caixa de entrada — 47 anos —, no entanto, com uma vasta cabeleira escura, ele parecia mais jovem do que eu esperava. Também era mais alto e com os ombros mais largos do que eu imaginava, tudo numa escala maior, incluindo a mão que segurava seu copo de cappuccino.

— Prazer em conhecê-la, Marian — ele disse curvando a cabeça de um jeito charmoso, porém sincero, fazendo uma pausa enquanto eu pedia meu próprio *latte*, esperando o barista preparar minha bebida e me dizendo que eu estava fazendo um grande sucesso com meu programa. — Tem uma sequência muito agradável, não é?

Acenei com a cabeça modestamente, tentando não olhar o corte elegante de seu terno e o furinho em seu queixo quadrado e bem escanhoado.

— Sim. Tivemos muita sorte até agora. Mas podemos fazer mais para expandir nossa audiência... Você já assistiu?

Fui corajosa em colocar o chefe do meu chefe numa posição dessas e soube a resposta pela sua hesitação. Percebi que ele estava em dúvida se admitia ou não nunca ter visto meu programa.

Ele timidamente confessou a verdade e então acrescentou:

— Mas vou assistir hoje à noite. E isso é uma promessa. — Senti no meu íntimo que ele *era* realmente um homem de palavra. Uma reputação que ele tinha conquistado num negócio cheio de pessoas desonestas, egocêntricas e devassas.

— Bem, pelo menos você sabe que vai ao ar nas quintas à noite — replico sentindo uma onda de atração e percebendo repentinamente que era algo recíproco. Já fazia muito tempo que não sentia essa química com alguém, pelo menos não com alguém atraente.

Na manhã seguinte, para meu encanto, mais uma vez nós dois aparecemos na Starbucks às 07h50, e não pude deixar de pensar que talvez ele tivesse feito isso de propósito, assim como eu.

— Então, o que você achou? — perguntei com um toque de recato, que não era bem meu estilo costumeiro, especialmente no trabalho. — Você assistiu?

— Sim. E adorei — ele anunciou pedindo a mesma bebida, mas desta vez optando por chantili, provando que podia ser natural. Eu estava radiante quando lhe agradeci.

— Texto correto. E grande atuação. Aquela Ângela Rivers, com certeza, é um arraso, não é? — ele perguntou se referindo à nossa protagonista em ascensão, excêntrica e ruiva, e que frequentemente provocava comparações com a Lucille Ball. Durante a seleção do elenco, eu me arrisquei e a escolhi no lugar de uma atriz já estabelecida. Foi uma das melhores decisões que já fiz como produtora.

— Sim — respondi. — Posso ver o Emmy no futuro dela.

Ele concordou com a cabeça comentando:

— Ah, e a propósito — falou com um sorriso carinhoso nos olhos. — Eu não apenas assisti ao episódio de ontem, mas fui atrás e assisti o piloto on-line. E o restante da primeira temporada. Portanto, você é a responsável por eu ter dormido menos de quatro horas na noite passada.

Dei uma risada.

— Um café expresso à tarde — comentei enquanto caminhávamos em direção aos elevadores. — Funciona que é uma beleza.

Ele deu uma piscadinha e falou:

— Boa ideia. Lá pelas 16h30?

Meu coração bateu mais forte enquanto eu fazia que sim com a cabeça, contando os minutos para chegar as 16h30 daquele dia, e das várias semanas depois disso. Isso se tornou nosso ritual, embora, pelas aparências, nós sempre fingíamos que era uma coincidência.

Então, um dia, depois de eu ter mencionado meu amor por chapéus, um pacote da Barneys chegou por um mensageiro. Dentro da caixa estava uma alegre boina de gorgorão preto com um cartão que dizia: *Para Marian, a única garota que eu conheço que fica bem nisso.*

Rapidamente liguei no seu ramal e fiquei encantada quando ele mesmo atendeu ao telefone.

— Obrigada! — falei.

— De nada — ele respondeu, e dava para perceber que estava sorrindo.

— Adorei — falei sorrindo de volta para ele.

— E o cartão? Tudo bem usar a palavra "garota"? Fiquei em dúvida entre "garota" *versus* "mulher".

Isso sem dúvida confirmava que ele se importava, e que podia ser vulnerável. Senti que estava me apaixonando por ele um pouquinho mais.

— Gosto da palavra "garota" vindo de você — declarei. — E adorei a boina, fiquei feliz que não é cor de framboesa.

— Ou de um brechó — ele brincou. — Apesar de que eu adoraria ver você numa delas. E se fosse quente...

Eu ri, me sentindo corar. Meu estômago se contorceu imaginando quando, ou se, ele iria me convidar para um encontro oficial.

Três dias depois, voamos para Los Angeles no jato da empresa, para assistir à entrega dos Emmys. Embora meu programa não tivesse sido selecionado, estávamos recebendo muita atenção positiva da crítica e eu nunca tinha me sentido melhor em relação à minha carreira.

Enquanto isso, Peter e eu estávamos recebendo muita atenção, alguns boatos estavam circulando, claramente por causa de nossos encontros durante o café. Mas ficamos tranquilos no tapete vermelho e mais ainda nas festas que aconteceram em seguida. Até que nenhum de nós conseguia mais segurar a ansiedade, e ele me enviou um texto que ainda guardo no meu iPhone: *Este vestido é deslumbrante.*

Eu sorri, feliz não apenas por ter gastado uma fortuna num vestido de gala da Alberta Ferreti, mas também por ter optado por um verde-esmeralda em vez do meu costumeiro preto.

Me sentindo enrubescer, virei para olhar na direção dele quando outra mensagem de texto chegou: *Embora acho que ele ficaria melhor caído no chão.*

Fiquei corada e balancei a cabeça enquanto ele me enviava um texto final: *Prometo que não vou tentar descobrir se você me encontrar lá em cima. Apartamento 732.*

Menos de dez minutos depois estávamos no quarto dele, finalmente sozinhos, sorrindo um para o outro. Tinha certeza de que iria me beijar imediatamente, mas ele demonstrou um controle que achei irresistível, ainda mais depois de cada taça de champanhe que bebíamos. Ficamos cada vez mais embriagados à medida que o tempo passava e conversamos praticamente sobre tudo — a situação da televisão, a nossa rede de TV, meu seriado, fofoca sobre atores e mais dramas entre os executivos. Ele me contou sobre Aidan, seu filho de 13 anos, e seu processo de divórcio em andamento. Apesar do fato de que ele se referia jocosamente à sua ex como “A queixosa”, ele não fez dela uma vilã, o que eu achei um ponto positivo, frente a outros divorciados que eu já havia namorado. Conversamos sobre lugares para onde tínhamos viajado, nossos hotéis e cidades favoritas e onde tínhamos vontade de ir algum dia. Tanto literalmente, quanto em nossas carreiras. Tínhamos algumas diferenças. Eu preferia o Caribe ou viagens tradicionais urbanas para lugares como Roma e Londres, enquanto ele amava aventuras exóticas. Uma vez ele pedalou pelo Golden Triangle, na Tailândia, outra vez fez trilha no vulcão Pacaya, na Guatemala. Também tinha feito negócios arriscados, que, é claro, deram certo, enquanto eu geralmente evitava conflitos e preferia me apegar a algo que já estivesse funcionando, mesmo se não muito bem. Ainda assim, bem lá no fundo, tínhamos um sentimento em comum — uma crença em buscar a excelência e nunca aceitar menos que isso, o amor por Nova York e tudo o que vinha junto com a cidade, um sentimento de conservadorismo, com uma filosofia central de que devíamos viver e deixar viver, sem importar quais fossem nossas crenças políticas ou religiosas. Ele era bonito, seguro, inteligente e atencioso — o mais

perto que eu já encontrei da perfeição.

Então, enquanto o céu da Califórnia exibia seus primeiros traços de um rosa pálido, ele estendeu o braço e pegou minha mão, me puxou para seu colo e me beijou de um jeito que eu não era beijada há anos. Dissemos boa-noite alguns minutos depois, demos risadas e dissemos bom-dia.

Dentro de algumas semanas éramos considerados um casal, até mesmo tivemos uma conversa sobre não querer mais sair com outras pessoas. Uma noite, fomos fotografados jantando juntos, nossa foto apareceu numa nota na Page Six com o título: “Poderosa Conexão de Amor: O Executivo Peter Standish com a Produtora Marian Caldwell”. Enquanto amigos e conhecidos que tinham visto a nota na imprensa não paravam de ligar, eu fingia estar meio irritada e divertida, mas no fundo estava adorando tudo isso, guardando os recortes de jornal para nossos futuros filhos. As coisas pareciam ser boas demais para ser verdade se eu não tivesse sempre acreditado que um dia conseguiria — e *iria* — encontrar alguém como ele.

Mas talvez tudo estivesse *mesmo* bom demais para ser verdade, penso nisso enquanto olho furtivamente para ele e viramos a esquina, de mãos dadas. Talvez tenhamos ficado estagnados. Talvez nunca fosse ficar melhor do que era naquele instante. Afinal de contas, talvez eu fosse uma daquelas garotas. Garotas que esperam ou se conformam com qualquer coisa — ou fazem as duas coisas. Frustração e uma raiva muda começaram a crescer dentro de mim. Raiva dele, porém, mais ainda raiva de mim mesma por não enfrentar o fato de que quando uma pessoa evita um assunto, geralmente existe uma razão.

— Acho que vou para casa — digo depois de um longo silêncio, esperando que minha declaração não pareça um gesto de autopiedade ou de manipulação, duas coisas que nunca funcionam num relacionamento, especialmente com alguém como Peter.

— Não acredito. É mesmo? — Peter pergunta. Há um traço de frustração na voz dele, quando o que eu esperava ouvir era um tom de desespero. Ele era sempre tão controlado, tão contido, e, embora eu geralmente gostasse desta sua qualidade, isso agora me deixou irritada. Ele para abruptamente, se vira e me

olha fixamente, tomando minhas mãos entre as suas.

— Sim. Estou realmente cansada — minto, soltando as minhas mãos.

— Marian. Não faça assim — ele protesta debilmente.

— Não estou fazendo nada, Peter — eu declaro. — Estava apenas tentando ter uma conversa com você...

— Tudo bem — ele diz, expirando, só faltava revirar os olhos. — Vamos ter uma conversa.

Engulo em seco meu orgulho diminuto, me sentindo muito pequena, e digo: — OK. Bem... você se imagina casando novamente algum dia? Ou tendo outro filho?

Ele dá um suspiro, começa a falar, para e recomeça. — Não sinto falta de nada na minha vida neste momento, se é isso que você quer saber. Eu tenho Aidan. Tenho você. Tenho meu trabalho. Minha vida está boa. Muito boa. Mas eu amo você *de verdade,* Marian. Eu *adoro* você. Você sabe disso.

Espero por algo mais, pensando como seria fácil para ele me acalmar com uma promessa vaga: *Eu não sei o que eu quero exatamente, mas eu vejo você na minha vida.* Ou: *Eu quero fazer você feliz.* Ou até mesmo: *Não quero descartar nada.* Alguma coisa. Qualquer coisa.

Em vez disso, ele me olha de um jeito perdido quando dois táxis surgem à nossa frente, um depois do outro, uma coincidência para a qual eu atribuo todos os tipos de significado. Faço um sinal para o primeiro e me forço a dar um sorriso.

— Vamos conversar amanhã. Tudo bem? — digo, tentando salvar o que sobrou de minha imagem de mulher independente e forte, e fiquei pensando se não era apenas uma imagem.

Ele acena com a cabeça e eu aceito um beijo leve no rosto. Então, deslizo para dentro do táxi e fecho a porta, tomando cuidado para não batê-la com força. Também evito olhá-lo diretamente nos olhos enquanto o carro se afasta da calçada, em direção ao meu apartamento no Upper East Side.

Trinta minutos mais tarde, depois de eu ter trocado de roupa e vestido um dos meus pijamas de flanela mais velhos e confortáveis, de estar sentindo pena de mim mesma, o interfone de meu apartamento toca.

Peter.

Meu coração dá um salto com um alívio vergonhoso e frívolo, enquanto praticamente corro em disparada para o hall de entrada. Respiro fundo e aperto o botão para que ele suba, olhando para a porta como meu cachorrinho Champ costumava fazer quando esperava o carteiro. Fico imaginando que Peter e eu vamos fazer as pazes, fazer amor, talvez até fazer planos. Não preciso de uma aliança ou da promessa de um bebê, vou dizer isso assim que perceber que ele se sente do mesmo modo que eu. Que ele nos vê dividindo nossa vida. Que ele não consegue nos imaginar separados. Digo a mim mesma que isso não é acomodação — é bem o oposto —, é o que você faz por amor.

Porém, segundos depois abro a porta e não encontro Peter no umbral, e sim uma jovem com feições angulares, rosto estreito e um queixo pequeno e pontudo. Ela é esbelta, pálida e quase bonita — pelo menos eu acho que será em alguns anos. Está vestida como uma adolescente típica, até mesmo com uma mochila enorme nas costas e uma gargantilha com o símbolo da paz, mas tem um ar sério, alguma coisa me diz que ela tem personalidade.

— Oi — eu digo imaginando que ela está perdida ou no apartamento errado, ou está pedindo alguma coisa. — Posso lhe ajudar?

Ela pigarreia, joga o peso de um lado para o outro do corpo e pergunta numa voz rouca e baixa:

— Você é Marian Caldwell?

— Sim — eu respondo e fico esperando.

— Meu nome é Kirby Rose — ela finalmente se apresenta, colocando seu cabelo loiro e comprido atrás das orelhas, que são um pouco grandes ou talvez

num ângulo não apropriado para sua cabeça, um traço que conheço bem demais. Então ela olha para baixo, para suas botas pretas arranhadas. Quando seus olhos me fitam novamente, percebo sua coloração diferente — azul-acinzentado e um círculo preto em volta — e, naquele instante, sei *exatamente* quem ela é e por que está aqui.

— Você é?... — Tento acabar a frase, mas não consigo nem respirar, quanto mais falar.

Seu queixo treme quando ela faz um pequeno aceno com a cabeça, e então limpa a palma das mãos no seu jeans puído.

Fico paralisada esperando as palavras que eu imaginava e temia, com as quais ficava apavorada e sonhava nos últimos 18 anos. Então, quando parecia que meu coração iria explodir, eu finalmente a ouço dizer: — Acho que você é minha mãe.

2

14 de julho de 1995

Foi o dia mais quente já registrado na história de Chicago, o termômetro atingindo 41 graus centígrados e a temperatura chegando a 48 graus, um recorde que até hoje não foi superado, quase duas décadas depois. A onda de calor era o assunto em todas as rodas e chegou a matar 750 pessoas, rendendo manchetes mais chamativas que a Crise do Desarmamento no Irã, a Guerra da Bósnia e o último show do *Grateful Dead* em Soldier Field — pelo menos no jornal *B96*, minha única fonte de informações quando eu tinha 18 anos.

Naquela manhã escaldante, enquanto me deitava à beira da nossa piscina num biquíni branco fio dental que tinha pedido em um catálogo da Victoria's Secret, sintonizei o programa do Kevin e Bob, ouvindo seu papo sobre como o calor incita as pessoas a fazerem coisas malucas: se apaixonarem, cometerem crimes, correrem peladas pelas ruas. É claro que eles estavam brincando, daquele jeito que os DJs costumam fazer, mas, pensando bem, eu realmente acredito que a alta temperatura foi responsável, pelo menos parcialmente, pelo que aconteceu mais tarde naquela noite na casa de minha amiga Janie. Teria sido uma história totalmente diferente em qualquer outra estação do ano, ou até mesmo num dia comum de verão.

Houve outros fatores também, é claro, como o álcool, o culpado favorito de todo mundo, especialmente as quatro doses de batida de morango que bebi de estômago vazio. Juntamente com a intensidade das emoções que se acumulavam naquele verão agridoce, espremido entre a formatura do colégio e o resto de nossa vida que se apresentava à nossa frente, o tédio supremo de minha cidade natal e um toque de má sorte — ou boa, dependendo de quem está falando. E é claro, o ingrediente final: Conrad Knight.

Para falar a verdade, Conrad não era o meu tipo de carinha, mas era de longe e nos sonhos o tipo de praticamente todo mundo, e eu certamente não ficava imune aos seus sedutores olhos azuis-acinzentados, o cabelo escuro levemente

comprido e um rosto que minha amiga Janie chamava de “épico” antes de esta palavra ficar fora de moda. Ele parecia misterioso e um pouco perigoso, uma imagem que alguns garotos tentavam cultivar — mas apenas Conrad conseguia isso naturalmente. Ele tinha uma tatuagem no braço, diziam que eram as iniciais de sua mãe e a data do acidente de carro que a havia matado. Ele fumava cigarros enrolados à mão, dirigia um Mustang velho e preto e cantava numa banda de fundo de quintal no centro da cidade. Algumas garotas com documentos falsos tinham ido vê-lo e compararam sua voz à de Eddie Vedder, jurando que ele ficaria famoso um dia. Seu pai, que na verdade era um ator aposentado e tinha estrelado uma novela antiga e um comercial do Tums[1] que ainda passava na TV, retornava de vez em quando a Los Angeles para alguns testes e levava Conrad com ele por um bom tempo. Apesar de suas faltas na escola e de um histórico acadêmico irregular, ele parecia inteligente, e, de certo modo, mundano — ou pelo menos profundamente indiferente à ordem social da escola, o que lhe dava uma aura de sofisticação. Resumindo, ele era bem diferente dos atletas afáveis com quem eu tinha namorado no Ensino Médio. Nada parecido comigo. Na verdade, nossos caminhos nunca haviam se cruzado para valer.

Ocasionalmente nos cumprimentávamos nos corredores da escola, mas nunca tínhamos conversado desde a escola primária.

— Marian Caldwell — Conrad declarou quando esbarrei nele no quintal de Janie. Pelo menos metade de Glencoe tinha vindo para a festa quando se espalhou o boato de que seus pais estavam fora da cidade. Seu rosto estava inexpressivo, mas ainda assim seus olhos me diziam que iríamos ter uma conversa significativa.

— Oi, Conrad — falei meio envergonhada, me balançando sem perceber ao som da música de Sarah McLachlan, “*I Will Remember You*”, que saía em alto volume das caixas de som vindas da janela do quarto de Janie no andar de cima.

Ele me deu um meio sorriso, e, então, como se estivesse dando continuação a uma conversa, disse aquelas palavras das quais eu me lembraria por anos.

— Você pode fugir, mas não pode se esconder.

Enquanto ele tomava um gole de uma latinha de refrigerante, eu observava o movimento de seu rosto e sentia o perfume de sua pele — uma mistura de cedro, sal e da colônia Eternity de Calvin Klein.

— Quem está fugindo? — perguntei. — E o que você está fazendo numa festa como essa?

Ainda estremeço quando me lembro da pergunta. Eu poderia simplesmente ter dito uma festa com os garotos e garotas mais "Populares da Escola", entre os quais, nós dois sabíamos, eu era uma das participantes.

— Procurando você — ele disse, seus olhos tão ardentes quanto um olhar poderia ser. Olhei em volta pensando que ele estava brincando, esperando ver seus colegas da banda ou sua namorada voltar do banheiro. Eu nunca a tinha visto — ela frequentava outra escola —, mas Janie tinha visto os dois juntos no shopping uma vez e disse que a garota era a cara da Kate Moss, até mesmo com a blusinha de cigana, a saia longa floral e sandálias rasteiras.

— Muito bem. Parece que você me encontrou. — Dei uma risada, me sentindo mais audaciosa que o normal enquanto tocava o braço dele, bem em cima dos números impressos em tinta preta, como se estivesse lendo Braille em sua pele, percebendo que não apenas ele estava sozinho, mas completamente sóbrio.

— Então, tudo bem com você? — Ele olhou de relance para seu pulso, onde estaria um relógio caso usasse um. — Nos últimos seis anos?

— Seis anos? — perguntei, e então o lembrei de que tínhamos estudado na mesma classe desde o quarto ano.

— Desde a última vez que conversamos — ele declarou, passando a mão pelos cabelos, mais ondulados que o de costume porque a umidade do ar estava tão alta que parecia que estávamos andando na água. — Quero dizer, *que realmente* conversamos. Estávamos no ônibus voltando de uma excursão da escola.

— Do Shedd — falei com um aceno de cabeça, relembrando o passeio ao aquário no sexto ano, e, especialmente, a viagem de volta no ônibus da escola.

Conrad sorriu e por um segundo deixou de lado sua postura fria. Ele parecia ter 12 anos novamente e eu lhe disse isso.

Seu sorriso se alargou quando ele disse: — Você me deu metade da sua barra de chocolate e me disse que queria ser uma bióloga marinha.

Eu ri e revirei os olhos. — Sim... só que não quero mais ser uma bióloga marinha.

— Eu sei — ele respondeu. — Você vai para Michigan, vai fazer a escola de cinema, e então vai para Los Angeles ou Nova York onde vai fazer coisas fantásticas e ficar importante. Vai ser a próxima Nora Ephron ou... bem, esta é a única diretora mulher que eu conheço.

Eu o olhei surpresa até que ele confessou sua fonte óbvia de informações. — O álbum de formatura. Lembra? Os planos para o futuro? — Ele fez sinal de aspas no ar, claramente zombando da coisa toda.

— Isso mesmo — afirmei, pensando que ele também devia estar ciente de que eu tinha sido votada como a que teria “Mais chance de sucesso”, assim como eu estava ciente de que ele foi eleito os “olhos mais lindos”.

— E quais são seus planos? — indaguei, e algo me dizia que ele havia deixado seu questionário em branco, até que me lembrei da sua resposta curta: *Me deixem fora disso.*

Perguntei o que ele queria dizer com isso e ele respondeu: — Só quero dar o fora daqui. Só isso.

— Então nada... mais específico? — perguntei, querendo saber, é claro, sobre a faculdade. O que na minha cabeça e no meu círculo de amigos era algo natural.

— Não — ele falou bebendo de uma vez só sua latinha Dr Pepper. Ele amassou a lata com uma mão e a jogou na lata de lixo mais próxima. — Com exceção de que eu quero beijar você hoje à noite. E provavelmente amanhã à noite também. E se você não tomar cuidado... talvez depois dessa também.

Senti meu corpo estremecer, mesmo quando o suor começou a descer pelas minhas costas, e decidi que iria deixá-lo fazer o que quisesse. Ou, mais

precisamente, reconheci que não seria capaz de dizer não. Porém, fingi estar no controle de tudo, levantando os braços para arrumar meu longo e loiro rabo de cavalo, já que a umidade tinha o efeito contrário no meu cabelo liso, agora escorrido. — Mas por que você faria tal coisa? — indaguei enquanto meu coração acelerava e eu olhava para ele de um jeito sedutor.

— Porque eu *gosto* de você.

A palavra era juvenil, mas ele a fez parecer diferente.

— Desde quando? — perguntei, apesar de a minha voz estar mais forte que meus joelhos.

— Desde sempre. Desde o primeiro dia — ele falou sem rodeios, como se estivesse me dizendo uma simples informação, como a hora ou a temperatura, que provavelmente estava mais quente que nunca, e a chegada da noite não tinha aliviado em nada o calor sufocante. Então começou a relembrar uma série de coisas, retirando qualquer dúvida que eu ainda pudesse ter sobre sua sinceridade, a não ser quanto aos seus motivos: o local do meu armário nos últimos quatro anos; a cicatriz no meu joelho esquerdo que ele observava todas as vezes que eu usava saia; o vestido púrpura que usei no baile de formatura, com os sapatos de seda tingidos para combinar.

— Não me lembro de você ter ido a algum baile — falei ofegante.

— E eu não fui — ele falou me olhando nos olhos. — Vi a foto no armário daquele cara que eu nem sei o nome.

Eu o encarei, lembrando como eu tinha grudado aquela foto na porta do armário do meu namorado, bem por cima de uma foto irritante de Rebecca Romijn e Angie Everhart estiradas na praia numa edição de maiô da *Sports Illustrated.*

— Todd — esclareci.

— Sim. Ele mesmo — ele comentou revirando os olhos.

— Nós terminamos tudo — confessei.

— Eu sei. Já não era sem tempo.

— E a sua namorada?

— Nós terminamos também — ele disse. — Que coincidência.

Ele deu mais um passo em minha direção e começamos a dançar lentamente ao som de uma música de Sade, sua mão nas minhas costas, sua respiração no meu ouvido, o cheiro peculiar da maconha vindo em nossa direção. Alguns minutos depois, em meio a vários olhares admirados, entramos na casa e nos aconchegamos num canto do confortável sofá da sala de estar de Janie, corpos suados circulando à nossa volta. Por mais de uma hora, ficamos sentados juntos, batendo um papo descontraído que ainda assim parecia denso. Havia uma eletricidade entre nós, uma sensação de descoberta, mas também, ao mesmo tempo, de uma familiaridade profunda — daquele tipo que a gente tem quando cresce ao lado de alguém, se encontrando nos mesmos corredores dia após dia. Me peguei imaginando por que nunca tínhamos conversado assim antes — e no entanto eu sabia exatamente o porquê.

— Vamos encontrar algum lugar mais calmo — ele disse a certa altura, depois da primeira pausa na nossa conversa.

Concordei com a cabeça, conduzindo-o pelo saguão, depois escada acima e fomos pelo corredor até o quarto dos pais de Janie, passando pela placa que ela tinha colocado que avisava: NÃO ENTRE!!! Não dissemos mais nada, ambos nervosos, porém atentos, enquanto trancávamos a porta, nos beijávamos e arrancávamos as nossas roupas. Então nos enfiamos debaixo das cobertas da cama de dossel tamanho king size. A certa altura fomos parar no chão. Encontrando seu jeans ele tirou a carteira do bolso traseiro. Eu sabia o que ele estava fazendo antes mesmo de ele retirar um pacotinho quadrado de embalagem plástica brilhante, e tentar rasgá-lo no escuro. Fechei meus olhos deixando as coisas se desenrolarem, esperando por ele, desejando-o intensamente.

O que aconteceu a seguir foi previsível, exceto que nunca é completamente previsível quando está acontecendo com a gente pela primeira vez. Depois de você ter dito não uma centena de vezes anteriormente. Pensei em todas as vezes em que eu tinha chegado tão perto com Todd, tentando perceber qual a diferença agora. Chegando à conclusão de que tudo era resultado de um desejo que eu

nunca tinha sentido antes. Um desejo tão intenso que parecia uma necessidade.

— Você tem certeza? — ele perguntou, embora tivéssemos ido longe demais para voltar atrás. Olhei fundo nos olhos dele e então olhei para o alto, estava atordoada com meus sentimentos e o barulho do ventilador zumbindo sobre nossa cabeça. Estava tentando fazer uma decisão final enquanto Conrad se segurava com firmeza sobre meu corpo, respirando forte e esperando.

Minha mente disparou, meus pensamentos desconjuntados e nebulosos — e ainda assim estranhamente claros também. Disse a mim mesma que havia riscos, que talvez eu me arrependesse pela manhã, se não me arrependesse mais cedo. Disse a mim mesma que ele deveria estar fingindo gostar de mim — que ele na verdade só estava me usando para transar. Com certeza eu era apenas mais uma entre tantas. Disse a mim mesma que isso não era o tipo de coisa que uma garota como eu fazia, especialmente com alguém como ele.

Mas a reposta continuava a ser sim. A cada batida de meu coração, eu ouvia sim. E então falei em voz alta, olhando diretamente nos olhos dele, de modo que não houvesse nenhum engano quanto à minha decisão. Deixando de lado o calor, o desejo e o álcool, eu sabia exatamente o que estava fazendo — estava fazendo uma escolha permanente e irrevogável. Soube disso quando o senti entrar em mim lentamente, demorando-se por alguns segundos, antes de se afastar e colocar o preservativo e começar novamente. Eu sabia que tinha mudado para sempre.

Apesar de tudo, naqueles momentos ofegantes e suados, nunca imaginei o que aconteceria a seguir. Nunca imaginei que aquilo seria algo além de um momento na minha vida. Uma história de minha juventude. Um capítulo daquele verão. Uma onda de calor com começo, meio e um fim definitivo.

3

Kirby

Meu nome é Kirby Rose, e eu sou adotada.

Não quero que isso fique parecendo como uma daquelas confissões feitas numa reunião do AA, embora às vezes seja assim que as pessoas costumam reagir, como se fosse algo que elas deveriam me ajudar a superar. Só quero deixar bem claro que existem dois fatos básicos a meu respeito. Do mesmo modo que você não se lembra do momento que aprendeu seu nome, eu não consigo me lembrar da primeira vez que ouvi meus pais contarem a história daquele telefonema inesperado anunciando meu nascimento e a notícia de que eu seria deles em 72 horas. Tudo o que eles tinham que fazer era viajar até Chicago (uma viagem curta do bairro deles em South City, St. Louis, onde os dois cresceram e ainda viviam), assinar alguns papéis e me pegar no hospital. Eles só tiveram que dizer sim.

Era 1º de abril e, por um instante, minha mãe chegou a pensar que era uma mentira, até que ela se acalmou, pois ninguém seria tão cruel a ponto de fazer uma brincadeira de mau gosto com um casal que estava tentando, desejando, esperando e rezando por um bebê por mais de dez anos. Praticamente desde o dia em que se casaram. Meu pai era um eletricista, minha mãe, uma assistente administrativa num grande escritório de advocacia da cidade, então, eles tinham uma renda boa, mas não podiam pagar aquelas clínicas sofisticadas de fertilização. Em vez disso, eles tentaram a adoção — primeiro se ligando a algumas agências católicas locais, e, depois, aos poucos foram se registrando em todas as organizações, de qualquer país que pudesse ter um bebê para lhes dar. China. Rússia. Colômbia. Advogados desonestos. Não importava como, eles simplesmente queriam um bebê.

É claro que minha mãe gritou sim ao telefone, antes mesmo de saber qualquer coisa a meu respeito. Então, quando meu pai pegou a extensão do telefone, uma senhora estava calmamente relatando que eu era uma menininha saudável de 2

quilos e 800 gramas. 48 centímetros de comprimento com enormes olhos azuis e a cabecinha coberta por uma pelugem cor de pêssego. Ela disse que eu tinha muito apetite e um gênio bom. Ela me chamou de “perfeita” — e falou que eles foram os sortudos escolhidos pela agência entre centenas de pais adotivos.

— Parabéns! — ela exclamou. — Vejo vocês em breve.

Meus pais desligaram o telefone, começaram a chorar, se abraçaram e depois começaram a rir por entre as lágrimas. Então saíram correndo em direção à maior loja de artigos e roupas de bebê da região, como se estivessem atrás de um supermercado antes da chegada de uma tempestade. Eles compraram delicadas roupinhas cor-de-rosa, um berço e uma cadeirinha de bebê para o carro e tantos brinquedos e bonecas que eu não daria conta de brincar. Depois voltaram para casa e transformaram o quarto de costura de minha mãe num quartinho de bebê amarelo e cor de lavanda.

No dia seguinte, foram de carro até Chicago e se instalaram num hotel perto do Hospital Northwestern Memorial. Tiveram que esperar mais de três dias para me ver pela primeira vez. Nenhum deles conseguiu dormir mais que alguns minutos naqueles dias, embora soubessem que seriam os últimos momentos de descanso que teriam por um bom tempo. Enquanto isso, eles discutiam nomes de bebês, com minha mãe defendendo bravamente seu nome de solteira, Kirby. Temos que vê-la primeiro, meu pai insistiu. Eu tinha que parecer uma Kirby — não importa o que *isso* significava.

Quase sempre meu pai começa a contar a história a partir deste ponto. Me contando como se cortou enquanto se barbeava, que suas mãos tremiam tanto que ele quase teve que deixar minha mãe ir guiando até o hospital, coisa que ele nunca faz porque ela é uma péssima motorista. Então, ele dá um salto e fala dos papéis que assinaram apressadamente, e do momento em que uma senhora da agência surgiu com um bebê — *eu* — todo embrulhado num cobertorzinho cor-de-rosa.

— Conheçam sua filha — a mulher falou ao me entregar para meus pais. — Minha querida, conheça Lynn e Art Rose. Seus pais.

Esta sempre foi minha parte favorita da história. A primeira vez que eles me

seguraram em seus braços, olharam no meu rosto, a primeira vez que eu senti o calor de meu corpo de encontro ao peito deles.

— Ela tem o seu nariz — meu pai brincou e então declarou que eu era mesmo uma Kirby. Foi nesse momento, eles disseram, que nos tornamos uma família. Disseram que parecia um milagre, não diferente do que sentiram quando viram Charlotte, minha irmãzinha, que foi gerada de surpresa logo depois que eles me adotaram. A única diferença, minha mãe gostava de dizer, foi que ela não sentiu dor ao me ver pela primeira vez. Isso veio mais tarde.

Enquanto eu crescia, ouvi essa história um milhão de vezes, juntamente com todas as citações sentimentais sobre adoção, como aquela emoldurada no meu quarto há anos: "Não é carne de minha carne, nem sangue de meu sangue, mas assim mesmo, de um jeito milagroso, ainda é parte de mim. Nunca esqueça, nem por um minuto, que você não cresceu embaixo de meu coração, mas dentro dele". Eu sabia que celebridades tinham adotado bebês, e, mais importante ainda, que elas mesmas tinham sido adotadas. Steve Jobs, dois presidentes da república, incluindo Bill Clinton (que estava na Casa Branca quando eu nasci), duas primeiras damas, Faith Hill *e* Tim McGraw (que por acaso também eram casados — que legal não é?), Darryl McDaniels do Run DMC e, como minha mãe costuma dizer, Moisés e Jesus.

Ainda assim, apesar de todo meu conhecimento sobre minha adoção, eu não costumava pensar muito na minha mãe biológica, e muito menos no meu pai biológico.

Era como se eles tivessem tido um papel pequeno na história toda, totalmente desnecessários, a não ser pela sua contribuição com um pouco de DNA. E eu *certamente* nunca me senti rejeitada porque eles não ficaram comigo. Meus pais não sabiam nada sobre minha mãe biológica, mas apesar disso eles sempre me explicavam que ela não tinha "me abandonado" ou "me deixado" — ela tinha feito um *plano* para mim, o melhor que poderia fazer nas circunstâncias em que estava, não importava quais fossem. Quando me lembro disso, acho que eles provavelmente estavam seguindo os conselhos de algum livro sobre adoção, porém, naquela época, eu acreditava em tudo, do começo ao fim. Na verdade, eu

sentia pena dela, acreditando que a perda foi *dela*; não minha.

Na verdade, a primeira vez que pensei realmente sobre ela com um pouco mais que simples curiosidade foi no quinto ano, quando estávamos pesquisando os ancestrais de nossas famílias para a aula de Estudos Sociais. Fiz meu trabalho sobre a Irlanda, como muitas das outras crianças na minha sala, explicando que a família de meu pai vinha de Galway, e a de minha mãe, de Cork. É claro que eu sabia que eles não eram realmente meus ancestrais e eu não tinha a mesma linhagem — e não escondi isso no meu relatório. Quase todo mundo sabia que eu era adotada, já que eu frequentava a mesma escola desde o jardim de infância. E ninguém dava muita importância para isso, era simplesmente um detalhe que fazia parte de nosso dia a dia, como ter um pé chato ou um irmão gêmeo.

Então, simplesmente informei à turma que eu não sabia nada sobre minha mãe biológica a não ser que ela era de Chicago. Não sabia seu nome e nunca tinha visto uma foto dela, mas, baseada no meu cabelo loiro e nos olhos azuis, imaginei que ela era de origem escandinava — cheguei à conclusão de que ela era dinamarquesa, talvez porque eu goste muito de doces e gostava do som da palavra. Meus colegas de classe pareceram ficar satisfeitos com essa teoria, a não ser o importuno Gary Rusk, que levantou a mão e, sem esperar ser chamado, perguntou se eu tinha raiva de minha mãe e se eu já tinha planejado ir atrás dela e descobrir quem ela era. Imaginando um caçador de recompensas armado com um rifle e cães de caça, cruzei meu olhar com o de minha melhor amiga, Belinda Greene. Então, pigarreei e respondi calmamente: — Eu já tenho uma mãe. E não, não tenho raiva de ninguém.

A semente foi plantada. Talvez eu *devesse* estar com raiva; obviamente os outros *estariam* — pelo menos Gary estaria. Ele continuou a pressionar com seu interrogatório intrometido. — Será que você conseguiria encontrá-la se você quisesse? Tipo, se você contratasse um detetive particular?

— Não. Eu nem mesmo sei o *nome* dela. Então, como eu iria encontrá-la? — respondi, pensando na quantidade de mulheres que devem ter dado à luz no mesmo hospital em Chicago, em 1º de abril de 1996.

Terminando meu relatório, me sentei e continuamos a ouvir tudo sobre os

ancestrais italianos de Debbie Talierco. Porém, durante o restante da aula, e o dia todo na escola, eu não conseguia deixar de pensar na minha mãe biológica. Eu ainda não *queria* encontrá-la, mas fiquei pensando se seria *possível* fazer isso.

Então, durante o jantar daquela noite, no meio de uma conversa maçante sobre o novo filhotinho Yorkie que os Gallagher tinham adotado, e que eles realmente precisavam mostrar ao cachorro quem é que mandava na casa, eu silenciosamente ensaiava a pergunta que Gary havia me feito, de certo modo sabendo que não seria algo que meus pais, particularmente minha mãe, iriam querer discutir. Era diferente quando eles mencionavam isso no contexto de *suas orações* serem atendidas; eu sabia que seria outro caso bem diferente se *eu a* mencionasse.

— Por que eles compraram um Yorkie, afinal de contas? Eles deveriam ter *adotado* um cachorro abandonado — falou Charlotte, uma amante dos animais. — Quero dizer, eles poderiam salvar uma vida.

De repente me senti como um cachorro abandonado, uma vira-lata completa, enquanto colocava tempero casualmente sobre minhas costelinhas de porco, um hábito que aprendi com meu pai, que coloca tempero em tudo, até nos ovos mexidos.

— Então, hoje fiz um relatório sobre meus ancestrais — comecei. — E, humm... surgiu o assunto da minha adoção.

Minha mãe me olhou, mastigou, engoliu e esperou.

— E afinal de contas, eu fiquei imaginando... será que existe algum modo de encontrar minha mãe biológica? Se eu quisesse? Quero dizer, nós ao menos sabemos qual era o nome dela?

Pude perceber imediatamente que aquela pergunta foi um erro. O ar ficou pesado com a tensão e minha mãe começou a ficar com os olhos marejados de lágrimas. *Lágrimas!* Por causa de uma *pergunta* boba. Enquanto isso, Charlotte abaixou os olhos para o seu prato com um olhar de culpa, enquanto meu pai assumia seu jeito mais sombrio, mais sério, o mesmo que ele usava comigo e com minha irmã quando fazia seu discurso sobre “não usar drogas”. Mais que

simplesmente responder à minha pergunta, ele disse: — Bem. Este é um assunto muito sério.

— Não é *tão* sério assim — repliquei.

— Bem, claro que é — ele respondeu. — E é importante. Muito, muito importante. Quero dizer, se é importante pra você, é importante para nós. Certo, Lynn?

— Eu não *quero* encontrá-la nem nada parecido — recuei. — Só quero saber se eu *poderia* fazer isso, caso quisesse. Deus do céu.

— Não fale o nome Dele em vão — minha mãe murmurou.

Disse para ela que não estava fazendo nenhuma ofensa e me controlei para não perguntar se ela achava que eu iria para o *inferno* por causa disso.

Charlotte deu uma risada ao ouvir minha resposta e eu lhe dei um sorriso. Não importa o quanto minha irmã me deixava irritada às vezes, eu adorava fazê-la dar risada.

Então, olhei de volta para minha mãe e balbuciei. — Quero dizer, não ligo a mínima para ela. Eu provavelmente a odiaria.

Minha mãe pareceu aliviada enquanto meu pai dizia: — Não diga isso. Ela fez uma coisa corajosa. Ela fez o que era melhor para você.

— Não estou nem ligando — falei destemida. Esta era uma das expressões que meus pais menos gostavam. — Não é grande coisa.

Meu pai pressionou. — Você quer mesmo encontrá-la, Kirbs?

— Já disse que não.

Ele acenou com a cabeça, claramente não acreditando em mim, enquanto continuou a explicar cuidadosamente que a Heartstrings, agência que arrumara minha adoção, tinha uma disposição nos documentos que me garantia acesso a minha mãe biológica quando eu tivesse 18 anos, caso eu quisesse encontrá-la.

— Acesso? — perguntei o mais casualmente que consegui.

— Se você quiser informações do contato dela, a agência vai fornecê-lo para

você — meu pai explicou. — Supondo que ela manteve seus dados atualizados. Ela concordou com este termo, mas entendeu que a decisão era *sua*, não dela. Atualmente, ela não tem nenhuma informação sobre você ou nós, nem poderá ter. E — ele falou, erguendo as sobrancelhas como se fosse salientar algo importante — ela concordou com isso.

Em outras palavras, ela não queria me achar, então por que eu deveria procurá-la? Dei de ombros como se os detalhes da documentação legal me deixassem entediada. Silenciosamente, prometi a mim mesma nunca mais tocar neste assunto, pelo menos não com meus pais.

Mas daquele dia em diante, fiquei intrigada pela adoção de um jeito como nunca tinha ficado antes, extremamente atenta a histórias de crianças adotadas encontrando suas mães biológicas e vice-versa. Eu não parava de assistir a talk shows que organizavam encontros, fascinada pelas histórias emocionantes. Algumas vezes havia culpa e arrependimento, algumas vezes, raiva; geralmente era uma grande mistura de emoções. Ocasionalmente havia alguma questão dramática de saúde em jogo — ou, em alguns casos raros, um assassinato, mistério ou sequestro. Eu reunia as histórias em minha mente, enquanto imaginava como seria minha própria mãe biológica e sua história. Nunca pensei nela como uma segunda mãe, mas como um parente distante, uma tia perdida ou prima que estava fazendo algo mais interessante (eu esperava) que qualquer um na minha vida. Talvez ela fosse uma musicista, uma presidente de empresa, ou uma cirurgiã, ou uma missionária num país do terceiro mundo. Eu não tinha sentimentos de amargura, ressentimento ou abandono, apenas uma curiosidade crescente e uma noção ocasional, passageira e romântica sobre quem ela seria — e como isso iria me modificar ao me associar a ela. Lá no fundo, eu tinha a sensação de que ela era uma parte de mim que estava faltando — e eu imaginava se ela sentia o mesmo. Ainda insistia comigo mesma que eu não tinha interesse em encontrá-la, mas estava começando a acreditar, também, que eu nunca poderia realmente me conhecer por inteiro até fazer isso.

Todos esses sentimentos apenas se intensificaram quando comecei a frequentar o Ensino Médio na Bishop DuBourg High School, e percebi como me sentia perdida. Eu não tinha uma identidade real e parecia não pertencer a lugar algum — mesmo naqueles lugares onde anteriormente eu me sentia à vontade. Larguei o time de vôlei, deixei de ir à missa e qualquer coisa relacionada a nossa paróquia, e deixei de lado meus projetos escolares. Me senti até mesmo me afastando de Belinda. Nós ainda éramos as melhores amigas, mas eu não conseguia mais aguentar o modo como ela estava obcecada por alguns quilinhos a mais, garotos que não tinham nada de interessante, e, pior de tudo, os Jonas Brothers e outras bandas ridículas da Disney. Eu podia perdoar um monte de coisas, mas gosto brega para música não era uma delas.

Por um curto período, comecei a andar com um novo grupo de jovens que eu achava que tinham os mesmos gostos e sensibilidade que eu, pelo menos para música. Mas eles provaram ser mais falsos que o grupo de garotos populares, passando horas cultivando sua imagem emo, ouvindo bandas alternativas desconhecidas de que ninguém nunca tinha ouvido falar (e que eles imediatamente largavam assim que alguém de fora os “descobrisse”, também), gastando uma fortuna no Hot Topic e Urban Outfitters para fazerem de conta que tinham comprado suas roupas num brechó, e, pior de tudo, desenhando cicatrizes falsas nos pulsos e mentindo sobre tentativas de suicídio. Cheguei à conclusão de que era bem melhor ficar com Belinda que com um bando de imitadores — porque pelo menos ela era autêntica na sua total falta de gosto (e até mesmo eu tinha que admitir que era divertido cantar uma música de Kelly Clarkson de vez em quando). Embora, na maioria das vezes, eu apenas quisesse ficar sozinha com meus pensamentos e minha música. Na verdade, música — *boa* música — era uma das poucas coisas que com certeza me deixavam feliz. Para a grande frustração de meus pais, que achavam que o ar fresco era sinônimo de *qualquer* ar, eu passava horas no meu quarto ouvindo música, escrevendo músicas, cantando (quando não havia ninguém em casa para me escutar) e tocando bateria. Eu tinha começado a tocá-la no sexto ano, quando meu professor de música me disse que era o instrumento mais difícil de aprender, e embora eu já tenha há muito tempo largado a banda, a bateria foi a única coisa que não

abandonei por completo. Na verdade, eu a tocava o tempo todo, fazendo valer cada dólar que economizei empacotando coisas no mercado Schnuck, até poder comprar meu primeiro jogo de baterias júnior da Ludwig, um conjunto Pearl Masters MCX com o acabamento mais legal feito de lascas de bordo, numa caixa brilhante preta. Era a coisa mais linda que eu já tinha visto, e nas primeiras noites depois que a comprei, coloquei-a próxima à minha cama para que ela pudesse dormir ao meu lado e eu poder vê-la logo de manhã cedo. Meus pais fizeram minha vontade fingindo entender minha fascinação pela bateria. Meu pai até mesmo me comprou um címbalo Sabian de 18 polegadas modelo HHX Evolution Crash que ele pesquisou sozinho para me dar no meu aniversário, o que foi muito legal da parte dele. Mas eu tinha certeza de que eles desejavam que eu fizesse alguma coisa um pouco mais normal e sociável. Ou, pelo menos, tivesse encontrado um hobby mais silencioso.

A única pessoa que parecia me respeitar e me aceitar era o senhor Tully, nosso conselheiro escolar. Tinha que conversar com ele sobre minhas notas baixas e o fato de não estar vivendo de acordo com meu potencial, de acordo com todo mundo. Eu fingia ficar irritada quando os bilhetinhos cor-de-rosa do conselheiro chegavam, mas eu secretamente adorava passar um tempo no escritório dele, muito embora ele insistisse constantemente que eu cantasse no coral litúrgico da escola, que entrasse para a banda de jazz ou sinfônica, ou que pelo menos tocasse a percussão no nosso High School Musical. (De jeito *nenhum* — nenhuma das alternativas.) O senhor Tully era jovem, engraçado e bonito, com olhos castanho-claros e covinhas no rosto que apareciam mesmo quando ele não estava sorrindo. Porém, mais que sua aparência ou personalidade engraçada, ele era o único membro do corpo docente — o único adulto, para falar a verdade — que parecia realmente entender que ser adolescente era geralmente uma droga. E que essa não era, de modo algum, a melhor época da sua vida, como meus pais sempre diziam que seria e que parecia ser para Charlotte. Quando pressionado, eu até conseguia que ele admitisse que algumas das regras escolares eram exageradas, tal como a exigência de começar a aula com uma oração (embora ele também tivesse sido aluno e me garantiu que algum dia eu teria orgulho disso, e se me concentrasse, este lugar poderia ser a plataforma de lançamento para

coisas grandes do mesmo modo como foi para o fundador do Twitter, Jack Dorsey). Mas apesar de ele ser bem receptivo, nunca me abri completamente com ele. Eu acreditava que ele gostava de mim, mas estava ciente de que estava recebendo um *pagamento* para demonstrar empatia — então, por via das dúvidas, eu não iria admitir para ele que me sentia uma merda por dentro.

Àquela altura, durante uma das visitas ao conselheiro por causa de minha nota baixa em química, surgiu o assunto de minha irmã, e o senhor Tully foi direto ao ponto e me fez a pergunta que ninguém mais tinha ousado perguntar: me incomodava o fato de que eu era adotada e Charlotte não? Pensei bastante na resposta, esperei bastante até me sentir confortável e sacudi a cabeça dizendo não. Imaginei se era verdade. Eu honestamente não achava que isso era o problema. Charlotte nunca bancou a superior comigo, nem mencionava nada disso, e tínhamos apenas um pouquinho da rivalidade comum entre irmãs, o tipo de coisa que acontece quando existem apenas onze meses de diferença de idade e um ano de diferença na escola.

Eu me sentia ressentida com ela por razões que não conseguia definir, no entanto. Sim, ela tinha um corpo maravilhoso (ou pelo menos, *um* corpo, enquanto eu era magrela, sem peito e baixinha), feições clássicas e o cabelo encaracolado e grosso mais lindo do mundo. Mas eu preferia meus olhos azuis-acinzentados e meu cabelo loiro ao seu tom castanho. Ela ia melhor na escola, mas apenas porque estudava dobrado e se importava três vezes mais. Ela era uma atleta bem superior; eu era uma jogadora de vôlei mediana e aposentada, enquanto ela era a estrela da natação, quebrando todos os recordes da escola e do município, ocupando rotineiramente as manchetes do nosso jornal *St. Louis Post-Dispatch*.

Nossa mesa de jantar fazia o papel de central de recortes, um santuário de recortes de jornal com as proezas de Charlotte na piscina. Mas nem isso me abalava. Eu não tinha nenhuma vontade de ficar treinando qualquer coisa vinte horas por semana, nem mesmo a bateria, e pular numa piscina gelada numa manhã escura de inverno parecia uma forma horrível de tortura para mim.

Então, se não era pelo seu nascimento milagroso, sua aparência, sua

inteligência, ou suas habilidades atléticas, eu me perguntava por que tinha ciúmes, e, às vezes, até mesmo desejava ser ela. Não sei ao certo, mas tinha a sensação de que era alguma coisa a ver com o modo como Charlotte se sentia por dentro. Ela parecia genuinamente feliz com seu próprio jeito — ou pelo menos nem se dava ao trabalho de pensar nisso, e tudo isso se traduzia numa enorme popularidade. Todos a conheciam e a amavam, não importava qual fosse a turma — os atletas, os nerds, os largados e os caipiras —, enquanto eu me sentia praticamente invisível a maior parte do tempo.

Em um dia especialmente ruim durante o início do Ensino Médio, o grande vão existente entre Charlotte e eu foi ilustrado de um jeito dramático. Primeiro, eu falhei num teste de história americana, no único dia da semana em que também havia esquecido de fazer minha lição de casa. Então, fiquei menstruada na minha calça cáqui, e só me avisaram enquanto fazia um problema *errado* de trigonometria na lousa. Em terceiro lugar ouvi que a Tricia Henry tinha começado um boato de que eu era uma lésbica (que não teria importância se fosse verdade, embora ela fosse ignorante demais para perceber tal distinção) simplesmente baseada no fato de que eu tocava bateria.

Enquanto isso, Charlotte se tornava a rainha da quadra. Coisa que nunca tinha acontecido antes com uma *caloura* — algo nunca visto em DuBourg. Para falar a verdade, ela parecia realmente surpresa e completamente humilde enquanto descia de modo elegante as arquibancadas até o centro da quadra onde Seth O’Malley, o garoto mais bonito de toda a escola, a cumprimentou com um toque de mão e a abraçou pelas costas. Eu não queria ser a rainha da quadra, nem queria que a escola inteira ficasse me olhando, com a calça manchada ou não, mas morri de inveja ao perceber como tudo aquilo parecia natural para ela. Como ela conseguia ficar parada ali sem demonstrar vergonha, até mesmo acenando com as mãos para um grupo de calouros ridículos que gritavam, “Lottie Gostosa!”. Não ajudou em nada os olhares simpáticos que Belinda me lançou durante a competição e me perguntando pelo menos quatro vezes se eu estava com ciúmes de minha irmãzinha, uma versão mais direta da pergunta do senhor Tully. Claramente, eu *deveria* me sentir assim, até mesmo aos olhos do meu conselheiro escolar e da minha melhor amiga.

Mais tarde, naquele mesmo dia, passei no corredor por Charlotte no meio de um bando de garotas felizes e lindas. Ela ainda estava usando o laço vermelho de sua condecoração por cima da camisa branca de mangas compridas e saia vermelha pregueada. (Nunca consegui entender como ela podia fazer um uniforme parecer tão bonito, enquanto o meu parecia um lixo todos os dias. Mas talvez seja porque eu geralmente escolhia o modelo mais confortável e menos estiloso: camisa polo e calça cáqui.) Nos entreolhamos brevemente e ela sorriu ansiosa para mim, fazendo uma pausa como se estivesse a ponto de se libertar de sua multidão. Mas eu não lhe dei essa chance. Abaixei minha cabeça e continuei caminhando. Olhei de relance para trás, a tempo de ver que eu a tinha magoado, talvez até mesmo tenha nublado seu grande dia. Em vez de me sentir culpada, senti uma satisfação sombria e vergonhosa por ter conseguido fazer desaparecer aquele sorriso constante que marcava seu rosto.

Durou pouco, entretanto, já que naquela noite ela já estava de volta com seu jeito alegre, conversando com nossa mãe na cozinha como as grandes amigas que elas eram. As duas combinavam em tudo e confidenciavam tudo, como se fosse possível considerar revelações frases como “Se ao menos as vagens fossem tão gostosas como um bolo de chocolate” ou “A Suri Cruise não é linda?!”, enquanto ela e meu pai partilhavam suas conquistas na natação. Havia poucas coisas tão sagradas como o esporte para meu pai, e eu o observava se encher de orgulho todas as vezes que voltavam de algum evento, relembrando cada competição maçante e relembrando cada detalhe várias e várias vezes. Então acho que era inevitável que nossos pais gostassem mais dela, falando um monte de coisa, menos o que estava na mente deles: “Por que você não é mais parecida com a sua irmã?”.

Lá no fundo, eu sabia que eles nos *amavam* igualmente, e que qualquer favoritismo tinha a ver com o fato de ela trazer conquistas e alegria diariamente para casa, e era muito mais fácil de se conviver — não porque ela fosse a filha biológica deles. Apesar disso, com o passar do tempo, essa questão não saía da minha cabeça. Nem o fato de que eles eram tão parecidos entre si. Até meus pais poderiam se passar por irmãos, com suas estruturas atléticas, cabelos castanhos cacheados e narizinhos irlandeses arrebitados acompanhados por um punhado de

sardas. Suas personalidades também eram parecidas. Todos eram alegres e expansivos, até mesmo com estranhos. Os três falavam sem parar sobre toda e qualquer coisa. Eles poderiam conversar até com uma parede, enquanto eu não conseguia me imaginar começando uma conversa, especialmente com um estranho (para o desagrado de meu chefe no Schnuck, que pensava que bater papo com os fregueses enquanto eu guardava as mercadorias era algo crucial para sua experiência de compras). Este era mais um exemplo de como eu me sentia um peixe fora d'água.

As coisas começaram a degringolar no meu último ano, o impasse com meus pais aumentou a ponto de virar uma guerra deflagrada — e, pode acreditar, meus pais não são do tipo de usar estratégias para escapar de uma batalha. *Tudo* era uma batalha para eles. Brigávamos por causa do volume da minha música (meu iPod ia me deixar surda; minha bateria incomodava os vizinhos). Nós brigávamos por causa de minha decisão de ser vegetariana (inapropriada para uma garota em crescimento). Brigávamos por causa de minha página do Facebook (pelo jeito viram a atualização do status "meus pais são uma droga" e acharam ofensivo). Brigávamos por causa de meu quarto bagunçado (eles nem tinham que entrar lá, para começo de conversa). Discutíamos sobre cigarros e a garrafa de vodca que eles encontraram no meu quarto bagunçado (ganhando outra atualização de status comparando-os a Gestapo).

Discutíamos sobre a igreja católica, assistir às missas e o fato de que eu era agnóstica (OK, talvez isso fosse só para irritá-los — eu acreditava Nele). Brigávamos por causa de Belinda depois que ela foi pega na escola com a foto de um metaleiro (graças a Deus que eles não descobriram minha foto de um metaleiro durante uma de suas revistas inconstitucionais no meu quarto). Nós brigávamos por causa de meu horário de chegar em casa. Dez horas da noite era cedo demais e eu não cumpria mais em protesto, não porque eu tivesse alguma coisa interessante para fazer (tradução: *nada* interessante para fazer e certamente nada que envolvesse garotos — só os bobões gostavam de mim). Discutíamos

por causa das minhas notas horríveis (e de minha atitude mais horrível ainda). Nós até conseguimos brigar por causa do resultado surpreendentemente alto das minhas provas do SAT[2] — porque, segundo as palavras deles, era mais uma evidência de que eu não estava aproveitando todo o meu potencial. E mais do que tudo, nós discutimos sobre o fato de eu não querer ir para a faculdade — nem mesmo para a Escola de Música da Universidade de Missouri, o grande plano do senhor Tully para mim (uma proposta que eu até poderia ter considerado se não tivesse que estudar nenhuma outra matéria e nem encontrar ninguém de minha escola enquanto estivesse lá). Nós brigávamos por causa de *tudo.*

Então, numa noite gelada de janeiro (brigamos também por causa do termostato — havia gelo do lado de dentro das minhas janelas, pelo amor de Deus), me levantei para ir ao banheiro e escutei meus pais conversando na cozinha. Enquanto caminhava silenciosamente pelo corredor, me senti estranhamente calma ouvindo a cadência de suas vozes e o som da colherinha de chá da minha mãe batendo na xícara. Assim como eu adorava o som do ronco de Charlotte nas noites em que ela tinha pesadelo e pedia para dormir no meu quarto. Por um segundo, me senti uma menininha novamente — e fiquei imaginando por que eu simplesmente não conseguia me forçar a ser feliz.

Foi então que escutei a palavra “adoção”. E então: “a mãe dela”.

Eu gelei, meu rosto queimava apesar de estar tremendo de frio, então me aproximei do corrimão, me curvei para escutar, na esperança de ter ouvido errado, mas não. Minha mãe continuou: — Quem sabe como ela é de verdade? Quem sabe o que realmente aconteceu?

— Eu sei — meu pai retrucou. — A agência pode ter mentido.

Meu coração disparou enquanto eu escutava. “*Depressão... doença mental... álcool e drogas... gravidez na adolescência*”.

As palavras deles me rasgaram por dentro, me encheram de raiva. Eu sabia que era uma pessoa difícil, mal-humorada e uma frustração para eles. Porém, de certo modo, tudo parecia uma coisa normal de adolescente — dificilmente algo

para ser considerado um crime e motivo para jogarem pedras na mulher que me deu à luz, e deu a eles o “tesouro” que eles sempre afirmaram que eu era. Ainda assim, a pior parte foi que, de repente, tudo aquilo parecia fazer sentido para mim. As teorias deles sobre minha mãe biológica certamente explicavam algumas coisas, sem dúvidas. Talvez ela fosse a raiz dos meus problemas — ela *e* meu pai biológico. Portanto, agora, juntamente com a raiva que estava sentindo, percebi que sentia vergonha também. Uma combinação adorável.

— Você acha que nós podemos convencê-la a ir para a faculdade? — Escutei minha mãe falar.

— Se ela pelo menos conseguir entrar.

Minha mãe disse que mesmo que eu entrasse não fazia sentido gastar todo aquele dinheiro se eu não quisesse fazer nenhuma tentativa. Já bastava o fato de eles terem gastado uma grana alta para que eu fizesse a inscrição na faculdade em Missouri. Eles não iriam continuar a me dar as coisas de mão beijada. Eu teria que descobrir sozinha como era o mundo.

Foi aí que as coisas passaram para outro nível. Foi quando eles disseram que não era possível fazer alguém mudar realmente. Meu pai disse que ele teria dado tudo para poder ir para a faculdade. Minha mãe disse que, se eu tentasse pelo menos a metade do que Charlotte tentava... Então, eles voltaram para o assunto que iniciou a conversa deles, culpando minha genética, se justificando e dizendo que *é a única coisa que explicava a diferença entre as meninas.* Em outras palavras, a natureza supera a criação. Eu não era culpa *deles;* eu era culpa *dela.* Eu acabei colocando a culpa nela também, enquanto uma triste ironia tomou conta de mim. Muito embora ela tivesse me concebido, essa foi a primeira vez na minha vida em que realmente me senti rejeitada, renegada, extremamente mal-amada. E isso tudo era culpa dos meus próprios pais.

Arrasada, voltei para a cama e me enfiei debaixo das cobertas. Cerrei os punhos e disse a mim mesma para não chorar, nem que fosse para não ficar com cara de idiota na manhã seguinte. Eu não podia me permitir ficar mais feia do que já era.

Apertei meus olhos com força, pensando nela como costumava fazer com

frequência à noite. Uma rápida sucessão de rostos disparando pelo meu cérebro, até que eu parava onde eu sempre ficava: uma mistura entre Meryl Streep e Laura Linney. Entretanto, desta vez o rosto que eu via era uma versão doentia e viciada das duas atrizes, minhas fantasias de uma mãe glamorosa e bem-sucedida rapidamente desvaneceram.

Naquele momento decidi que iria encontrá-la. Iria descobrir a verdade sobre quem ela era e por que ela tinha me abandonado. Eu faria 18 anos em apenas alguns meses, e no dia em que completasse 18, naquela mesma manhã, eu iria ligar para a agência e pedir seu nome e endereço. Até lá, economizaria dinheiro para uma passagem para onde quer que ela estivesse. Mostraria aos meus pais, mostraria para *todo mundo.* Não sei exatamente o que eu iria mostrar a eles, mas iria imaginar alguma coisa assim que estivesse lá.

Então, em 1º de abril (um aniversário que é a maior *piada*), liguei para a agência e, seguindo suas instruções, mandei um fax com meu número de registro social e minha assinatura. Dois minutos depois, chegou uma resposta na minha caixa de entrada. Minhas mãos estavam tremendo quando eu li: *Marian Caldwell* e um endereço da cidade de Nova York. Me controlei para não pesquisá-la no Google, mas eu tinha medo de que se o fizesse, pudesse encontrar uma desculpa qualquer para desistir, mesmo se fosse algo corriqueiro como uma foto feia dela. Não queria que nada me afastasse dos meus planos. Não queria escrever-lhe uma carta e esperar meses por uma resposta — ou, pior ainda, uma *não* resposta.

Não queria fazer nada que dependesse dela, já que no começo, tudo o que aconteceu havia sido decidido por ela. Agora era a minha vez. E este era o meu jeito.

Então, logo depois do meu aniversário, e pouco antes de um feriado prolongado de fim de semana, coloquei em ação um plano de gênio, que Belinda me ajudou a montar (genial porque era simples demais). Eu simplesmente pedi para meus pais se podia viajar com Belinda e a mãe dela até Mobile para visitar a tia de Belinda (depois de contar algumas mentiras sobre esta tia ser uma antiga

missionária católica). Consegui permissão para ir, depois de eles ligarem para a mãe de Belinda e confirmarem a viagem. Disse para a mãe da minha amiga que não estava me sentindo muito bem, contando aí com o elemento da sorte — torcendo para a senhora Greene não ligar para meus pais para falar sobre o cancelamento. Graças a Deus, ela não fez isso, e no dia seguinte desci até o terminal de ônibus da Fifteenth Street e comprei uma passagem de ida e volta para Nova York no valor de 275 dólares, e embarquei num ônibus malcheiroso da Greyhound, que parecia estar cheio de muitos ex-presidiários, incluindo um motorista mal-encarado.

Pelas próximas 24 horas, atravessei metade do país naquele ônibus, ouvindo músicas no meu iPod e imaginando como seria ela e qual sua história. Será que ela tinha sido muito pobre, jovem demais ou muito doente para me criar? Ou ela simplesmente não quis ficar comigo? Será que ela chegou a se arrepender de sua decisão? Será que ela tinha conseguido alavancar sua vida desde então, mudando completamente de rumo? Será que ela queria me encontrar? Será que ela já havia me procurado? Estaria casada agora? Será que ela tinha filhos que seriam meus meios-irmãos? Quem era meu pai (não havia nenhuma informação sobre ele nos arquivos)? Será que herdei meus genes ruins dela, dele ou de ambos? Será que ainda estavam juntos, criando meus irmãos de sangue? Encontrá-los iria me ajudar a entender por que eu sou como sou? Ou simplesmente me deixaria pior? A cada possibilidade, eu fazia uma lista de prós e contras. Se ela realmente fosse uma fracassada, meus pais estavam certos — e talvez eu estivesse destinada a ser deste jeito também. Por outro lado, se meus pais estivessem errados sobre ela, a teoria deles não valia nada. Mas teria que confrontar outro problema: por que ela não me quis? E minha vida teria sido melhor se ela tivesse ficado comigo? Será que eu ainda me sentiria como me sinto por dentro agora — deprimida, frustrada e solitária? Parecia não haver como ganhar essa batalha — e pairava uma enorme chance de perder. No entanto, pergunto, o que havia de novo?

E então eu finalmente chego ao terminal de Port Authority, uma espelunca que

fedia mais que o ônibus, o que eu achava impossível. Olhei em volta sem ter ideia de para onde ir. As três pessoas para quem perguntei não falavam inglês ou não tinham vontade de me responder. Finalmente vi um sinal para táxis e segui as flechas até a rua, emergindo na Eighth Avenue, que não se parecia em nada com a Nova York que eu tinha visto na televisão e no cinema. Acabrunhada, encontro uma funcionária uniformizada que estava gritando e dando ordens para todo mundo. Ela nem me olhou direito, mas eu falei com firmeza e perguntei se era ali que eu poderia pegar um táxi. Ela apontou para o final de uma fila bem comprida. Enquanto espero, olho fixamente para uma mulher sem-teto do outro lado da rua. Ela está enrolada debaixo de um cobertor cinza, tem um cartaz apoiado nela e um copo de papel aos seus pés. Imagino se ela é minha mãe — talvez tenha sido despejada do endereço que a agência me forneceu.

Vinte minutos depois, estou entrando num táxi que é surpreendentemente limpo, um sinal de esperança. Dou ao motorista o endereço que eu havia memorizado enquanto ele dá uma guinada com o carro e parte em alta velocidade para frente, brecando e seguindo em frente a cada quarteirão, e a paisagem rapidamente se transformando. Passamos por uma área arborizada, que eu acredito ser o Central Park, e então entramos em um bairro que parece residencial. No minuto seguinte ele para o carro, me dá uma olhada e aponta o taxímetro. Ele marca $9,60. Entrego a ele 11 dólares — e lembro-me do conselho que meu pai havia me dado: quando tiver dúvida, dê uma gorjeta.

Dou a ele mais 1 dólar. Então, pego minha mochila e deslizo para fora do carro para a Eighty-eighth Street e Madison Avenue, e procuro a residência da minha mãe biológica.

Que droga, eu penso. *Consegui.*

Olho de relance para meu relógio Swatch preto, mexendo de um jeito nervoso na pulseira de plástico, soltando um ponto e depois apertando novamente. São quase 11 horas da noite, provavelmente é tarde demais para bater na porta dela, mas não consigo esperar até amanhã para descobrir a verdade. Tento me lembrar de que esta é a cidade que nunca dorme, esperando que ela esteja acordada, e ao mesmo tempo desejando que não tenha ninguém em casa.

Dou alguns passos na sombra da calçada, com meu estômago dando um nó. É difícil saber o que quero mais — que eu goste dela ou que ela goste de mim. Depois de enrolar mais alguns segundos, finalmente me forço a caminhar até a entrada de seu prédio e espiar em volta do saguão. É sofisticado, com um piso de mármore preto e branco, reluzente e com mobiliário formal. A ideia de um antro de viciados rapidamente desaparece, mas eu fico mais intimidada que aliviada. Meu coração bate forte, e um porteiro de repente se materializa à minha frente perguntando se pode me ajudar. Dou um salto e depois digo oi. Ele devolve o oi, de um jeito bem amistoso. Ele tem o cabelo preto brilhante, repartido para o lado e todo coberto de gel. Está usando um uniforme marinho e dourado com um chapéu combinando. O crachá revela seu nome, JAVIER — mas por um segundo entendo que diz "Caviar" —, que eu a imagino comendo num daqueles andares altos acima de mim.

— Estou aqui para ver Marian Caldwell — digo, tentando parecer mais séria que pareço com minha calça jeans, camiseta e meu suéter que parece um lixo. Nervosamente, começo a retirar umas bolinhas de lã da manga, me arrependendo por não ter pesquisado o nome dela no Google, afinal de contas. Belinda estava certa — eu deveria estar mais preparada para o momento. Deveria estar vestindo algo melhor. Talvez eu nem devesse ter vindo.

— Ela a está aguardando? — Javier pergunta me olhando com curiosidade.

Eu entro em pânico, preocupada que talvez ela tenha sido alertada sobre a chegada de uma adolescente problemática. Então, enquanto ouço a voz de Belinda me dizendo para não ser paranoica, um conselho que eu sempre ouço dela, me acalmo e sei que Javier não sabe nada de mim — ele apenas está fazendo o trabalho dele. Por via das dúvidas, no entanto, dou um sorriso para mostrar que não sou problemática, pelo menos. E digo: — Sim... Quero dizer, ela provavelmente *deve* estar.

Tecnicamente é verdade. Ela *deve* estar esperando por mim, me aguardando, esperançosa que eu apareça. Afinal de contas, ela assinou o papel que dizia que eu poderia saber seu nome no meu 18° aniversário — o qual ela deve ter se lembrado, aconteceu há uma semana. Com certeza ela se lembra dos meus

aniversários. Parece o mínimo que uma mulher que, você sabe, *deu à luz* uma criança e então a entregou para adoção. Talvez ela até faça um pequeno ritual anual, ou realize uma cerimônia. Talvez ela tome champanhe com suas amigas mais íntimas ou com sua mãe, minha avó. Talvez ela asse um bolo, acrescentando uma vela a cada ano que passa. Imagino se ela gosta de chocolate tanto quanto eu. Ou talvez ela vá me dizer que este gosto por doces vem de meu pai biológico. As respostas não iriam demorar muito a chegar.

Enquanto Javier se vira e aperta um botão num enorme painel, eu penso seriamente em sair correndo dali. Só que em vez disso, fico tão firme quanto as estátuas de mármore que ladeiam o elevador, segurando até mesmo a respiração enquanto espero o som de sua voz perguntando quem está aqui para vê-la. Mas só escuto o barulho da campainha em resposta e Javier se vira para mim e diz "você pode ir em frente e subir!" com um grande gesto em direção ao elevador.

Considero isso um bom sinal. Ela é, por natureza, uma pessoa aberta, permitindo a presença de alguém que ela não tem ideia quem seja bata à sua porta. Então, novamente penso que talvez ela imagine que é outra pessoa. Talvez ela tenha uma filha de verdade que foi à loja comprar um chiclete ou leite — e frequentemente esquece as chaves.

De qualquer modo, não há volta agora. — Humm... que andar?

— A cobertura! — Javier diz apontando para o alto com um grande gesto.

Eu aceno que sim com a cabeça, como se estivesse acostumada a subir à cobertura todos os dias da semana, mas, por dentro, a palavra me deixa em pânico. Ajeito minha mochila, engulo em seco e dou uns passos em direção às portas reluzentes do elevador. Elas se abrem subitamente, revelando um velho vestindo calça de cintura alta, conduzindo um cachorrinho poodle toy todo arrumado num suéter cor-de-rosa e coleira de pedras brilhantes. Os dois não combinam de modo algum, a não ser pelo fato de que ambos me examinam atentamente com um toque de desaprovação, enquanto passo ao seu lado. Assim que fico sozinha no elevador, respiro fundo e aperto o botão da cobertura. Quando as portas se fecham, eu rapidamente pratico minha apresentação, com pequenas variações:

“Olá. Sou Kirby Rose. Sua filha.”

“Olá. Sou sua filha. Kirby Rose.”

“Oi. Meu nome é Kirby Rose. Acho que sou sua filha.”

A palavra filha parece íntima demais, contudo, na verdade não existe outra palavra para usar (além de palavras técnicas como progênie e prole), e nenhum adjetivo para esclarecer o relacionamento, que represente mãe *biológica*. Meus pensamentos ficam paralisados quando as portas do elevador se abrem diretamente no vestíbulo de um apartamento. Além do vestíbulo, posso ver uma enorme sala de visitas com grandes janelas cobrindo uma parede toda. Tudo é arrumado, elegante, perfeito e não existe sinal de crianças ou bebês. Meu alívio por causa deste fato me deixa inquieta; eu já me importo demais.

E então ela chega, caminhando graciosamente em minha direção, vestindo um par de pijamas de algodão numa estampa moderninha verde e rosa. O pijama é meio largo, mas dá para ver que ela é esbelta e de altura mediana. Ela parece bem mais jovem que meus pais, cerca de 35 anos, embora seja difícil para mim adivinhar a idade dos adultos. Ela tem cabelo loiro com luzes ainda mais claras, presos para trás num bagunçado, porém estiloso, rabo de cavalo. Seu rosto é fino e longo, e, por um segundo, me vejo refletida nela. Talvez nosso nariz ou queixo? Decido que isso nada mais é que pensamento positivo. Ela é bem mais bonita que eu.

Olho para seus pés descalços, delicados e estreitos, as unhas dos pés pintadas num tom cereja-escuro — tão diferente dos pés largos, cheios de calos e de dedões tortos de minha mãe. Olho novamente para seu rosto, para dentro de seus olhos, e chego à conclusão de que ela parece ser gentil. Pelo menos não parece ser má, e provavelmente é inteligente e trabalhadora também, porque pessoas vagabundas e preguiçosas não moram em apartamentos de cobertura. Porém, talvez, ela venha de uma família realmente rica, mas não tem aquela aparência debochada de uma Paris Hilton.

— Oi — ela diz com sua voz leve e agradável, uma expressão curiosa. — Posso lhe ajudar?

Limpo a garganta e pergunto: — Você é Marian Caldwell?

— Sim — ela responde, e por um segundo tenho a impressão de que ela sabe a verdade. Porém, noto um toque de impaciência. O bebê que ela teve há dezoito anos é a ultima coisa que passa pela sua cabeça agora.

Olho para baixo, para meus sapatos, respiro fundo e tento não gaguejar. — Meu nome é Kirby Rose. — Nenhuma reação, é claro. Ela não sabe meu nome. Coloco uma mecha do meu cabelo para trás das orelhas e me forço a fitar seus olhos novamente. Alguma coisa muda dentro deles.

Claro que ela pergunta: — Você é...?

Meu pulso se acelera enquanto faço que sim com a cabeça, tentando respirar, tentando não desmaiar. Então, repito as palavras que estavam guardadas na minha cabeça há um tempão. — Acho que você é minha mãe.

Seu sorriso desaparece, a cor some de seu rosto tornando sua pele ainda mais translúcida, enquanto ela olha firmemente para meus olhos. Ela parece estar mais assustada que eu, praticamente congelada. Uma eternidade se estende entre nós antes de ela esticar o braço, tocar o meu e dizer: — Ahh... meu Deus. *É* você.

Sorrio, mas minha garganta está tão apertada e seca que não consigo pronunciar nenhuma palavra e tenho medo de começar a chorar. No entanto, não choro. Parece uma pequena, mas grande vitória.

— Por favor. Entre — ela fala se afastando ligeiramente, abrindo espaço para dar um passo a frente.

Dou alguns pequenos passos e digo: — Desculpe por aparecer deste jeito. Posso voltar outra hora...

— Não. Fique. *Por favor,* fique — ela suplica.

Aceno com a cabeça, dizendo a mim mesma que ela é sincera. Que ela está pelo menos *um pouquinho* feliz por me ver novamente.

4

Marian

É a coisa mais surreal, desconcertante e parecida com um sonho que já me aconteceu. Ainda assim não sei por que fico tão chocada. Afinal de contas, sempre soube que este momento *poderia* acontecer e estava terrivelmente ciente de que ela havia completado 18 anos no primeiro dia deste mês: o aniversário dourado em que bastaria ela ligar para a agência e pedir a informação de contato que eu atualizava de tempos em tempos para cumprir minha obrigação. Eu não tinha obrigação legal de fazer isso — poderia ter escolhido ficar anônima —, então não tenho muita certeza do porquê fiz essa escolha. Talvez fosse para simplesmente aliviar minha culpa, pois isso parecia a coisa certa a se fazer. Talvez, parte de mim estivesse ansiosa por uma garantia de que ela estava bem — que eu não a tinha doado para uma família desajustada, ignorante e pobre. Porém talvez, bem lá no fundo, eu quisesse que ela voltasse para mim. Talvez eu quisesse vê-la e tocá-la novamente.

Não importa por que fiz isso, ou quais eram as minhas intenções, mas eu realmente nunca imaginei que ela tentaria entrar em contato comigo. Pelo menos não por alguns anos, até que ela tivesse seus próprios filhos. E eu certamente não imaginei que isso iria acontecer do nada, às 11 horas da noite, numa cidade onde visitas não anunciadas simplesmente não acontecem, nem mesmo entre os amigos mais próximos. E, além de tudo, bem depois de uma briga com meu namorado. Tudo isso não tem importância agora. Porque ela está aqui, na minha frente, esperando que eu diga alguma coisa.

Mergulhada num turbilhão de emoções, insisto que ela entre, pendurando silenciosamente sua jaqueta no armário do vestíbulo e guardando sua mochila pesada debaixo de um divã comprido que fica no hall. Faço uma pausa sem graça, pensando no melhor lugar para nossa primeira conversa. A sala de visitas parece formal demais, enquanto meu pequeno estúdio, onde guardo minhas coisas pessoais, parece íntimo demais. Não acho que estou tentando esconder

alguma coisa dela; só não quero sobrecarregá-la — ou me colocar em vantagem, já que estou no meu próprio território. Decido então ir para a cozinha, acendendo as luzes, diminuindo-as um pouco, e aumentando-as novamente. Faço um gesto em direção a dois banquinhos posicionados em frente a um balcão de mármore no meio da cozinha, e nós nos sentamos de lados opostos, uma olhando nervosamente para a outra, nosso rosto imobilizado com sorrisos esperançosos. Sei que ela está tão apreensiva quanto eu, talvez esteja ainda mais, já que tem metade de minha idade e está num ambiente estranho.

Procuro desesperadamente algo para dizer, algo mais significativo que um bate-papo comum e alguma coisa mais leve que os fatos puros e simples que levaram ao seu nascimento. Não consigo pensar em nada, o que me deixa ainda mais ansiosa e afobada.

— Você está com fome? — digo finalmente, ficando em frente à geladeira. Dou uma olhada na fileira de garrafas de água mineral com sabor, um saco de alface italiana, uma embalagem de clara de ovos, um grande pote de iogurte grego e me culpo por não ter passado em uma padaria a caminho de casa, quando voltei do trabalho ontem, minha rotina às sextas-feiras.

— Não, obrigada — ela diz, enquanto tento memorizar seu nome na minha cabeça. Um nome que eu nunca tinha imaginado durante todos aqueles anos, quando eu ficava pensando qual seria o nome dela. *Kirby. Kirby. Kirby.* Não consigo me decidir se eu o detesto ou se gosto dele, mas tive que dar um ponto pela originalidade de seus pais — e resisti à necessidade urgente e premente de perguntar sobre eles. O que eles fazem para viver? Qual a posição política deles e sua religião? Eles se parecem com ela? *Com nós duas,* penso estarrecida com a nossa semelhança. Algo que fica mais claro a cada momento, apesar do fato de eu nunca ter sido muito boa em perceber tais detalhes. Evito todas as perguntas sobre eles, preocupada que minha curiosidade lhe pareça algo invasivo ou de ciúmes, exatamente porque percebo pela primeira vez na vida que eu realmente *estou* com um pouco de ciúmes desta outra mulher que participou na formação da pessoa que estava à minha frente. O fato de eu não ter absolutamente direito algum de me sentir desta forma, que tinha sido uma decisão inteiramente minha dar a minha filha para eles, só deixava minha ansiedade crescer e aumentar

dentro de meu peito. Disse a mim mesma que não tinha passado por nenhum dos sofrimentos da maternidade, que seria como assistir sentada a uma maratona e desejar estar na linha de chegada. Digo a mim mesma para deixar de ser tão centrada em mim mesma. Esta noite tem tudo a ver com as necessidades *dela*, não com as minhas. Embora eu não seja sua mãe no sentido verdadeiro da palavra, tento invocar algo parecido com instinto materno. Penso na minha própria mãe e na sua solução para muitos dos meus problemas: uma comidinha gostosa e uma boa noite de sono.

— Tem certeza de que você não está com fome? Podemos pedir alguma coisa. Tem uma excelente lanchonete aqui perto que entrega aqui em casa um sanduíche de queijo grelhado e sopa de tomate em dez minutos. É como se eles sempre tivessem um já pronto, imaginando que alguém na vizinhança vai ficar com vontade de comer queijo grelhado.

Percebo que estou falando besteira, paro de falar, e ela balança a cabeça me agradecendo novamente.

Tomada por uma nova onda de emoção, escondo meu rosto me virando novamente para a geladeira. — Posso pelo menos pegar alguma coisa para você beber? Café? Chá? Água mineral aromatizada?

Ela hesita, e então como se para me agradar diz: — Claro. Vou tomar uma água mineral.

— Que sabor? — pergunto. — Laranja ou limão?

— Tanto faz.

— Não. Acho que faz diferença — digo isso mais para mim mesma que para ela. Então, faço minhas mãos pararem de tremer e pego uma de laranja, abro a tampa e despejo o líquido num copo alto.

— Como você chegou até aqui? — pergunto morrendo de vontade de saber como a jornada dela começou, querendo saber como é o bairro onde ela mora, sua casa, seu quarto. Nunca me senti tão desesperada por informações como agora, nem mesmo no começo de um relacionamento, quando você está ansiosa, até desesperada, para saber tudo sobre alguém. Na verdade, me ocorre que olhar

o rosto dela, esperar que ela fale, parece um pouco como se apaixonar. Existe intriga e afeto, com um ingrediente narcisista e carente.

— Peguei um ônibus — ela diz, enquanto eu percebo uma total ausência de sotaque. Pelo menos não existe nada na voz dela que eu possa detectar ou relacionar a uma região em particular. — Vim pelo “Greyhound”.

— Ah! — digo, horrorizada, me lembrando da história do homem que decapitou o cara do assento ao lado em um ônibus Greyhound.

— Sim. Foi bem nojento. Mas me trouxe até aqui.

Balanço a cabeça e pergunto: — E onde você mora?

— St. Louis.

— Você é de lá? Originalmente?

— Bem. Originalmente sou de Chicago — ela responde me dando um olhar pontual. — Mas, sim, vivi minha vida toda em St. Louis. Na mesma casa.

Processo tudo isso com uma lembrança vaga de minha primeira e única visita a St. Louis, há cerca de dez anos, quando Kirby deveria ter 7 ou 8 anos. Fui até lá para o casamento de uma amiga e, depois da cerimônia, em vez de ir direto para a recepção, resolvi caminhar um pouco sozinha, passeando pelos quarteirões que circundavam a igreja.

Lembro perfeitamente da umidade gelada do ar, da cor cinzenta do céu e das nuvens finas e baixas. Tudo isso junto compunha a sensação de solidão que é assistir sozinha a um casamento. Lembro do som dos saltos de meu sapato esmagando os restos das últimas folhas de outono espalhadas pelo chão e a aparência modesta dos bangalôs de madeira com seus tetos de duas águas, janelas de vitrais e quintais bem-arrumados e cuidados. Casas acolhedoras, uma após a outra, muitas delas com bandeiras americanas, parapeitos cheios de flores e portas com telas de metal enfeitadas com iniciais. Lembro de virar a esquina de volta para o estacionamento da igreja e me sentir invadida por uma aflição intensa, quase saudade dela, juntamente com a sensação arrepiante de que ela estava por perto. Olhando em retrospecto hoje, parece uma premonição inverossímil e misteriosa — mas percebo que aquela sensação não era tão rara.

Eu a sentia sempre que estava num ambiente novo, com pessoas estranhas, e, às vezes, até mesmo na minha própria vizinhança. Ainda assim, conto para ela a história agora, falando da coincidência.

Ela parece cética, mas faz minha vontade. — Onde foi o casamento, exatamente? Em que parte da cidade?

— Não me lembro — digo a ela. — Era uma igreja católica grande. Enorme. De pedras. Vitrais coloridos. São José? Ou Nossa Senhora, talvez?

Ela replica: — Isso realmente não ajuda muito.

Sua resposta não é grosseira, mas através dela percebo que, não apenas ela é inteligente, mas capaz de ser espertinha.

— Não. Acho que não ajuda muito mesmo — respondo.

— Mas acho que *poderia* ser o meu bairro — ela fala, suavizando seu tom. — Moro ao sul de St. Louis. Perto da igreja de São Gabriel, o Arcanjo. Esta é a nossa paróquia. Será que o casamento foi lá?

— Pode ser — respondo, imaginando-a saltando por aquela calçada, cercada por um bando de meninas vestidas em uniformes azul-marinho e branco de alguma escola católica só para meninas. Saias novas plissadas e xadrez e meias de lã até o joelho. A caminho de uma lanchonete para tomar refrigerantes. Uma delas desafiando as outras a fumar um cigarro e Kirby recusa.

Ela me olha com firmeza, então, hesita por um momento respirando fundo. — Bem, quer saber uma coisa?

— O quê? — pergunto.

— Muito embora eu achasse que você me deu à luz em Chicago... Eu tinha a sensação de que você morava em Nova York. — Ela dá de ombros como se essa confissão a envergonhasse, enquanto fico imaginando o que ela realmente sabe sobre mim. Será que ela viu algumas das poucos fotos em que eu apareço andando pelo tapete vermelho em algum evento? Ou talvez ela tenha lido a nota sobre Peter na Page Six?

— Sim — confirmo. — Moro aqui há alguns anos. Trabalho na televisão,

então eu tinha que escolher entre aqui e Los Angeles.

Ela parece surpresa, o que me deixa espantada.

— Televisão? Você é uma atriz?

— Não. Sou uma produtora.

— De cinema?

— Não. Televisão. Você já ouviu falar do programa *South Second Street*...?

— Claro que sim! — ela diz com um toque de entusiasmo de menina e um sorriso enorme. Percebo que seus dentes inferiores são ligeiramente tortos, os dois do meio estão encavalados. Ela com certeza não usou aparelho para os dentes, e fico imaginando se os pais dela não podiam pagar, ou simplesmente decidiram que ela não precisava muito de um. Talvez quisessem manter a personalidade no seu sorriso.

Sorrio para ela. — Este é o meu programa.

— Eu adoro este seriado. Ele é *tãoooo* bom — ela replica. — Gosto daquele cara que é o empreiteiro. Shaba Derazi? É este mesmo o nome dele?

Faço que sim com a cabeça. — Sim. Ele é um cara legal... Na verdade, ele está fazendo um filme em Toronto neste minuto. Com o Matt Damon.

Ela parece atordoada com as informações de bastidores, embora não esteja tão entusiasmada quanto eu, ao descobrir que ela conhece meu trabalho e gosta dele. Ao mesmo tempo, me sinto culpada por não saber nada sobre seus medos, paixões ou sonhos para o futuro. Não sei se ela é o tipo de pessoa que tem o lado direito ou o esquerdo do cérebro mais desenvolvido, ou seja, se é mais racional ou criativa, atlética ou sem coordenação, introvertida ou extrovertida. Não sei se ela já se apaixonou ou se já teve o coração partido. Embora eu compreenda que estar às escuras sobre essas coisas seja parte do acordo que acompanha as adoções, pelo menos as adoções fechadas. Ainda sinto uma sensação de vergonha por não ter ideia de como é minha própria carne e sangue. Afasto meu olhar, enquanto minha mente passa como um relâmpago pelos últimos dezoito anos, preenchendo seu rosto e nome em todas as situações comuns que imaginei,

contra minha vontade férrea de não pensar nela. *Kirby de fraldas num bercinho. Kirby aprendendo a engatinhar, caminhar, falar. Kirby subindo num grande ônibus escolar amarelo para seu primeiro dia no jardim de infância. Kirby perdendo seu primeiro dentinho. Kirby acordando na manhã de Natal e descendo a escada correndo num roupão de flanela vermelho para encontrar sua Casa de Sonho da Barbie.* Pelo menos, eu esperava que essas tivessem sido mesmo as visões da vida dela, e nada parecido com os pesadelos de culpa que eu tinha às vezes. *Kirby com fome, frio, sozinha e maltratada.* Olho para ela, tomada por um grande alívio por ela estar bem. Pelo menos, ela aparenta estar bem.

— Então. Me conte mais alguma coisa. Conte alguma coisa sobre você mesma — eu peço.

Ela cruza os braços e diz: — O que você quer saber?

— Desculpe. Não quis parecer que estava te interrogando.

— Tudo bem — ela fala, mas não diz nada sobre si mesma.

— Então. Eu sei quantos anos você tem — digo. — Dezoito.

Ela concorda com a cabeça, inexpressiva. — Sim. Eu tinha que ter 18 anos para saber seu nome.

Aceno que sim, relembrando o contrato que eu havia assinado, assim como me lembrava da mentira que contei ao assinar, a declaração juramentada. *Eu não sei a identidade do pai biológico.* Coloco isso bem longe dos meus pensamentos, do mesmo modo como já havia feito milhares de vezes anteriormente, e pelo menos uma dúzia, só esta noite.

— Então, você está no último ano? — pergunto.

Ela faz que sim com a cabeça.

— Você vai para a faculdade no ano que vem?

— Não sei. Acabei de ser aceita na Missouri... A semana passada. — Ela dá de ombros, então olha de relance para a janela que dá de frente para a escura Madison Avenue. — Só que na verdade não quero ir para a faculdade.

Sua resposta me deixa desapontada, mas finjo não me importar. — Por que você não tira um ano de folga para pensar no que quer fazer? — pergunto. — Foi isso que eu fiz.

Abaixo o tom de minha voz. Ela me olha e posso perceber que ela suspeita o que eu fiz durante aquele ano, mas não faz nenhuma pergunta. Ao contrário, ela limpa a garganta e diz: — Então, tenho certeza de que você deve estar imaginando por que estou aqui...

Sem pensar ou hesitar, estendo o meu braço até o outro lado da mesa e cubro sua mão com a minha. Seus dedos são frios, magros, delicados, o dedo do meio tomado por um grande anel turquesa que se estende até a dobra do meio. Ela fica tensa, mas não se afasta, e eu retorno minha mão para o meu colo. — Você não precisa de um motivo — afirmo.

Ela me olha de um jeito que não entendo, e fala: — Eu só... precisava te conhecer... eu sentia que... tinha uma coisa faltando... você entende... não saber... de onde eu vim e essas coisas...

Inesperadamente penso em concordar com o que ela está falando, implicando que alguma coisa estava faltando na minha vida também, mas sei que isso não é verdade. Essa noite, mais cedo, a única coisa em que eu conseguia pensar que estava faltando era um pedido de casamento do Peter.

— Bem, estou feliz que você está aqui — foi o que falei, embora tenha certeza que isso é um exagero, se não uma grande mentira.

Ela engole em seco e aguarda enquanto nós duas nos olhamos de um jeito desajeitado, e então afastamos nossos olhares imediatamente.

— Tudo bem. Que tal isso? — eu proponho, concentrando meu olhar num fio dourado do balcão de mármore. — Eu faço uma pergunta. E então você me faz outra. Vamos nos revezar. Vale qualquer coisa.

Ela concorda, enquanto percebo que este é um jogo perigoso para mim. O que vou dizer quando ela perguntar sobre ele? A verdade, é claro, mas existem tantos graus e interpretações da verdade que tal coisa, em sua forma mais pura, praticamente não existe. Pelo menos não existe na minha vida, e talvez isso seja

verdade para todo mundo.

— OK. Vamos ver... Você tem irmãos ou irmãs? — eu pergunto.

— Uma irmã. — E então ela me conta que seus pais achavam que não podiam ter filhos, mas sua mãe ficou grávida logo depois que a adotaram. — O nome dela é Charlotte. Ela foi um milagre — Kirby acrescenta, inexpressiva.

— Vocês são amigas?

Ela dá de ombros. — Sim, Charlotte é legal. Muito legal. E ela é uma nadadora fantástica, com o melhor tempo de nado borboleta na história da cidade. Ela tem potencial olímpico. Ela é excelente. — Ela revira os olhos e fala: — Todo mundo adora ela.

— Nossa. Talvez ela seja um pouco perfeita demais? — Eu a julgo.

— É, pode ser.

Sorrio, mas ela continua com o rosto sério.

— Sua vez — eu digo.

Ela morde o lábio, então copia minha questão e pergunta se tenho irmãos e irmãs.

— Não. Sou filha única. Meus pais adoram viajar e pensavam que era mais fácil com um filho só — eu respondo, com a explicação que sempre aceitei e que agora parecia terrivelmente ridícula.

Ela sacode a cabeça, e então murmura. — Sua vez.

Olho de relance para o par de lustres de cromo pendurados sobre o balcão e me lembro de observar Peter trocando as lâmpadas na semana passada. Era o máximo que ele fazia de trabalho de casa. — Você tem um namorado? — pergunto esperando que a resposta seja não.

Ela balança a cabeça e responde na lata. — Não. E você?

Faço que sim, pensando na minha conversa com Peter, algo que agora parece ter acontecido há pelo menos duas semanas, em vez de há duas horas. — Sim. Estamos juntos há alguns anos. — Faço uma pausa, decidindo que não é bom

divulgar muita informação nesse estágio da conversa, pelo menos por agora. Respiro fundo e pergunto sobre sua matéria favorita na escola.

— Não tenho uma — ela responde.

— Muito bem — eu digo e espero pela sua vez de perguntar.

— Tudo bem. Eu sei que esta é uma pergunta meio grosseira — ela diz finalmente. — Mas quantos anos você tem?

Eu sorrio e digo: — Ainda não é grosseiro fazer essa pergunta por mais quatro anos. Tenho 36.

Posso vê-la fazendo as contas na cabeça enquanto lhe dou a resposta. — Eu tinha 18 anos quando tive você. A sua idade agora.

Ela respira fundo. — Ah! — ela fala afastando o olhar novamente. Presto atenção no seu perfil, chegando à conclusão de que nosso queixo é parecido, o dela é mais bonito, ligeiramente mais forte que o meu, mas ainda assim feminino. Suas maçãs do rosto são mais definidas também, e eu sei de quem ela puxou isso. Penso nele agora, de novo, num turbilhão de memórias visuais, imaginando quantas perguntas mais ela vai fazer até chegarmos a ele. Me sinto com vontade de bocejar, tento segurar porém perco a batalha. Ela boceja, por sua vez, e lembro de ter lido em algum lugar que a vontade de dormir é uma resposta biológica poderosa ao estresse e à dor, e eu estou sentindo ambos.

— Acho que vou embora — ela fala e eu percebo círculos escuros e azulados debaixo de seus olhos. — Sei que já está bem tarde.

Meu coração sente um baque. No entanto, uma grande parte de mim fica aliviada por ela não querer ficar. Que o nome dele não tenha surgido, e que talvez isso nunca aconteça. Talvez nunca terei de contar-lhe as lembranças dolorosas que passei dezoito anos tentando enterrar.

Ela se levanta e faz um movimento lento em direção à porta de entrada.

— Aonde você vai? — pergunto na esperança de ela me dizer que tem uma amiga ou parente na cidade.

Ela retira um pedacinho de papel amassado do bolso de trás da calça e lê o

nome de um albergue estudantil com o endereço perto de Chinatown. Sinto uma onda enorme de culpa me cobrir e balanço a cabeça. — De jeito nenhum. Você vai ficar aqui.

Ela abre a boca como se estivesse pronta para protestar, mas então a fecha novamente, parecendo exausta demais para tentar.

— Mais uma coisa — digo, me preparando para o pior.

Ela ergue as sobrancelhas enquanto eu pigarreio e pergunto se seus pais sabem que ela está aqui.

Ela olha para o vidro, demonstrando que não.

— Você ainda mora com eles? — indago.

Ela faz que sim com a cabeça parecendo ligeiramente indignada e retruca: — Eu não fugi de casa, se é isso que você está perguntando.

— Me desculpe — respondo. — Eu apenas... imaginei...?

— Eles pensam que estou no Alabama. Com minha amiga e a mãe dela.

— Então, eles não sabem que você planejava fazer... isso?

— Fazer isso? — ela retruca com um leve traço de hostilidade, muito embora deva saber o que eu quero dizer.

— Me conhecer — eu esclareço.

Agora decididamente desafiadora, ela nega com a cabeça. Espero que ela me olhe nos olhos, sabendo que estamos num momento crucial. Eu sei o que deveria fazer — insistir para que telefonasse para eles — mas tenho medo de fazer isso. E se ela ficar brava? E se for embora e nunca mais voltar? Entretanto, ela é uma adolescente a milhares de quilômetros de distância de seus pais. Pergunto por que ela mentiu para eles, tentando entender a situação dela antes de tomar uma decisão ou chegar a alguma conclusão.

— Isso não é da conta deles — ela contesta. — E, francamente, você não tem nada a ver com eles.

— Tudo bem... escuta... não vou forçar você a fazer nada, mas...

— Mas o quê? — ela responde ríspida, seus olhos brilhantes, o rosto tenso de um jeito teimoso. Embora eu não seja sua mãe verdadeira, é a minha primeira experiência em saber como é se sentir como uma. Isto me enche de uma sensação de medo e despreparo. — Não há motivo para ligar para eles e preocupá-los. Além disso, tenho 18 anos. Sou uma adulta. Tecnicamente. Então, tudo bem.

Concordo com a cabeça, com medo de pressioná-la e destruir o frágil entendimento que havíamos estabelecido, nos últimos minutos. — OK. Podemos falar sobre isso amanhã — eu respondo. — Eu só... só queria que você ficasse bem. Não importa o que está acontecendo na sua vida. Não importa o que você esteja sentindo... apenas quero te ajudar.

Eu realmente estou sendo sincera — pelo menos acho que sim —, mas as palavras soam frágeis. Como um ator que não está ligado emocionalmente a uma cena e tem que recorrer a um pouco de cebola para poder chorar.

— Obrigada — ela agradece enquanto nós duas bocejamos ao mesmo tempo novamente. Então nos levantamos e ficamos frente a frente.

— Você é bem vinda, Kirby — declaro. É a primeira vez que eu disse o nome dela em voz alta, e imagino como foi possível não saber disso antes. Saber que eu pensava nela como sendo Katherine, o nome pelo qual eu a tinha chamado durante aqueles primeiros três dias — soava agora formal demais, tradicional demais, comum demais para a garota que ela parecia ser.

Eu a conduzi de volta ao vestíbulo, pegamos sua mochila e a levei até o quarto de visitas ao lado do meu. Mostrei o banheiro anexo, o roupeiro cheio de toalhas e cobertas extras e a gaveta cheia de artigos de higiene no caso de ela ter esquecido alguma coisa. Desejo boa noite e digo a ela para me chamar se precisar de alguma coisa. Qualquer coisa.

Uma hora depois de eu ter tomado um calmante, ainda estou alerta e de olhos bem abertos olhando a escuridão total que envolve meu quarto — coisa difícil de

se conseguir na cidade de Nova York, especialmente num prédio de esquina. Lembro do dia em que falei para meu decorador que não me importava se ele usasse cores frias ou quentes, uma cabeceira acolchoada ou uma cama de ferro, desde que tivesse janelas customizadas e especiais que bloqueassem completamente todos os traços de luz vindos da rua. Ainda assim, de repente, pela primeira vez na minha vida adulta eu estava com medo do escuro — ou pelo menos estava com medo *no* escuro.

É um sentimento irracional, contudo viro de lado e rapidamente acendo a luz, do mesmo modo como fazia quando ainda era criança, meus olhos vasculhando cada canto do quarto. Penso que talvez esteja com medo pela Kirby, mas resisto à vontade de ir até lá e ver como ela está; parece presunção de minha parte fazer isso depois de ignorar sua existência por dezoito anos.

Então, em vez disso verifico meu telefone desejando que houvesse alguém com quem eu pudesse falar sobre a maior notícia que já recebi desde que nasci. Só existe uma opção para este tipo de conversa — minha mãe. Mas sei que ela está dormindo ao lado de meu pai e se eu ligar vou acordar ambos. Meu pai logo imaginaria o pior — que é uma notícia ruim. O que provavelmente essa notícia seria para ele — uma das razões pela qual minha mãe e eu escolhemos manter esse segredo dele, para começo de conversa. Além do mais, realmente não quero falar com ela sobre isso, pelo menos ainda não, lembrando de seu conselho para assinalar uma alternativa diferente no formulário. *É melhor você cortar todos os laços para sempre.* Estava claro que era isso o que ela queria, e embora eu nunca soubesse se era para o bem dela ou o meu, ou de nós duas, a lembrança sempre me fez evitar falar sobre isso com ela.

Olho rapidamente meu e-mail e minhas mensagens, imaginando se Peter está acordado. De repente, sinto falta dele e desejo desesperadamente que nossa noite não tivesse terminado do jeito que terminou. Mais importante ainda, eu desejo que ele soubesse meu segredo. Queria ter contado tudo para ele, e subitamente me arrependo da decisão de não contar nada. Penso em todas as vezes em que eu poderia ter feito isso — todas as vezes em que alguma amiga teve um bebê; quando ele me contou a história do nascimento de Aidan, como a bolsa de Robin estourou durante uma ópera e como o parto quase aconteceu num táxi na Third

Avenue; ou quando ele confessou *seus* mais profundos segredos — que colou num trabalho da faculdade em Dartmouth e uma vez ele dormiu com uma stripper numa despedida de solteiro em Las Vegas. Eu não critiquei — e não acredito que ele teria me criticado. No entanto, talvez tivesse esse direito. Ele poderia achar que uma mulher que desiste de um filho não é adequada para ser uma mãe. Pelo menos não a mãe de *seu* filho. Ele talvez tivesse dificuldades em entender, para dizer o mínimo, o fato de que não contei a meu próprio pai e ao pai do *bebê*.

Simplesmente havia muitos riscos envolvidos, desvantagens demais. Era mais fácil deixar quieto. Mais limpo. Mais simples. Mais seguro. Ou pelo menos era assim que eu pensava até agora.

Apago a luz e fecho meus olhos, mas o sentimento desesperado de querer conversar com ele não vai diminuir. Então, eu lhe envio uma mensagem perguntando se ele está acordado. Segundos depois meu telefone vibra. Eu o agarro ansiosa por suas palavras, do jeito que sempre fico quando ele escreve, mas muito mais essa noite. Respondo a mensagem o mais rápido que consigo, mais confiante a cada frase.

PETER: Sim.

MARIAN: Não consegue dormir?

PETER: Não. Me sinto mal com o que aconteceu mais cedo.

MARIAN: Tudo bem.

PETER: Não. Não está. Sinto muito.

MARIAN: Sinto muito também. Queria que você estivesse aqui.

PETER: Você quer que eu vá até aí?

Antes que eu pudesse dizer não, o telefone toca e atendo ansiosamente, ainda seguindo aquele instinto arraigado de manter meu segredo, criando novas justificativas, desculpas.

— Tudo bem, querida? — ele fala, sua voz sexy e rouca. Escuto o tilintar de gelo num copo e sei que ele está bebendo uísque, sua versão de calmante.

Tento responder, mas não consigo.

— Champ? — ele murmura. — Você está aí?

— Estou — digo, tentando fazer minha voz parecer firme e normal.

Ele pergunta novamente se estou bem, uma ponta de culpa em sua voz — o que, por sua vez, me faz sentir culpada por estar chateada com ele. Como posso esperar que um homem se comprometa comigo para sempre quando omiti um detalhe tão importante de minha vida?

— Sim — respondo. — Estou aqui.

— Você quer que eu vá até aí? — ele pergunta gentilmente.

Eu desejo desesperadamente tê-lo ao meu lado, mas penso em Kirby no quarto ao lado e digo que não, que já é tarde, que eu ligo para ele de manhã.

Porém, ele já tomou sua decisão.

— Estou indo pra aí — ele fala e desliga o telefone, antes mesmo que eu possa falar qualquer coisa.

Vinte minutos depois ele está no meu quarto, tirando a roupa e ficando com sua cueca box branca da Brooks Brothers, a única marca que usa. O cheiro de sua pele me acalma, assim como o calor de seu corpo perto do meu.

— Agora sim — ele comenta. — Assim está bem melhor. Fale comigo.

Olho de relance para a porta, e, embora ele esteja sussurrando, me preocupo se ela vai nos escutar.

Respiro fundo imaginando o que dizer, como começar.

— Desculpe por ter chateado você — ele começa, me abraçando.

— Não. A culpa foi minha... — eu digo, tentando fazer com que ele pare de falar, a culpa começando a me sufocar.

No entanto ele continua: — Não. Você estava tentando falar sobre nosso futuro e eu não a levei em consideração. Vamos falar sobre isso agora.

— Não tem importância — eu digo.

— Por que não? Vamos lá, Champ... eu não pretendia insinuar que *nunca* vou querer casar de novo... eu só queria dizer que...

A conversa que eu estava desesperada para ter algumas horas antes agora parece trivial.

— Peter. Não é o que você está pensando. Não estou chateada por causa disso... quero dizer, eu estava, mas agora é... uma coisa diferente.

— O quê? O que é? — ele indaga, sua voz é meiga, mas carrega uma ponta de frustração e impaciência.

Minha mente corre em círculos, sabendo exatamente como eu *poderia* interromper esta conversa: *Peter, minha filha de 18 anos está dormindo no quarto ao lado.*

Mas sou incapaz de pronunciar estas palavras — ou começar a história.

Em vez disso eu gaguejo: — É outra coisa... algo que tenho que lhe contar. Tenho um segredo que nunca lhe contei. — No momento em que as palavras escapam de minha boca sinto um alívio enorme. Ao mesmo tempo me arrependo de ter usado um preâmbulo tão misterioso.

— Que tipo de segredo? — ele questiona.

— Um bem grande — eu replico.

— O quê? Você matou alguém? — ele pergunta com uma risada nervosa. E então: — Me desculpe. Isso não foi engraçado. Mesmo se tivesse matado alguém, você poderia me dizer. Você pode me contar qualquer coisa.

— Eu não *matei* ninguém, Peter — eu respondo pensando naquela palavra, *aborto,* que me assombrou durante todo aquele verão. Será que isso seria tirar uma vida? Não consegui decidir, nem naquela época nem agora. Tudo o que sabia era que eu não conseguiria passar por isso. Imagino se caso tivesse feito outra escolha eu teria mantido segredo também. Imagino como estaria me sentindo ao fazer aquele tipo de confissão para Peter. Se a vergonha teria sido maior que a que eu sinto agora. Tento dizer a mim mesma que fiz a coisa certa — ao desistir dela, ao entregá-la para adoção. Enfio o meu rosto no travesseiro enquanto ele continua perguntando.

— Foi antes de mim? Quero dizer... não é sobre nós, é? Você não me traiu com Damien Brady, traiu? — ele pergunta referindo-se ao ator principal de meu programa. Ele está brincando, mas imagino se ele iria encarar isso como uma traição maior ou menor.

— Não — digo, afundando meu rosto no travesseiro. — Não tem nada a ver com você. É sobre mim. É sobre uma coisa que aconteceu comigo há dezoito anos.

— O quê? O que, Marian? Por favor, me conte. Isso não vai mudar meus sentimentos por você.

— Você não pode prometer isso — murmuro.

Ele respira fundo, então me abraça e me beija, um beijo intenso que dura mais que alguns segundos. Sua língua é macia, quente e reconfortante. Quando nos afastamos ele fala: — Arranca logo esse Band-Aid, Marian. Me conte tudo de uma vez.

E então, eu o faço. As palavras saindo da minha boca de modo desajeitado e aos borbulhões, a história se desdobrando em sua forma mais crua, começando com aquele verão e terminando com a batida na porta há algumas horas. Não consigo encará-lo até terminar tudo, com medo do que iria ver nos seus olhos. Desaprovação, desapontamento, crítica. E, com certeza, quando eu fiz, tudo estava refletido em seu rosto, embora ele fizesse o maior esforço para esconder.

— Nunca contei isso para ninguém — explico, como se isso de alguma forma

melhorasse o fato de eu não ter contado nada antes para ele. — Com exceção da minha mãe.

— Muito bem. Obrigado por finalmente me contar — ele responde.

— Você ainda me ama? — pergunto.

— Claro — ele responde e embora pareça convincente, sei que existe uma grande diferença entre amor e confiança.

— Tem certeza? — indago.

— Sim — ele afirma.

Mas que escolha ele tem? Nós dois sabemos que ele não pode retroceder na grande promessa que havia acabado de fazer. Pelo menos não esta noite, aqui no escuro. Pelo menos não antes de ele escutar a parte da história que eu deixei de fora de propósito.

5

Kirby

Encontro a fotografia de Marian e do que parecem ser seus pais — meus avós — na manhã seguinte, quando caminho pé ante pé pela sua elegante sala de visitas, prestando atenção na porta fechada do quarto, com cuidado para não ser pega bisbilhotando. Há muitas pinturas abstratas na sala, mas esta é a única foto — em preto e branco, oito por dez, numa moldura de prata gravada com as iniciais de Marian. Na foto, ela e sua mãe estavam usando vestidos de festa, o de sua mãe era bordado com pedras, e o de Marian era longo e florido. O pai dela usava um smoking. Eles estavam em um vinhedo, ao lado de uma oliveira com uma paisagem espetacular ao fundo de um vale e montanhas azuis. Marian está no meio, seus braços em volta de seus pais, e estão todos sorrindo. Tenho impressão de que o pai de Marian acabou de contar uma piada, já que ele tem a aparência de alguém que acabou de dizer algo engraçado. Ele é magro e alto, com um nariz comprido num rosto longo e uma barba bem escanhoada. Tudo me fazia lembrar da barba de Atticus ou de um Abraham Lincoln moderno.

Embora ele não seja muito bonito, tem o tipo de rosto que você gosta de ficar olhando. Sua mãe é o oposto — pequena, elegante e linda, mas comum. Seu cabelo é cortado em estilo chanel, e está coberta de diamantes. Marian está bem parecida com o que é agora, apenas mais jovem e mais magra, e o cabelo mais comprido. Ela está descalça, suas sandálias de tiras estão jogadas no gramado em frente, e ela não usa nenhuma joia além de um pequeno pingente de ouro que parece ser a letra M. Imagino que estejam num casamento da família, em um lugar sofisticado como Napa Valley (apesar de eu não saber exatamente onde isso fica). Em alguns momentos, um bolo enorme vai ser cortado, vão despejar champanhe rosè nos copos, e uma Big Band vai tocar Sinatra e todos vão dançar sob a luz das estrelas.

Enquanto pego a foto e a examino com mais atenção, sinto uma saudade repentina e intensa, embora não consiga descrever exatamente o porquê. Será

que eu preferiria fazer parte dessa família? Ou é uma simples questão de eu ter vontade de ter estado nesta festa naquela noite? Coloco a moldura de volta na mesa, e um fato fica bem claro na minha mente: Marian é rica. Penso nas fotos de minha casa — imagens de sala de aula ao longo da escadaria e fotos distorcidas amontoadas em cima da lareira — e não consigo deixar de imaginar como minha vida teria sido diferente se ela tivesse ficado comigo. Não é que nós sejamos pobres, mas mesmo assim. Quem não quer ser rico? Além do mais, ela não pode usar o dinheiro como desculpa por ter me doado. Ela poderia ter me criado com facilidade. Isto *poderia* ter acontecido. Ela simplesmente não *quis.* Essa certeza não me deixou com raiva, só que me machucou um pouco, e eu não consigo deixar de sentir uma certa amargura por saber que ela estava aqui, vivendo bem, quando eu poderia muito bem estar pedindo esmolas. De certa forma, isto me faz sentir mais rejeitada do que se ela tivesse sido forçada a me entregar para adoção.

Caminho até um sofá branco e quadrado e me sento, tentando ficar confortável nas almofadas duras enquanto observo os livros grossos e reluzentes que estão sobre a mesa de centro de vidro, procurando pistas sobre o que ela gosta, quem ela é. Pego um chamado *Hamptons Havens* e folheio as páginas. Está cheio de fotos parecidas com aquela que acabei de observar, e imagino se Marian tem uma casa de veraneio lá. Aposto que sim — uma bem grande que ela ainda chama de chalé. Ou talvez prefira Marthas's Vineyard, Cape Cod, Nantucket, todos lugares em New England que se misturam em minha mente, e só chamam a atenção por causa da obsessão de minha mãe com os Kennedy.

Após alguns segundos, escuto a porta de seu quarto abrir. Fecho o livro nervosamente, para ficar o mais invisível possível. Tarefa difícil num sofá branco em uma sala banhada pelo sol. Olho em direção ao corredor, quando ela aparece num conjunto de moletom cinza. Seu cabelo está escovado e preso num coque, e ela está usando óculos de aro de tartaruga, o que explica a minha miopia.

— Bem, você acorda cedo — ela fala quando me vê, a voz dela alta demais, amigável demais, falsa.

Forço um sorriso em retorno, mas sinto que ele desaparece quando meu olhar se foca num personagem masculino caminhando alguns passos atrás dela. Imagino quando ele chegou. No meio da noite ou esta manhã? Cruzo meus braços na frente de minha camiseta da GAP envergonhadamente, ressentindo sua presença e Marian, por ter sentido necessidade de chamar reforços. À medida que ele se aproxima posso ver que é mais velho que ela — talvez uns dez anos mais velho — mas é bonito para um cara mais velho e parece importante. Posso perceber pelo jeito como ela olha para ele, e do modo como ele lhe lança olhares de encorajamento, que ela se importa muito com a opinião dele sobre suas coisas — a opinião dele, e ponto final. Por um instante penso que é o meu pai biológico, pois já ouvi histórias de casais que deram seus primeiros filhos e só se casaram mais tarde. No entanto, faço uma ideia bem diferente de que meu pai biológico não é nada parecido com este homem.

— Kirby, gostaria que você conhecesse Peter. Peter, esta é Kirby.

— Prazer em conhecê-la, Kirby — Peter fala na voz segura e profunda de um apresentador de jornal televisivo. Ele dá um passo em minha direção, sua postura tão perfeita quanto seu sorriso, e estende a mão. Raios de sol criam reflexos em seu relógio de ouro, enquanto eu me levanto, nervosa, e aperto sua mão. Seu aperto de mão, obviamente, é forte, quase doloroso. Imagino se ele está querendo demonstrar alguma coisa. Não importa, decido que não gosto dele — pelo menos não gosto de seu tipo.

— É um prazer conhecê-lo também — balbucio olhando de relance para Marian, esperando que diga alguma coisa. Mas ela não diz nada e nós três formamos um triângulo esquisito.

Peter finalmente faz uma pergunta que enche a sala. — Então? Soube que você chegou a noite passada?

Aceno que sim com a cabeça, recruzo meus braços e digo que sim, minha voz tão pequena quanto a dele é grande. Me vejo imaginando se ele realmente sabe quem sou, e como ela contou a história da minha chegada. Ela estava feliz? Chateada? Irritada? Espantada? Estava preocupada que eu fosse tentar morar com ela, bagunçar sua vida perfeita? Talvez ele a tivesse prevenido que embora

fôssemos parentes, ela não sabia nada sobre essa estranha na casa dela. Eu poderia estar aqui para roubá-la ou entrar em seu quarto à noite para atacá-la. Será que ela tinha ligado pra ele em pânico na noite passada? Foi por isso que ele veio para cá? Para protegê-la?

Se suspeita dos meus motivos, ele esconde bem (como eu aposto que faz sempre), e diz com animação: — Ótimo. Ótimo. — E então: — O que as meninas vão fazer hoje?

Marian balança os ombros e responde: — Ah, não sei. Acho que vamos provavelmente fazer um passeio pelo Upper East Side. Dar uma caminhada. Mostrar meu bairro para Kirby.

— O parque? O Guggenheim? Rabanadas no Caffe Grazie? — ele indaga.

Marian responde: — Todas as alternativas. E talvez algumas compras. Se Kirby estiver a fim.

Faço que sim com a cabeça e forço um sorriso, mas na verdade não acredito que ela esteja sugerindo que a gente vá às compras. Não apenas porque não tenho nenhum desejo de comprar nada, mas a simples ideia me intimida. Ir a uma loja é o equivalente a não saber qual garfo usar num restaurante.

— Ahh. Barneys. Como pude esquecer? — O tom de Peter é brincalhão. Ele dá uma piscadinha e me olha. — Tome cuidado. Marian é famosa por ter ficado horas presa naquele prédio, coitadinha.

Ela revira os olhos e diz para ele ficar quieto, mas Peter faz uma outra brincadeira sobre como teve que resgatá-la das garras da fera na Madison Avenue. A coisa toda é muito Hollywood, muito Manhattan. Muito estranha.

Depois de algumas risadas, ele esfrega as mãos e diz: — Tudo bem, estou fora. Vou buscar Aidan na mãe dele.

Acho que ele é divorciado, e ele me olha e explica: — Meu filho. Talvez se você ficar aqui um pouco mais vai poder encontrá-lo. Ele deve ter mais ou menos a sua idade. Quinze. Espere. Quantos anos você tem, mesmo?

— Dezoito — respondo. — Eu apenas pareço ter 15.

— Um dia você vai dar valor a isso — Marian comenta.

Observo quando Peter se aproxima de Marian e a beija levemente nos lábios, sem nenhum outro contato entre seus corpos, antes de caminhar até a porta. Quando me sento novamente no sofá ele se vira e a olha de um jeito que não consigo decifrar. Talvez seja apoio moral, talvez empatia. Mas não importa o que seja, eu a olho de relance bem a tempo de vê-la pronunciar *Obrigada.*

Disfarço meu olhar, imaginando por que ela está agradecendo a ele, se isso tem algo a ver comigo.

Quinze minutos mais tarde, Marian e eu estamos entrando no Caffe Grazie, um restaurante movimentado numa casa de dois andares perto do apartamento de Marian. A recepcionista sorri ao reconhecê-la, então nos encaminha para uma mesa no fundo da sala onde Marian pega seu cardápio e me diz que só tem uma coisa a pedir.

— As rabanadas? — pergunto me lembrando das palavras de Peter.

— Pode apostar — ela retruca, enquanto a garçonete chega com dois copos de água gelada e o café de Marian.

— Você gostaria de tomar um pouco de café, meu bem? — a garçonete pergunta, segurando a garrafa.

— Não, obrigada — digo a ela e, depois de olhar rapidamente para o cardápio e perceber que o copo de suco de laranja custa 6 dólares, balbucio que vou tomar somente água.

— Nós duas vamos querer a rabanada de croissant de chocolate — Marian faz o pedido.

A garçonete anota e parte rapidamente enquanto Marian me olha e diz: — E então? Tem alguma coisa em particular que você gostaria de fazer hoje?

Balanço a cabeça me sentindo tentada a dizer que eu não tinha vindo aqui para

ver a Estátua da Liberdade ou o Empire State Building. E se nós *temos* que fazer turismo para evitar uma conversa de verdade, então eu preferiria visitar o Carnegie Hall ou a Brooklyn Philharmonic ou o Jazz Museum no Harlem ou uma das muitas lojas de música da cidade que descobri na internet. Como o Drummers World que tem tudo desde castanholas Epstein feitas de roseiras e grenadillo preto e ferramentas de jazz de Albright Milt Jackson, até um kit Rogers dos anos 1970 com uma bateria de cerca de 28 centímetros. Obviamente não posso comprar nada disso, mas eu daria tudo para poder ver de perto e testar uma delas. As baterias Rogers têm o som mais musical e mais rico que a maioria das outras baterias e são mais apropriadas para um grande espetáculo. Elas são as melhores e mais "iradas" baterias do planeta — além de serem maravilhosas, elas claramente têm um som melhor. Mas não digo nada disso — principalmente porque tenho a sensação de que ela na verdade não quer saber.

Em vez disso eu dou de ombros e digo: — Tanto faz. O que você quiser fazer está bom para mim.

— Bem... vamos ver — ela diz enquanto olho atentamente seu enorme brinco de diamantes. — Quando você tem que voltar para a escola?

Eu entendo o que ela está querendo saber: quando é que você vai dar o fora? Então eu digo: — Quarta-feira. Mas... eu posso ir embora antes. Isto é, o que for melhor pra você... posso ir embora a qualquer hora. Depende de você.

— Vamos deixar as coisas acontecerem — Marian fala um pouco entusiasmada demais. — Fique pelo menos esta noite, tudo bem?

Em outras palavras, *não duas noites,* eu penso, e murmuro um obrigada.

Ela começa a dizer alguma coisa, mas então para e toca o jornal que ela havia trazido consigo. — Você lê o *Sunday Times*?

Digo que não, mas no caso de ela pensar que sou uma adolescente apática e sem noção, eu acrescento: — Eu leio jornal, entretanto. Recebemos o *St.Louis Post-Dispatch.*

O que quero dizer na verdade é que sou apática, mas só sobre a *minha* vida, não sobre outras coisas, e acompanho os acontecimentos atuais, ao contrário da

maioria dos adolescentes que conheço.

Ela sorri e pergunta: — Bem, você gostaria de ler uma parte?

Digo que gostaria de ler a página principal, a menos que ela também queira, imaginando por que estávamos lendo o jornal quando não tínhamos ainda falado nem 1% de tudo aquilo que eu achava que precisávamos conversar. Inclusive, ahh, não sei quem é meu pai, e por que vocês não me criaram. Aparentemente ela não se sentia do mesmo modo, pois me entrega a página da frente como se tivéssemos o costume de dividir o jornal aos domingos pela manhã há anos. Aceito o jornal com uma onda de frustração, curvando a minha cabeça para ler um artigo sobre um bombardeio suicida em Tel Aviv. Não consigo me concentrar em nada além do fato de que ela está sentada do outro lado da mesa comigo, que parece uma coisa muito maluca, nosso silêncio só deixa tudo ainda mais estranho. Tenho a sensação de que ela também está encantada com o nosso encontro, porque a cada minuto percebo ela me olhando por cima de sua seção de Moda e Estilo. Mas talvez seja um pensamento positivo de minha parte. Talvez ela só esteja tocada por algo que leu no jornal. Alguma coisa assombrosa, como o fato de que a calça boca de sino está na moda novamente.

Depois do café da manhã caminhamos mais um quarteirão até a Fifth Avenue, onde vejo pela primeira vez de relance o Metropolitan Museum of Art. O prédio é enorme e parece importante, ocupando vários quarteirões — 2.500 metros, de acordo com Marian —, as pessoas nos degraus, algumas tirando fotos, outras sentadas e lendo guias de turismo, algumas simplesmente ali de pé. Existe até mesmo um grupo de skatistas de minha idade, de capuz e bermuda cargo, parados como se ficassem por ali todos os dias. Bem diferente do Francis Park, onde os garotos que conheço costumam ficar — embora o tipo de roupa seja praticamente o mesmo e todos eles tenham a mesma expressão entediada.

Ela me observa prestando atenção em tudo e diz: — Impressionante, não é?

Digo que sim, e então cito minha única verdadeira referência literária, apesar

de ser uma juvenil: — Eu adorei *From the Mixed-up Files of Mrs.Basil E.Frankweiler* — comento tentando me lembrar dos detalhes da garotinha que foge de casa e se esconde num museu. Acho que o nome dela era Claudia.

O rosto dela se ilumina quando me diz que também adorou o livro quando era criança.

Então ela fala: — E você leu *The Age of Innocence,* de Edith Wharton?

Me lembro de Edith Wharton, mas não li o livro — não tenho lido nenhum livro por prazer há anos, com exceção da série *Crepúsculo* (que eu gostei bastante, a não ser pela descrição incessante de Edward como um cara maravilhoso — isto é, quantas vezes e de quantos modos um autor pode nos dizer que um carinha é bonito?).

— Os dois protagonistas têm um encontro clandestino aqui e um deles fala "algum dia, eu acho, isto será um grande Museu...". Ela teve grande ascendência na criação dele.

Não consigo não ficar atenta a cada uma de suas palavras cultas, embora eu tenha a sensação de que ela está querendo aparecer. Ou pior, me testando. Como aquelas entrevistas para entrar na universidade quando eles fingem conversar, mas na verdade estão anotando tudo o que você diz para saber quão inteligente você é. Ou, no meu caso, quão burra.

Caminhamos por mais um quarteirão e Marian aponta para o outro lado da rua, para um prédio de pedras calcárias brancas com um toldo verde. — Está vendo aquele prédio? — ela fala. — Dez-quarenta? Jackie O mudou para lá um ano depois que JFK foi assassinado. Ela morou lá por trinta anos. No 15º andar.

Ela continua a me contar que o apartamento dela não era tão maravilhoso quanto a gente poderia imaginar; não tinha nem aquecimento central. — Mas ele tem uma vista maravilhosa do Central Park e do Templo de Dendur, de 340 anos, que ela ajudou a trazer do Egito para o Met.

Concordo com a cabeça, me lembrando da única coisa que minha mãe sempre dizia sobre Jackie — que ela era uma mãe maravilhosa para John e Caroline — e que de repente parece muito mais importante do que um templo qualquer. Olho

de relance para Marian, imaginando quando — ou se — ela vai cair na real.

Continuamos caminhando, e finalmente chegamos ao Guggenheim, um edifício moderno, enorme, que serpenteia pela Fifth Avenue como um enorme laço branco. Enquanto olho para cima, Marian começa de novo a falar como uma guia turística, me contando que este foi o último grande trabalho de Frank Lloyd Wright e que causou muita controvérsia quando foi inaugurado, em 1959. Demorou quinze anos e setecentos projetos de design, ela conta, então dá uma risada e acrescenta: — Ele disse uma vez que faria o Met parecer com uma estrebaria protestante. O que você acha?

— Eu gosto — digo, ainda sentindo uma combinação estranha de nervoso e ressentimento, imaginando se eu tinha dado a resposta certa para ela. — É muito legal de olhar.

— Eu *adoro!* — ela exclama. — Isto é, o Met é o Met, mas este é um dos meus lugares favoritos da cidade. Você gostaria de entrar?

Dou de ombros e aceno com a cabeça, então a sigo em direção ao saguão escuro e fresco. Ela vai direto para a bilheteria, enquanto vou andando em direção ao centro do salão, olhando boquiaberta a espiral no chão que se ergue em direção ao teto. Assim como o lado de fora, o interior não é parecido com nada que eu já tenha visto — o que aparentemente é um consenso, já que o térreo está pontilhado de turistas curvando o pescoço em direção ao teto, tirando fotos. Tiro uma com meu celular e envio para Belinda com uma mensagem (é mais ou menos a quarta mensagem desde que cheguei) que diz: *No Guggenheim. Ela é uma fera. Conto mais depois.*

Acabou de me ocorrer que estou manipulando um pouquinho esta visita, de um jeito mais positivo do que eu realmente estou sentindo, e penso no que estou tentando provar, especialmente quando Belinda escreve de volta: *Uau! Que bacana! Tira uma foto dela!*

Coloco meu celular de volta na bolsa. É claro que não vou fazer isso. Enquanto subimos vagarosamente pelas camadas do museu, Marian continua seus comentários gentis e pertinentes. Ela me diz que juntamente com as críticas sobre a arquitetura, no início muitos artistas também protestaram contra o

museu, dizendo que as paredes curvas e os recantos não exibiam adequadamente seus trabalhos. Assim como com o jornal, percebo que não consigo me focar inteiramente em suas palavras, ou nas obras, apenas no som de sua voz, no jeito que seu rosto se ilumina quando ela aponta seus quadros favoritos de Chagall e Picasso.

Quando chegamos ao final da última camada do museu, ela diz: — Você sabe o que é uma loucura?

— O quê? — pergunto, na esperança de que ela finalmente vai dizer alguma coisa relevante.

Ela me olha, então mira novamente o saguão lá embaixo. — Já fiquei parada bem aqui. Exatamente neste lugar, e pensei em você. Imaginei onde você estaria. Se você estava feliz.

Apesar do que eu estava sentindo antes, uma sensação quente e formigante enche meu peito, mas não deixo transparecer que as palavras dela mexeram comigo. Ao contrário, olho para baixo memorizando a paisagem branca e austera e digo: — Bem, agora você sabe.

— Sim — ela responde. — Agora eu sei.

A manhã tinha esquentado e as multidões aumentaram quando saímos de volta para a calçada. Tirei minha jaqueta de moletom e a amarrei em volta de minha cintura enquanto caminhávamos pela Fifth Avenue, nos demorando nos degraus do Met, observando as pessoas e então caminhando pela calçada para a sombra do Central Park, até chegarmos ao Plaza Hotel, o lar de Eloise. Atravessamos a rua em frente a loja de brinquedos FAO Schwarz, então continuamos pela Madison Avenue indo parar em frente a Barneys, exatamente como Peter havia previsto.

— Você gosta de fazer compras? — ela pergunta.

— Sim — respondo, apesar de detestar fazer compras. Por um lado, porque

nunca nada fica bom em mim — ou pelo menos nada parece diferente em mim do que pareceria numa menina de 10 anos. Ou em um menino, tanto faz. Por outro lado, nós na verdade não temos dinheiro para gastar em compras — então é sempre frustrante, e eu acabo sentindo uma pressão muito grande. E para finalizar, eu preferia muito mais gastar meu dinheiro no iTunes ou com partituras musicais, ou entradas para shows, do que em roupas. Mas sei que essa não é a resposta certa, então eu concordo e lhe dou um sorriso que significa "*Que garota não gosta?*".

Marian se ilumina com a ideia enquanto entramos pela porta principal, passamos pelos seguranças e uma mostra de bolsas que parecem de plástico, marcadas com um logo que não reconheço. Passamos por várias e enormes vitrines de vidro cheias de joias. Fica claro que Marian conhece bem o desenho da loja porque ela vai direto para um canto, então vira para o outro, me mostrando seus designers favoritos: Jamie Wolf, Irene Neuwirth, Mark Davis. Blá-blá-blá.

Concordo com a cabeça imaginando se essas peças custam algumas centenas de dólares ou alguns milhares. Não que isso vá fazer muita diferença quando não se pode comprar nenhuma delas. Depois de termos dado a volta pelas três seções, continuamos em direção ao fundo do salão, caminhando através de bolsas com nomes exóticos e pronúncias duvidosas. Balenciaga, Nina Ricci, Givenchy. Marian se demora por um instante, tirando uma enorme Givenchy cinza do cabide. Ela a coloca sobre o ombro, inspecionando seu reflexo numa coluna espelhada.

— Você gosta disso? — ela me pergunta olhando novamente para o espelho, dessa vez com um franzir nas sobrancelhas. — Ou você acha que é grande demais?

Pego a deixa dela e retruco: — Humm. Sim. Talvez um pouco grande?

Ela concorda, recolocando-a no gancho e então me leva em direção às escadas rolantes. Subimos vários andares até chegar a um andar com roupas arrumadas artisticamente e com muito espaço vazio entre as prateleiras. Enquanto caminhamos pelo perímetro do salão, Marian mexe em vestidos, calças e

blusinhas, raramente verificando o preço das etiquetas, como se aquilo não tivesse importância. A certo ponto encontramos uma mulher de estilo boêmio toda glamorosa com o cabelo longo em camadas, que abraça Marian e diz num sotaque do Leste Europeu: — Eu ia ligar para você, recebi um vestido fabuloso de Giambattista Valli que você tem que experimentar. Verde-esmeralda. Maravilhoso. Parece que foi feito pra você. E tenho um cardigã L'Wren Scott num tom rosa mais suave que o magenta que você experimentou. Você tem tempo para ver? Meu cliente da uma hora acabou de cancelar, portanto estou livre. — Ela me olha pela segunda vez enquanto Marian hesita, e depois me apresenta timidamente. — Ah, desculpe. Agnes, esta é Kirby. — Uma longa e embaraçosa pausa se segue antes de ela acrescentar: — Kirby é uma visita de St. Louis.

Sua descrição vaga não me passa despercebida enquanto ela continua falando com naturalidade: — Agnes é que me ajuda com meu estilo.

Agnes dá uma risada e diz: — Não acredite nisso nem por um segundo. Marian nasceu com estilo. — Ela se vira, me dá uma olhada não crítica e então diz: — Você tem um corpo gracioso. Você usa saias?

— Só a do meu uniforme da escola — respondo. — Do contrário, praticamente só uso jeans.

Agnes me diz que eu vim na loja certa para comprar jeans, e que ela adoraria mandar sua assistente ao andar de baixo buscar alguns para mim. — Você gostaria de experimentar algumas coisas?

— Ela adoraria — Marian responde por mim e antes que eu perceba estou num provador com uma pilha de jeans e uma dúzia ou mais de regatas modernas e adornadas de joias. A certa altura, quando estou sozinha num provador usando um par de jeans arrasadores J.Brand e um par de sapatos plataforma da Prada, que me faria objeto de inveja de qualquer garota na minha escola, tiro uma foto de mim mesma no espelho e a mando para Belinda: *Na Barneys. Muito Gossip Girl.* Tiro uma foto de perto dos meus sapatos e outra do preço da caixa. Quatrocentos e cinquenta dólares.

Em segundos meu celular vibra com a resposta de Belinda: *Caramba! Sem*

chance!!! Você tem taaaanta sorte!

Quando começo a responder escuto Agnes perguntar a Marian como ela me conhece.

Eu congelo, curvando meu pescoço em direção à porta do vestiário para ouvir sua resposta, esperando que ela não apenas conte a verdade para Agnes, mas que ela o faça com orgulho. Em vez disso, escuto sua resposta abafada. — Ah. É uma longa história.

Meu coração despenca enquanto encaro de volta meu reflexo no espelho e percebo meu sorriso desaparecer. Tento me convencer de que ela não tem que contar a história de sua vida para qualquer Tom, Dick e Agnes — e que eu estou sendo sensível demais, provavelmente porque estou experimentando roupas e sapatos que ninguém na minha vida poderia comprar.

De repente escuto Marian numa voz bem mais alta. — Já experimentou? Podemos ver alguma coisa?

— Humm, acho que sim — digo abrindo a porta e fico parada desajeitada numa regata preta, jeans skinny e sapatos de plataforma que me lança para as alturas de uma estatura "média". Agnes me instrui para dar uma volta enquanto ambas apreciam o modelo.

— A-do-rá-vel! Estes jeans ficam perfeitos em você — Agnes fala me entregando um cardigã preto recortado. Eu o visto e ela ajusta o zíper do casaco, dobra as mangas duas vezes e me examina com o rosto sério antes de dar o veredicto: — Fantástico — ela declara com um aceno concentrado. — Tão lindo.

— Uau! Sim. Combina com você! — Marian exclama. — Você está encantadora.

— Não posso ficar com isso — respondo.

— Você tem que ficar — Marian afirma.

Começo a protestar novamente pela mesma razão que recusei antes o copo de suco de laranja de 6 dólares, mas Marian sacode a cabeça. — Eu insisto. É um presente meu.

— É demais — eu balbucio olhando para baixo para a caixa de sapatos Prada aberta no chão.

— Você vai me privar da alegria de fazer compras com...

Ela hesita, ambas sabemos o que ela está pensando, mas termina a sentença com “você”.

— Acho que não — eu digo. — Muito obrigada. Você é muito gentil.

— Não é nada — Marian responde enquanto Agnes pega um cardigã de lantejoulas da arara e diz que é a vez de ela experimentar.

Enquanto observo Marian deslizar o casaco sobre sua blusa branca, fechar os botões com a mesma habilidade e cuidado com que Agnes fechou o meu cardigã, penso que na verdade isto não é uma história *tão* longa.

— Estes são seus pais? — pergunto a Marian apontando a foto emoldurada em sua sala e rompendo o longo silêncio que desceu sobre nós desde que saímos da Barneys. Considero isso uma preparação para a pergunta que eu realmente quero fazer — e o assunto que ela claramente está tentando evitar: *“Quem é meu pai?”*.

— Sim — ela responde olhando em sua direção, acenando distraída com a cabeça.

— Qual o nome deles? — pergunto determinada a fazê-la falar.

— Pâmela e James. Jim — ela explica e afasta o olhar, como se eu tivesse acabado de fazer uma pergunta casual sobre duas pessoas ao acaso em vez da identidade de meus parentes consanguíneos.

— O que eles fazem para viver? — continuo.

— Ele é advogado litigioso. Ela é dona de casa.

Espero com paciência, no entanto ela não fala mais nada. A frustração cresce dentro de mim e digo: — Então, como eles são?

Marian deu de ombros e bocejou. — Ah, não sei. É difícil dizer como são seus próprios pais, não é? Eles são apenas... seus pais.

Olho para ela com atenção e espero que minha expressão demonstre o que estou sentindo: que esta é uma resposta totalmente inaceitável e idiota. Ela parece perceber a dica porque pigarreia e diz: — Minha mãe é muito sociável e extrovertida... ela adora dar festas e receber pessoas. Tem uma tonelada de amigos e muitos hobbies. Não consegue ficar parada. — Ela sorri, e então continua. — Meu pai é mais calado. Sério. Ele é um pensador. Introvertido.

— Com quem você é mais parecida? — disparo.

— Meu pai. Com certeza — ela explica. — Isto é, eu gosto de festas. Tenho que gostar por causa do meu trabalho. Assim como meu pai tem que ser charmoso para os jurados e os clientes. Mas não é o jeito dele. Minha mãe tem que arrastá-lo para todas as festas dela e eventos beneficentes. Ele certamente prefere ficar em casa, ler, jogar paciência, assistir a filmes antigos e ver televisão. Ele até observa pássaros — ela diz finalmente dando um sorriso verdadeiro. — Ele não é nada parecido com o cara que você vê nos tribunais.

— Ele é um advogado criminalista? — indago.

Ela balança a cabeça. — Não. Ele pratica litígio corporativo. Ele tem grandes clientes como a GE, o Abbott Labs, a Dell. Até mesmo a Oprah.

Eu não quero parecer estar impressionada, mas eu estou. — Oprah?

— Sim. Ele é um figurão.

— Ele é... famoso? — digo pensando que geralmente é do outro jeito que as coisas costumam acontecer — as crianças adotadas ficam famosas, não a família que as entregou para adoção. Sinto a amargura começar a retornar enquanto espero pela resposta dela.

— Tão famoso quanto um advogado pode vir a ser, eu acho. Ele esteve envolvido com a política durante um tempo... quando eu era uma garota... Prefeito de Glencoe... e ele ia se candidatar para o Congresso, mas decidiu não concorrer... — sua voz vai diminuindo enquanto imagino quando foi que isso aconteceu. Se o final de sua carreira política teve alguma coisa a ver com o medo

do escândalo da sua filha adolescente ficar grávida.

— Ele é Republicano? — pergunto.

Ela acena que sim. — Meus pais são. — Ela parece prever minha pergunta seguinte e explica: — Eu sou Independente.

— Meus pais são Democratas — voluntario essa informação. — Muito embora eles sejam bem pró-vida.

Ela não percebe a dica. Sinto minha frustração crescer, mas digo a mim mesma para ser paciente. Já esperei até agora. O que são mais algumas horas? As respostas virão — nem que eu tenha que arrancá-las dela. Além do mais, se não formos falar de coisas sérias, posso simplesmente ficar bebericando uma Perrier e imaginar como minha vida teria sido se ela não tivesse me dado. Porém, também me ocorre que mesmo se ela tivesse ficado comigo, eu provavelmente não me adaptaria aqui, do mesmo modo como não me adapto em casa. E que talvez eu esteja condenada a nunca me adaptar a lugar algum.

6

Marian

Kirby já está aqui há quase 24 horas, e ainda não perguntou sobre ele. Mas quase toda vez que olho nos olhos dela me lembro dele e daquela noite, especialmente no depois, que, de certo modo, está mais claro na minha memória que o ato em si. Lembro de nós dois estirados na cama, nus e expostos, e ainda assim completamente desinibidos.

Não ficamos envergonhados nem desajeitados, sem nenhuma ponta de arrependimento nem pânico, ou vontade de fugir daquele quarto enquanto olhávamos para o teto, e ocasionalmente um ao outro, em perfeito silêncio. Nem mesmo senti muita dor, só uma sensação dolorida, agradável e monótona. Ficamos assim por um bom tempo, nosso suor evaporando, nossa respiração voltando ao normal, até que ele finalmente se curvou, beijou meu rosto e disse:
— Maravilhoso.

— Humm? — perguntei, muito embora tivesse escutado bem suas palavras. Queria que ele dissesse isso de novo. Queria ter certeza para relembrar esta palavra perfeita de seus lábios vermelhos e inchados.

— Isto. Foi. Maravilhoso — ele falou, e cheguei à conclusão de que era muito melhor do que ele *me* chamar de linda.

— Sim — falei porque também concordava. *Foi.* Foi maravilhoso. Embora antes de ele dizer isso, eu teria escolhido uma palavra diferente. Excitante, talvez. Ou algo menos significativo, mais juvenil — como “demais”. Foi excitante. Foi demais. Mas foi mais que isso e ele fora ao ponto certo.

Ele soltou a respiração, como se estivesse juntando forças para se levantar, o que fez então, sentando-se vagarosamente e olhando em volta do quarto, antes de olhar para mim com uma expressão de satisfação. Me cobri com os lençóis, não por causa da timidez, mas por causa do frio que de repente me assomou.

Extasiada, observei-o se levantar e caminhar nu pelas sombras até o banheiro

onde ele ligou a torneira e jogou água no rosto. Seu corpo era magro, porém forte — muito mais musculoso do que transparecia através das suas calças largas — e eu imaginei como ele conseguia aquela barriga “tanquinho”, já que rejeitava completamente qualquer participação em esportes, raramente participando das aulas de Educação Física. Vi que ele pegou uma toalha de mão, que estava dobrada numa barra perto do chuveiro, enxugou seu rosto com ela, e então lenta e metodicamente a colocou debaixo da água e a torceu dentro da pia. Ele pressionou aquela peça fria sobre a minha testa e o meu rosto, afastou os lençóis que me cobriam, e antes que eu pudesse falar qualquer coisa esfregou a toalha com força sobre minha barriga nua. Algumas gotas d’água caíram sobre minha pele, antes de ele limpar as pequenas manchas de sangue que estavam do lado de dentro das minhas coxas.

Fiquei tensa, envergonhada pela demonstração da minha inexperiência, e disse: — Me dê aqui. Deixe que eu faça isso.

No entanto, ele afastou o pano e continuou seu trabalho com um olhar concentrado e cuidadoso. Sem poder fazer nada, me deitei novamente, me forçando a relaxar e deixar que ele terminasse seu trabalho eficiente e delicado. Eu até mesmo cheguei a mudar meu peso de lugar para facilitar o que ele estava fazendo, até que notei uma mancha vermelha no lençol branco debaixo de mim.

— Que droga. Olhe — falei, tocando a marca com meu dedo.

Ele apoiou sua mão livre sobre meu estômago como se quisesse me segurar no lugar, e com a outra continuou a limpar minha perna com passadas longas e vagarosas. Então, ele me acalmou e disse: — Não se preocupe. Vou jogar tudo na máquina de lavar ainda esta noite, depois que todos forem embora. Vai sair a mancha... e eu sei fazer uma cama incrível. Vai ficar tudo bem.

Senti os cantos de minha boca se curvarem em um sorriso, me sentindo ao mesmo tempo aliviada e impressionada, mas jovem demais para ter noção da importância daquele gesto. Como era incomum que um garoto, até mesmo para um homem crescido, me lavar, se oferecer para lavar a roupa de cama, e ficar firme vendo sangue, especialmente este tipo de sangue.

— Então, esta foi a sua primeira vez? — ele brincou sem nenhum traço de

orgulho ou de desculpas.

— Obviamente — sussurrei.

— Não é óbvio. Poderia ser... aquele período do mês.

Ruborizando, fiz uma careta e disse: — Eca. Que nojo. Não.

— Não é um nojo — ele replicou. — Você nunca seria um nojo, nem se quisesse.

Sorri aceitando o seu elogio, olhando para ele de lado. — Então eu acredito... que esta... não é a sua... primeira vez?

— Humm, obrigado? — ele falou sorrindo para mim.

Abri meus olhos, fechei-os novamente, completamente desperta. — Responda à pergunta.

— OK. Não. Não foi a minha primeira vez. Mas também não foram tantas quanto você está imaginando...

— Não foram tantas garotas ou tantas vezes? — Meus dedos dos pés começaram a acompanhar a batida da música que vinha do andar inferior, o som do baixo fazendo o ventilador do teto estremecer.

Ele deu uma risada. — Uma diferença justa. Não foram muitas garotas. Você é a segunda. Mas foram muitas vezes com a primeira.

— Mais de três dígitos? — perguntei tentando dar um tom brincalhão e tranquilo, enquanto pensava em sua ex-namorada tipo Kate Moss, toda linda no seu jeito hippie.

— Tranquilamente — ele falou.

Surpreendentemente senti uma ponta de ciúmes quando comecei a fazer mais perguntas sobre ela. Mas me contive. Não fazia diferença. Esse foi um acontecimento único. Parecia melhor que dizer que foi uma aventura de uma noite só, mas na verdade queria dizer a mesma coisa. Tinha certeza disso, apesar de já estar fantasiando que isso aconteceria novamente. O pensamento me fez curvar sobre ele e lhe beijar os ombros, exatamente quando a voz de Janie

rapidamente rompeu a escuridão, seu punho batendo com força na porta e me trazendo de volta para a realidade.

— Ei! Quem está aí? — ela gritou. — Esse é o quarto dos meus pais!

Me sentei e respirei fundo antes de responder, mas Conrad levantou a mão me dizendo para não entrar em pânico, para me acalmar. Alguma coisa nos olhos dele também me dizia o que eu já estava começando a perceber — que eu não deveria dizer nada a ninguém, nem a minha amiga. Os detalhes do que tinha acabado de acontecer eram apenas meus. Pertencia a nós.

— Sou eu, Janie. Eu estou... descansando um pouquinho — gritei para ela.

Ela respondeu preocupada. — Marian? Você está bem?

Eu podia até ver o rosto dela, sabia que estava preocupada e curiosa, mas provavelmente não imaginaria que eu tinha ido até o fim. Até essa noite, nós duas éramos virgens e juramos esperar por alguém realmente especial. Ou pelo menos até a faculdade.

— Já vou sair — disse, enquanto Conrad acenava com a cabeça, me conduzindo com seus olhos. — Está tudo bem.

— OK, então — ela respondeu, sua voz sumindo enquanto ela voltava para a festa.

— Temos que ir — falei me sentando e pegando minha camiseta regata, mas Conrad me impediu, me encostou novamente na cama e me segurou lá como se já tivéssemos feito isso centenas de vezes.

Ele perguntou se eu tinha horário para voltar para casa, e eu disse que sim, entretanto meus pais estavam na nossa casa no Lake Geneva, e eu tinha planejado dormir na casa de Janie.

— Sério? — ele disse com um meio sorriso. — Que coincidência. Eu também.

Sorri de volta para ele, e começamos uma outra longa conversa. Conversamos sobre a escola, sobre os garotos que conhecíamos em comum, os amigos dele e os meus. Ele me contou sobre sua música — sua paixão pela guitarra e por compor. Conversamos sobre nossos filmes e livros favoritos. Falamos até sobre

Deus, religião e política. E ele me contou sobre o acidente que tirou a vida de sua mãe, que ele e o pai estavam no carro, mas que ele tinha trocado de lugar com ela na volta para casa porque ficava enjoado no banco de trás. Ele me contou que acreditava que seu pai ficou com raiva dele por causa disso — que ele preferiria escolher salvar sua mãe em vez dele.

— Não diga isso — respondi.

— Por quê? É a verdade — ele replicou.

Balancei a cabeça. — Impossível.

— Não é não — ele retrucou. — Eles eram completamente apaixonados um pelo outro. Ele ficaria com ela acima de qualquer outra pessoa. Qualquer outra.

— Não acima de seu próprio filho.

Conrad acenou com a cabeça. — Sim, eu realmente penso que ele faria isso se pudesse. E eu concordo. Na verdade, eu até que gosto disso. Me dá algo em que acreditar... alguma coisa para lutar.

Coloquei minhas mãos sobre as suas, pensando que não havia nada mais lindo que o amor verdadeiro, esperando que um dia eu fosse experimentá-lo, imaginando se era um pouco parecido com o que eu estava sentindo naquele momento.

Então, caímos no sono e acordamos, minha cabeça recostada em seu peito, meu ouvido escutando as batidas de seu coração. Na luz do pré-amanhecer ele me acordou, entregou as minhas roupas, virando de costas para me dar privacidade enquanto ele mesmo se vestia. E como ele havia prometido, arrancou os lençóis da cama e os juntou com a toalha que havia usado para me limpar, e levou tudo para o andar de baixo. Eu o segui, percebendo uma grande queda na temperatura. O calor tinha finalmente ido embora, ou pelo menos o ar estava se movendo. Uma brisa balançava as cortinas da janela da cozinha. Janie estava parada no balcão olhando o quintal cheio de latas vazias espalhadas, garrafas e tocos de cigarro. Ela se virou para nos olhar com um sorriso no rosto.

— Muito bem, até que enfim — falou, olhando para os lençóis.

— Fiquei um pouco doente — expliquei.

Conrad não hesitou. — Cerveja misturada com outras bebidas. Bem que eu avisei a ela.

— Mas eu não escutei — retruquei.

— Isso acontece — ele disse com um levantar de ombros e perguntou a Janie onde ficava a lavanderia.

Enquanto ele se virava e descia o corredor, ela me lançou um olhar curioso, mas eu devolvi um olhar vazio, e um pequeno balanço da cabeça. *Não aconteceu nada.* Isso não apenas foi a primeira vez que menti para Janie, mas foi a primeira vez que ocultei dela um pensamento importante. Foi um momento definitivo. Eu simplesmente não tinha ideia do tamanho que essa mentira iria tomar.

— Vocês ficaram lá por mais de seis horas. E... *nada?* — Janie cruzou seus braços sob sua camiseta justa do Chicago Cubs, parecendo mais desapontada que incrédula.

Dei de ombros. — A gente deu uns amassos.

— Só isso? Ele nem passou a mão debaixo da sua saia? — ela sussurrou desapontada, olhando na direção da lavanderia.

Disse que não enquanto lembrava das mãos dele cobrindo meus seios, seus lábios no meu pescoço, minha barriga e ombros.

— E aí? Ele beija bem?

— Sim — respondi. — Ele beija bem.

— Eu sabia — ela falou. — Ele é *tão* legal.

Eu sorri.

— Você vai vê-lo novamente?

— Duvido — declarei, embora tivesse certeza que eu tinha acabado de contar para ela outra mentira.

E fiquei imaginando quando, exatamente, tomei a decisão de que isso não

seria uma coisa de uma vez só, afinal de contas.

Enquanto esperávamos que os lençóis fossem lavados e secassem, nós três ficamos assistindo a MTV na sala de Janie. Conrad e eu ficamos sentados lado a lado no mesmo sofá onde havíamos namorado horas antes, mas, ironicamente, agora estávamos sentados a alguns centímetros de distância um do outro. Enquanto isso, Janie estava deitada no chão a nossa frente, gemendo de tempos em tempos e perguntando se a sala também estava girando para nós. Fingi que estava de ressaca para justificar os lençóis sujos, só que na verdade estava surpreendentemente alerta, com todos os meus sentidos aguçados enquanto assistíamos vídeo após vídeo. Eu já tinha assistido a todos eles antes — centenas de vezes, mas cada letra de música, cada imagem exibida na tela parecia imbuída de um novo significado, mesmo quando não havia nenhum para ser encontrado na música de Green Day, “Basket Case”, na de PJ Harvey, “Down by the Water”, até a de Annie Lennox, “No More I Love You’s”. Conrad continuou fazendo seus comentários, suas apaixonadas e firmes opiniões sobre música, enquanto ele elogiava algumas bandas e ridicularizava outras, frequentemente as mais populares, que ele chamava de cansativas e supertocadas. Ele tinha um problema particular com o Hootie & the Blowfish, uma das minhas favoritas, mas quando Hootie começou a cantar o primeiro refrão de “Hold My Hands”, Conrad finalmente se aproximou e fez exatamente isso, segurou minhas mãos, com as sobrancelhas erguidas. A essa altura, Janie estava desmaiada e roncando, e parecia que Conrad e eu estávamos sozinhos no mundo novamente. Fechei meus olhos imaginando por que nunca tinha tido essa sensação de vertigem e de cabeça zonza com outro garoto.

Algum tempo depois a secadora apitou. Conrad prontamente se levantou, pegou os lençóis aquecidos, me levou para cima e começou a arrumar a cama, se lembrando exatamente de como os Wattenberg dobravam a colcha de cima, a ponto de arrumar com precisão as almofadas de brocado e pingente. Perguntei se ele tinha memória fotográfica ou se havia adivinhado que estaria aqui na manhã

seguinte. Ele sorriu e continuou a alisar e acertar as dobras da cama. Quando tudo ficou pronto, ele pendurou a toalha de volta na barra ao lado da pia. Não havia mais nada para fazer. Descemos para o andar de baixo, passamos pela porta da garagem e saímos na manhã úmida e fresca. Um vapor escapava pelo gramado escurecido de Janie, as flores de sua mãe tinham murchado por causa da seca e pela proibição de aguar. Conrad estendeu o braço para segurar minha mão, nos últimos passos antes de chegarmos ao seu carro. Eu ainda não tinha ouvido a expressão “calçada da vergonha”, só fui aprender o que era quando cheguei a Michigan, mas senti uma ponta dela ali, torcendo para que os vizinhos de Janie não saíssem naquele momento para pegar o jornal.

Quando chegamos até a porta de seu carro, ele disse: — Gostaria de lhe dar um beijo de despedida, mas tenho certeza que meu hálito não deve estar muito agradável.

Dei uma risada e disse que com certeza o meu estaria no mesmo estado, embora eu tivesse secretamente gargarejado com Listerine quando fui ao banheiro por último. Ergui meu queixo em sua direção, esperando que ele fosse me beijar apesar de tudo. Ele percebeu a deixa, nossas línguas se encontrando por alguns segundos, quando descobri que ele também tinha usado o enxaguador bucal.

— Eu ia perguntar seu número — ele continuou timidamente. — Mas...

Olhei seu rosto sério, acenando com a cabeça melancolicamente, esperando que ele dissesse: mas nós dois sabemos que isso não vai dar em lugar nenhum.

Em vez disso ele completou a sentença: — ... mas eu já tenho.

— Ahh, você tem, mesmo? — repliquei, passando meus braços em volta de sua cintura.

— Sim — ele falou virando a cabeça para sussurrar no meu ouvido. — Eu até já memorizei. Em caso...

— Em caso de quê? — perguntei certa de que ele estava brincando, até que sorriu e falou.

— Em caso de eu finalmente conseguir essa chance. De humm... arrumar uma

cama com você.

Senti um sorriso se espalhar no meu rosto, enquanto perguntava tranquilamente: — Nos falamos mais tarde, então?

Ele abriu a porta, se abaixando para entrar no carro e sorrindo para mim: — Sim. Pode apostar — ele respondeu.

Abri minha boca para responder, mas a porta já estava fechada, o motor ligado. Nossa conversa claramente teria uma continuação.

Durante as três semanas e meia seguintes, nós conversamos todos os dias. Era uma dádiva, ainda assim era algo que nós não discutíamos nem analisávamos. Nem mesmo falamos sobre a minha iminente partida para Ann Arbor, ou qualquer coisa relacionada à faculdade ou ao futuro, tanto o dele quanto o meu. Vivíamos o momento, literalmente, algumas vezes não fazíamos planos até estarmos sentados dentro do carro.

Íamos ao cinema ou para a casa dele — onde assistíamos televisão ou ele tocava guitarra, aceitando meus pedidos de música. Com frequência, simplesmente andávamos sem destino pela cidade, conversando, ouvindo rádio. Mas nunca passeamos junto com meus amigos ou os dele, nem o apresentei para meus pais. Eu até mesmo evitei dizer alguma coisa para Janie, embora ela suspeitasse que estivéssemos juntos. A curiosidade dela tinha diminuído enquanto se preparava para sua própria contagem regressiva para a Universidade de Illinois — passando mais tempo com seu círculo de amigos que também iriam para lá, em especial com Ty Huggins, seu namoradinho de verão.

De certa maneira, essa separação era natural e esperada. Todos nós estávamos nos preparando para seguir caminhos diferentes e nos organizando mentalmente para um novo capítulo em nossa vida — um capítulo que estávamos esperando, planejando e sonhando por cerca de quatro anos. E em alguns casos como o meu, há muito mais tempo, já que meu pai, que se formou em Michigan, me levou para o meu primeiro jogo de futebol americano em Ann Arbor quando eu tinha

10 anos. Meus amigos e eu estávamos animados e nostálgicos, deprimidos e nervosos. Brigávamos com nossos pais, ficando cada dia mais ressentidos com suas regras e controle, ansiando por independência. Contudo, ao mesmo tempo estávamos apavorados de sair de perto deles. Estávamos felizes uns pelos outros, mas tínhamos a triste sensação que estes anos dourados logo iriam se apagar e desaparecer, como parece acontecer com todos os adultos.

A faculdade iria usurpar estas memórias — e nossas experiências iriam nos transformar, nos levando para um caminho mais adulto em direção à maturidade. Nós é que iríamos decidir quem seríamos e o que iríamos nos tornar. Estávamos nos lançando precipitadamente para algo maior e melhor. Podíamos sentir tudo isso esperando por nós, naquele ar quente e espesso de agosto.

De um modo engraçado, Conrad foi parte desta transição. Muito embora eu soubesse que ele não faria parte de meu futuro, nem também era parte daquele meu passado sem graça, da infância da qual eu queria tão incessantemente me livrar. Nós praticamente não compartilhávamos nenhuma lembrança, não havia nenhuma memória para podermos comentar, a não ser algumas análises detalhadas de nossas interações esporádicas. “O que poderia ter acontecido?” era um jogo que brincávamos às vezes — e se ele tivesse me ligado em vez de simplesmente procurar meu número de telefone? E se Janie não tivesse tido bastante coragem para usar nossas identidades falsas e ir vê-lo tocar no ano anterior, na mesma noite em que ele conheceu a ex-namorada dele. Lá no fundo, eu realmente não acreditava que nós pudéssemos ter sido mais que amigos, já que todas minhas experiências na escola envolviam de certo modo coisas que ele desprezava — jogos de futebol, ser líder de torcida e do grêmio estudantil. Mas tudo isso estava sujeito a negociações agora — e Conrad foi minha primeira. Ele era um símbolo de independência e possibilidades. A fantasia definitiva.

No entanto, houve momentos quando eu deixava minha guarda cair e pensava nele como algo mais importante. Imaginava que talvez nós pudéssemos perseverar e resistir aos meses e anos que viriam a seguir. Realisticamente, eu sabia que isso não iria acontecer, mas uma noite, enquanto comíamos Raisinets num cinema escuro e frio e assistíamos *Braveheart* pela segunda vez, imaginei se as coisas seriam diferentes se ele também estivesse indo para a faculdade.

Qualquer faculdade. Talvez, assim, eu teria considerado um relacionamento a longa distância, como meus amigos Emily e Kevin que estavam indo para Wake Forest e Stanford, mas tinham planos de continuar juntos. Disse a mim mesma que não era tanto pelo fato de eu ficar envergonhada por ter um namorado que não estava indo para a faculdade (embora eu soubesse que em parte era isso sim), era mais uma questão de não compartilharmos as mesmas referências. Nossos mundos seriam ainda mais diferentes do que foram durante o Ensino Fundamental e Médio. Simplesmente não era possível.

Então, lá estávamos nós dois. Paralisados no tempo, vivendo o momento, concentrados apenas nos nossos desejos imediatos. Que é claro incluía o sexo. Muito e muito sexo. “Foder”, ele algumas vezes chamava assim, coisa que eu sempre fingia odiar, mas no fundo achava excitante. “Fazer amor” uma vez ele deixou escapar. “Ou algo parecido” ele rapidamente emendou. Não importa o nome, nós fizemos isso nove vezes mais, totalizando o número dez, e eu realmente me lembro de cada segundo, às vezes até relembrando os detalhes no meu diário.

A segunda vez aconteceu oito dias depois da primeira. Estávamos no meu quarto. Foi no meio da tarde, meu pai estava trabalhando e minha mãe num evento de caridade. Estávamos deitados em diagonal sobre meu edredom listrado, com o sol da tarde infiltrando pela janela. A canção “Satellite” de Dave Matthews não parava de tocar, enquanto eu ajudava Conrad a abrir o preservativo, que, segundo o fabricante, era perfeito para o “prazer dela”. Nossos olhos estavam abertos e nunca deixamos de olhar um para o outro.

A terceira vez foi na casa dele — um pequeno rancho do outro lado da cidade. Conheci o pai dele naquela noite, uma versão de Conrad com cabelos grisalhos, mais corpulento e mais bronzeado. O senhor Knight e eu conversamos brevemente, já que ele estava ocupado com uma amiga. Os dois estavam jogando cartas e bebendo vinho de uma enorme embalagem de papelão, que minha mãe tinha chamado de brega na semana anterior. Depois das apresentações, Conrad abriu duas cervejas que ele pegou da geladeira e me levou pelo corredor. Seu quarto era surpreendentemente bem arrumado (embora eu não devesse ter ficado surpresa, depois de ter visto como ele sabia arrumar uma

cama), o único enfeite da parede era um pôster de Jimi Hendrix. Ele trancou a porta assim que entramos e começou a me beijar com força, parando apenas para tirar as minhas roupas e aumentar o som da música. Eu não conhecia aquela banda, nunca tinha ouvido aquela música, e mais tarde esqueci de perguntar. Depois bebemos nossas cervejas e fumamos um baseado. Meu primeiro.

Eu tive outro "primeiro" durante nossa quarta vez juntos, e eu confessei timidamente.

— Você nunca tinha tido um orgasmo? — ele perguntou me olhando com uma expressão brincalhona. — Nem sozinha?

Apoiei minha cabeça em seu colo e olhei para ele, minhas endorfinas ainda estavam aceleradas. — Não... e finalmente entendi o que todo mundo fala sobre isso. Nossa!

A número cinco veio alguns minutos mais tarde, atingindo o mesmo resultado.

Fomos a uma seção de cinema Super 8 na nossa sexta vez, numa parada não programada, em que não consegui manter minhas mãos longe dele a caminho de uma pizzaria em Evanston. Ele me fez dar risada no meio da coisa — esqueço o que foi — mas naquele momento decidi que gostava dele tanto quanto o desejava. Podia afirmar que ele sentia a mesma coisa, já que conversávamos muito, fazíamos muito carinho e dávamos muitas risadas depois do sexo. Até mesmo chegamos a dormir de conchinha, coisa que Conrad tinha me contado que havia jurado nunca fazer. Enquanto nos vestíamos mais tarde, perto de minha hora de chegar em casa, ele me disse que poderia "realmente ficar acostumado com isso". Disse a ele que era melhor que não acontecesse, mas sorri quando falei isso.

Ele falou bobagens para mim durante nossa sétima vez; eu falei bobagem de volta durante nossa oitava vez. Estava começando a me sentir experiente, como se talvez algum dia eu fosse considerada boa de cama.

Saímos para um encontro certinho antes da nona vez, em um restaurante italiano na cidade. Vesti uma lingerie preta nova para a ocasião, e deixei ele ver meu sutiã rendado durante o jantar. Mais tarde naquela mesma noite, nós dois

cheirávamos a alho quando ele tirou a roupa e fizemos amor no banco de trás do seu Mustang, parado no estacionamento vazio da igreja. O cheiro do alho ainda está presente naquela lembrança. Assim como carros esportivos e ocasionalmente estacionamentos de igreja.

— Olhe pra gente — ele falou aquela noite enquanto eu estava por cima dele, olhando para ver se a polícia estava por perto, pelo vidro de trás do carro dele. — É a primeira vez que eu fico feliz de ser um clichê.

— Um sacrilégio de clichê, para não dizer nada — falei tentando parecer inteligente.

— Sim. Estamos indo... direto... para... o inferno — ele falou a cada movimento de seu corpo, seus olhos fechados, sua cabeça para trás e suas mãos apertando com força meus quadris.

Na décima vez, e aquela que foi nossa última vez, foi a minha favorita. Estávamos numa clareira do bosque — até mesmo o som destas palavras parece romântico — com um piquenique que eu havia preparado. Sanduíches de queijo gouda e presunto com fatias de manga, cookies de chocolate e uma garrafa de vinho Chardonnay. Tudo embalado numa cesta de vime antiga, finalizando com uma toalha xadrez vermelha. Nós andamos bastante para dentro do bosque, com a cesta e o violão dele, parando perto do aterro do Fox River, salpicado pela luz do sol. Ficamos bêbados e pelados — não sei exatamente em qual ordem. Mais tarde ele tocou seu violão para mim, aceitando meus pedidos. Ele tocou “Daughter” do Pearl Jam e “Small Town”, duas das minhas favoritas — e então tocou suas próprias músicas, primeiro com letras sérias, depois com letras engraçadas, e depois as sérias novamente.

Enquanto eu prestava atenção nele, sem camisa, com os músculos se esticando enquanto dedilhava, a palavra A escapou dos meus lábios, mas eu corrigi para “amo o seu corpo”.

— E a minha mente? — ele redarguiu. Estava sorrindo, mas não estava brincando.

— Isso também — repliquei.

— Embora eu não esteja indo para a faculdade?

— Isto não tem nada a ver — eu disse e por um segundo realmente acreditei no que estava falando.

— Eu amo seu corpo e sua mente também — ele falou. — E seus olhos. Seu sorriso. E estas orelhas bonitinhas de Dumbo que ficam pra fora.

Corando, balancei meu cabelo para escondê-las, cobrindo também o alto dos meus seios, embora já não ficasse tímida em mostrar para ele tudo o que quisesse ver. A resposta era sempre sim.

Éramos amantes, mas por incrível que pareça éramos também os mais improváveis melhores amigos. Eu só conseguia pensar nele — e sabia que ele se sentia do mesmo modo. Apesar disso, teimosamente nos recusávamos a dar um nome a isso, nos recusávamos a falar sobre o fim iminente — do verão, do nosso relacionamento. Havia uma ponta de tristeza, porém, na verdade, acho que essa tristeza tornava tudo melhor. Tudo parecia terrivelmente apaixonante e romântico, porque nós não *tínhamos* posto um rótulo nisso, porque ninguém sabia sobre nós, porque tudo iria acabar em breve.

E então, o impensável aconteceu. Ou mais precisamente — *não aconteceu.* Minha menstruação não veio no 29º dia de meu período, que era super-regular. Nem veio no dia seguinte. Ou no outro dia.

— Não é possível — ele ficava dizendo ao telefone. — Usamos preservativos todas as vezes.

— Os preservativos não são 100 por cento seguros — falei lembrando do gráfico na nossa aula de Educação Sexual, indicando que o único “método” infalível era a abstinência.

— Isso é por causa de erro no uso — ele comentou.

— E?

— Eu não *errei*.

Eu não estava convencida e lembrei cuidadosamente de cada detalhe das dez vezes que estivemos juntos. Nós sempre tínhamos sido muito cuidadosos, a não ser naquela primeira vez na casa de Janie, quando ele entrou em mim diversas vezes antes de fazer uma pausa, pegar sua carteira e começar novamente.

— Deve ter acontecido daquela vez — concluí. — Foi a única vez que você não usou o preservativo desde o começo. E a época combina com...

— Você não está grávida — ele falou resoluto.

— Alguma coisa deve ter acontecido, você sabe, vazado — eu disse. — Algumas gotinhas.

Essa foi outra coisa contra a qual nos preveniram durante a aula de Educação Sexual — o fluido pré-ejaculatório, um termo que soava como o funéreo pressentimento que na verdade era.

— Sem chance.

— É maior que zero — falei andando de um lado para o outro, o pânico crescendo no meu peito.

— OK. É maior que zero. Mas menos que 1 por cento. Menos que a metade de 1 por cento.

— Bem, isso quer dizer que acontece com alguém! Alguém tem que estar nessa metade de 1 por cento!

— Sim, mas não com a gente, baby.

— Não diga essa palavra.

— Que palavra?

— *Baby*.

— Tudo bem. Você não está grávida, *querida*.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Eu sou vidente — ele falou numa voz fantasmagórica.

— Isso não é engraçado.

— Desculpe — ele falou e eu senti que ele estava falando sério. — Você quer que eu vá até aí? Eu poderia acalmar você pessoalmente?

— Defina “acalmar” — eu repliquei. — Porque foi desse jeito que nós nos metemos nessa confusão.

— Não estamos numa confusão. E não foi isso o que eu quis dizer. Nós não temos que fazer sexo todas as vezes que nos encontramos.

— Aparentemente é o que acontece — respondi. Soou como uma acusação. As primeiras sementes do arrependimento e ressentimento estavam plantadas, muito embora eu tenha dado início ao sexo muito mais vezes que ele.

— Vem pra cá. Por favor — ele falou gentilmente.

Naquele momento eu desejava desesperadamente estar nos braços dele, mas quando levantei meus braços e senti meus seios, percebi uma leve sensação de desconforto no seio esquerdo. Eu falei: — Não posso. Tenho coisas pra fazer. Você sabe, pra me aprontar para a faculdade. — Minha voz estava fria, de um jeito como eu nunca tinha falado com ele antes.

Ele também percebeu, é claro. — Tudo bem — ele falou. — Entendi.

Na manhã seguinte, um sábado, afastei minhas cobertas, levantei minha camisola e prendi a respiração, rezando antes de olhar minha calcinha. Nada. O absorvente que eu esperançosamente havia colocado a noite passada ainda estava branquinho. Liguei para Conrad chorosa.

— Merda — ele falou. — Estou indo para sua casa. Agora. Preciso ver você.

— Não. Meus pais estão aqui — falei. Ainda não tinha certeza do porquê eu o estava escondendo deles, por que eu continuava a mentir para Janie sobre o que fazia todas as noites. Havia uma explicação óbvia, pelo menos no que se refere aos meus pais: que eles não iriam achar que Conrad era “bom o suficiente” para

mim. Mas até aquele momento, jurei para mim mesma que não era essa a razão, pelo menos não totalmente. Que era muito mais complicado que isso — ou, pelo contrário, bem mais simples: não havia por que divulgar detalhes de uma relação tão temporária. Mas agora, é claro, eu tinha uma nova razão para escondê-lo.

— Eu não me importo se eles estão aí. Vou pegar você e vamos comprar um teste. E então, você vai fazê-lo. OK?... Marian?

— Sim — sussurrei me sentindo um pouquinho melhor. Pelo menos naquele instante eu não tinha que tomar nenhuma decisão. Só tinha que seguir as instruções.

— Então fique pronta em dez minutos — ele falou. — Estou falando sério.

Como ele havia prometido fazer, dez minutos depois ele estava na minha cozinha, usando uma camiseta desbotada dos Rolling Stones, uma calça Levis e chinelos Adidas, apertando pela primeira vez a mão de meu pai. Teria sido melhor se ele estivesse usando uma camisa com colarinho, pensei comigo mesma, quando minha mãe retirou seus óculos de leitura e colocou o jornal que estava lendo ao lado de uma travessa de fatias finíssimas de abacaxi, cobertas por uma geleia de framboesa e uma colherada de iogurte.

— Então, de onde vocês se conhecem? — minha mãe perguntou com a cabeça inclinada para o lado, como ela faz todas as vezes que conhece alguém novo, tentando determinar a posição desta pessoa em seu mundo. Ou neste caso, que não faz parte de seu mundo.

— Da escola — falei, prendendo o meu cabelo num rabo de cavalo, incapaz de olhar direto nos olhos dos meus pais, a quem eu amo e respeito. Eu nunca tinha mentido para eles em algo importante antes de Conrad.

Eles acenaram com a cabeça, sorriram, e fizeram mais algumas perguntas, até que a pergunta inevitável veio de meu pai, o aluno de Michigan, com o título de advogado da Universidade de Yale. — Então, Conrad, pra onde você vai o ano que vem?

Conrad cruzou os braços, descruzou, se apoiou no balcão da cozinha como se fosse se equilibrar. Então, pigarreou e falou: — Ainda não tenho certeza.

Pensei nas palavras dele no álbum da escola — *esqueçam de mim* — e daquela noite no quintal da Janie. Parecia que tudo havia acontecido há um século. Talvez tenha sido mesmo.

Conrad olhou para baixo em direção a seus pés enquanto meu pai criava uma resposta e chegava sozinho a uma conclusão. — Ahh. Um ano de folga? Para se descobrir?

— Algo parecido. Sim, senhor — Conrad falou e seus olhos buscaram os meus pedindo ajuda.

— Bem — falei. — Vamos sair um pouco.

— Ah. Pra onde vocês estão indo? — minha mãe perguntou tentando parecer despreocupada, mas eu sabia que ela estava morrendo de curiosidade. Provavelmente planejava descobrir alguma coisa no telefone com suas amigas.

— Green to Tee — falei me arrependendo da minha escolha de mentiras assim que vi o rosto do meu pai se animar.

— Ah! Você joga golfe? — meu pai perguntou a Conrad. — Deveríamos jogar algumas vezes. Qual é o seu handicap?

Conrad olhou para ele sem saber o que responder; era como perguntar a meu pai qual era sua música favorita dos The Smashing Pumpkins.

— Deixe eles irem, querido — minha mãe falou, parecendo momentaneamente satisfeita que, pelo menos, Conrad jogava golfe. Talvez a família dele até mesmo pertencesse ao Skokie Country Club, de que nós éramos sócios há anos. Ela iria descobrir logo, logo.

Conrad e eu atravessamos de carro a cidade em silêncio, até uma loja da Jewel-Osco perto da casa dele. Estacionamos perto da farmácia na ponta do

enorme estacionamento já lotado de consumidores, a maioria jovens mães tentando equilibrar sacolas de compras, carrinhos e crianças pequenas.

— Volto num instante — Conrad falou deixando o rádio e o ar-condicionado ligados.

Aliviada por eu mesma não ter que comprar o teste, me afundei no banco, trocando as estações de rádio e imaginando qual a última música que eu iria escutar antes da confirmação das más notícias. TLC estava cantando "Waterfalls" quando ele voltou com uma sacola plástica e uma expressão sombria. Desliguei o rádio quando ele entrou no carro e me entregou uma sacola contendo um pacote enorme de chiclete Juicy Fruit, uma garrafa de Dr Pepper e uma revista *Rolling Stone* com a Courtney Love na capa. Peguei a revista da sacola lendo silenciosamente as manchetes: "Ao vivo do Lollapalooza"; "Hole é uma banda; Courtney Love é uma Novela"; e "Como se manter fresco neste verão". Folheando as páginas, fiz o possível para ignorar o último item da sacola.

— Você gosta dela? — falei, apontando Courtney.

— Gosto da música dela. E eu acho que ela é interessante; aquela coisa da imagem da diva-vadia e um feminismo subversivo. E a sua música é verdadeira. *Live Through This* é para sempre. Quero dizer, "Doll Parts"? "Violet"? É um material realmente brilhante. Mas ela é uma bagunça — Conrad falou saindo do estacionamento. — Sinto pena dela...

— Porque ela é mãe solteira? — perguntei estranhamente concentrada.

— Porque o homem que ela amava se matou...

Acenei com a cabeça, olhei para fora de minha janela enquanto ele acelerava pela pista principal em direção à sua casa. A certa altura, Conrad colocou sua mão no meu joelho e a deixou lá, mesmo enquanto ele fazia curvas fechadas pelo seu bairro, tirando-a dali apenas para mudar as marchas quando necessário. Quando parou em frente à sua casa, ele segurou meu queixo e me fez olhar em seus olhos.

— Vai dar tudo certo — ele falou. — Estou do seu lado.

Fiz que sim com a cabeça, mal o ouvindo e perguntei: — Seu pai está em casa?

— Não. Está tudo bem.

Ele abriu a porta e saiu do carro, e quando eu não me movi ele correu até o lado do passageiro, abriu a porta e pegou meu braço.

— Pode vir agora.

Quando entramos em sua casa, ele me entregou a caixinha cor-de-rosa e me apontou para o banheiro.

— Vai. Agora. Apenas faça — ele falou.

— Mas eu não estou com vontade de fazer xixi.

Ele soltou a respiração pacientemente, pegou a sacola de novo, retirou sua garrafinha de Dr Pepper, abriu-a e entregou para mim. Tomei alguns goles e a devolvi para ele.

— Ainda não estou com vontade — choraminguei.

— Venha aqui — ele falou me levando até o sofá. Me fez sentar, me abraçou e me beijou na testa.

Mordi meus lábios e meu corpo todo estava enjoado, com uma sensação horrível. — Não sei por que estou fazendo este teste. Eu já sei que estou grávida.

— Você não sabe — ele falou.

— Estou quatro dias atrasada. Meus peitos estão doloridos e estou com vontade de vomitar.

— Você está enjoada porque está com medo. Seus peitos estão doendo porque sua menstruação está para chegar. E você não acha que o seu ciclo pode estar desregulado porque você está toda preocupada?

— Meu ciclo está desregulado porque *estou grávida* — falei roendo as unhas, um hábito que eu havia largado no começo do Ensino Fundamental.

— Olhe — ele falou. — Você vai fazer o teste e uma das duas coisas vai

acontecer.

Fiquei olhando para ele, esperando.

— Ou vai dar negativo. E você vai ficar aliviada e vamos poder celebrar... — Ele sorriu e então se curvou para beijar meu pescoço, demorando um pouquinho mais quando chegou perto da minha orelha.

Eu o afastei e perguntei: — Ou?

— Ou você está grávida — ele afirmou. — O que vai ser terrível. Mas vamos ter que lidar com isso.

— De que jeito?

— Como você quer lidar com isso? — ele perguntou. — Eu vou fazer o que você quiser que eu faça.

— Eu não posso ter um bebê. Estou indo para a faculdade.

— Tudo bem — ele disse. — Então, vamos achar uma clínica fora da cidade, numa outra cidade ou em Indianápolis. Algum lugar onde ninguém vai nos conhecer. E... e eu tenho bastante dinheiro que economizei trabalhando, então, não tem problema quanto a isso... E vou ficar ao seu lado o tempo todo, segurando sua mão. — Ele me abraçou e completou: — E vou te trazer de volta pra cá. Pra minha cama. E vou te dar canja de galinha e cantar pra você.

Olhando fixo para a parede, eu o ouvi dizer meu nome duas vezes, então três vezes. Finalmente olhei para ele.

— Eu faço qualquer coisa por você, Marian. Você sabe disso, não sabe?

— Sim — falei, apesar de não ter muita certeza.

— *Qualquer coisa* — ele falou novamente enquanto eu estava ali parada com a caixinha cor-de-rosa na mão, e fui em direção ao banheiro, tomada pelo pavor.

Assim que fiquei sozinha, sentei no assento da privada fechado, e li cada palavra escrita na caixa duas vezes, incluindo a expressão “precisão insuperável”. Então, segui as instruções o melhor que pude, imaginando como eu consegui pensar que o SAT era o teste mais importante da minha vida. Rezei o

tempo todo com muita força, como eu jamais havia rezado, especialmente durante aqueles três minutos torturantes e brutais de espera. Meus olhos se movimentando rapidamente entre a tira do exame e o ponteiro de minutos do meu relógio. *Por favor, meu Deus, não deixe uma linha cor-de-rosa aparecer* fiquei repetindo vezes e vezes sem parar.

Mas ela apareceu. Tão lentamente no começo que eu quase me convenci de que era uma ilusão de ótica. Então, foi ficando mais brilhante e mais clara, até que finalmente estava mais escura que a linha de controle, chegou até a criar uma auréola rosa em volta. Tive minha resposta; não havia mais nada a esperar nem reza que pudesse ser feita.

Olhando meu reflexo no espelho, sabia que não importa o que eu fizesse dali em diante, nunca mais seria a mesma. Nunca as coisas seriam iguais novamente. Coloquei a vareta do exame de volta na minha bolsa e abri a porta para enfrentar Conrad e o resto da minha vida.

— E então? — ele indagou, sua pele e seus lábios estavam sem cor.

Naquele instante, alguma coisa aconteceu dentro de mim que nunca vou entender completamente. Talvez fosse a negação. Talvez o estivesse protegendo. Talvez estivesse começando o doloroso processo de me afastar dele. Não importa o motivo, forcei um sorriso pequeno e falei: — Adivinhe só?

— O quê? — ele indagou.

— Alarme falso.

Parece que Conrad deixou escapar todo o ar que estava contido em seu peito quando caiu de joelhos no chão, com as mãos juntas. Então, ele se levantou, deu um grito de cowboy e girou no ar como se estivesse numa arena. Ele continuou levantando as mãos e batendo na minha palma com tanta força que doeu, e deu um tapa bem forte no meu traseiro. — Falei pra você, garota! — ele gritou. — Cara! Bem que eu falei!

— Você estava certo — falei enquanto ele me abraçava.

Então nos separamos e ele me olhou bem fundo nos olhos, enquanto dizia aquelas palavras pela primeira vez, de um jeito claro e inconfundível como

aquela linha cor-de-rosa.

— Amo você, Marian.

Abri minha boca, mas ele me impediu colocando seu dedo nos meus lábios.

— Shhhhh. Não diga nada. Eu só queria dizer isso. Não importa se as notícias fossem boas ou ruins. Eu *realmente* amo você.

7

Kirby

Na manhã seguinte, resolvo ceder e ligo para meus pais. É um pouco antes das 7 horas no horário central, e como eles são as pessoas mais previsíveis do planeta, consigo imaginar exatamente o que eles estão fazendo. Sei que minha mãe está sentada em frente a sua penteadeira, se aprontando para a missa da manhã, e meu pai está mexendo na cozinha, ouvindo o programa *The McGraw Show* na rádio AM. No terceiro toque eles atendem ao telefone juntos, um alô fazendo eco para o outro. Por um breve momento, escuto as gargalhadas alegres de McGraw ao fundo, e quase consigo sentir o cheiro da salsicha que meu pai está assando na grelha, e fico tomada por uma saudade inexplicável. Mas o sentimento vai embora quase instantaneamente, substituído por uma camada de animosidade. De repente estou ansiosa para contar a eles onde estou.

— Turbo Kirbo! — meu pai grita. Sua voz está tranquila, provavelmente porque eu não estou por perto. — Como está o estado Yellowhammer?

Minha mãe se intrometeu na conversa com a primeira acusação. — Por que você não retornou nossas ligações?

— Eu mandei e-mail e mensagens para vocês — falei, revirando os olhos.

— Bem, você deveria ter ligado também — ela admoestou.

— Desculpem — falei, satisfeita por não estar aparentando nenhum arrependimento.

— Você está se divertindo? — meu pai pergunta. — Vi que estava 26 graus ontem em Mobile.

— Ah, é mesmo? — respondo. *E cerca de 15 graus em Nova York.*

— Você está lembrando de passar filtro solar? — minha mãe pergunta. — E reaplicar depois de algumas horas? Você é tão clara, meu bem. Você não quer se queimar.

Lembro da pele de Marian, agora sabendo para quem eu puxei, e portanto odiando um pouquinho menos essa característica. Fica tão bem nela — então talvez também vá ficar bem em mim algum dia. Imaginando o que está por vir, caminho até a janela e abro as persianas um pouquinho, só o suficiente para ter uma visão da rua lá embaixo, já bem movimentada com as atividades da manhã, com o trânsito, as pessoas — que não poderia ser mais diferente do que a minha rua tranquila.

— Como está Charlotte? — pergunto. É um sinal vermelho, nunca pergunto pela minha irmã, e de repente meu pai fica desconfiado.

— Ela está bem. Está dormindo. O que está acontecendo, Kirbs?

Eu me viro e atravesso o quarto, sento na cama e saboreio o que está para acontecer. — Humm, gente. Na verdade, eu não estou em Mobile com a Belinda e a mãe dela — digo escutando satisfeita o som de um silêncio petrificado.

— Onde você está? — eles finalmente perguntam ao mesmo tempo.

— Nova York — digo apontando o dedo do meio em direção ao telefone. Se isso não for vingança, então, não sei o que é.

— Nova York! — minha mãe grita como se eu tivesse contado que estava na linha de frente do Afeganistão.

— O que você está fazendo em Nova York? — meu pai questiona tentando controlar a histeria dela.

— A Belinda está com você? — minha mãe questiona. — E a mãe dela?

— Não. Estou sozinha... bem... não exatamente sozinha... estou no apartamento da minha mãe biológica — digo fechando os olhos e imaginando como é possível a gente se retrair e regozijar ao mesmo tempo.

— Que história é essa? — A voz de minha mãe vai sumindo e eu posso vê-la olhando no espelho da penteadeira, seu cabelo ainda enrolado nos enormes rolos cor-de-rosa e nos médios cor púrpura, que ela sempre retira um pouco antes de sair de casa, às vezes esperando até estarmos dentro do carro, para minha desaprovação e da minha irmã.

— Por quê?

— Por que o quê? — respondo bruscamente pensando que esta foi a pergunta mais idiota que alguém já fez.

— Por que você está... aí? — Ela quer saber.

— O que você acha, mamãe?

— Meu bem — papai fala, embora eu não tenha certeza se ele está falando comigo ou com minha mãe. E então: —, nós entendemos por que você foi. Porque você queria conhecê-la. Mas você deveria ter contado para a gente. Nós poderíamos ter te ajudado.

— Não precisei da sua ajuda — digo. O que é obviamente uma verdade.

— Eu entendo. Mas nós gostaríamos... de pelo menos... *ter ajudado* você.

— Sim, *entendo* — eu balbucio.

Posso ouvir a respiração da minha mãe e aposto meu iPod que ela começou a chorar.

— Como você chegou aí? — papai pergunta.

— Peguei o Greyhound — digo pensando na letra daquela canção clássica "America", do Simon e Garfunkel sobre um casal tomando o Greyhound em Pittsburgh; meu verso favorito — que parece bem apropriado agora: *estou vazia por dentro e dolorida e eu nem sei por quê.*

— Bem — minha mãe fala com a voz entrecortada, exatamente como eu havia previsto. — Você gosta dela? Ou... não?

Ai está, penso eu. O que esta jornada representa para minha mãe.

Não minha necessidade de compreender quem eu sou e minhas origens, mas bem ao contrário, a *sua* necessidade de ser aquela que me salvou de uma mulher egoísta. O tipo de mulher que entrega seu bebê para adoção.

— Ela é incrível — afirmo, não consigo me controlar.

— Bem, isto é... maravilhoso — ela fala fungando. — Estou feliz por saber

disso.

— Tem certeza que você ficou feliz ao saber disso? — pergunto. — Ou você iria preferir que ela fosse horrível?

— Kirby! — meu pai me adverte. — Isto não é justo.

— Desculpe — repito me aperfeiçoando na arte de não aparentar estar nem um pingo arrependida.

— Quando vai voltar para a casa? — minha mãe indaga.

Digo para eles que ainda não sei, talvez em um ou dois dias.

— Você tem aula na quarta-feira — minha mãe avisa.

— Eu sei.

— Então, você vai estar em casa amanhã à noite? — meu pai pergunta e eu percebo com satisfação que é uma pergunta, não uma exigência. Eles não podem me *fazer* voltar para casa e sabem disso.

— Sim — respondo. — Mas agora eu tenho que ir.

— Aonde você vai? — minha mãe quer saber.

— Ela me convidou para ir com ela ao seu trabalho hoje — explico. — Ela é uma produtora de televisão famosa.

— De que programa? — minha mãe pergunta desconfiada.

— Você não conhece — eu digo, já que seus programas se limitam a novelas, séries criminais, e, ironicamente, reality shows que levantam o astral.

— Podemos conversar com ela? — meu pai pergunta.

— Não — retruco. — Ela está no chuveiro.

— E quando ela sair?

— Duvido — respondo. — Ela é realmente muito, muito ocupada. De qualquer modo, eu tenho que ir.

— Tudo bem, querida, divirta-se — papai acrescenta. — Tome cuidado.

Mantenha seu bom senso aí nesta cidade grande.

— Certo — respondo pensando por que me sinto um pouco culpada. — Vou tomar cuidado.

— Nós amamos você — minha mãe declara, mas eu já estou desligando o telefone, imaginando a cena na minha casa, sabendo que vão haver mais lágrimas seguidas por orações melodramáticas na missa da manhã. Pelo meu retorno sã e salva. Pela minha alma confusa. Para que eu esqueça tudo sobre essa mulher que de forma egoísta me abandonou.

8

Marian

— Então, liguei para meus pais esta manhã — Kirby comenta enquanto estamos no metrô a caminho do meu escritório. Estou levando-a para o trabalho comigo porque, em parte, eu não sei o que fazer com ela, e em parte porque não posso tirar o dia de folga.

— Você disse a eles onde estava? — pergunto enquanto o trem dá uma brecada forte na estação da Seventy-seventh Street, mais corpos nos empurrando enquanto tento me segurar no meu pequeno espaço, mantendo os ombros retos e os pés firmes no chão. O ar é espesso e úmido, como de costume dentro do metrô num dia de chuva, não importa qual a estação do ano.

Kirby acena com a cabeça, seus brincos de pingentes dourados balançando ao longo de seu pescoço. Ela prendeu o cabelo para trás num coque e está usando maquiagem. Aplicou o delineador preto um pouco demais. Juntamente com o meu trench coat, que insisti para que ela usasse, Kirby poderia passar tranquilamente como uma estagiária do escritório — o que honestamente espero que as pessoas pensem que ela é.

— E? O que eles disseram? — Tento descobrir. A realidade da nossa situação surgindo em minha cabeça de hora em hora, às vezes de minuto a minuto, desde que ela bateu na minha porta. Ela é minha *filha*. Isso ainda é bem difícil de acreditar.

Kirby perde o equilíbrio quando o trem dá uma guinada para frente e ela demora alguns segundos para reequilibrar sua figura tão frágil e sem prática.

— O papai estava bem calmo, mas a mamãe ficou chateada.

Eu pergunto por que, esperando que isso tenha a ver com a mentira que ela contou para eles, e não a ver comigo, mas posso perceber pelo olhar que ela me lança que sou culpada pela reação de sua mãe.

— Acho que ela tem um pouco de ciúmes de você — Kirby fala, espiando atrás de mim para um sujeito de aparência normal pregando sobre Jesus e o veganismo, sem uma ordem específica.

— Precisamos acrescentar um novo mandamento — digo para diminuir o impacto da frase sobre a mãe dela. — Não fará proselitismo dentro do metrô, pelo menos não nas manhãs chuvosas de segunda-feira.

Kirby sorri, observando o homem com o canto dos olhos, fascinada, enquanto ele dá explicações detalhadas sobre beber suco de ameixa em antecipação à iminente Segunda Chegada do Senhor.

— Sua mãe não tem motivos para ter ciúmes — digo, querendo deixar bem claro meu respeito e gratidão pela mulher que a criou e também para deixar Kirby à vontade.

Ela parece pensativa enquanto nosso pregador grita:

— Deixe eu ouvir vocês gritarem em *looooouvor a Jesus!*

Ninguém louva junto, então ele grita um grande “louvor a Jesus” para ele mesmo colocar seu chamado em ação.

— Não sei. Talvez não seja ciúmes... talvez ela se sinta “ameaçada”, para ser mais exata — Kirby explica.

Me sinto encolher por dentro e digo: — Acho que a coisa toda provavelmente a pegou de surpresa. Talvez se você tivesse falado com ela antes, ela concordaria com você...

Kirby balança a cabeça se agarrando com força à barra.

— Não, ela ficaria chateada de qualquer jeito. Acho que ela enxerga minha vinda aqui como um ato de deslealdade.

— Mas ela é sua *mãe* — afirmo. — Eu sou apenas... uma mulher em Nova York.

A falta de sensibilidade de meu comentário não ficou clara para mim até eu notar a expressão magoada de Kirby. Relembro minhas palavras percebendo que

elas soaram como uma negação, ao contrário do que tentei demonstrar, humildade e respeito com a mãe dela.

— Quero dizer, obviamente é muito mais que isso — digo tentando voltar atrás nas minhas palavras. — Carreguei você por quarenta semanas... bem, foram 39. Você chegou uma semana adiantada. Graças a Deus por isso. — Sorrio.

Ela me sorri de volta e diz que deve ter sido a primeira e única vez na vida que ela chegou adiantada a algum lugar.

Segundos depois, chegamos à nossa parada da Fifty-first Street. — É nossa vez — digo conduzindo-a pelos corredores, pelas escadarias, através da estação do metrô até chegar na Lexington Avenue, onde nos desviamos do tráfego, dos transeuntes e das poças de água que ocupam calçadas e cruzamentos. Ao passarmos pelas portas de vidro giratórias de meu prédio, nossos cabelos estão despenteados pelo vento e úmidos, apesar das nossas enormes sombrinhas pretas, que ambas sacudimos e fechamos ao mesmo tempo. Prendo a respiração e murmuro que estou morrendo de vontade de tomar um café, e pergunto se ela quer alguma coisa da Starbucks. — Um chocolate quente?

Ela me dá um olhar seco. — Tenho 18 anos, não 10.

— Tudo bem — digo com uma risada nervosa, justamente quando percebo que Peter está na fila do café, checando seu BlackBerry. Tenho um sobressalto nervoso, por razões que não sei bem explicar, enquanto caminho na direção dele, com Kirby me acompanhando alguns passos atrás. Quando ele olha de relance na nossa direção, eu aceno com a mão.

— Champ — ele fala me dando aquele sorriso duro, o que apenas aumenta meu desconforto. Então, ele se vira para Kirby e fala oi. — Um passeio pela rede de TV? — ele pergunta a ela.

Ela faz que sim com a cabeça, parecendo afobada.

Eu a socorro com a resposta. — Sim, Kirby vai ajudar a gente um pouquinho. É sempre bom uma ajuda extra na sala dos escritores.

— Claro que sim — ele responde e lhe dá aquele seu sorriso deslumbrante,

que costuma usar antes das reuniões e que lhe rendeu a reputação de escorregadio, até mesmo de cruel para aqueles que ousaram cruzar seu caminho. — Como juiz e para separar brigas? Boa sorte com isso.

— São debates saudáveis, não brigas — retruco enquanto migro para o fim da fila, no meio de alguns fregueses meio sonolentos.

— Por acaso a Marian lhe contou sobre a regra que existe quando você entra naquela sala sagrada pela primeira vez? — Peter pergunta para Kirby por cima do ombro.

Ela sacode a cabeça, enquanto respondo: — Não é uma regra; é uma tradição.

— É uma *regra* — Peter afirma.

— Que regra? — Kirby pergunta.

— Na primeira vez que alguém entra na sala dos escritores, a pessoa tem que pagar uma prenda — ele explica revirando os olhos. — Ou eles não podem ir embora da sala. Alguém fica tomando conta da porta.

Kirby imediatamente fica tensa, parece que ela vai vomitar ou sair correndo. — Pagar como?

Me sinto protetora em relação a ela, mas ao mesmo tempo sei que será praticamente impossível protegê-la deste costume tão arraigado, que eu mesma criei, diga-se de passagem.

— Ah, qualquer coisa que você tenha vontade. Você pode contar uma piada. Falar latim. Fazer malabares. Falar de cor todas as capitais do país. Tocar seu nariz com a ponta da língua. Uma vez um escritor fez uma posição de ioga que foi bizarra e bem vulgar, já que ele teve que tirar a roupa e ficar de cuecas para ter mais flexibilidade... vale tudo, mas você tem que fazer alguma coisa... nós fizemos até mesmo o CEO da empresa fazer uma performance quando ele ousou entrar em nosso território.

Peter deu uma risadinha. — Eu não estava preparado. Desde a faculdade que eu não sofria um trote.

— Não é um trote — insisto. — É apenas um ritual de passagem.

— O que você fez? — Kirby pergunta para ele, e eu percebo no rosto dela que ela está juntando as peças do quebra-cabeças. *Peter* é o CEO. O grande figurão. *Meu* chefe.

— Eu cantei a música das preposições — ele contou — ao som do Yankee Doodle Dandy.

Kirby sorri, assim como duas mulheres que estão na fila à minha frente e que provavelmente o reconheceram.

— Então é melhor inventar alguma coisa nos próximos cinco minutos. Sem pressão nem nada — Peter explica.

Então, depois de ouvir o barista chamar seu nome, ele se vira, pega sua bebida no balcão, segura sua maleta com a outra mão e nos deseja um bom dia.

— Pra você também — digo como se não fôssemos mais que colegas batendo um papo na fila do café.

— Não sei o que fazer — Kirby fala parecendo estar nervosa na subida do elevador, segurando seu suco de laranja e um bagel. Ela enfiou os dois na bolsa e eu percebo que as suas tiras estão desgastadas. Talvez eu possa comprar uma nova para sua formatura na escola, talvez uma Chanel clássica, embora ache que sua mãe não vá gostar da ideia. Talvez uma bolsa Coach seja melhor. Acho que já fui longe demais com as roupas que comprei para ela.

— Qual sua matéria favorita na escola? — pergunto tentando ter alguma ideia para lhe ajudar.

Ela me olha sem entender.

— Humm. Você sabe assobiar?

Ela nega com a cabeça.

— Você canta alguma coisa?

Ela acena modestamente com a cabeça e eu imagino que deve ter uma linda

voz. Lembro de Conrad e meu coração dispara com a lembrança.

— Então cante alguma coisa — comento. — Cantarole alguns versos do hino nacional ou sua música favorita. Não importa. Confie em mim, isso não é uma coisa muito importante, não se estresse com isso.

Ela concorda com os olhos arregalados, olhando para todos os lados enquanto saímos do elevador e caminhamos pelo corredor movimentado pelas atividades de uma segunda de manhã. Quando chegamos ao meu pequeno escritório de canto, digo a Kirby para se sentar em uma das cadeiras de couro do lado oposto da minha mesa enquanto me organizo, ligando o computador, revisando algumas mensagens de minha assistente e verificando meus e-mails e mensagens de voz.

— Vai ser um longo dia — digo mais para mim mesma que para ela.

Ela acena com seriedade. — Me avise se eu puder ajudar em alguma coisa. Sou boa em arquivar e fazer essas coisas — ela explica.

Olho para Kirby imaginando se ela tem alguma ambição verdadeira — e se existe alguma coisa que eu possa fazer para colocá-la no caminho certo. Ou pelo menos conseguir que ela vá para a faculdade, de modo que possa fazer algo mais que simplesmente arquivar papel.

— Bem, exatamente agora estamos nos preparando para a pré-produção e arrumando tudo para os próximos episódios — eu digo. — No ano passado o programa era exibido às quintas-feiras, mas ainda precisamos saber com quem vamos competir.

— Então, vocês ainda não estão filmando e ensaiando? — ela pergunta parecendo desapontada.

Balanço minha cabeça. — Não. Só estamos repassando as tramas da história, fazendo esboços e resumos de roteiros para que o estúdio e a direção da rede de TV possam avaliar. Depois é que vem a questão de escolher os atores, gerenciar o elenco e a equipe. Aprovar as plantas dos novos cenários, lidar com os departamentos de iluminação e de câmeras, de cabelo e maquiagem, com contrarregras e eletricistas, além do som. Além de ficar monitorando o programa para ver como ele está sendo negociado pela rede.

— Uau! — ela exclama. — É muita coisa.

— Sim. Pode-se dizer que sim — digo pegando alguns lápis bem apontados, um caderninho espiral e meu iPad da minha mesa. — Mas vale a pena quando a gente vê o programa entrar no ar... Está pronta?

Ela acena que sim. Eu me levanto e a levo pelo corredor até a sala de reuniões comprida e sem janelas, conhecida como a sala dos escritores ou, algumas vezes, de câmara de tortura. Lá dentro fica nosso time principal de seis escritores (mais alguns irão se juntar ao grupo no mês que vem, quando começarmos a filmar os episódios), batendo papo sobre seus fins de semana, notícias de jornal, possíveis ideias para histórias. Nós já fizemos o esboço para os três primeiros episódios, e já fiz o roteiro para os primeiros dois episódios, então só temos que terminar o que ficou para trás na semana passada, debater mais enredos e trabalhar no delineamento de vários personagens.

— Ei, gente! Desculpe por estar atrasada — digo enquanto metade da sala fica quieta e olha Kirby de cima a baixo, enquanto os outros continuam sua conversa irreverente e sardônica.

— Muito bem, todo mundo. Esta é Kirby — digo enquanto ela fica paralisada no umbral da porta. — Ela veio de St. Louis e vai me ajudar hoje.

Olho em volta da sala esperando que todos esqueçam de minha regra, contudo, imediatamente, Kate McQuillan, que acabou de se formar na escola de cinema e ainda não tem muita experiência, e aparentemente nenhuma experiência na dança do Hula-Hula, sua performance escolhida, ordena: — O que ela vai fazer para nós hoje?

— Acho que nós podíamos deixar isso de lado por hoje — digo, enquanto olho de relance para Kirby, que está visivelmente pálida e assustada.

— Que nada, de modo algum — fala Alexandre José, meu cara do humor masculino. Alexandre começou fazendo improvisações. Chegou na televisão depois de uma longa temporada fazendo o espetáculo Boom Chicago em Amsterdã, e embora tenha menos tempo de casa que os outros escritores, eu o considero meu co-piloto no programa. Também conto com ele para abrandar

egos feridos e manter o espírito leve quando alguma briga surge, característica inestimável em qualquer sala de escritores. Ele encara Kirby e me diz: — Eu não fiz meu número de sapateado a troco de nada. Vamos ver o que ela tem para mostrar.

Kirby me dá uma olhada e eu levanto as mãos derrotada, reconhecendo que não vou conseguir que Alexandre mude de ideia. *Sinto muito garota. É hora do show.*

Depois de dolorosos trinta segundos, Kirby dá alguns passos para o meio da sala e fala: — Hum. Eu vou cantar.

— Ótimo! Uma vocalista! — diz Emily Grace Fuller, uma jovem escritora sulista com um histórico de debutante e garota da sociedade. Você nunca perceberia isso ao olhar para ela, mas ela trabalha duro. Não tem nada frágil nela, e ela já criou algumas das falas mais inteligentes do programa. Ela é especialmente um arraso com Elsa, nossa personagem ingênua que se mudou do Mississippi para a Filadélfia atrás do namorado, um estudante de Direito em Temple.

— Já estava na hora de aparecer alguém assim — Emily Grace diz olhando de relance para uma das escritoras mais jovens, que cantou a música tema da *Família Dó Ré Mi* quando entrou pela primeira vez nesta sala.

Sento no meu lugar habitual na ponta da mesa, enquanto Kirby dá alguns passos hesitantes para a frente, indo para o lado oposto. Então ela faz um barulho raspando a garganta e começa a cantar um rap desconcertante, acompanhado por um perfeito tamborilar de dedos na mesa, usando ambas as mãos. Sua voz é baixa, mas bonita, seu ritmo incrivelmente afinado, as duas mãos trabalhando batidas diferentes. — *Eu faço um hip-hop pra você curtir. Eu canto e danço o hip hip hop pra valer, hippie, hippie, hippie, e se você não quiser fazer o hip hop e parar, vou balançar e sacudir ao som do boogie boogie dance, ao ritmo do boogie dance...*

Para o encanto de todos na sala, ela continua por mais alguns versos, não errando nenhuma batida ou sílaba. A batucada se tornando mais rápida e mais complexa até chegar ao final e cumprimentar a todos com uma graciosa

curvatura. É uma das performances mais simples que eu já vi em muito tempo, e, ainda assim, uma das melhores. Sorrio com alívio e satisfação quando Jeanelle Chambers, uma escritora irada do Queens, começa a aplaudir e diz: — Caramba! Isso mesmo, branquinha.

— Obrigada — Kirby balbucia, ainda de pé, mas agora olhando para baixo.

— Você não é muito jovem para conhecer a *Sugarhill Gang*? — Alexandre questiona. — Até mesmo a versão do *Def Squad* já existia antes mesmo de você nascer?

— O *Rapper's Delight* é um clássico — Kirby fala olhando para baixo. — O avô do hip hop.

Alexandre sacode a cabeça impressionado e intrigado.

— Acertou em cheio.

Sinto-me cheia de orgulho, imaginando como devem se sentir um pai ou mãe verdadeiros quando seu filho supera um obstáculo ou conquista algo grande, enquanto aponto uma cadeira vazia ao meu lado. Ela se mexe e senta, sem me olhar e nem sorrir, e eu percebo que suas mãos estão tremendo, sua respiração está entrecortada.

Ela é apenas uma menininha, eu penso. *Eu tinha a idade dela quando ela nasceu.* Por um momento perco o controle do meu raciocínio, a presença de Conrad se materializando novamente. Faço um esforço para tirá-lo de minha cabeça. De novo.

— OK — digo com o rosto inexpressivo, enquanto aponto o quadro branco de histórias na parede coberto com um diagrama de ideias, personagens e tramas. — Só temos duas horas para esta reunião de atualizações, então vamos fazer valer. Vamos continuar com Damien e Carrie. Desculpe. Roger e Evvie — digo, mudando para o nome dos personagens. — Final do nosso primeiro episódio: Roger finalmente confessou seus sentimentos para Evvie.

— Fiquei sabendo que ele fez isso na vida real também — Jeanelle fala, a única escritora da equipe que tem algum entrosamento com o elenco. Ela toma um gole de seu café, olhando por sobre a xícara para ver a reação do grupo.

— Tá brincando? — Alexandre fala desenhando um grande “Roger + Evvie” no quadro com um marcador vermelho. — Pensei que Damien estivesse transando com a Ângela...

— Ele *estava* — Jeanelle explica. — Não está mais.

Olho de relance para Kirby, seus olhos enormes, adorando cada segundo daquilo. E para satisfazê-la, permito que a equipe perca alguns minutos fazendo fofocas, especialmente tentando adivinhar como Ângela vai ficar furiosa quando descobrir.

— Conte pra eles o que mais você ouviu — Emily Grace fala para Jeanelle rindo.

— Ah, isso mesmo. Fiquei sabendo que ele é bem dotado.

Alexandre balança a cabeça e imita um trejeito homossexual.

— Sabe o que mais? Isso está me deixando desconfortável — ele fala sorrindo para a equipe amplamente feminina. — Acho que eu vou processar o produtor do programa e a rede de TV por acobertarem um ambiente de trabalho constrangedor.

— E isso me ofende — falou Benjie Carr, o único outro homem na sala, que na verdade é gay. Ele está brincando, é claro, já que nada ofende Benjie. Ele, então, aponta uma caixa de docinhos na mesa e diz para Alexandre: — Está vendo aquilo? Não me deixe chegar perto deles. Estou fazendo uma limpeza no meu organismo.

— Tudo bem, tudo bem — digo olhando para o meu relógio. — Vamos lá. Desliguem seus telefones. Sem internet. Vamos lá! Ideias, gente!

Alexandre continua seu trabalho como redator quando o debate recomeça, os olhos de Kirby passando pela sala toda, prestando atenção em tudo. Normalmente existe um mínimo de conflito — a não ser uma discussão eterna sobre um personagem chamado Max, um aluno engravatado da Universidade de Penn, que passa bastante tempo no bar bebendo Jameson, criticando as seleções musicais que o pessoal faz na jukebox, amolando todo mundo enquanto deixava

de cumprir seu papel principal, que é o de conquistar nossa garota do Mississippi.

— Ele está aparecendo demais. Ele é um Wesley completo — Jeanelle fala se referindo ao odiado Wesley Crusher de *Star Trek: The Next Generation.* Em outras palavras, os fãs o detestam. — E nós, os escritores, não percebemos que o público o odeia. Na verdade, eles o odeiam pelo simples fato de que estamos tentando *fazer* com que eles gostem do personagem. Estamos fazendo o público engoli-lo à força. Com certeza. — Ela diz: — Ele é irritante e chato. E o fato de ele ficar falando o quanto é inteligente e interessante é... irritante e chato.

— Eu discordo totalmente — Emily Grace completa.

— Humm. Será que tem a ver com o fato de que foi você quem criou esse personagem? — Jeanelle pergunta. — Ou que escreveu o roteiro em que ele não para de falar sobre como ele é maravilhoso?

Alexandre faz um som de fritura, toca na mesa, e retira logo o dedo. — Que droga. Isso queima.

Sorrio e digo: — Acho que ele é interessante. E muito bem delineado.

— Obrigada! — Emily Grace fala me lançando um sorrisinho sem graça.

— Mesmo assim o cara é um mala — Alexandre comenta desenhando uma enorme espingarda. — Vamos matá-lo. Estou pensando num assalto motivado por questões raciais. Ou talvez um assassinato suicida de modo que nós podemos eliminar também aquele advogado pegajoso ao mesmo tempo.

— Ou pelo menos podemos colocá-lo num ônibus — Jeanelle fala, usando outra expressão, esta usada quando querem eliminar um personagem da trama para poderem ressuscitá-lo mais tarde. — Colocá-lo num Greyhound para qualquer lugar, talvez?

Kirby e eu trocamos um olhar cúmplice, enquanto ela ergue as sobrancelhas e toma um gole do suco de laranja pelo canudinho, fazendo barulho de borbulhas.

Ou ele pode entrar num Greyhound para ir encontrar sua mãe biológica e então descobrir que ela nunca tinha contado a verdade sobre ele para seu pai

biológico. Sim, esta é uma boa história.

9

Kirby

— Onde você aprendeu a cantar... rap desse modo? E a batucar? Isto foi incrível — Marian me pergunta mais tarde naquela noite, quando estávamos sentadas em seu escritório comendo comida chinesa. Foi um dia completamente maluco — eu não tinha ideia que as pessoas trabalhavam tanto ou por tanto tempo — e esta é a primeira oportunidade real que nós temos de conversarmos sozinhas.

— Obrigada — digo. Então, conto pra ela a história de como minha professora de música do Ensino Fundamental disse que a bateria e a trompa eram os dois instrumentos mais difíceis para se tocar, e meu pai disse que era mais barato batucar numa mesa que comprar uma trompa, então fiquei com a bateria.

Marian empurra para o lado seu prato de arroz frito com camarão que ela quase não tocou (comecei a perceber que ela quase não come nada) e diz: — Bem, você foi incrível! Muito impressionante.

Agradeço a ela novamente, então a olho por um longo momento antes de dizer: — Acho que vou embora amanhã.

— Ah. Sim. Isso mesmo — Marian fala fingindo estar desapontada. — Tem certeza de que você não pode ficar um pouco mais?

— Acho que eu poderia — digo, desejando que ela queira que eu fique, ou pelo menos que ela *fale* de verdade comigo. — Tenho aula na quarta-feira, mas eu poderia faltar... mas acho que eu deveria voltar para casa.

Ela acena com a cabeça e diz que entende, concordando com facilidade. Meu coração se despedaça, mas digo a mim mesma para não ser molenga e dou de ombros.

Ela continua a falar nervosamente: — Essa semana vai ser bem movimentada,

de qualquer modo. Amanhã temos que voltar para a sala dos escritores, tenho um monte de reuniões com o marketing e o financeiro e encontros com os novos departamentos... Acho que você ia ficar entediada. Me conte mais sobre a bateria?

Olho para ela por um instante e depois sacudo a cabeça e digo que não tem muito mais coisa para falar. Não é ridículo ficar falando sobre minha bateria quando ela ainda não falou uma única palavra sobre meu pai biológico? Não sei se ela está tentando esconder as coisas de mim — ou se simplesmente não quer falar sobre ele — mas depois de quase 48 horas, está claro que ela não vai tocar nesse assunto por conta própria.

Então, mais tarde, depois que estávamos de volta ao apartamento dela, e ela começa a bocejar e falar em ir para cama, digo a mim mesma que é agora ou nunca. Meu coração está batendo forte e parece que vai sair de meu peito quando eu me escuto falar: — Então. Será que você pode me contar sobre meu pai?

Ela me olha confusa, e depois surpresa, como se nunca lhe tivesse ocorrido que eu lhe fizesse tal pergunta. Ela respira fundo e parece tão concentrada e ansiosa que eu tenho certeza de que ela vai contar uma longa história. Em vez disso, simplesmente fala: — O nome dele é Conrad. Conrad Knight.

— “Night”? — pergunto. — Como a palavra “noite”?

— Como na palavra “Knight”, de “cavaleiro” da Távola Redonda.

Por um segundo fico tolamente encantada com a imagem romântica da Távola Redonda, até que percebo que ela está franzindo as sobrancelhas e começo instantaneamente a me preocupar com as coisas sobre as quais eu tinha me preocupado sempre. Que era uma história que eu não gostaria de ouvir, uma das possibilidades que ouvi meus pais discutindo: estupro, prisão, drogas. Ou simplesmente o que sempre acreditei, uma ideia que nunca tinha me incomodado até então: uma aventura sem amor de uma noite só, que não significou nada para nenhum deles. Quero dizer, parece bem claro que fui um acidente, mas seria legal se, pelo menos, fosse um acidente gerado por sentimentos verdadeiros, ao contrário daqueles motivados pelo simples desejo, como Belinda costuma fazer.

— Como você o conheceu? — pergunto, enquanto meu coração começa a disparar.

— Nós estudamos juntos na mesma escola — ela explica. Então, ela conta que ela o conheceu no quarto ano, mas que nunca o tinha conhecido *realmente* até o verão depois da formatura deles. — Eu tinha exatamente a sua idade — ela comenta. — Nós dois. Nós nos encontramos por acaso numa festa...

Marian respira fundo. Percebo pela sua expressão concentrada que sua mente está dando voltas, e estou decidida a esperar que ela fale. Mas quando vários segundos de silêncio se alongaram, decido não esperar e lanço outra pergunta. — Então... como ele era?

Ela respira fundo novamente e continua a falar escolhendo cuidadosamente suas palavras. — Ele era inteligente. Esperto e se quisesse poderia ter ido muito bem na escola.

Concordo, me sentindo conectada ao meu pai biológico pela primeira vez na minha vida.

Ela continua perdida em seus próprios pensamentos. — Ele não era exatamente um rebelde, mas fazia as coisas do seu próprio jeito. Ele não se importava com o que as outras pessoas pensavam; e não era apenas fachada. Ele realmente e *verdadeiramente* não se importava. O que era um fato que não me dizia respeito, mas eu realmente o admirava. Todos nós o admirávamos.

— Ele era um solitário? — indaguei.

— Sim. Mais ou menos. Pelo menos na escola. Ele não se importava com praticamente ninguém ali. Mas tinha amigos fora da escola, na sua banda. Então, eu não diria que ele era inteiramente solitário... mas do tipo... independente.

— Ele tinha uma banda? — digo ao mesmo tempo maravilhada por esta revelação e aliviada por ele não ser um atleta babaca. De certo modo, um jogador de futebol procurando garotas só por sexo parece mais ofensivo que um músico fazendo a mesma coisa.

— Sim — ela responde. — Ele era um músico talentoso. Ele tocava guitarra, piano e um pouco de saxofone. E tinha uma voz linda. Como a sua.

Não consigo evitar dar um sorrisinho.

— Como ele era fisicamente? — indago.

Ela não hesita. — Ele era lindo. Cabelo escuro. Olhos maravilhosos. Você tem os olhos iguais aos dele.

— É mesmo? — digo com meu coração batendo ainda mais forte.

— Sim. Exatamente a mesma cor azul-acinzentada, o mesmo círculo mais escuro. Mesmo formato e tamanho. — Ela desvia o olhar para a parede atrás de mim como se estivesse tentando se lembrar de mais detalhes.

— Você tem alguma foto dele? — digo me sentindo meio zonza.

— Tenho uma — ela diz e então se levanta e fala que volta logo. Alguns minutos depois ela retorna com um envelope desbotado, amarelado. Dentro havia uma folha de papel de caderno, dobrada em três, toda escrita numa letra feroz. Enquanto ela desdobra o papel, eu curvo o pescoço para tentar ler as palavras, morrendo de curiosidade. Ela lê algumas linhas em silêncio, então dobra novamente e a retorna ao envelope antes de pegar a foto. Mordendo o lábio inferior, ela a examina respirando forte. Finalmente me entrega. — É ele — ela fala tão nervosa quanto eu — e eu.

Olho para a foto dos meus pais biológicos, espantada, embora eu não tenha certeza do porquê. É uma foto tirada de perto, meio desfocada, mais dele do que dela — do tipo que você tira com o braço estendido. Eles estão deitados num cobertor, ambos crispando os olhos porque o sol está muito claro. Não dá para ver o céu, mas eu imagino que é de um azul cobalto e sem nuvens, que eu quase posso ver refletido nos olhos deles — pelo menos no dele.

Seus rostos estão colados, e o dela está ruborizado. Seu braço está em volta dos ombros dela, os dedos dele enrolados num cacho dos longos cabelos de Marian, clareados pelo sol. A foto está desbotada, tem uma sombra sobre o rosto dele, mas posso ver claramente que ele *é* maravilhoso, com um jeito de artista — músico. Cabelos escuros, pele clara, lábios cheios e pálpebras grandes, meio fechadas sobre olhos, *exatamente* da cor dos meus, bem como ela havia dito. Embora ele pareça relaxado nesta foto, existe uma intensidade em seu olhar e em

seu rosto, e alguma coisa me diz que ele sente as coisas com profundidade, que ama intensamente. Ou talvez seja eu que queira ver tudo isso. Talvez eu simplesmente queira acreditar que também sou assim, e até agora não percebi essa intensidade na Marian. Devolvo a foto para ela, mas não consigo parar de olhar, esperando que ela vá me dar o retrato.

— Vocês estavam apaixonados? — pergunto sentindo meus músculos se retesarem, esperando que ela diga sim, embora eu não tenha ideia do porquê isso é tão importante para mim, e qual a diferença que vai fazer a essa altura.

Ela hesita e depois diz: — Não sei. Parece que foi há um milhão de anos... foi um verão diferente, Kirby. Um período bem estranho, uma época complicada.

— Por quê? Por que era estranho? — pressiono pensando em quantas vezes Belinda costumava chamar uma ridícula situação romântica de “complicada”. Ela e algum idiota estão saindo juntos, não estão mais saindo juntos. Estão saindo com outras pessoas. Estão dando um tempo. Estão apenas “ficando”. Será que é esse tipo de besteira que Marian chama de *complicado* — ou é algo mais profundo?

— Nosso relacionamento aconteceu de repente — ela fala e eu me concentro na palavra “relacionamento”. — Muito repentinamente. Foi como... eu praticamente não o conhecia... e então ele se tornou todo o meu mundo...

Penso na minha próxima pergunta, sentindo que cada uma é fundamental, crítica, como se talvez houvesse um limite e eu o estivesse esgotando. O que eu realmente queria saber era a história toda, a *longa* história sobre como eles decidiram ter um filho — e então me abandonar. Então, finalmente proferi abruptamente: — Ele queria que você me tivesse? Ou que fizesse um aborto?

Ela se retrai e então respira várias vezes antes de me olhar nos olhos finalmente. Então, segura minhas mãos nas delas e fala meu nome como se estivesse pronta a fazer uma confissão. E então ela faz.

— Eu nunca contei pra ele — ela confessa.

Sei que só existe uma interpretação para a resposta dela, mas eu ainda procuro por outra ao olhar novamente para aquele garoto e aquela garota na foto. — Você

nunca contou pra ele que me teve?

Ela me olha de relance, balança a cabeça, seu rosto ficando tão corado como naquela foto, porém claramente por uma emoção bem diferente.

— Então... ele sabia que você estava grávida? — pergunto, os fatos começando a tomar forma.

Ela sacode a cabeça novamente, dessa vez incapaz de me fitar nos olhos.

— Por quê? Ele... foi embora? — pergunto imaginando ele a deixando para trás, terminando com ela numa carta, talvez aquela que ela está guardando, indo embora da cidade, e ela nunca mais teve notícias dele.

No entanto, ela sacode a cabeça novamente, sua voz quase inaudível quando fala: — Não. Eu o deixei.

— Você *o* deixou? — indago.

Ela faz que sim com a cabeça e diz: — Sim. Quando descobri que estava grávida de você. Terminei tudo com ele.

— Então... ele *nem* sabe que eu existo? — pergunto, ainda acreditando que existe a possibilidade de que ela tenha contado para ele alguns anos mais tarde. Que agora ele sabe a verdade, que tem uma filha em algum lugar, qualquer lugar. Talvez ele tenha vontade de me conhecer. Talvez ela tenha entrado em contato com ele nessas últimas 48 horas e lhe dado a notícia.

Porém, ela sacode a cabeça. — *Ninguém* soube que eu tive você — ela explica. — Ninguém nem ficou sabendo que eu estava grávida, com exceção da minha mãe.

Tento imaginar um segredo desta magnitude, como ela conseguiu esconder tanta coisa. — E o seu pai? E sua melhor amiga? — digo pensando em Belinda, e como ela seria a primeira pessoa que eu chamaria se uma coisa dessas acontecesse comigo. Embora eu nem consiga imaginar tal coisa, pois meus encontros se limitaram a três patéticos beijos, todos sob a influência da bebida, desajeitados e não importantes.

Ela sacode a cabeça novamente. — Apenas a minha mãe.

— Então, como você escondeu isso de todo mundo? — pergunto.

— Atrasei a faculdade por um ano. Falei para o pessoal da secretaria da Michigan que eu tive um problema de saúde. Disse a todo mundo que eu estava estressada por causa da escola e precisava de um tempo para pensar. Meu pai achou que eu estava escrevendo um roteiro. Ele sabia como eu era obcecada por escrever, então... ele acreditou. E então... eu fui embora por um período...

— Pra onde você foi?

— Para a nossa casa do lago em Wisconsin. Minha mãe ficava indo e voltando. Ela me levou para todas as consultas e para a agência de adoção. Fiquei escondida até chegar a hora de eu ter o bebê. De ter *você.*

Fiquei sem palavras, fascinada pela história que também é parte de mim, do mesmo modo como a história que meus pais me contaram uma centena de vezes. — E, então, você foi para Chicago para dar à luz?

Ela fez que sim com a cabeça. — Sim. Entrei em trabalho de parto em 31 de março. Durou um dia e uma noite. Então, tive você no dia 1º de abril. Bem, isso você sabe. — Ela me dá um sorriso tenso, um pequeno sorriso. — Então eu passei três dias com você. Os três dias mais difíceis e tristes da minha vida.

— A gente... criou *laços*? — pergunto com meus olhos ardendo, meu estômago queimando.

— Ah, Kirby. Meu Deus, claro que sim! — ela exclama. — Passei cada minuto, cada segundo, com você.

Pergunto se ela me deu um nome. Do que ela me chamava naqueles três dias?

Ela acena que sim e sussurra. — Katherine, com K.

— Este é o meu nome do meio — digo. — Por causa da minha tia.

— Uau! Isso é maluco, não é?

Balanço os ombros não dando muito importância. — É um nome bem comum. Continue.

Ela hesita e então fala: — Então, dei um nome para você, apesar de a

assistente social dizer pra eu não fazer isso. Eu amamentei você apesar de eles dizerem que isso não era uma boa ideia, que isso tornaria nossa separação mais difícil. Mas eu queria... eu *tinha* que fazer isso. A certa altura, uma enfermeira tentou levar você de mim para que eu pudesse dormir, mas recusei. Sabia que dali a pouco teria que entregar você definitivamente e não queria fazer isso duas vezes.

Ela estava com a respiração ofegante, mas continuou. — Então a hora chegou. A senhora da agência entrou no meu quarto de hospital com uma enfermeira e duas pessoas do Departamento de Serviços de Apoio. Havia quatro ou cinco pessoas no quarto, todas formais, profissionais, com suas pastas e explicações. Eles me entregaram os papéis, incluindo um documento chamado Consentimento Final e Irrevogável de Adoção, e minha mãe ficou segurando você numa cadeira de balanço num canto do quarto, enquanto eu lia, escutava e então assinei os papéis.

Senti que estava prestes a chorar, exatamente quando ela me pergunta se estou bem. Aceno com a cabeça. Ela olha fundo nos meus olhos e eu a encaro de volta, esperando.

— Você esteve agitada a manhã toda, mas parou de chorar quando eles entraram no quarto — ela comentou. — É como se você soubesse que alguma coisa importante estava para acontecer e queria prestar atenção. Você tinha esta característica. Este olhar inteligente e alerta no rosto, este jeito de olhar as pessoas nos olhos. Comigo. — Ela engole em seco. — Então, pedi para ficar um minuto sozinha com você. Pedi para minha mãe sair também.

— Você... quase mudou de ideia? — pergunto esperançosa, querendo acreditar que não foi fácil para ela desistir de mim.

— Ah, *sim* — ela fala convincentemente. — Muitas e muitas vezes naquelas 72 horas. *Claro* que pensei nisso. Não tinha como alguém olhar para o seu rosto, para aqueles olhos enormes que nunca pareciam piscar e suas sobrancelhas delicadas e expressivas, e aqueles lábios curvados e delicados, e não querer ficar com você para sempre... mas eu tinha certeza de que aquilo era o melhor a fazer. Ter uma mãe e um pai que eram casados e bem preparados para receber você,

cuidar de você, lhe dar uma família.

— E o Conrad? — pergunto, a emoção de sua história dando lugar a uma onda de indignação. — Você pensou em contar para ele? Talvez vocês pudessem ter resolvido juntos?

Ela sacode a cabeça e diz: — Já havia passado muita água debaixo da ponte para eu fazer isso.

— O que você está insinuando?

— Eu não tinha falado com ele por nove meses. Parecia tarde demais àquela altura. Além do mais, isto não seria uma vida boa para você. Dois adolescentes fingindo ser adultos. E eu sabia que havia um casal dentro daquele hospital esperando por você. Eu sabia quão ansiosamente eles queriam você.

— Então... você apenas... disse adeus para mim? — pergunto com a voz trêmula, desejando que recém-nascidos tivessem memórias, que eu tivesse lembranças deste tempo que passamos juntas.

— Sim — ela fala. — Primeiro eu amamentei você pela última vez. Então, troquei suas fraldas e a vesti num vestidinho cor-de-rosa. Ele tinha um cordãozinho na barra para deixar seus pés quentinhos, embora eu tivesse colocado sapatinhos em você também. E um bonezinho de tricô que combinava com o vestidinho, era rosa de bolinhas brancas. Minha mãe que comprou para você...

Aceno que sim, e lhe digo que me lembro do vestido numa foto, obviamente a primeira que meus pais tiraram de mim, mas então me lembro de que eu estava usando outra roupa na volta para casa, o que significa que eles trocaram a minha roupa ao sair do hospital. Imagino o porquê — se eu tinha babado nela ou se eles simplesmente queriam que eu usasse uma roupa escolhida por eles, como um simbólico recomeço, do mesmo modo como me deram um novo nome.

— E então? — eu digo.

— E então... eu cantei uma canção de ninar pra você, a única que eu sabia. “Boi da cara preta”.

— Como era? — indago.

Ela diz que não sabe cantar, mas pigarreia e recita os versos.

— *Boi, boi, boi, boi da cara preta, pega essa menina que tem medo de careta.*

Respiro fundo, esperando em suspense pelo resto da história, como se eu não soubesse exatamente como as coisas terminaram.

— Você finalmente adormeceu. Eu beijei você e me despedi. No seu rosto, no seu nariz e no seu queixo. — A voz dela estava entrecortada. — E me forcei a abrir a porta e sair para o corredor onde encontrei a conselheira do hospital conversando com minha mãe. Sem dizer uma palavra, eu entreguei você para ela e voltei para o meu quarto para não ter que vê-la levar você embora.

Olho para ela, repentinamente me sentindo muito triste pela garota na história, tentando imaginar como ela deve ter se sentido quando fez suas malas, vestiu suas roupas e saiu do hospital sem flores nem presentes, ou um bebê em seus braços. Então, me lembro de Conrad novamente. Conrad, que não tem nem ideia da minha existência.

— E você sabe onde ele está agora? — pergunto.

Ela sacode a cabeça e parece culpada, mas no meu entender, não tão culpada assim.

— Você *nunca* tentou encontrá-lo?

Ela suspira, e então admite que passou pela casa dele uma vez, mas a família dele tinha se mudado; havia um novo nome na caixa de correio.

— E no Facebook? Na internet? Através de amigos? Você nem uma vez procurou por ele?

— Ah. Eu procurei várias vezes ao longo desses anos — ela confessa. — Mas eu nunca o encontrei. E na verdade não converso com mais ninguém da época da escola, e ele não era do tipo de comparecer a reuniões ou manter contato.

— Então é isso? Nada? É como se ele tivesse... desaparecido?

Ela concorda enquanto nos olhamos em silêncio. Depois de alguns momentos

assim, ela finalmente desce de sua banqueta e me dá um abraço, o primeiro desde o dia em que me abandonou. Eu permito que ela me abrace, mas me recuso a abraçá-la também, pensando apenas numa coisa: “como você pôde?”.

10

Marian

Devo desculpas a ela. Por tantas coisas. Por ter sido capaz de abandoná-la. Por fingir que isso não aconteceu, que ela não existiu além daquele quarto e daqueles três dias. Por não ter uma foto dela de bebê no meu apartamento. Por não lhe escrever longas cartas ao longo desses anos, mesmo que fosse para guardar em uma gaveta na esperança de que esse dia chegasse.

Acima de tudo eu me sinto culpada por não contar ao Conrad, ao *pai dela,* a verdade. É esta a parte da história que eu reprimo mais, a parte que não contei para o Peter, dizendo a mim mesma que era um detalhe pequeno muito embora eu soubesse, bem lá no fundo, que é *bem* mais que um pequeno detalhe. É algo enorme e está borbulhando para a superfície agora. Kirby não mencionou querer encontrar seu pai biológico, mas tenho certeza de que ela vai fazê-lo. E então?

Vou para a cama com as lembranças daquele dia. O momento em que eu menti para Conrad. Logo depois que ele disse que me amava e eu não disse nada em resposta. O começo da minha tentativa de negar meus sentimentos, de apagá-lo completamente. Relembro o pânico na minha garganta quando sentei no sofá ao lado dele, segurando suas mãos enquanto assistíamos aos *Simpsons,* o alívio dele pelo teste ter dado "negativo" e suas risadas com as piadas do Bart, me fazendo afundar num abismo ainda maior.

— Qual o problema, baby? — ele perguntou a certa altura, quando percebeu que eu não estava achando graça num programa que eu geralmente gostava.

Foi então que falei bruscamente: — Não sei se quero que a gente continue se encontrando.

— Você quer dizer que quer terminar tudo? — ele perguntou. Seu rosto refletia o pânico e a tristeza que eu sentia com a ideia de perdê-lo.

Mas ainda assim eu disse sim.

— Por quê? — ele indagou parecendo mais arrasado a cada minuto que passava.

— Porque o verão está quase acabando — falei sem fitá-lo.

— Mas ainda não acabou — ele falou, parecendo admitir que a nossa separação estava com os dias contados, era apenas uma questão de tempo.

— Mas vai terminar em breve. E... acho que vai ser mais fácil agora.

Olho novamente para ele, mas ele afastou o olhar como se estivesse pensando sobre isso. Quando se virou para mim novamente, seu rosto estava resignado. — Se isso é o que você quer...

— Eu simplesmente acho que vai ser melhor assim — disse sem saber ao certo se queria que ele concordasse ou brigasse comigo. Queria ambas as coisas. Não queria nenhuma delas. Queria que aquela linha cor-de-rosa desaparecesse.

— Vai ser melhor? — ele ecoou.

— Sim.

Ele concordou. Então, desligou a TV e colocou o controle remoto na mesinha de centro, olhou para a tela vazia, piscando, até que de repente seus longos cílios escuros estavam umedecidos. Afastei meu olhar apavorada, lutando contra a vontade de me atirar em volta de seu pescoço, voltar atrás em tudo, fazer amor com ele, e, acima de tudo, lhe contar a verdade.

O impulso aumentou até que eu o ouvi sussurrar: — Não quero perder você ainda.

Foi o “ainda” que acabou comigo, o desespero e a resignação que eu ouvi naquela palavra. Olhei em seus olhos, ambos imóveis, enquanto eu me permitia imaginar outro caminho, uma trilha diferente. Podia ver nós dois tendo o bebê, morando juntos em Ann Arbor numa residência fora do campus, casando eventualmente. As coisas seriam difíceis, mas sei que meus pais iriam ajudar e as coisas poderiam dar certo. Ele poderia tomar conta do bebê durante o dia enquanto eu assistia às aulas — e ele poderia ir atrás da sua música à noite e nos fins de semana. Não seria a experiência tradicional de uma universitária. Não

haveria festas nos dormitórios e beijos embriagados. Sem jogos de futebol nem bailes. Mas poderia ser feito. E as coisas poderiam ainda dar certo no final. Eu ainda poderia frequentar a escola de cinema, poderia me tornar uma escritora de verdade e uma produtora. Conrad também poderia se tornar um músico ou o que quer que ele quisesse. Poderíamos ser uma equipe. Para sempre. Nós dois — e então nós três. Talvez isso acontecesse porque estava destinado a acontecer.

Por um segundo, senti que eu iria ceder, mas então outra visão superou as demais. Uma vida de brigas tarde da noite, portas se batendo, um bebê se esgoelando, as notas começando a cair devido a minha pura exaustão — uma nota que iria me afastar da faculdade, me levando a um emprego num escritório, sem perspectivas. Eu quase senti o gosto da vergonha e ressentimento, da amargura e da raiva. Pude sentir o ódio e a repugnância. Podia ouvir um infindável “e se”.

— Eu realmente tenho que ir agora — falei me levantando abruptamente. — Você pode me levar para casa?

Ele me acompanhou até a porta, até o carro, com uma expressão desesperada, arrasada. Mas não falou nada, nem dissemos uma palavra na maior parte do tempo a caminho de minha casa.

Enquanto estacionava na minha porta, ele perguntou se eu poderia, por favor, ligar para ele mais tarde, para conversar um pouco mais.

Concordei, mas vi nos olhos dele que ele já sabia que eu não iria ligar. Nem naquela noite, nem nunca. Isto era um adeus.

No dia seguinte, sentada na piscina com minha mãe e fazendo uma lista das coisas que iria precisar para o meu dormitório na faculdade, rompi em lágrimas. A essa altura, minha mãe já tinha descoberto o básico sobre Conrad: ele estava numa banda, tocando música com letras de estilo “rated-R”. Ele tinha um pai alcoólatra e sem ambição, pelo menos não do tipo de ambição que ela admirava. Então, é claro, ela percebeu que ele era o culpado pelas minhas lágrimas, de um jeito ou de outro.

— Você e Conrad terminaram? — ela adivinhou, o que me fez chorar ainda

mais.

Disse que sim, mas que tinha outra coisa também. Muito pior que aquilo. — Muito, muito pior — falei. — A pior coisa que poderia acontecer.

— Você está grávida? — ela sussurrou.

Concordei toda envergonhada, no entanto também aliviada porque ela estava sabendo. Minha mãe era esperta — e sempre foi boa num momento de crise. Uma das histórias mais contadas na nossa família foi uma vez que meu pai se engasgou com um pedaço de costela no Gene & Georgetti, e ela pulou e deu a volta na mesa, derrubando os copos de vinho e com um movimento rápido realizou a manobra Heimlich até que a carne se desalojou da sua garganta. Se ela podia salvar vidas, ela poderia consertar isso.

— Desculpe mamãe — eu disse, enquanto me curvava numa posição fetal na minha cadeira de descanso, derrotada pelo peso de tanta culpa, vergonha e acanhamento. Meus pais tinham me dado tanto — *tudo* — e este era o agradecimento que eu dava a eles.

Mas minha mãe continuou forte: — Querida, vai dar tudo certo. Vamos dar um jeito. — Ela falou passando seus dedos pelos meus cabelos. — Vamos superar tudo isso. O que Conrad falou?

— Não contei nada para ele — admiti.

— Muito bom — ela replicou rapidamente. E então, acrescentou uma nota depreciativa, culpando-o pelo meu dilema.

Me senti terrível por não defendê-lo, mas decidi que não era hora.

Estávamos num momento de solucionar problemas. E Conrad, bom ou mau, meu tipo ou não, não era parte da solução.

No dia seguinte minha mãe me levou ao seu ginecologista e minha novidade foi confirmada com um exame de sangue. De acordo com o Dr. Kale, que se parecia incrivelmente com meu avô, eu estava de seis semanas — o que significa que estava certa quanto a minha teoria: perdi minha virgindade e fiquei grávida na mesma noite. A maior das pragas. Era cruel e incomum, especialmente porque Conrad e eu tínhamos usado proteção. Eu olhei sem fala para Dr. Kale, enquanto ele anotava meu histórico de saúde e discutia meus cuidados pré-natais "em caso de eu resolver ter o bebê".

Enquanto isso minha mãe anotava tudo e fazia perguntas de vez em quando, até que não havia mais nada a ser dito. Então, o médico largou sua prancheta, sentou num banquinho e se aproximou de mim. Sabia o que estava por vir — e claro que ele me deu um sorriso de apoio, limpou a garganta e disse que por causa de minha idade e das circunstâncias ele queria que eu conversasse com uma conselheira. Olhou para minha mãe pedindo permissão e ela a concedeu.

Minutos mais tarde, depois de eu ter tirado o avental de papel e vestido meu jeans e camiseta, minha mãe e eu fomos levadas pelo corredor até um escritório pequeno e alegre, enfeitado com desenhos de crianças e uma colagem de fotografias de um menino e uma menina gêmeos. Atrás de uma mesa bem arrumada, estava uma conselheira loira e elegante chamada Megan, presumivelmente a mãe dos gêmeos, que sorriu para nós, falou algumas coisas banais e então calmamente explicou "minhas opções", todas perfeitamente óbvias. Podia terminar a gravidez. Podia continuar a gravidez e me tornar uma mãe solteira. Podia ter a criança com o apoio e o envolvimento do pai. Poderíamos ser pais como um casal. Poderíamos ser pais com a ajuda de nossos pais e outros parentes. Poderia ter o bebê e entregá-lo para adoção — que veio com outra lista de opções que estavam disponíveis para conversarmos a qualquer

momento.

— Você tem que pensar muito, meu bem — Megan falou.

Minha mãe agradeceu a ela por mim.

— Tem alguma coisa que você gostaria de me perguntar? — ela indagou.

Balancei a cabeça, embora parte de mim quisesse falar alguma coisa, para ficar registrado, para o meu arquivo. Queria lhe dizer que eu era mais inteligente que as outras garotas que ela tinha aconselhado sobre este dilema. E que eu não era "este tipo de garota". Que eu tinha certeza que todo mundo mentia sobre isso, mas eu realmente *tinha* usado preservativo, e que eu nunca, nem por um segundo, pensei no aborto como uma saída. Que eu compreendia minhas opções, apesar de não conseguir me imaginar tendo uma criança, não mais do que me imaginar abortando um bebê, não mais do que poderia imaginar entregando um filho para a doação.

Mas é claro que eu não disse nada disso para Megan quando ela me entregou seu cartão e um panfleto com as unidades médicas que eles recomendavam caso eu escolhesse fazer um aborto. Minha mãe pegou tudo em suas mãos e guardou em sua própria bolsa e dissemos que entraríamos em contato.

— O que eu devo fazer? — perguntei à minha mãe a caminho de casa.

Ela manteve os olhos fixos na estrada e disse que a decisão era minha.

— Mamãe, me fale — pedi.

Ela respirou fundo e então falou que eu era uma pessoa linda, talentosa e especial. A luz da vida dela. E que qualquer criança que viesse de mim seria tão brilhante e especial como eu. Ela disse que me ajudaria a criar o bebê — ela o faria sozinha se fosse preciso, se fosse o que eu queria. Então, ela mencionou a adoção. Ela chamou isso de algo nobre, o máximo em generosidade e falta de egoísmo. Ela disse que sempre teve o maior respeito pelas garotas e mulheres que faziam essa escolha. Disse que seria difícil — de certo modo o caminho

mais difícil — passar por tudo e então entregar o bebê, mas na minha vida toda eu saberia que eu tinha dado para alguém o presente mais precioso já imaginável.

— Mas e se eu resolver ter o bebê... e a faculdade? — indaguei.

— Podemos explicar na secretaria...

Sacudo a cabeça decidida. A conversa ainda era tão teórica, mas eu tinha certeza de que não queria que ninguém da Michigan soubesse. Ou de qualquer outro lugar, para falar a verdade. E falei isso para a minha mãe.

— Marian. Não tem nada para se envergonhar — minha mãe falou, mas eu pude perceber, pela primeira vez na nossa conversa, que ela não estava sendo sincera. Nem mesmo ela poderia negar o estigma de uma gravidez na adolescência.

— Não. Não quero contar para ninguém. Nunca. Especialmente para o papai — falei pensando que uma coisa era desapontar minha mãe, outra bem diferente, desapontar meu pai, que era, de longe, o meu favorito. Eu o adorava e queria ser como ele. Queria que ele ficasse orgulhoso de mim, mais que qualquer outra coisa no mundo, naquela época. Mas, principalmente, eu simplesmente o adorava.

Fiquei olhando para fora da janela para aqueles lugares familiares de minha cidade, enquanto eu era bombardeada com lembranças de minha infância com meu pai. Os jogos de futebol nas manhãs geladas de sábado em Ann Arbor, nós dois gritando tão alto pelo nosso adorado Wolverines, que ficávamos roucos na volta para casa. O perfume da madeira recém-cortada na Ace Hardware, quando eu ficava ao lado dele observando as tábuas serem medidas e cortadas com uma serra para seu projeto mais recente no quintal. Todas as noites enquanto fazia a lição de casa de Matemática, o olhar de concentração no rosto dele, seus óculos apoiados na ponta do nariz, enquanto ele me mostrava o jeito certo de resolver o problema. Seus números tão firmes que pareciam ter sido digitados. Lembro da gente assistindo nossos programas favoritos na televisão — desde *Murphy Brown* até *Mad About You* e *Anos Incríveis* — enquanto minha mãe não conseguia ficar muito tempo sentada para nos fazer companhia. As horas

infindáveis de verão que passávamos na varanda dos fundos da nossa casa do lago lendo livros nas nossas cadeiras de balanço, sendo que a minha era uma versão miniatura da dele.

Penso em todos seus pequenos ditados: “Você nunca vai ter uma segunda chance de deixar uma boa primeira impressão” e “O objetivo da vida é uma vida com objetivo” e “Aquele que fracassa em planejar, planeja fracassar”. Lembro do jeito cuidadoso com que ele faz tudo — desde colocar as luzinhas na árvore de natal, a fazer caveiras nas abóboras para o Halloween, tirar a neve da entrada da casa a fazer sanduíches. Penso nele defendendo seus casos perante a Corte de Apelações da Sétima Vara, observando-o com tanto orgulho que parece que meu coração vai explodir, pensando que eu nunca seria capaz de crescer e encontrar um homem tão sábio, ou tão bonito e tão bom. Talvez todas as garotinhas pensem assim sobre seus pais — mas a diferença é: Eu estava certa sobre meu pai.

— Me promete que você não vai contar nada para ele — eu digo. — Não importa o que nós decidirmos.

Minha mãe concordou e então estendeu o braço e me ofereceu seu dedinho, uma prática que havíamos abandonado anos atrás. Nossos dedinhos entrelaçados, nosso juramento oficializado.

Pelas duas semanas seguintes eu fiquei paralisada pela indecisão e tomada pela raiva, medo e culpa. Também estava me sentindo terrivelmente sozinha, completamente isolada de Janie e de meus outros amigos, que tinham começado a me ignorar depois de eu ter me afastado deles por muitas semanas. Eu sabia que o isolamento seria apenas o começo caso eu resolvesse ter o bebê. E havia também o sofrimento por causa de Conrad. Eu sentia desesperadamente a falta dele — mais do que eu achava possível sentir por alguém. Ele me ligou alguma vezes, e minha mãe sempre me deu seus recados, mas nunca retornei suas ligações, na esperança de que me mantendo a distância, esse meu vício por ele iria se curar — e o dele por mim. Parte de mim sentia que isso era a punição que

nós dois merecíamos por termos seguido nossos instintos como animaizinhos no cio — *coelhos* — enquanto uma vida crescia dentro de mim, as células se multiplicando várias vezes, um coraçãozinho e seus ventrículos começando a se formar. Além disso, eu não podia ligar para ele, já que não estava disposta a incluí-lo nesta decisão. E não importava o que ele tivesse a dizer, ou como ele o dissesse, tinha certeza de que a discussão só tornaria as coisas piores.

Se tudo isso ainda não fosse ruim o bastante, eu também estava sofrendo com ataques de náusea de manhã, de tarde e à noite — parecia que eu estava andando numa montanha-russa de ressaca. Passava a maior parte do tempo sozinha no meu quarto, com um cesto de lixo ao lado da minha cama, caso eu não conseguisse chegar ao banheiro. Ouvia música, folheava o álbum da escola, desejando que eu pudesse voltar para o começo do ano escolar, ou pelo menos do verão, uma época mais simples, mais feliz e virginal da minha vida que parecia ter sido há um milhão de anos. Minha mãe batia na porta várias vezes ao dia, me trazendo bolachas cream crackers, sentava ao lado da minha cama e passava a mão pelo meu cabelo. Vez ou outra nós conversávamos sobre a minha escolha, mas na maior parte do tempo minha mente estava confusa demais para pensar, meu coração estava tomado por um pânico avassalador que não importava a escolha que eu fizesse, eu iria me arrepender para sempre.

Então, uma manhã, depois de vomitar três vezes, tomei minha decisão. Encontrei meus pais na cozinha, meu pai estava prestes a sair para sua corrida matinal, minha mãe tomando café com seu roupão de cashmere rosa que eu tinha dado de presente no dia das mães.

— Bom dia, garota — meu pai falou alongando suas pernas compridas, lembrando por um momento a estrela do tênis que ele tinha sido na faculdade. Seu cabelo ainda era escuro, apenas um pouco grisalho nas têmporas, imaginando que eles ficariam brancos por completo se ele soubesse.

— Bom dia — balbuciei, percebendo que não o olhava nos olhos já há vários dias.

— Acabei de receber uma carta de um professor de História que eu tive na Michigan. O nome dele é Barfield. Thomas Barfield. Um cara brilhante. E ele ainda está lá.

— Ele deve estar bem velho — disse forçando um sorriso.

Meu pai deu uma risada. — Sim. Igualzinho seu velho pai. — Ele deu uma mordida numa barrinha energética que estava no balcão, e só de vê-la meu estômago enjoou. — Liguei e disse pra ele que você está indo, para ele cuidar de você. Ele será um grande mentor para você. Você talvez até consiga um emprego como sua assistente de pesquisa. Seria uma experiência maravilhosa. Não se esqueça de procurá-lo e se apresentar a ele.

— OK. Vou fazer isso — falei tentando não vomitar novamente.

Segundos depois, enquanto meu pai saía para sua corrida, olhei para minha mãe e disse: — Quero acabar com isso.

— Tudo bem, querida — ela falou parecendo aliviada.

— Quero isso fora de mim. O mais breve possível.

— Vou ligar agora — minha mãe disse. — Vamos conseguir uma consulta ainda hoje.

— Será que estou fazendo a coisa certa? — indaguei.

— Acho que sim — ela falou, se levantou e me deu um abraço apertado. — Eu realmente acho que sim.

Tive que esperar mais três dias torturantes até a terça-feira chegar, duas semanas antes da data de eu partir para a faculdade. Infelizmente, era também o raro dia que meu pai tirou folga do trabalho, e fiquei perturbada ao vê-lo andando pela casa de jeans e camisa polo, fazendo uma lista de coisas a consertar na casa. Enquanto isso, minha mãe e eu tivemos que inventar uma história sobre ir para a cidade para fazer compras de roupas novas para levar

para a faculdade. Meu pai fez brincadeiras sobre ter que trabalhar mais para cobrir o prejuízo que certamente iríamos causar no seu cartão na Saks, aparentemente sem notar meus moletons enormes, a ausência de maquiagem e um rabinho de cavalo preso por um elástico. Mantive os olhos baixos até a hora de ir embora, me sentindo entorpecida com ocasionais ataques de terror.

Foi um alívio finalmente entrar no carro, e estar a caminho do centro médico na North Elton. Fico lembrando das fotos no panfleto, com a jovem de aparência saudável, com um penteado arrumado e uma equipe de médicos e enfermeiras com sorrisos competentes e interessados.

Minha mãe e eu fomos em silêncio, até que a certa altura ela perguntou se eu gostaria de ouvir um pouco de música, me mostrando seu CD do Abba. Era o nosso antigo favorito, e eu concordei pensando que um pouco de “Dancing Queen” e “Voulez-vous” poderia me distrair um pouco. Por algumas músicas o CD conseguiu me distrair, as letras conhecidas e simples, as vozes claras quase me hipnotizando, mas quando as notas agridoces de “Chiquitita” encheram o carro, tive que segurar as lágrimas, lembrando que eu costumava pensar que essa música era sobre bananas, e como minha mãe tinha rido quando lhe contei isso, me explicando que o título significava “Menininha” em espanhol, e que eu era a sua chiquitita e sempre seria. A música tomou conta de mim, me acalmando e me enchendo de tristeza.

Olhei para minha mãe com as mãos firmes no volante, e mesmo através dos enormes óculos de sol que encobriam seus olhos e metade do seu rosto, pude notar que a música a estava afetando também. Olhei para fora de minha janela enquanto as paisagens da cidade apareceram, e disse a mim mesma que em breve tudo estaria acabado. Eu iria para a faculdade dali a algumas semanas, onde eu aprenderia com os livros, com a vida e as pessoas, e me tornaria uma adulta de verdade com uma carreira real. Algum dia eu me apaixonaria novamente e me casaria. Meu marido e eu iríamos aproveitar alguns anos sozinhos, só nós dois, e então planejaríamos nosso primeiro filho. Faríamos tudo certinho. De um modo perfeito. Eu ligaria para os meus pais para dar a notícia — ou talvez lhes contaria cara a cara, se eu ainda morasse em Chicago. Eles iriam me dizer que essa foi a melhor notícia da vida deles. A essa altura, Conrad e aquela noite na casa de

Janie, este verão inteiro, e especialmente esta manhã, já teriam há muito tempo desaparecido das minhas lembranças, talvez por completo. Depois de hoje, eu iria recomeçar. Uma página virada. Um recomeço.

Fechei meus olhos e apoiei minha cabeça na janela fria, e movi meus lábios com as palavras que eu já tinha ouvido mil vezes antes... “You’ll be dancing once again and the pain will end, you will have no time for grievin’.”

Entretanto, no final, não importa o quanto eu acreditasse na minha escolha — e no meu direito de fazer essa escolha — eu simplesmente não consegui ir até o fim com isso. Não conseguia pensar nisso a não ser que estaria tirando uma vida. E pode acreditar, eu tentei. Eu realmente, *realmente* tentei. Tentei enquanto preenchia os formulários e tiravam meu sangue para os exames. Tentei enquanto colocava um avental e mediam meus sinais vitais. Tentei durante o exame físico e a aplicação da anestesia local. Tentei quando estava deitada naquela maca fria de metal na sala de cirurgia, com minha mãe segurando a minha mão do mesmo modo que eu imaginei que ela faria se minha decisão tivesse sido outra. Tentei quando apoiei meus pés naqueles estribos e o médico ligou o pequeno aparelho sugador e disse que iria “remover gentilmente o conteúdo do meu útero” e todos na sala concordaram me encorajando e se preparando para o procedimento que seria realizado. Rápido e sem dor.

Mas não parecia um procedimento. E eu não sentia como sendo “o conteúdo do meu útero”. Parecia um bebê, e eu fechei meus olhos e senti uma necessidade imensa de saber se era um menino ou uma menina. Naqueles poucos segundos, eu sabia que tinha tomado minha decisão — e o que eu queria ou acreditava era irrelevante. Era quase como se minha mente e meu coração estivessem em guerra, e meu coração venceu. Arranquei meus pés dos estribos e me sentei na maca, o papel branco que estava por baixo fez um barulhão e espantou todas aquelas pessoas, incluindo minha mãe, que me olhou com surpresa e preocupação, e até mesmo, eu acho, desapontada.

— Não posso — disse em voz alta para eles, mas principalmente para mim

mesma. — Não posso fazer isso.

E foi isso. Me vesti e minha mãe e eu recomeçamos aquela manhã ensolarada de agosto e voltamos para casa.

11

Kirby

Na manhã seguinte, Marian bateu na minha porta assim que o sol nasceu. Já estou acordada. Na verdade, eu provavelmente dormi apenas duas horas a noite toda, o restante do tempo passei pensando no que ela tinha me contado, tentando digerir tudo aquilo, e até mesmo fazendo algumas buscas no meu celular por Conrad Knights.

— Desculpe por acordar você tão cedo. Mas eu tenho que trabalhar — ela fala pela porta, parecendo animada e alegre, provavelmente porque ela sabe que logo, logo vou estar longe daqui. — Preparei pra você uma vitamina com proteínas de aveia e trigo!

— Tudo bem. Estarei pronta num segundo — respondi.

Minutos mais tarde, depois de ter escovado meus dentes e meu cabelo, eu a encontro na cozinha. Ela está usando um conjunto simples azul-marinho, salto alto e muitas joias.

— Bom dia — ela fala me estendendo um copo.

— Bom dia — digo pegando o copo da mão dela. A cor não é muito apetitosa, mas eu tomo um gole e não é muito ruim.

Nos sentamos no balcão, no nosso milésimo silêncio desajeitado, antes que ela fale como se tivesse se lembrado de alguma coisa.

— Ah! Aqui. Comprei isso para você — ela fala me entregando um cartão de embarque. — Bem melhor que o ônibus.

— Eu ia pegar o trem — digo lembrando do último e-mail que troquei com meus pais e minha promessa que eu voltaria de trem.

— Ah! Isso vai demorar muito... viagem de trem só é agradável em teoria. A menos que você esteja no Expresso do Oriente.

— Certo — respondo. Porque isso acontece sempre na minha família.

— Então, consegui um voo direto para St. Louis. Sai às 10 horas.

— Você não precisava fazer isso — respondo.

— Ah! Tudo bem. Eu tenho tantas milhas sobrando...

— Obrigada — digo.

— De nada — ela responde e olha para o relógio. — Então, temos cerca de uma hora antes de você ter que ir para o aeroporto. Dá tempo para você se aprontar?

— Sim — respondo. — Tempo de sobra. — Olho para a passagem e lhe agradeço novamente.

— Isso não é nada — ela replica.

Olho nos olhos dela resistindo à necessidade enorme de concordar com este sentimento.

Uma hora depois, Marian e eu estamos em pé na esquina da Madison e da Eighty-seventh. Ela acabou de me dar 50 pilas para o táxi, que eu aceito com relutância, me sentindo culpada por causa das roupas, do sapato e do voo, mas ao mesmo tempo preocupada de não ter dinheiro para cobrir a corrida. Olho para ela que procura intensamente um táxi, então, ela aponta para uma mulher do outro lado da rua e me diz que ela é nossa concorrente, vamos ter que vencê-la para pegar um carro antes.

— Se você der um espirro, você perde nesta cidade — ela brinca.

Segundos depois ela dá um passo na rua, audaciosamente parando um táxi e num movimento fluido e leve, ela está atrás do carro, guardando minha mala no porta-malas, abre a porta lateral e instrui meu motorista a me levar para o terminal da Delta no LaGuardia. Tudo acontece rápido demais, como um dos movimentos de dança debaixo da água de Charlotte.

Quando a logística foi acertada, olhamos uma para a outra por alguns dolorosos segundos, antes de ela cruzar os braços e dizer:

— Como você provavelmente percebeu pela minha história na noite passada, não sou muito boa para lidar com despedidas.

— Sim. Percebi isso — eu digo.

Ela me dá um abraço, ligeiramente mais demorado do que aquele da noite passada. Seu cabelo é sedoso em contato com meu rosto, e tem cheiro de baunilha.

— Você me avisa quando tiver chegado em casa sã e salva? — ela pergunta e eu imagino se ela se sente na obrigação de dizer isso ou se é apenas uma frase padrão que se diz quando um convidado sai de sua casa. Ou pelo menos é algo que você precisa dizer para a criança que você deu em adoção.

Concordo com a cabeça, um nó no meu estômago.

— Você tem meu número — ela complementa. — Me ligue ou mande mensagem se precisar de mim.

E se eu não precisar de você? E se eu apenas quiser conversar?

Agradeço a ela que diz: — Não. *Eu* que agradeço pela sua vinda. Por me encontrar.

Tento responder, mas não consigo encontrar as palavras certas, e decido que não dizer nada é melhor que dizer a coisa errada. Então, eu simplesmente aceno e entro no banco de trás, observando enquanto ela fecha a porta e acena. Eu aceno de volta até ela desaparecer de vista. Então, me encosto no banco, imaginando se a verei novamente um dia. Alguma coisa me diz que não — que é assim que ela quer. Ela conheceu sua filha biológica, lhe deu de presente um belo par de sapatos e uma passagem de avião, e agora pode riscá-la de sua lista e continuar com sua vida.

Alguns minutos depois, cruzamos uma ponte enorme. Placas avisam que é o RFK. Olho pela janela, para o sol se levantando num céu cor-de-rosa, um pano de fundo para chaminés, prédios e cartazes, me sentindo frustrada e triste, como

se eu tivesse sido abandonada novamente.

Cinco horas e meia mais tarde, entro pela porta da frente de minha casa. Saí por apenas três dias, mas tudo parece e tem um cheiro diferente, deve ser por causa do jeito que eu me sinto por dentro. Escuto risadas vindo da cozinha, vou para lá e encontro minha irmã com Noah Smith, um dos meninos mais bonitos da escola, além de ser uma das estrelas da natação. O seu correspondente masculino. Eles estão bebendo refrigerante e flertando um com o outro, como se estivessem prestes a dançar no baile da escola.

Charlotte dá um salto da mesa quando me vê e me abraça com tanta sinceridade e pureza que eu a abraço de volta, coisa que não fazia há muito tempo. Na verdade, com este, eu completo três abraços em 24 horas, o que é um recorde para mim desde que fiz 8 anos.

— O papai me contou aonde você foi — ela sussurra ofegante. Seus olhos estão brilhando do mesmo modo que brilham quando ela ganha uma competição de natação, e eu me sinto culpada por não ficar feliz por ela nestes momentos. Por não participar com ela em momento algum.

Olho de relance para Noah, percebendo sua barba por fazer escurecendo seu rosto, bem impressionante para um adolescente, quando Charlotte fala: — Vocês se conhecem?

Nos cumprimentamos, embora eu saiba exatamente quem ele é quando ela nos apresenta. Ele tem um gesto cavalheiresco ao se levantar ligeiramente, e isso deixa Charlotte resplender de orgulho enquanto balbucio um oi.

— Você me dá um segundinho? — ela fala para Noah e então me empurra para um canto da sala de jantar. — Ah, meu Deus! Como foi isso? Como é ela? Papai falou que ela é uma produtora.

— Sim. E a principal escritora do programa.

— Nossa. Isso é *fantásssstico!* Então, isso quer dizer que você conheceu

alguém famoso?

Digo a ela que não encontrei nenhum ator, e expliquei que o programa está na fase de pré-produção, mas que conheci o estúdio de televisão onde ela trabalha, e encontrei todos os redatores do seriado. — Eles são tão inteligentes e engraçados... foi muito legal.

— Uau! — ela exclama. — Você tem *tanta* sorte.

É a palavra que Belinda ficou me enviando por mensagem durante todo o fim de semana — contudo isso tem mais valor vindo de minha maravilhosa irmã. Penso no carinha bonitinho que está no cômodo ao lado com sua barba sexy por fazer, e a jaqueta, bordada com a letra de sua universidade, apoiada nas costas de sua cadeira, e tento convencer a mim mesma de que ela está certa. Que apesar do fim de semana não ter sido exatamente o que eu esperava, talvez, só para variar, eu tenha sido a sortuda da vez. Apesar de tudo, sou relacionada com alguém importante. O que talvez me faça um pouco importante também, pelo menos aos olhos dos meus amigos e de minha irmã.

— E então? — ela questiona. — Mais detalhes!

Respiro fundo, sabendo que, provavelmente, eu não vou conseguir explicar a complexidade dos meus sentimentos ao encontrar minha mãe biológica. No entanto, desejo poder, pelo menos, repassar a sensação que tive na sala dos escritores vendo aquele quadro se encher pouco a pouco com ideias, ou contar como fiquei de pé no alto do Guggenheim olhando para aquelas fileiras de obras-primas. — Nova York é o mundo dela, tão glamoroso e interessante — replico.

— E ela é legal?

— Muito — respondo. — Tão sofisticada. Não se parece... com ninguém que eu conheça...

— Uau! Isso é demais, Kirby!... E quanto ao seu pai? — ela indaga.

Por um segundo, sinto uma pontada familiar de ressentimento, pensando que o meu pai é o pai *dela*, mas eu entendo o que ela quer dizer e decido pegar leve.

— Ele é músico — conto pra ela.

— Ah, meu Deus, isso é tão irado! — ela dá um gritinho. — Você é tipo, a filha de dois artistas. Uma escritora e um cantor. Isso explica tudo.

Dou um sorriso, sentindo um calorzinho se espalhar dentro de mim.

— Ele é famoso também? — ela quer saber.

Eu sacudo a cabeça e digo: — Acho que não. O nome dele é Conrad Knight. Nunca ouvi falar.

— Mas talvez ele tenha mudado o nome. Como um nome artístico?

— Talvez. Acho que isso é possível — digo sem querer lhe dizer a verdade: que Marian não faz ideia de onde ele está. Que ele talvez nem saiba que eu *exista*.

— *Qualquer coisa* é possível — ela comenta. — Você é uma prova disso.

— Sim. Acho que sim — digo, então volto minha atenção para ela, onde sempre esteve por tanto tempo. — Então, Noah Smith, hein? — digo apontando para a cozinha.

Ela dá um sorrisinho e ergue as sobrancelhas. — É mesmo, não é? Ele não é incrivelmente *sexyyyy?*

— Sim. Acho ele bem bonitinho — concordo. — Vocês estão namorando?

— Ainda não — ela fala erguendo seus dedos cruzados para o alto. Suas unhas são compridas e pintadas na cor lavanda. Uma semana atrás eu teria achado as unhas dela lindas, mas agora que me lembro de Marian dizendo que só gosta de cores neutras na mão, acho que concordo com ela. — Mas me dê uma semana!

Sorrio, admirando sua autoconfiança, porém, pela primeira vez, não me ressinto com ela por causa disso. Para falar a verdade, sua tática para namorar Noah parece algo simples e monótono se comparada ao que eu acabei de vivenciar.

— Então, a mamãe está chateada? — pergunto.

Ela franze os olhos e diz: — Humm. Sim. Bastante.

— Ela lhe falou alguma coisa? — digo pensando que não seria típico de minha mãe confidenciar algo desse tipo a ela.

No entanto, Charlotte balança a cabeça e diz: — Nada disso. Foi papai que falou. Ele me fez sentar, ficou todo sério e me contou tudo o que estava acontecendo... disse que a mamãe estava magoada porque você não conversou com ela sobre isso. — Ela dá de ombros e diz: — Eu disse a ele que é o seu jeito. Você faz as coisas do *seu jeito.* Quero dizer, não estou brava porque você não me contou, e eu sou sua irmã.

Concordo, desejando sinceramente ter feito isso.

— Você é independente e forte e sabe exatamente quem você é e o que você quer.

— Obrigada — digo pensando que esta é provavelmente a coisa mais legal que alguém já falou de mim. E seria mais legal ainda se eu realmente fosse assim mesmo.

— Queria começar dizendo que estamos felizes por você ter chegado bem em casa — meu pai fala mais tarde naquela noite, no que parece ser um diálogo evidentemente elaborado. Estamos sentados na sala, minha mãe e eu estamos no sofá, e meu pai em sua poltrona reclinável.

— Sim. Obrigada — eu murmuro.

— E nós entendemos por que você quis conhecer sua mãe biológica — ele continua. — Nós até entendemos por que você quis fazer isso sozinha. *No entanto,* o que nós não aceitamos foi o fato de você ter mentido.

— Isso mesmo — minha mãe completa. — Mentira é uma coisa que não toleramos nesta casa, é algo que não *podemos* tolerar.

— A *única* coisa? — digo com um sorrisinho que eu sei que vai enfurecê-la.

Com certeza, ela parece irritada ao dizer: — É uma mentira *grande*.

— Nós sempre tentamos ser abertos para conversar — papai fala.

— A-hãm — eu digo.

— Então por que você não nos procurou? — ele pergunta ainda calmo, embora eu perceba que sua roupa está mais marcada e desarrumada que o normal, como se ele estivesse andando sem parar e sem dormir há dias. Talvez ele seja apenas diferente de Marian e Peter, arrumados e perfeitos.

— Hum. Acho que é porque eu não *quis* — explico.

Ele ignora minha resposta irreverente e diz: — Por que não?

— Bem. Pra começo de conversa, eu ouvi o que vocês falaram sobre mim — digo encarando os dois enquanto eles fingem estar confusos, e eu me preparo para jogar a bomba. — Escutei vocês falando na cozinha naquela noite. Sobre minha mãe biológica e outras coisas.

Minha mãe pergunta sobre o que eu estou falando, e então eu continuo. — Sobre vocês não saberem realmente a história verdadeira da minha origem. Ou quem eu sou. E que meus pais biológicos podem ser os culpados pelos meus problemas. A raiz de todo o mal.

Meus pais trocam um olhar culpado e minha mãe explica: — Ninguém *jamais* usou a palavra “mal”, Kirby.

— Não importa. Entendi o que vocês queriam dizer. Então, pensei em ir atrás dela. Ver se vocês estavam certos sobre suas teorias.

— Kirby. Você interpretou mal. — Meu pai se desculpa passando as mãos pela sua cabeça já quase careca.

— Não. Acho que vocês foram bem claros, papai. Vocês basicamente os acusaram de serem viciados e criminosos.

— Não dissemos nada desse tipo! — meu pai fala, agora praticamente gritando.

Eu *venci*, penso, me sentindo presunçosa. — E em vez de ela ser a fracassada

por quem vocês pensam que eu puxei, encontro esta incrível, bem-sucedida e inteligente produtora de televisão — eu digo, sabendo que estou abrindo ainda mais a ferida. — Então, acho que vocês podem riscar essa teoria da sua lista. É melhor vocês encontrarem outra razão pelo fato de eu ser tão fracassada.

— Kirby! — meu pai exclama. — Ninguém pensa que você é fracassada.

— Ah, não?

— Nós simplesmente pensamos que você não está atingindo seu potencial.

— Comparada com quem? Com você e com a mamãe? Com a Charlotte? Ou com a minha incrivelmente bem-sucedida mãe biológica? — digo, minha voz cheia de sarcasmo. Sei que estou sendo mesquinha, mas não consigo me controlar. Afinal de contas, eles me comparam com a filha biológica deles todos os dias; qual a diferença?

— Ei! Não gosto do tom que você está usando, mocinha! — meu pai reclama.

Eu o encaro. — Bem, papai. Eu também não gosto do jeito como eu me sinto uma estranha aqui em casa.

— Você tenta se *fazer* de estranha! — meu pai exclama me apontando o dedo.

— De que modo? — pergunto com um sorriso calculado.

— Não se juntando mais à família — minha mãe diz.

— Nas competições de natação? — eu digo, olhando furiosa para ela. — Sem ofensas, Charlotte, mas eu detesto essas competições. São muito demoradas e um tédio... e não gosto de esportes, ponto final. Eu gosto de outras coisas. Como filmes, arte e música. Eu não sou igual a vocês.

— Está vendo? “Igual a vocês” — meu pai comenta. — Você está prestando atenção ao que está dizendo?

— Eu gosto de filmes e música — minha mãe comenta, parecendo ofendida.

— OK. Primeiramente, eu falei *filmes*, não estes filmezinhos de ação da locadora e estes idiotas e melosos filminhos de amor — eu digo. — E além do mais, Barry Manilow não conta como música.

— Ei! — meu pai grita me apontando o dedo. Acho que ultrapassei os limites falando mal do Barry.

— Você costumava adorar Barry Manilow — minha mãe diz se lamentando.

— Quando eu tinha 5 anos. E você ainda me fazia lavagem cerebral — eu digo. — Olhe. Me desculpem por eu ter ido para Nova York sem contar para vocês. Eu simplesmente precisava conhecê-la. Sozinha. E foi o que fiz. E fim da história.

— Só isso? — meu pai pergunta, ajustando o encosto de sua poltrona. — Você se sente melhor agora?

— Sim — eu respondo. — Me sinto. — Fecho minha boca e cruzo meus braços, sem entender por que não estou mais disposta a simplesmente acenar a bandeira branca, já que eles obviamente estão tentando ser legais. E pelo menos não ameaçaram me colocar de castigo, um sinal sutil e surpreendente de mudança de poder.

— Então. Você vai manter contato com ela? — minha mãe pergunta.

Dou de ombros como se isso não tivesse muita importância para mim, apesar de já ter verificado meu telefone vinte vezes desde que cheguei em casa, esperando por uma resposta de minha mensagem “Cheguei bem em casa!”.

— Bem — meu pai comenta. — Por falar nisso, tivemos uma ideia.

— Que tipo de ideia? — pergunto, preocupada.

— Gostaríamos de conhecê-la — minha mãe fala parecendo que engoliu um remédio amargo.

Meu pai concorda. — O que você acha de convidá-la para vir aqui? Talvez para sua formatura?

— Sim. Hum... Acho que não — eu digo.

Minha mãe parece encantada com a ideia.

— Por que não? — indaga meu pai.

— Ela é muito ocupada.

— Bem, neste caso ela pode recusar — meu pai fala. — Mas nós gostaríamos de fazer o convite assim mesmo. Se você concordar.

— Gostaríamos de pelo menos falar com ela — minha mãe se justifica.

— Vocês não têm nada em comum — eu digo.

— Temos *você* em comum — meu pai comenta.

— E eu aposto que *todos* nós achamos que você deve ir para a faculdade — minha mãe acrescenta, revelando seu jogo bem no início.

— Ah! Então *esta* é a questão — eu digo estalando os dedos como se uma lâmpada tivesse acabado de se acender. — Conseguir que ela fique do lado de vocês. Três contra um?

Minha mãe sacode a cabeça rapidamente e com força, revelando deste modo a intenção deles ainda mais.

— Tudo bem. Escute. Vou pensar sobre isso — comento, imaginando se eu estou mais nervosa porque eles são tão transparentes nas suas intenções, ou porque eu sei que Marian não iria querer vir.

— Obrigado — meu pai agradece. — Vai ser muito bom isso.

— Posso ir agora?

— Sim — meu pai fala relutantemente.

Me levanto e vou para meu quarto para continuar minha busca por Conrad Knight. Não tenho ideia se ele foi para a faculdade, mas aposto todos os cursos do mundo que ele não é do mesmo nível do Barry Manilow.

12

Marian

Alguns dias depois de Kirby ir embora, estou no apartamento de Peter em TriBeCa, onde ele mora desde que Robin o expulsou de sua casa no Upper East Side. Estamos sentados no sofá assistindo à televisão, falando sobre trabalho e o Aidan, que vai chegar daqui a pouco. Aparentemente tudo está perfeitamente normal, mas percebo que existe alguma coisa errada conosco, e tenho a sensação forte de que isso tem a ver com a Kirby. Por mais que eu tenha tentado virar a página depois que ela foi embora, eu me sinto diferente. Talvez eu tenha saudades dela. Ou talvez me preocupe que Peter se sinta diferente comigo agora, provavelmente nem queira mais se casar comigo. Ou talvez seja porque eu sei que ainda não lhe contei a história toda.

Espero que ele faça algum comentário sobre ela, mas quando não o faz, começo a me preocupar ainda mais, até que finalmente digo: — Por tudo o que é mais sagrado — digo apoiando minha mão na dele. — Sinto muito por não ter lhe contado sobre ela antes... eu realmente desejaria ter feito isso.

— Eu também desejaria isso — Peter comenta. — Pelo *seu* bem. Não por minha causa.

— Você tem certeza de que isso não muda... as coisas entre nós? — pergunto olhando nos olhos dele.

— Porque você teve um bebê e o entregou para adoção quando tinha 18 anos? — Peter pergunta. — Você realmente acha que eu sou tão superficial?

— Não acho que isso significaria que você é superficial — digo, sabendo que estou evitando o verdadeiro problema. — Não necessariamente.

— Marian. Foi preciso coragem para fazer o que você fez. Eu admiro isso. Eu admiro *você*. — Ele sacode a cabeça como se ainda estivesse digerindo a magnitude da história. — Mas eu acho que simplesmente não consigo entender... por que você não me contou?

— Eu não contei a ninguém.

— Mas eu não sou simplesmente *ninguém.* — Ele apoia os pés na mesinha de centro, cruzando-os nos tornozelos. — Olhe, entendo que este é um assunto muito pessoal e privado. Entendo que você não queira comentar isso nas *festas*... porém, estamos juntos há *dois anos.* Chegamos até a falar de casamento.

Eu hesito e digo: — *Eu* falei de casamento.

Ele dá um suspiro, como se isso fosse um simples detalhe, e fala: — Então, se ela não tivesse vindo, e nós tivéssemos ficado noivos, você teria me contado?

Eu me sinto contorcer por dentro quando lhe digo que não sei.

— Sim, você sabe.

— Tudo bem. Talvez não — confesso. — Provavelmente não.

— E você acha que isso é certo? — ele pergunta. — Manter um segredo deste tamanho da pessoa com quem você quer partilhar sua vida?

— Não sei — digo encolhendo minhas pernas para debaixo de meu queixo. — Pensei em fazê-lo... mas agora que eu conheci Kirby... parece uma traição.

— Você não me traiu. Você simplesmente não confiou em mim — Peter comentou, enquanto percebo que as pessoas que eu realmente traí foram Conrad e Kirby.

Como se percebesse isso, Peter olha nos meus olhos e diz: — Então isso é tudo? Agora eu sei a história toda?

— Bem... tem algo mais que eu não contei — digo esfregando minhas mãos na calça jeans.

Ele me olha como se já soubesse e então faz um gesto para eu continuar.

— O pai biológico de Kirby não sabe nada sobre ela — confesso com a voz trêmula.

Ele fica com o rosto retesado, enquanto lhe conto sobre o teste de gravidez — a primeira mentira para Conrad. E como saí por aquela porta e nunca mais voltei, nunca mais falei com ele.

A expressão de Peter finalmente muda, seu rosto revela censura. — Então este cara não sabe que tem uma filha? — ele pergunta.

Balanço a cabeça, meu rosto queimando, a vergonha enchendo meu peito.

— Por quê? — Antes que eu possa responder, ele continua a falar acalorado: — Por que você simplesmente não lhe contou a verdade? Por que você não disse apenas "Ah, que merda! Estamos com um probleminha aqui"?

Ele faz tudo parecer tão fácil, e eu não tenho resposta.

— Você estava tentando... negar o fato? — Peter pressiona. — Foi por isso que mentiu? Foi por isso que guardou segredo?

Eu me crispo toda, percebendo o modo como ele usou as palavras "segredo" e "mentira" alternadamente. — Talvez. Eu realmente não sei. Eu simplesmente... simplesmente achei que não valia a pena.

— Você não achou que valia a *pena?* — ele diz. — Contar a um homem que ele vai ter um filho?

Tento um outro ângulo. — Senti como se o estivesse poupando.

— De que modo? — Peter fala imediatamente. Ele levanta os ombros e me encara nos olhos.

— Que adolescente quer ouvir que a namorada está grávida? É o maior pesadelo, Peter. Lembre-se: nós tínhamos 18 anos. Duas crianças.

— Bem, você não acha que ele merecia saber? Você não acha que era escolha *dele*? Não sua.

— Obviamente não. Eu realmente pensei que era *minha* escolha. Você entende... *Direito sobre meu próprio corpo* — digo, apesar de saber que estou ofuscando o ponto principal.

Peter é inteligente demais para deixar passar isso. — Tudo bem. Eu sei que é o seu corpo, sua escolha... mas não estamos falando se você vai *ter* o bebê. Estamos falando sobre ele saber sobre o bebê.

— Bem, se você acha que eu tinha o direito de *fazer um aborto...* por que não

poderia desistir dela? Qual a diferença para Conrad?

— Eu digo a diferença — ele fala rispidamente. — Uma delas faz dele um pai. A outra não. Este cara não tem direito de saber sobre seu próprio filho? Como pai... meu Deus... não consigo nem imaginar...

— Mas não é como se nós pretendêssemos nos casar, começar uma família e uma vida juntos. Eu estava indo para a faculdade. Ele não estava.

— Certo. Entendi isso — Peter comenta. — Ele era um fracassado que tocava numa banda. Não ia a lugar algum. Essa parte entendi.

— Ele não era um *fracassado* — digo me sentindo estranha defendendo Conrad, embora me ocorra que ninguém jamais o tratou pior do que eu o fiz. — Nós simplesmente éramos diferentes. Queríamos coisas diferentes. Mas nenhum de nós queria um bebê. — Mordi meu lábio. Não existe nada que eu possa falar para me defender, mas assim mesmo eu tento. — Dar à Kirby um lar com dois pais estáveis e amorosos era melhor para ela que qualquer coisa que eu tivesse para lhe oferecer por conta própria. O pai dele era alcoólatra. Ele estava quebrado. E sim, ele não tinha futuro. E se, por alguma razão, ele quisesse ficar com ela? O que eu faria então?

— Não sei — Peter comenta sacudindo a cabeça. — Acho que você teria que fazer essa escolha.

— Eu realmente fiz uma escolha. E foi a mais acertada para todos os envolvidos — eu respondo. Mas pela primeira vez, penso se isso é verdade.

Alguns segundos depois, no pior momento possível, a não ser é claro para Robin, escuto o som da voz dela no corredor. Não sei se para irritar Peter, se para passar mais tempo ao lado dele, ou simplesmente me desestabilizar, chegar mais cedo — ou completamente fora de hora — é sua jogada preferida, e eu deveria estar preparada para esta possibilidade.

— Merda! Eles estão 45 minutos adiantados — Peter murmura para si mesmo. E então, como sabe o quanto isso me irrita diz: — Sinto muito.

Aceno com a cabeça e tenho vontade de me esconder no quarto de Peter, mas ao contrário, me preparo quando Robin entra sem bater com Aidan se arrastando

atrás dela. Peter fica de pé, sorri, cumprimenta o filho com um toque das mãos, bagunça o cabelo do garoto e as franjinhas que não parecem combinar com sua personalidade melancólica.

Ele se vira para Robin e pergunta: — Quando ele vai cortar o cabelo?

— Este é o novo estilo, Peter — Robin explica. — Você está na televisão. Você deveria saber disso.

— Oi, Aidan — eu digo.

— Oi, Marian — Aidan responde educadamente, retirando o cabelo de seu olho esquerdo. Ele é um garoto gentil e bem-educado, mas infelizmente não temos muita empatia um com o outro, talvez porque não o veja muito. Às vezes, parece que Peter não o vê muito, eu penso que este é o caso ao ouvir Robin reclamar da agenda do seu ex.

Robin coloca sua carteira e duas sacolas de compras no chão, sentando numa poltrona à minha frente, suspirando de cansaço. Sua saia de camurça marrom-chocolate é curta, exibindo suas pernas bem torneadas e bronzeadas. Robin consegue lançar seu *sex appeal* de um jeito grosseiro e eu sorrio me lembrando do que a irmã de Peter uma vez comentou sobre Robin: “Se ela tivesse que levar uma única coisa para uma ilha deserta, seria seu lubrificante”. O comentário deveria ter me incomodado, pois lembrava os dias quentes e apaixonantes de Peter com ela no passado, mas por alguma razão, Robin nunca me deixou com ciúmes deste jeito, nem mesmo nas poucas vezes que a vi de biquíni. Ela só me incomoda quando parece ainda estar apaixonada por Peter, como daquela vez que fomos pegar Aidan na casa dela e ela me mostrou seu álbum de casamento, exibido em destaque na sua mesinha de centro.

O que deixava tudo pior é que Peter só deu uma risada dizendo o que sempre dizia: — Esta é a Robin.

Não é que eu não queira que Peter se dê bem com ela, e na verdade eu até que gosto bastante dela — ela pode ser incrivelmente divertida e agradável — mas eu realmente me ressinto quando eles agem como se ainda fossem um casal.

— Como vai, Robin? — pergunto-lhe agora.

Ela dá um suspiro, e então dispara a falar como é ocupada e estressada. Ela é a pessoa que não trabalha, mais ocupada e mais estressada que eu já conheci na vida. No meio de uma frase sobre um baile beneficente que ela está organizando, ela olha de relance para meu dedão do pé, cujo esmalte começou a descascar esta manhã.

— Ah, meu bem. O que aconteceu com este dedo? Bateu em algum lugar? — ela fala no seu sotaque sulista. Ela cresceu em Connecticut, mas se mudou para Auburn e fala com sotaque quando lhe convém.

Dou de ombros, olhando de relance para Peter, que está envolvido num bate-papo com Aidan, e a provoco: — Quem sabe? Talvez jogando tênis com Peter?

Este era um assunto que, segundo Peter, foi o pomo da discórdia durante o casamento deles. Não que ele quisesse que ela corresse maratonas ou escalasse montanhas, mas ela se recusava a fazer qualquer atividade física e não queria que sua cabeça ficasse molhada na praia. Ele disse que isso era um símbolo de como as coisas estavam erradas entre eles, ou seja, não tinham nada em comum. Ela era materialista e obcecada por sua aparência (basta dizer que ela fez uma plástica no rosto aos 44 anos).

Mas o maior problema no casamento deles — e o grande motivo do seu rompimento — era sua desonestidade crônica. Ela nunca teve um caso — pelo menos nenhum que Peter tenha tido conhecimento — ou contado uma mentira enorme, mas houve inúmeras mentirinhas e meias verdades que acabaram desgastando o relacionamento. A bolsa Devi Kroell de pele de jacaré que ela comprou não foi “tão cara” (custou 4 mil dólares — um problema por si só). Ela apenas bebeu um drinque, não seis. Seu namorado da faculdade *a* encontrou no Facebook, não o contrário. Na verdade, Robin parecia ser a perfeita definição de uma mentirosa patológica, contando mentiras quando não havia razão para tal — sobre coisas totalmente insignificantes — como não dizer a verdade sobre o que comeu no café da manhã. Peter falou que não podia mais confiar nela, ele não gostava mais dela. Meu estômago se retorce angustiado quando penso que ele pode sentir a mesma coisa por mim agora.

Robin bate papo (principalmente com ela mesma) por mais alguns minutos,

então, se levanta abruptamente e corre para a porta. — Tenho que ir. Tenho um encontro incrível! — ela diz passando por Peter e Aidan a caminho da porta.

Para sua óbvia frustração, Peter parece cansado dos seus modos, não demonstrando interesse pela sua vida amorosa. Ou pelas suas pernas, por falar nisso.

— Você não quer saber com quem eu estou saindo? — ela pergunta a ele elevando ligeiramente a voz, curvando a cabeça para o lado, enquanto Aidan passa para o sofá, pegando um livro da Ursula Le Guin de sua mochila. Nunca vi um garoto ler tanto quanto ele, fato que obviamente não aprendeu com sua mãe, que uma vez descaradamente anunciou que “detestava ler”. Quem admite uma coisa dessas?

— Nem um pouco — Peter fala com um olhar divertido. É como se ele ainda gostasse dela, do jeito que a gente gosta de um cachorro que faz gracinhas. — Mas se você quiser pode me falar.

— Vou lhe contar. Não iria querer manter isso em segredo — ela fala e então me olha por alguns instantes.

Meu coração começa a acelerar. Será que ele *contou* para ela? Com certeza, ele não faria isso comigo. Mas o que ela queria dizer com essa frase, e me olhando desse jeito? Resolvi não culpá-lo, esperando que ela continuasse com a sua lenga-lenga, imaginando que poderia aproveitar algo das suas histórias para colocar num roteiro. Eu já tinha feito isso antes.

— Nathan Bilet — ela anuncia.

Peter olha para ela sem entender.

— Meu Deus, Peter. Ele é um escultor famoso mundialmente — ela explica. — Você se lembra, você se sentou ao lado dele no Joyful Heart Gala há alguns anos. Ele tinha acabado de ser inscrito na seção de Artes.

Ela se vira para mim e comenta: — Nathan faz escultura cinética. Arte que se move.

— Sim. Eu sei — digo secamente enquanto me levanto e fico ao lado de Peter,

passando meu braço pela cintura dele, de propósito, porque eu senti uma necessidade urgente de tocá-lo.

— E ele faz esculturas sonoras também. Ele é tão “avant-garde” — ela fala com uma expressão sonhadora.

Fico pensando se ela saberia definir “avant-garde”, ou talvez “sonora”, mas quando não diz nada eu comento: — Bem. Aposto que ele é um cara fascinante.

— Sim, ele é. E ele é *francês* — ela fala se abanando. — Um pouco jovem para mim, mas acho que posso bancar!

— Tenho certeza que você consegue, Rob — Peter fala dando umas batidinhas de leve no ombro dela e gentilmente a levando para a porta. — Divirta-se bastante.

— Você está me colocando para fora? — ela pergunta indignada.

Peter sorri. — Não. Não quero que você chegue atrasada para seu encontro. Pode ser que Nathan se ofenda.

Ela irradia alegria e grita para Aidan: — Amo você meu bem! Até amanhã à noite!

— Amo você também, mamãe — ele fala sem levantar os olhos do livro.

— Bem. Tudo bem. Estou indo — ela fala se demorando um pouco mais. — Eu sei que vocês dois têm muito que discutir. — Ela me olha novamente e dessa vez não tem erro. Ela *com certeza* sabe. — Pode me fazer um favor?

— O quê? — digo tentando controlar a minha mágoa e raiva de que ele lhe contou coisas sobre mim.

Ela diminui o tom da voz para um sussurro. — Não conte para Aidan *todos* os detalhes. Não é... um assunto que eu queira falar com ele. Na idade dele — ela fala passando a imagem de uma mãe responsável, que não é seu costumeiro papel.

— Ah, eu compreendo, Robin — falei o mais sarcasticamente possível.

— Ele sabe como nascem os bebês — ela comenta. — Mas ainda assim...

Pelo canto de meu olho, vejo Aidan olhar de relance para seus pais, como se ele soubesse exatamente o que está acontecendo. Então ele se levanta e vai para seu quarto, onde provavelmente vai ficar a noite toda.

— Sinto muito. Não quis parecer mesquinha — Robin fala me olhando com um olhar confuso, como se não soubesse exatamente o que tinha feito de errado. Por mais estranho que pareça, acho que ela não sabia mesmo. Ela não é manipuladora e mesquinha, ela é simplesmente *idiota.*

Mas Peter sabe *exatamente* o que está acontecendo. Então, ela se despede com um aceno e sai da sala. Fico olhando para o chão, incapaz de olhá-lo nos olhos: — Como você pôde fazer isso? — digo.

— Como eu pude fazer o quê? — ele pergunta.

— Contar a ela.

— Eu não contei a ela — ele fala me abraçando.

Me afasto do abraço. — Ah, por favooor, Peter.

— Contei para o Aidan — Peter fala, abaixando a voz. — Ele deve ter contado para a mãe dele.

— Você contou para o *Aidan*?

— Sim. Isso é um problema?

Reconheço uma pergunta capciosa quando ouço uma; se eu disser sim, estou implicando que não vejo Aidan como uma extensão dele. Um *grande* problema se você quer se casar com alguém. Ainda assim, creio que ele deveria ter me perguntado antes. Acredito que deveríamos ter conversado sobre isso antes de ele contar para o filho dele, ou para *qualquer outra pessoa*, que seja, *especialmente* sabendo que Aidan poderia contar para Robin. Digo tudo isso para Peter, tentando permanecer calma e deixar Robin fora da nossa discussão. Isso não tem nada a ver com ela.

— Ele é meu *filho,* Marian. E eu encontrei com ele naquela manhã. Logo depois que conheci Kirby... além do mais, havíamos conversado sobre sairmos nós quatro para jantarmos juntos. Então, acreditei que não tinha importância

falar com ele. E este não era um dos objetivos secundários da visita de Kirby? Que você iria enfrentar essa história e deixar tudo em pratos limpos?

— Pratos *limpos*? — digo. — Você vê? Até mesmo *você* pensa que é algo vergonhoso.

— Tudo bem. Não escolhi bem as palavras — Peter se desculpa. — Achei que você fosse... fazer disso... não mais um grande segredo. Claro que isso foi antes de eu saber que isso era um grande segredo até para o pai.

— Meu Deus, Peter — eu digo. — Isso aconteceu há *dezoito* anos. Por que isso é tão importante para você?

— Porque sim — Peter responde. — É a coisa mais importante do mundo, na verdade. Ter um filho. E o fato de você não enxergar isso do mesmo modo...

Eu o interrompo. — Isso lhe dá outro motivo para não casar comigo?

Ele me olha, seu silêncio é revelador.

— Tenho que ir — digo me sentindo entorpecida, então fico apavorada ao perceber quão paralisada eu estou.

Espero que Peter me impeça de ir, mas ele apenas me olha. Enquanto saio do apartamento dele, com a porta se fechando atrás de mim, me cobre uma sensação de *déjà-vu*. A sensação de ir embora, mesmo quando você não quer. A sensação de que às vezes as coisas não podem ser consertadas.

13

Kirby

— Quer um? — o senhor Tully me pergunta, me oferecendo uma caixa aberta de doces, enquanto acaba de comer um e pega outro. Estou no escritório dele numa folga da aula de ginástica, supostamente para discutir meus planos para a faculdade, embora nós ainda não tenhamos nem tocado no assunto. — Eles são da Doceria do Ray. São demais!

Sacudo a cabeça e digo a ele que estes doces com açúcar em cima fazem muita sujeira, especialmente se você estiver com uma roupa vermelha. E por que tem sempre tantos doces aqui, afinal de contas, eu pergunto e então especulo: pais agradecidos? Suborno dos alunos? Secretárias com paixonite? Ele dá risada, parecendo mais atraente ainda que de costume, então, joga a cabeça para trás e dá uma enorme mordida. Tem açúcar de confeiteiro voando para todo lado. Ele lambe o dedão, e eu fico olhando para os lábios dele, imaginando o senhor Tully namorando alguém. Não comigo — nunca pensei nisso — mas com alguma garota de faculdade bem risonha e de peitos grandes. Esperando que ele tenha um gosto melhor que esse na faculdade, ou pelo menos agora, mudo minha imagem para uma morena magra e intelectual.

E então, forço os olhos para ver a hora no monitor de seu computador. Só faltam vinte minutos para acabar o período.

— Então — eu digo me esticando sobre a mesa dele para pegar um bonequinho de beisebol do Nebraska Cornhusker que se parece ligeiramente com um maníaco. — Tenho novidades para você.

— Você finalmente memorizou a fórmula do quadrado? — ele pergunta com uma piscadela. — Porque isso seria demais.

— Haha. Não. E não é legal fazer piadas com as dificuldades acadêmicas de um aluno — eu digo. — Quero dizer, é o tipo de coisa que pode me fazer ficar na terapia por muito tempo. Meu próprio conselheiro escolar me chamando de

burra.

— Burra? Não. Teimosamente se recusando a aprender, humm... sim. — Ele aponta para mim dramaticamente, sorrindo.

— De qualquer modo — digo deixando esse assunto de lado com um aceno. — Isso não tem nada a ver com Matemática. Tem a ver com onde estive a semana passada.

Ele olha para o teto, ainda sorrindo, como se tentasse adivinhar algo engraçado, quando Scooter Banks aparece na janela de vidro, abre a porta, enfia a cabeça e grita: — Ei! Senhor T! Você gosta do Mário?

— É aí que você tem que dizer: “Que Mário?”.

Scooter dá gargalhadas e grita: — Aquele que te comeu atrás do armário.

— Volte pra classe, Scooter — o senhor Tully ordena, mandando ele embora.

Ainda rindo, Scooter passeia pelo corredor e eu reviro meus olhos e resmungo: — Que babaca.

— Vocabulário impressionante — Sr. Tully comenta. — Viu só? Você definitivamente não é burra.

Dou um sorriso pensando que as aulas preparatórias para o SAT até que foram proveitosas, afinal de contas, e então dei a notícia. — Então, conheci minha mãe biológica. Durante o fim de semana prolongado. Eu a encontrei em Nova York. Fui até lá. Sozinha.

O senhor Tully dá um assobio e me lança um olhar que eu tenho vontade de guardar para sempre. É um olhar de puro respeito. Ele está impressionado e curioso, e embora eu saiba que ele gosta de mim, esta é a primeira vez que ele me olha assim. Ele faz sinal para que eu continue e eu lhe conto a história toda, desde o telefonema para a agência de adoção há seis semanas, a viagem de ônibus até Nova York e a minha batida na porta da casa dela tarde da noite.

— Nossa — ele comenta. Depois repete a palavra duas vezes mais.

Sorrio e continuo a lhe contar tudo sobre Marian e a vida dela. Ele escuta com

mais atenção que Belinda ou minha irmã, como eu esperava, e sua primeira pergunta é simples e cuidadosa. — Você acha que são parecidas?

— Fisicamente? — indago.

Ele acena que sim, diz que podemos partir daí, e eu digo que sim, que fica bem claro que nós somos da mesma família. — Temos o mesmo tom. Temos a mesma estrutura física. E as mesmas orelhas grandes. — Sorrio ruborizada.

O senhor Tully bate no peito com o punho e pergunta: — E quanto aqui? Vocês são parecidas aqui?

É o tipo de coisa que pareceria brega vindo de outra pessoa, especialmente se acompanhada pelo gesto no coração, mas ele é legal e bem bonito para se safar dessa.

— Não, realmente não... talvez um pouquinho — replico.

— Como assim?

Dou de ombros e retruco: — É difícil de explicar. Ela é mais inteligente do que eu. Mais do tipo ambiciosa. — Dou uma risada e continuo. — Bem. Não preciso nem falar sobre isso, não é...

— Não sei... talvez ela seja mais ambiciosa, mas eu duvido que ela seja mais inteligente. Afinal de contas você é filha dela. E você é bem esperta.

— Sim. Você que diz.

— É o que o resultado dos seus testes dizem. Conte mais.

— Não sei. Ela é meio quieta. Como eu. Mas ela se dá bem com as pessoas também — digo lembrando dela na sala dos escritores. — Como se sempre soubesse exatamente o que iria dizer e fazer... e ela está sempre... segura de si.

— Isso é uma coisa boa?

— Bem, sim — eu respondo. — Melhor do que ser desastrada como eu.

— Você não é desastrada.

— Sim, eu sou.

— Você apenas acha que é assim. Para uma adolescente você é bem... controlada.

— Não importa o que isso significa.

— Significa que parece que você tem algo em comum com sua mãe biológica.

Sacudo a cabeça. — Não. Ela é perfeita. Seu cabelo, sua pele e suas roupas. E o apartamento. Tudo perfeito e estiloso. Tudo.

— Parece que dá muito trabalho.

— Não para ela.

— Bem, então isso parece meio... chato? — o senhor Tully retruca.

Dou de ombros. — Bem, eu não sou assim. Disso tenho certeza — digo pensando nas roupas que ela me comprou e que ainda não usei. Quase conto isso para ele, mas não quero expressar esse sentimento em palavras — que ela tentou me comprar por causa da mentira que ela tinha contado, como “Ei, desculpe, mas seu pai não sabe que você existe. Mas olhe que lindos estes sapatos Prada!”.

— O que foi? — senhor Tully pergunta. É incrível como ele faz isso: me pergunta exatamente o que eu estou sentindo no momento que estou pensando algo importante.

Engulo em seco, olho para as minhas mãos e decido lhe contar uma parte daquela sujeira. — Então. Acontece que... ela nunca contou pra ninguém sobre mim.

Ele curva a cabeça para o lado. — Ninguém?

— Não. Pra ninguém, a não ser a mãe dela.

Se ele ficou chocado, não demonstrou, e em vez disso vai direto ao ponto e pergunta: — Como você se sentiu?

— Não sei. Acho que fiquei surpresa.

— Você ficou magoada?

— Um pouquinho — admito e completo rapidamente —, mas tanto faz. Não

tem muita importância.

— Então seu pai biológico nem sabe que você existe? — o senhor Tully indaga.

— Não — digo, sentindo meu rosto queimar, como se isso fosse culpa minha, em vez dela. — Ela nunca disse a ele que estava grávida.

Quando ele não me responde digo: — Eu sei. É chocante, não é?

— Sou um conselheiro escolar — o senhor Tully fala estalando os dedos. — Nada me impressiona.

— Bem, gostaria que ela tivesse tido alguém como você para conversar, naquela época — eu comento. — Lá pelos anos noventa.

— Por quê? — O senhor Tully aprofunda. — Você gostaria que ela tivesse tomado outra decisão?

— Não — respondo rapidamente. — Não é isso que eu quero dizer. Eu só queria... que ela tivesse contado a ele sobre mim.

— Claro que sim — ele retruca.

— E sabe o que mais? Acho que ela também gostaria de ter feito isso. E acho que alguém como você poderia tê-la convencido a fazer isso.

— Bem, então — o senhor Tully comenta. — O que vocês duas estão esperando?

— O quê? — pergunto espantada.

— Por que vocês não tentam encontrá-lo? Como você fez com ela?

— É tarde demais — eu digo, apesar de ter passado mais de duas horas a noite passada procurando por ele na internet. — Pelo menos é tarde demais para ela. A vida dela é toda perfeita e coisa e tal.

— Não é perfeita, Kirby — o senhor Tully retruca justamente quando a campainha toca. — E *definitivamente* não é tarde demais.

14

Marian

Na terça de manhã, Peter bate na porta de meu escritório, um fato realmente improcedente, sem ter marcado uma reunião (que geralmente acontece no escritório *dele*) e me pergunta se eu tenho um minuto.

— Claro — digo e sinto a palma das minhas mãos começar a transpirar. Não nos falamos há três dias — desde que eu saí de seu apartamento — e embora não tenha certeza do que espero que ele diga, estou esperançosa que essa visita seja de natureza pessoal. Mas depois de alguns segundos, percebo que ele está aqui por questões relacionadas ao trabalho. Ele abre uma pasta e retira os esboços dos episódios que eu havia lhe enviado e os coloca sobre a minha mesa. Percebo imediatamente que está em vias de ser modificado e as margens estão repletas de comentários.

— Você não gostou? — questiono.

— Claro que gostei. Vicky e eu gostamos muito — ele fala se referindo à diretora de programação, minha chefe imediata, que provavelmente estaria aqui se Peter e eu não estivéssemos namorando.

— Mas existem algumas coisas que precisamos discutir — ele comenta. Meu coração despenca. Conheço este olhar da última temporada — e da temporada anterior. E daquela anterior a essa. É um olhar que prenuncia que ele vai me dizer para mudar tudo o que escrevemos.

Folheio o documento, percebendo uma nota na margem que diz “Muita bebida”. Eu aponto para aquilo e comento: — A história acontece num bar, Peter. Por acaso Norm bebia demais no *Cheers*?

— Olhe. Não fique na defensiva — ele retruca.

— Não estou — respondo imediatamente, olhando de relance para as outras anotações, muitas das quais tem a ver com o “tom” de determinada cena ou

diálogo.

— O que são essas notas sobre tons? — pergunto. — O que tem de errado com os nossos tons?

— Nada. Apenas precisam ser adequados — ele fala cruzando as pernas, de um jeito masculino e rindo para si mesmo.

Eu não dou nenhum sorriso.

— Me desculpe — ele fala descruzando as pernas. — Agora não é hora para brincadeiras.

— Não. Realmente não é — contesto. — Fale o que você tem para falar.

— Tudo bem. É muito audacioso. Sexo demais, bebidas, linguagem pesada, violência...

— Aqui não é a rede de TV ABC Família. Você sabe disso, não sabe?

— Sim. Estou ciente...

— E é o mesmo tom que sempre usamos.

— Não exatamente. Está indo para um caminho perigoso, e você está se expondo... demais.

— Mas é isso o que as pessoas gostam sobre o nosso programa. Não somos genéricos nem água com açúcar.

— Preste atenção, Marian — ele diz, e seu lado ríspido começa a emergir. — Você precisa estar ciente de alguns fatos. Estar no ar às 9 da noite nas quintas-feiras acarreta uma carga pesada. Você está competindo com os pesos pesados, e queremos uma audiência maior para justificar o que estamos cobrando.

— Então não somos um negócio lucrativo...

Ele faz um barulho irritado com o nariz, procura na sua pasta e me joga um outro documento. — Longe disso.

Olho de relance para um documento cheio de números e gráficos e olho de volta para ele, sacudindo a minha cabeça. — Você não está nos dando uma

chance para ter sucesso. E com essas notas nunca iremos conseguir. Você não pode nos fazer descaracterizar o programa desta forma.

— Olha, Marian. Você sabe o que a Vicky quer fazer? — ele pergunta. — Ela quer te colocar no horário morto da sexta-feira à noite. Eu salvei seu traseiro.

— Por quê? — grito de volta, decidindo que não vou mencionar que acho que a Vicky é uma tola insossa. Ele já sabe minha opinião sobre ela.

— O que você quer dizer com "por quê"?

— Por que você salvou meu traseiro? Porque estamos transando? — digo intencionalmente descaracterizando nosso relacionamento. — Ou porque você acredita no show que eu criei?

— Honestamente? — ele indaga. — Ambas.

— Bem, me faça um favor, esqueça sobre o primeiro tópico quando você estiver em suas reuniõezinhas, eu não preciso desse tipo de apoio — digo com a voz tremendo, percebendo que eu não vou vencer. Se o programa for bem, é porque ele me ajudou. Se nós mexermos no programa e torná-lo mais água com açúcar, vamos perder nossa sequência e seremos cancelados. Estendo o braço e apago com raiva algumas mensagens na minha caixa de entrada, só para ter alguma coisa para fazer com as mãos.

Ele suspira e retruca: — Olhe, Marian. Estou fazendo o que posso para manter você nas quintas-feiras, mas vamos ter que mudá-la para o horário das 8. Você não tem os números para competir no horário das 9, e os anunciantes estão reclamando sobre seus conteúdos para o horário das 8. Então você vai ter que pegar mais leve. Sinto muito. Sei que não é isso o que você esperava, mas é assim que funciona. Temos que ser lucrativos.

— Isso é bobagem — digo ofegante, olhando rapidamente as anotações.

— Não importa se milhões de pessoas assistem seu seriado, se o conteúdo está assustando todos os anunciantes e deixando os pais confusos.

Olho com raiva para ele. — Muito obrigada por esta aula sobre televisão.

Ele me ignora e responde: — A última coisa que quero é que seu programa

seja cancelado porque você não quis mexer no conteúdo, e tivemos que colocá-lo num horário em que seu público não assiste.

Ignoro sua questão condescendente e digo a ele que estou completamente ciente que tudo isso tem a ver com dinheiro. — Mas você não pode me pedir para não me decepcionar quando me tira toda a minha integridade criativa.

— Não tiramos nada disso. Apenas tiramos *um pouco* disso — ele fala dando outro sorrisinho, que seria charmoso se ele estivesse falando sobre o projeto de outra pessoa. — Faça apenas uma reengenharia. Faça o programa um pouco mais... *família*. Um pouco menos audacioso.

— Então, basicamente, devo mudar o programa todo — resmungo. — Ah Deus! Por que temos que nos curvar a esses toscos aí fora? Pessoas inteligentes também assistem TV. Não foi por isso que você veio trabalhar nesta rede?

— Marian. Acalme-se e leia as anotações. Seu programa vai continuar sendo inteligente, mas não tão... provocativo... vamos falar sobre isso amanhã — ele conclui com um tom enfurecedor. — Tudo bem?

— Tudo bem — respondo, sabendo de antemão que farei todas essas mudanças, como sempre faço, já que não tenho outra escolha.

Ele começa a se levantar, depois se senta novamente e me olha.

— O quê? — pergunto.

— Existe alguma outra coisa que você queira falar?

— Não, na verdade não — digo, desesperada para ele ficar um pouco mais, embora saiba que um comentário sarcástico e contraprodutivo está prestes a escapar dos meus lábios. — A não ser dizer que estou terrivelmente chateada por você não concordar com as escolhas que eu fiz quando tinha 18 anos.

Ele cruza os braços, concorda com a cabeça, diminui o tom de voz e fala: — Bem. Pra ser sincero, são escolhas que você continuou a fazer a cada dia, a cada ano desde então... porém, é a sua vida.

— E essa é a sua rede de televisão — retruco antes de ele balançar a cabeça, se levantar e se virar a caminho da porta.

Nós não conversamos no dia seguinte, nem no próximo. Nossos planos para sexta-feira à noite com nossos amigos estavam pendentes no calendário. Ele liga trinta minutos antes da hora da reserva, quando estou em casa, trocando minhas roupas de trabalho.

— Deixa eu adivinhar. Você está cancelando? — pergunto.

— Só queria acertar algumas regras para hoje à noite — ele fala, usando o seu melhor tom de voz passivo-agressivo.

— O que você quer dizer com isso?

— Significa: suas amigas já sabem sobre Kirby?

— Então agora elas são só *minhas* amigas?

— Tudo bem. *Nossas amigas.*

— Não — digo olhando apressadamente na minha penteadeira procurando as joias certas e os acessórios. — Elas não sabem. Estive um pouco ocupada reescrevendo o meu programa.

— Você vai contar a elas? — ele indaga.

— Não sei — respondo. — Se o assunto surgir.

— Bem, eu não acho que o assunto vai surgir espontaneamente.

— Bem, acho que então você já sabe a resposta — retruco.

— Então, você vai simplesmente fingir?

— Fingir o que, exatamente? — digo, pensando "*Fingir que nós estamos felizes?*".

Ele raspa a garganta. — Fingir que não estamos no meio de um grande acontecimento na nossa vida.

Embora me agrade ele dizer "Nós" e "Nossa", e usar a palavra "Acontecimento" em vez de "Crise", ainda sinto uma ponta de ressentimento no

meu peito, pois ele não me deixa tocar a *minha* vida para frente. Até mesmo Kirby me permitiu isso. Além de algumas mensagens aqui e ali, não tive mais notícias dela, e para meu alívio, ela não fez mais nenhuma menção de Conrad. Meus sentimentos em relação a isso permanecem ambivalentes, mas eu decidi que a trilha que estamos seguindo é a melhor para nós duas. Ela tem uma família e eu quero a minha própria. Com alguém que compreenda por que eu fiz o que fiz.

— OK. Olhe. Você quer que eu conte para elas? Eu conto. Talvez depois da sobremesa. "E, a propósito, meninas... eu tive uma filha há dezoito anos. Já lhes falei sobre isso?"

— Não seja volúvel, Marian — ele reclama.

— *Volúvel*? É assim que você chama alguém que dá um bebê para adoção? — indago, me sentindo paralisada, encarando meu reflexo no espelho. Pareço mais velha, ou pelo menos cansada, e desvio o olhar rapidamente. — É esta a "vibe" que você tem de mim nestes dias? Uma "vibe" *volúvel*?

Ele fica em silêncio.

— Na verdade, você não deve estar sentindo nenhum tipo de "vibe" — retruco. — Nós praticamente não passamos nenhum tempo juntos desde que eu conheci Kirby.

— Eu sei — ele responde. — Esta é a questão. Eu lhe dei espaço... e você usou este espaço para manter sua distância de sempre.

— Isto vindo de um homem que não quer falar de casamento — replico, mentalmente contando o número de vezes que eu havia tocado neste assunto. Sem sombra de dúvidas cruzando a linha entre sonhar com o nosso futuro, a pressioná-lo sobre ele.

— Não estamos na posição de falar de casamento — ele argumenta.

— Que conveniente para você — replico. — Que certinho!

— Você quer falar sobre ser certinha? Vamos falar sobre sua decisão, Marian. A decisão *perfeita.* Ter o bebê, dá-lo para adoção, não contar a ninguém. Cabum!

Certinho e organizado.

Sinto meu rosto ferver, minhas mãos começarem a tremer. — Não há nada no nascimento de uma criança que seja certinho e organizado. *Aborto* é certinho e organizado. Você não tem nem *ideia* do que eu passei. Como foi difícil.

— Tudo bem. Você está certa. Sinto muito. Eu sei que eu pareço duro. Só acho... — ele dá um suspiro e termina a sentença. — Acho que você não lidou com isso.

— Eu *lidei* com isso.

— Não, você não fez isso. Só porque você passou algum tempo com sua filha no trabalho? Um passeio no museu?

— E eu *sou* volúvel? — rebato, muito embora saiba de algum modo, que ele está certo. — Uau, Peter! O que você queria que eu fizesse com ela?

— Criar laços, talvez?

— Ela não estava aqui para arrumar uma nova mãe. Ela já tem uma.

— Bem, eu tenho quase certeza que ela não veio aqui para passear e fazer compras. Ela com certeza precisa de você.

— Então o que eu deveria ter feito? Ficar chorando de tristeza porque eu não fiquei com ela? — Assim que as palavras saíram da minha boca percebo o que disse, e mais importante, é que talvez depois de anos tentando me convencer do contrário, eu realmente tenho remorso pelas minhas escolhas. Eu poderia ter ficado com ela. Poderia ter optado por uma adoção aberta. Pelo menos, poderia ter contado a verdade sobre ela.

Peter escuta o que eu disse, também, é claro, e faz um som para expressar que acabou de provar seu ponto de vista.

— OK — digo derrotada. — Você venceu.

Sua voz se suaviza como um terapeuta que acabou de conseguir a resposta que estava procurando. — Não estou dizendo que você fez a coisa errada ao dá-la para adoção. Você teve uma vida maravilhosa. Tenho certeza que ela também.

As lágrimas começaram a surgir nos meus olhos enquanto pego meu casaco e minhas chaves.

— Tenho 36 anos, Peter. Quero ser mãe. Meu namorado não quer ter outro filho...

— Nunca falei isso.

— Bem.Quer? Ou não quer?

Silêncio.

— Então é um não?

— É um “eu não sei”.

— Tudo bem. Meu namorado de dois anos não *sabe* se quer ter um outro filho — retruco. — Então, portanto, supondo que eu fique com meu namorado, eu não *sei* se terei um filho. E supondo que eu termine com meu namorado, quem sabe se irei encontrar alguém logo, durante essa minha janela de fertilidade que está se fechando.

— Estou supondo que você irá ficar com seu namorado — Peter sugere.

— Bem, pelo menos um de nós sabe... talvez você não devesse ir ao jantar desta noite — digo.

— Sim. Talvez fosse melhor — ele fala finalmente tão irritado quanto eu.

— Ótimo. Até mais tarde — digo e desligo o telefone antes que ele o faça.

Quinze minutos mais tarde, eu chego no Campagnola, um clássico restaurante italiano do Upper East Side com uma decoração rústica e uma clientela sofisticada. É um dos favoritos de Peter. Ao entrar, imediatamente vejo Claudia e Jess, duas das minhas melhores amigas na cidade, sentadas no bar. Jess está paquerando três homens, típico dela.

— Oi! — digo sobre a melodia alegre de Sinatra que está sendo executada

pelo pianista da casa. Meu coração está pesado, mas eu pareço leve, sorridente e imagino se minha vida toda não é realmente uma fachada.

— Olá, garota! Você quer um T.L.C.? — Jess pergunta levantando o copo.

— O que vem dentro de um T.L.C.?

— Uísque, Cointreau, licor francês, vermute e licores de ervas. Até a Claudia gosta — ela proclama, se virando para chamar nosso garçom e avisar que ela vai querer mais um.

— Até *mesmo* Claudia? — Claudia retruca. Ela sabe que é a mais conservadora do nosso trio — contida, de acordo com Jess — mas ainda resiste ao rótulo.

Jess dá um sorriso safado e se vira para o seu público de ternos. — Prova o que eu sempre argumentei. Todo mundo gosta de uísque; é simplesmente uma questão de como, quando e onde.

Os homens dão uma risada um pouco alto demais, claramente fascinados por uma mulher que adora uísque, principalmente uma que parece uma modelo. O que torna Jess ainda mais atraente é que ela é uma investidora financeira feroz, que sobreviveu à falência do Lehman Brothers e se estabeleceu sozinha como chefe do sistema de saúde bancário da Goldman. Sempre brinquei com Peter que os dois fariam um casal perfeito, já que ela é uma versão mais engraçada, mais bonita e inteligente do que eu. E ambos têm problemas em se comprometer com relacionamentos.

Enquanto atualizamos detalhes sobre trabalho e vida, Claudia e eu fazemos o possível para excluir os homens temporários da nossa conversa — que é fácil quando estamos acompanhadas por Ben, marido de Claudia.

— Onde está Peter, o garotão? — Ben pergunta, depois de trocarmos cumprimentos e abraços.

— Trabalhando. Não deu para ele vir esta noite — digo e todos acreditam porque isso não é incomum. Mas quando Jess nos leva até o balcão da recepcionista e somos prontamente levados a uma enorme mesa redonda no centro de uma sala de jantar enfeitada com telas a óleo, confesso para Claudia

que estamos brigados.

— Você quer falar sobre isso? — ela pergunta assim que sentamos.

— Falar sobre o quê? — Jess exige saber.

— Nada, na verdade. Estava apenas dizendo que Peter e eu tivemos uma briguinha — explico, grata pelo uísque que estou agora engolindo. — Na verdade, acho que estamos prestes a terminar tudo.

— Você está brincando! — Jess exclama. — O que aconteceu? Ah, que merda... ele traiu você? Não me diga que ele traiu você.

— Não — digo lembrando todas as histórias de homens casados do passado dela e não fico surpresa que esta é a primeira teoria que lhe vem à cabeça. — Nada disso. É uma... história bem mais comprida.

— Vai contando tudo — Jess incentiva. — Você vai se sentir melhor.

Sorrio encantada com as nossas diferenças, a ideia de um segredo entre amigas é inconcebível para ela.

— É aquela vadia da ex-esposa dele? — ela tenta adivinhar. — Causando problema novamente?

— Não exatamente — respondo.

— Problema com Aidan? — ela especula.

— Você vai ficar tentando adivinhar ou vai deixar que ela fale? — Claudia indaga.

— Nós... acabamos de ter alguns problemas — digo pensando em Kirby, uma dorzinha me incomodando no peito. — E eu acho que ele está usando estes argumentos para justificar sua incapacidade de dar o próximo passo.

— Deus do céu. Espere. Volta e pare de falar em código — Jess ordena. — O que está acontecendo?

— Acho que ele não quer ter outro filho — explico.

— Mas você não tem certeza que ele *não* quer, não é? — Claudia pergunta,

uma especialista no assunto, já que quase terminou o casamento com Ben anos atrás, antes de se reconciliarem alguns meses mais tarde. Ironicamente, a separação deles era o reverso da minha situação — ele queria um bebê e ela não. Foi motivo para a separação deles, até perceberem que não era o caso, e agora eles têm uma menininha de 3 anos chamada Frances, e eu nunca vi uma mãe mais devotada.

— Vocês vão resolver isso — Ben comenta. Olho o rosto dele e me sinto mais calma. Ele tem esse efeito. Ele é o tipo de marido e pai que você imagina ter quando tem 8 anos de idade e ainda acredita em ser feliz para sempre. Um cara comum e bonito, mas não lindo demais. Engraçado, mas não convencido. Inteligente e ambicioso, porém com fortes valores familiares. Na verdade, quando Frances nasceu, ele tirou uma licença de dois anos da sua firma de arquitetura para cuidar dela em tempo integral. — Olhe para Claudia e eu. Às vezes as coisas demoram a acontecer.

— Talvez — digo. — Mas acho que meu tempo está se esgotando.

Claudia revira os olhos e me fala para não ser ridícula, mas eu a faço calar com um lembrete que ela ficou grávida com a minha idade.

— Sou dois anos mais velha que você — Jess comenta, se movimentando em volta da mesa. — E eu não estou em pânico.

Cuidadosamente evito o assunto doloroso de Michael, seu mais recente ex, sua separação ainda dói, e simplesmente a faz lembrar que ela tem um punhado de óvulos congelados e tem planos para usar uma mãe de aluguel, se for o caso.

Claudia parece pensativa e depois fala: — Então, é por isso que ele não está aqui hoje à noite? Porque você quer um filho e ele não tem certeza? — Fica claro pelo seu tom de voz que ela sabe que eu deixei uma parte importante da história de lado — e esta é uma das razões por que eu gosto tanto dela. Ela é astuta, ouvindo o que você *não* está dizendo, assim como o que você *está* falando.

Eu hesito, sentindo minhas defesas desabarem ao pensar em Kirby. Seu perfume barato de adolescente e seu jeito desengonçado de aplicar a maquiagem

e a sombra nos olhos. Suas orelhas grandes e seu sorriso tímido e doce. Sua performance surpreendente do rap na sala dos escritores e seus olhares maravilhados no Guggenheim. Penso no nosso último abraço antes de ela entrar no táxi e no quanto eu de repente sinto falta dela, principalmente, sinto falta de não ter sido a mãe dela. Ciente que meus amigos estão me observando, esperando uma resposta, ponho meu copo na mesa e digo: — OK. Em parte, essa discussão com Peter... é sobre casamento. Eu quero ter um filho. Quero ser mãe...

Claudia estende o braço e toca minha mão, enquanto respiro fundo e tento achar uma forma de continuar, imaginando se eu estou fazendo isso mais por mim mesma, ou se para marcar um ponto com Peter. — E eu quero isso principalmente porque... bem... eu tive uma filha uma vez. Há muito tempo.

— O quê? Quando? — Jess grita.

Olho para baixo, mas continuo a história. — Eu tinha 18. Antes de ir para a faculdade. Eu tive o bebê, e então... a entreguei para adoção.

— Para adoção? — Jess indaga.

Sorrio e digo: — Bem, eu não a coloquei dentro de uma cesta na porta de uma igreja.

— Meu Deus, Marian — Claudia exclama, quando eu me lembro da sua irmã que adotou um bebê num acordo aberto, enquanto Ben simplesmente me olha com o rosto cheio de compaixão.

— Que droga — Jess comenta se sentando na cadeira vazia para segurar a minha mão.

— Coisa pesada, não é? — digo tentando sorrir e aliviar o ambiente, exatamente quando a garçonete chega para falar o menu. Nós ouvimos e então Jess pede duas garrafas de vinho tinto da Toscana e uma amostra dos nossos aperitivos favoritos e costumeiros.

Alguns segundos mais tarde, Jess retoma o interrogatório. — Por que você não nos contou? — ela pergunta mistificada, incapaz de manter segredo de qualquer tipo de informação, até mesmo de um motorista de táxi.

— Eu nunca contei a ninguém — confessei. — Mantenho esse segredo há dezoito anos. De todo mundo menos da minha mãe. Não contei nem para o meu próprio pai. Não contei nem para o pai do bebê. Ninguém sabia. Até sábado passado... quando ela bateu na minha porta. Quando ela me encontrou.

Espero que alguém fale alguma coisa, mas ninguém diz uma palavra — nem mesmo Jess —, continuo a falar, contando-lhes sobre Kirby, percebendo com certo pânico que eu não sei muito sobre ela. Lembro dos comentários de Peter sobre os passeios e sinto uma onda de vergonha me cobrir.

— Espera aí. Você não contou para o pai do bebê? — Jess indaga, indo atrás da parte mais suculenta da história. — Isso é loucura. E eu sempre achei que você fosse tão certinha quanto a Claudia.

Claudia e eu a ignoramos. — Então, é por isso que Peter não veio. Ele acha que eu ainda não estou lidando com isso — confesso.

A mesa fica silenciosa novamente. — Vocês estão chateados porque eu não contei a vocês?

Eles declaram que não, e eu acredito, a garçonete mais uma vez nos dá uma folga quando chega para servir nosso vinho.

Jess é a primeira a levantar o copo. — A adoções secretas!

Todos rimos e balançamos a cabeça.

— Houve muitas vezes que eu *quis* contar para vocês — digo olhando primeiro para Claudia. — Quando você me contou sobre a sua irmã adotar o Luke... quando você ficou grávida da Frances. — Então olho para Jess. — E todas as vezes que você me confidenciava um de seus segredos — eu sorrio. — Mas eu simplesmente tinha decidido há muito tempo que não iria contar a ninguém. Queria deixar tudo no passado e seguir em frente.

Ben pergunta: — Então, qual você acha que é o problema com o Peter?

Sacudo a cabeça. — Eu realmente não sei. Ele parece estar sugerindo que é um problema de honestidade. Que eu estava escondendo algo importante dele.

Claudia se vira para Ben e pergunta: — Querido, você se sentiria deste modo?

— É difícil imaginar isso... devido a sua resistência de querer ter um filho, pra começo de conversa — Ben responde.

— Ótimo, finja que é outro segredo — proponho. — Qualquer coisa que ela tenha escondido de você.

— Como um encontro amoroso com três lésbicas? — Ben sugere.

— Não queira bancar o engraçadinho — Claudia retruca. — Não é do seu feitio.

Ben sorri, toma um gole de vinho e fica sério. — Gostaria de dizer que eu entenderia... tenho vontade de entender, sem cobrar nada, fazer o que uma pessoa madura faria... mas, honestamente, acho que eu ficaria bem chateado. Nem tanto com raiva, mas magoado.

— De verdade? — pergunto e sinto meu estômago se revirar de nervoso. Se Ben teria problemas com isso, qualquer outro teria.

Ele acena que sim com a cabeça, então franze o cenho e explica: — Eu talvez também ficasse um pouquinho preocupado. Parece que é uma questão de confiança. Isto é, você não acredita que ele já contou tudo sobre seu passado? Pelo menos tudo de importante que já aconteceu com ele? E se ele tivesse escondendo alguma coisa como essa? Algo desta magnitude?

Tento imaginar que Robin na verdade é sua segunda esposa, em vez de ser a primeira. Ou até mesmo que ele tenha tido outro filho com outra mulher.

— Sim. Provavelmente isso me deixaria insegura também — concordo.

— Mas — Ben completa — também acho que se ele não consegue superar isso, significa que ele não ama você do jeito que deveria amar.

Olho para ele esperando que ele continue.

— Esta não é uma ofensa imperdoável. Realmente, nada é imperdoável se você ama verdadeiramente a outra pessoa — ele fala olhando de relance para Claudia.

— E quanto a Kirby? — Claudia indaga. — Você ficou feliz que ela te encontrou?

— Sim — respondo. — Em partes. Fico aliviada de saber que ela está bem. Ela parece ter uma boa família... e a cabeça no lugar.

— Porém...? — Jess indaga.

— Porém isso realmente complica a minha vida. Não apenas com o Peter. Mas com todo o resto... antes de ela aparecer, eu sentia que a decisão era minha de contar ou não para alguém sobre ela. Agora tenho que pensar nela. Será que ela quer conhecer o avô? Então, vou ter que contar para o meu pai. Será que ela quer fazer parte da minha vida? Tenho que mostrar a ela que ela é bem-vinda. E — paro de falar imaginando se essa parte da história vai ser mais fácil de revelar — nas palavras eloquentes de Jess, eu teria que confessar ao pai do bebê — confesso, sentindo meu estômago se contrair. — Sei que ela quer encontrá-lo. Ela não disse isso diretamente... mas eu pude perceber.

— Você quer encontrá-lo? — Ben indaga.

Tento desconversar, mas não tenho energia. — Não — afirmo. — Passei minha vida toda tentando me afastar deste erro. Dele. Daquela época. A última coisa que quero fazer é voltar e desenterrar isso tudo.

— Desenterrar o quê? — Jess pergunta, com o olhar brilhante. — Seus *sentimentos* por ele?

— Isso não é um programa de televisão, Jess — respondo.

— Poderia ser.

— Fica quieta — digo pensando que se fosse um seriado, Peter iria mudar o enredo e Conrad, Kirby e eu seríamos uma família feliz.

— Fica quieta v*ocê* — ela me responde malcriada. — Fique quieta e o encontre. Você e sua filha precisam ir atrás dele, no estilo *Thelma e Louise!*

Ela sorri e faz um gesto ridículo de laçar sobre sua cabeça.

15

Kirby

— Temos que ir — Belinda fala enquanto corremos pela trilha durante nossa quilometragem marcada da aula de Educação Física. Ela está se referindo ao baile de formatura — o único assunto que eu acho mais chato do que a faculdade. É também o único assunto que acho mais decisivo que a faculdade. Pela milionésima vez, digo a ela que eu não vou, minha mente não consegue se afastar de Marian e Conrad. Já faz alguns dias que conversei com o senhor Tully e eu não tenho feito mais nada a não ser ficar obcecada em encontrar meu pai.

— Vamos lá, Kirby — ela continua. — Eu me recuso a ser este *tipo* de garota: sentada em casa assistindo alguma comédia romântica e enchendo a cara de pipoca.

— Então, não assista filmes, nem coma pipoca — digo enquanto Justine Lewis nos ultrapassa pela segunda vez, seu longo rabo de cavalo loiro balançando como as tiras de uma pipa, seu tênis rosa neon da Nike, levantando poeira numa nuvem que me lembra o Pig Pen no Charlie Brown. Por mais ridículo que eu considere ser proativa numa aula de Educação Física, fico um pouco enciumada daquela idiota da Justine, desejando ter a coragem de me expor e tocar a bateria do mesmo modo como ela corre pela trilha — orgulhosa e para todo mundo ver.

— Se você não for — Belinda reclama —, vamos nos arrepender pelo resto da nossa vida.

— Meu Deus, eu sinceramente espero que nós não nos lembremos do baile de formatura pelo resto da nossa vida, Belinda. Ou qualquer outra coisa que se refira à escola — proclamo.

A não ser uma gravidez na adolescência, eu penso. *E talvez nem mesmo assim.*

— Droga. Cãibras — ela fala diminuindo o passo, mancando e massageando a perna.

A senhora Tropper, nossa professora de Educação Física, balança a cabeça desanimada enquanto passamos por ela numa reta.

Belinda diz: — É um ritual de passagem.

— Segundo você.

— Segundo todo mundo.

— Menos eu.

— Kirby. Falando sério. Todo mundo vai perguntar a vida toda "com quem você foi ao baile de formatura?" — ela diz. — E a gente vai falar "Humm, ninguém. Nós éramos umas fracassadas".

Digo a ela que nunca ouvi essa pergunta feita para alguém com mais de 20 anos. Não faço ideia se meus pais foram ao baile deles, embora ache que me lembro de uma história estranha da minha mãe trocar o acompanhante com sua melhor amiga no último minuto.

— Aposto que a Marian foi — Belinda justifica. — Aposto que ela foi a rainha do baile.

— Esse assunto não veio à tona. Que choque, que surpresa — digo, embora eu não ficasse surpresa se Belinda estivesse certa. Quero dizer, comprar roupas caríssimas de marcas famosas para sua recém-descoberta filha parece algo que uma ex-rainha do baile faria. E isto é outra razão pela qual não consigo ter coragem para usá-las — nem mesmo as mostrei para Belinda ou minha irmã.

— Vamos, Kirby. *Por favor.* Faça isso por mim — ela diz, fazendo uma pausa para amarrar o cadarço e recuperar o fôlego. — Pelo menos por uma vez, não podemos deixar de ser duas *fracassadas?*

Observo enquanto ela dá um nó duplo nos dois cadarços. — Acho que nós seremos *grandes* fracassadas se nós formos uma com a outra, muito mais do que se simplesmente não formos.

Ela sacode a cabeça. — De jeito nenhum. Vamos parecer *mulheres* sexys e liberais. Como se não precisássemos de um homem.

Deixo escapar uma risada e lhe digo que nunca vi alguém precisar de um homem tanto quanto ela.

Provando meu ponto ela responde: — Embora, na verdade eu tenha um acompanhante. Acho que vou com Jake Mahoney.

— Quem?

— O carinha que eu conheci no shopping.

Dou um gemido.

— O quê?

— No *shopping*? Belinda, pegar carinhas no shopping é coisa de *"hoosiers"* — eu digo usando a gíria de St. Louis para vagabunda. — Com cabelo curto na frente e dos lados e comprido atrás, estilo *mullet*.

— Pra você saber, nós estávamos na Galleria, comprando óculos de sol — ela explica. — Vagabundas não fazem compras na Galleria.

— Até que você e Jake foram lá — respondo sorrindo.

— Tudo bem. Pode dizer o que quiser sobre a sua melhor amiga. Mas Jake não é *nenhum* hoosier. Ele mora em Clayton. Estuda na Chaminade. Joga lacrosse. Ele está indo para a Universidade de Washington no ano que vem.

— Por favor, Belinda, você sabe que um cara da Chaminade nunca vai sair com uma garota da DuBourg — digo me referindo ao grande esnobismo no sistema escolar de St. Louis.

— Dá um tempo, Kirby. Ele parece realmente gostar de mim pra valer.

— Tudo bem. Então, convida ele para o baile. Vai em frente — digo, finalmente suando enquanto entramos na nossa quarta e última volta.

— Só se você for conosco. Ele tem um amigo, Philip.

— Philip? O nome dele é Philip?

— O que tem de errado com o nome Philip?

— Nada. Se você é uma rainha ou uma duquesa ou qualquer outra coisa — digo.

— Você está julgando a pessoa pelo nome — ela fala, habilmente tocando num ponto sensível.

— Olhe, Belinda. Eu não vou ao baile. E eu certamente não vou para um *encontro às cegas* no baile. Com um Philip.

— Ele é bonitinho, eu juro. Você pode procurar no Facebook.

— Tudo bem. Porque as pessoas nunca mentem no Facebook. Você, principalmente, sabe que não é esse o caso — digo, lembrando de quantas atualizações falsas ela fez no seu status, sobre como se divertiu em festinhas de mentira.

— Eu não minto. Apenas aumento as coisas. E faço bastante Photoshop. — Ela dá uma risada e diz: — Por que você não o conhece? E se tudo der certo...

— Não, obrigada — digo enquanto a senhora Tropper assopra o apito e nos chama. — Belinda! Kirby! Acelerem mocinhas! Vamos lá! Vamos lá! Mais rápido!

Faço um sinal mal-educado com meu dedo do meio quando ela se vira para chamar a atenção de outra pessoa, mas retomamos o ritmo mais rapidamente, ficando em silêncio enquanto penso na formatura. Bem lá no fundo, talvez eu esteja um pouquinho desapontada por não ir, especialmente depois que Charlotte me revelou a notícia estonteante de que o Noah a convidou, seguida por meia dúzia de visitas dela ao meu quarto para me mostrar os vestidos de festa que ela marcou no catálogo da Macy’s. Talvez, algum dia, eu também tenha sonhado com meu baile de formatura. Escolhendo um lindo vestido. Um garoto bonitinho chegando na minha casa para me acompanhar. Tirando um milhão de fotos com amigos no quintal. Levando escondido uma garrafa de bebida na limusine. Dançando lentamente no fim da noite. Dando beijos debaixo de um céu estrelado. Toda essa baboseira.

No entanto, esta simplesmente não é a minha realidade. E montar uma versão

do baile de formatura junto com Belinda, com apenas nós duas, ou com dois rapazes idiotas de uma outra escola, que provavelmente só querem se deitar com a gente, não vai mudar os fatos inerentes sobre a minha experiência na escola. Isso não vai me fazer mais legal nem mais feliz — nem irá enganar ninguém que eu estou mais legal e feliz. Na melhor das hipóteses, só vai conseguir me deixar pior, principalmente porque tem grande chance que a Belinda fique bêbada e vá acabar num quarto de motel enquanto eu espero num canto, com um sutiã modelador, a pele bronzeada por um spray a jato, e um idiota chamado Philip. Não, obrigada.

Quando ultrapassamos a linha de chegada, a senhora Tropper grita nosso tempo, sacudindo a cabeça. — Treze minutos, 42 segundos. Resultado lamentável, mocinhas! Meu avô corre mais rápido do que vocês.

Dou de ombros e a olho de um jeito indiferente, demonstrando quão pouco eu me importo com tudo isso. A única coisa que eu *realmente* sou boa em demonstrar.

16

Marian

Na segunda pela manhã, a primeira coisa que aconteceu foi a entrada dramática de Ângela Rivers em meu escritório, como se estivesse fazendo uma cena de novela. Aquela em que ela descobre que seu namorado está tendo um caso com sua ex. Percebo, em segundos, que isso não é um mero acaso.

— Ele está *transando* com ela! — ela exclama, demonstrando sua performance como atriz enquanto se debate entre soluços patéticos e uma raiva monumental. Seus olhos estão vermelhos, sua pele está manchada e eu noto rapidamente que ela fez alguma coisa drástica com seu maravilhoso cabelo vermelho e comprido. Sua marca registrada. Não apenas a cor está estranha — parecendo o laranja da Cindy Lauper — mas quando ela debruça a cabeça sobre a mesa, noto que tem um pedaço faltando na parte de trás, onde ela (ou uma cabeleireira maléfica) cortou um grande pedaço. Penso em silêncio, imaginando estilos diferentes para poder consertar o estrago e, mais importante ainda, como poderemos mudar a trama.

Ela repete sua indignação, enquanto imagino por que não consigo levar sua dor a sério.

Será que estou sendo egoísta, preocupada apenas em como a mudança das coisas (e o cabelo feio) irão impactar no meu programa? Ou eu não estou convencida de que ela não está apenas representando um papel. Percebo sua impressionante demonstração de angústia, mas não vejo nenhuma lágrima.

— Quem está transando com quem? — pergunto com um tom de voz ligeiramente alto. Olho de relance em direção ao corredor, torcendo para que ninguém tenha me ouvido. Do mesmo modo que eu percebo que Ângela espera que *todos* tenham nos escutado. Depois de duas assistentes darem uma espiadinha, Ângela ainda não respondeu à minha pergunta. Eu me levanto, passo por trás dela e fecho minha porta.

— Damien — ela replica. — Eu não deveria ter confiado em alguém cujo nome é sinônimo de *Satã!*

— O quê? — pergunto confusa.

— Damien Thorn? Do filme *A Profecia*? — ela explica, como se eu fosse idiota por não fazer imediatamente a conexão entre o nome do ator e a terrível série de filmes de terror dos anos 1970. — Não posso trabalhar com ele.

Olho para ela e tento imaginar o tamanho do estrago que pode acontecer. Depois de Ângela, Damien é o nosso principal ator, chamado de "O próximo talento promissor" pela máquina de Hollywood, e recentemente escolhido pela revista *People* como um dos "50 mais lindos". Em outras palavras, ela *tem* que trabalhar com ele. E então, me lembro de comentários de Jeanelle na sala dos escritores e rezo para que as fofocas não sejam verdadeiras — que ele não está de fato transando com a nossa *terceira* mais importante atriz, Carrie England.

Sem titubear, ela fala: — Eu simplesmente não consigo acreditar que ele *me* traiu — ela retruca. — E com *ela.* Ele sabe como eu *odeio* a Carrie!

Verdade, *todos* nós sabemos o quanto ela detesta a Carrie, mesmo antes disso, embora ninguém tenha muita certeza do porquê, já que Carrie é uma das atrizes mais agradáveis, humildes e fáceis de se conviver que eu já conheci, praticamente um paradoxo. Talvez seja isso que incomode Ângela — o fato de que todo mundo sempre comenta como Carrie é adorável, tanto por fora quanto *por dentro.* Talvez, lá no fundo, Ângela saiba que ela não se equipara a ela nem pela metade. E talvez ela esteja começando a perceber que esta é a parte que menos incomoda. Embora, eu duvide.

Antes que eu chegue ao ponto de ter que explicar que a vida imita a arte, Ângela sacode a cabeça, cruza os braços no colo e faz uma pose de alguém muito magoado que mereceria um Oscar.

— Sinto muito, Marian. Mas eu me demito.

— Não. Fique calma — digo apesar de estar praticamente em pânico.

Este conselho só serve para exacerbar ainda mais seus ânimos, quando ela se levanta e joga o cabelo destruído para um dos lados e diz: — Não posso

trabalhar com eles. Nenhum deles. Me demito. A menos que... — ela me olha, sabendo que é o momento certo para dar sua última tacada. — A menos que você os demita.

— Demitir Damien e Carrie? — indago.

— Sim. Ambos. — Ela pensa por um minuto e então retruca. — Ou pelo menos ela.

Ela me encara, me desafiando a fazer o que ela quer, quando percebo finalmente que o objetivo real de sua vinda aqui é a vingança.

— Eles têm contratos — digo balançando a cabeça, mas mentalmente fazendo os cálculos e imaginando o custo de rescindir o contrato de Carrie e substituí-la.

É possível, é claro, mas há um *princípio moral* envolvido. Seria um escândalo deixar uma das estrelas da série e colocar outra pra fora — e um terrível precedente a se estabelecer, indicando que Ângela é quem manda no programa.

— Não posso fazer isso — declaro.

— Bem, então eu me demito — ela afirma e se vira para ir embora.

— Espere. Espere! Vamos chamar o Standish — digo, pois é assim que todos se referem ao Peter. — Vamos tentar ser racionais aqui.

— Sou racional — ela afirma. — Então minha reação a infidelidade é irracional? Você já foi traída?

Por um segundo sinto pena dela. — Não que eu saiba — retruco.

— Bem, então você certamente não pode entender como eu me sinto.

— Mas este seriado está marcando sua carreira — digo apelando para a arma mais importante de meu arsenal: seu ego. — Você está se tornando uma estrela. Você foi indicada para o *People's Choice Award*. Tudo de positivo que você construiu até agora irá pelo ralo se você fizer uma façanha dessas.

— Não é uma façanha — ela contesta. — É o que eu estou *sentindo.* Estou sendo verdadeira comigo mesma. Colocando meus sentimentos acima da fama.

— Mas o público não vai perceber deste modo. Vai parecer uma jogada de

estrela.

Porque é.

— Estrela? Não sou uma estrela. *Ela* é.

Suspiro pensando que talvez eu devesse começar a escrever romances, assim os personagens não criariam vida, quando bruscamente ela diz: — Você sabe que a culpa é *sua*!

— *Minha* culpa? — questiono.

— Vocês escritores — ela diz me acusando. — Você os colocou na cama juntos. Bem que eu falei que era uma péssima ideia.

— Você me disse que era inconsistente com o personagem de Damien. Não que você estivesse preocupada com o resultado — rebato.

— Ainda assim — ela comenta. — Eu avisei você.

— Tudo bem. Olhe. Deixa eu chamar o Standish — digo girando a minha cadeira e apertando o botão de discagem rápida e falando com a voz baixa ao telefone. Quando ele responde eu digo: — Hum. Sou eu. Ei. Você pode descer aqui, por favor?

— Agora? — ele pergunta.

— Humm, sim — respondo. — É mais ou menos uma emergência.

— Eu diria que é uma emergência! — ela grita sobre meu ombro.

— Merda. É a Ângela Rivers? — Peter indaga. — Fiquei sabendo que ela estava no prédio.

— Hum, hum — resmungo.

— Não me diga que você tem outro Charlie Sheen pra resolver?

— Hum, sim. Você pode vir aqui, por favor?

— Sim. Daqui a um minuto — ele fala com o mesmo misto de irritação e urgência que estou sentindo. Ambos estamos terrivelmente cientes de que é assim que um programa implode, especialmente um que já está pendurado.

Desligo o telefone e encaro Ângela. — Ele está vindo — declaro.

— Como vão as coisas entre vocês dois, afinal de contas? — ela indaga.

— Tudo ótimo — eu minto, imaginando se alguém sabe que nós também estamos “pendurados”.

Um segundo depois, Peter chega com um ar sexy, calmo e competente. Ele se senta perto de Ângela e tenta acalmá-la, expressando sua preocupação, enquanto ela repete a mesma lenga-lenga sobre Carrie, além de suas exigências de demiti-la do programa.

Quando ela termina seu discurso retórico, ele diz que sente muito tudo isso. — Seja uma pessoa superior — ele comenta. — Mostre a eles como você é profissional.

Ela bufa e diz: — Eu *sou* profissional.

— Eu sei. — Ele acena com a cabeça de um jeito encorajador, mas então olha de relance para seu relógio. — Sinto muito, senhoras, mas eu tenho uma reunião de marketing agora.

— Também tenho que ir embora — Ângela continua. — Mas obrigada por tudo, senhor Standish. Muito, *muito* obrigada. Pelos seus comentários.

— Peter — ele diz com um sorriso condescendente que, com base no olhar sexy com que ela o olhou, ela percebeu algo mais.

— Muito obrigada, *Peter*... você me fez pensar em muitas coisas.

— Ótimo — ele responde. — Vamos ficar em contato, OK?

Ela sorri, retirando o cabelo mal cortado do rosto e respondendo de um jeito tímido: — Aguardo notícias suas.

Quando a porta se fechou atrás dela, reviro os olhos e digo: — Inacreditável.

— Ah, é pra se acreditar sim — Peter exclama. — Ela é uma atriz maluca, sem noção. São todas iguais, e que história é essa dessa aparência de Pippi Longstocking? O que aconteceu?

— Não sei. Não chegamos a falar sobre isso.

Ele sacode a cabeça e diz: — Ela vai se acalmar.

— E se isso não acontecer? — pergunto. — Aceitamos suas exigências e mandamos Carrie embora?

— Você está falando sério? — Peter pergunta, apavorado. — Você quer perder credibilidade com todo mundo envolvido no seu programa? Incluindo os outros escritores, atores e o resto da equipe?

— Eu sei, eu sei — respondo imaginando se eu mesma já perdi toda a credibilidade com ele. — Só estava perguntando.

— De jeito nenhum. Vamos prestar atenção nela. Monitorar a situação bem de perto. Pode dar certo para o nosso lado. Vamos garantir que Anita, da publicidade, seja informada para estar pronta caso tenha que gerenciar esta situação. Também chame o agente dela no CAA e faça com que eles a controlem antes que ela jogue merda no ventilador.

— Isso mesmo. Minha amiga Jennifer Peros do *US Weekly* acabou de mandar um e-mail — digo olhando rapidamente na minha caixa de entrada.

Ele sacode a cabeça e estala os dedos: — Que desastre completo.

— Sim — comento. — Com certeza é.

Peter me olha longamente de onde está sentado. — Tenho saudade de você — ele diz. — Mas talvez assim seja melhor. Um pouco de tempo afastados.

Aceno que sim com a cabeça e finjo concordar com ele, quando o que mais tenho vontade é de pular em seus braços, lhe abraçar e apoiar meu rosto no seu peito.

— Nós dois temos muita coisa para colocar em ordem — ele continua. — Na nossa cabeça.

Tenho vontade de perguntar a ele o que ele tem que colocar em ordem, exatamente. Seus sentimentos por mim, meu passado, ou nosso futuro? Mas tenho medo da resposta que vou ouvir. Tenho medo que ele diga que tudo isso está intrinsecamente, irremediavelmente conectado. Ou, que ele possa tentar me agradar, do mesmo modo que acabou de agradar a estrela do meu show.

Quando chego em casa naquela noite, descubro que tem um pacote me aguardando. É da Kirby. Seu endereço de St. Louis está escrito de um jeito elegante no canto esquerdo superior do envelope. Não consigo imaginar o que tem lá dentro, mas meu coração desaba quando abro o pacote e vejo que ele está cheio, com as roupas que comprei para ela, ainda com as etiquetas. Os sapatos também estão sem usar, guardados na caixa marinho da Prada.

Finalmente encontro uma nota, escrita em letra cursiva tão pequena que preciso pegar meus óculos de leitura.

Querida Marian,

Muito obrigada por permitir que eu ficasse na sua casa quando fui para Nova York e por me comprar a passagem de avião de volta para casa. Foi muito delicado de sua parte. Também foi muito bom você ter me levado para conhecer seu trabalho. Gostei muito e estou ansiosa para assistir a próxima temporada de seu programa (especialmente Shaba. Há.).

Como você pode ter notado, estou mandando de volta as roupas que você comprou para mim. Eu realmente gostei muito de tudo, mas não me sinto à vontade para ficar com elas. Elas são caras demais para um presente e, além do mais, elas não são realmente do meu estilo. Espero que você entenda. Obrigada novamente por tudo.

Sinceramente,

Kirby K. Rose

Li a carta novamente e percebo que ela não faz nenhuma menção ao Conrad.

Não menciona ter ficado feliz em me conhecer. Não faz nenhuma indicação de que somos mais do que apenas conhecidas. Dobro a carta e a coloco na gaveta de cima do meu armário, junto com a foto de Conrad, percebendo que isso é tudo que eu tenho dela. Meu coração se enche de vergonha ao perceber quão pouco sei dela. Que eu não tirei nenhuma foto dela enquanto esteve aqui comigo. Que eu na verdade achei que era uma boa ideia lhe comprar estes presentes — antes mesmo de lhe contar a verdade. Que Peter na verdade está certo — segredos e mentiras são realmente a mesma coisa, e minha vida, de tantos modos, tem sido uma grande e enorme mentira.

Então, antes que eu possa me arrepender, pego o telefone e ligo para ela, realmente esperando que ela atenda. Ela responde parecendo surpresa, o que apenas confirma minha culpa.

— Oi, Kirby — eu digo —, é a Marian.

— Eu sei — ela responde. — Oi.

— Recebi sua encomenda — eu explico.

— Sim. Espero que você não tenha achado que fui grosseira. Eu realmente gostei de tudo... é só que...

Balanço a cabeça, as lágrimas assomando nos meus olhos. — Kirby. Não. Eu entendo. E sinto muito.

— Sente muito? Por quê? — ela pergunta, mas posso perceber que é mais um teste do que uma pergunta.

— Por levar você para as compras e coisa e tal. Quando nós duas tínhamos tantas coisas muito mais importantes a fazer. Conversar. Honestamente, não sei o que se passou pela minha cabeça. Eu estava apenas... tentando achar minha zona de conforto — digo imaginando o que isso quer dizer de mim, se uma loja é a minha zona de conforto. — Foi realmente uma péssima ideia.

— Sim — ela responde, e posso perceber que eu falei a coisa certa. Finalmente.

— Eu simplesmente estava tão... apavorada — confesso.

— Eu sei — ela concorda. — Eu também estava.

— Eu ainda estou — digo quando sinto uma onda de alívio tomar conta de mim por eu ter lhe contado, não apenas toda a verdade sobre o que aconteceu, mas também por ter lhe dito como eu me sentia. De certo modo, isso foi um grande passo. Por outro lado, parece que foi o nosso primeiro e verdadeiro momento.

Ambas ficamos quietas por alguns segundos e então, ela pigarreia e diz: — Então... de... onde a gente continua?

— Eu não sei — respondo. — Mas eu espero que a gente possa descobrir juntas.

— Sim — ela concorda. — Eu também.

17

Kirby

— Então, confissão. — Belinda está animada enquanto ajeita suas franjas e passa batom olhando no espelho retrovisor. Acabamos de entrar no estacionamento do Tivoli, meu cinema favorito na cidade. — Não me odeie.

Ergo as sobrancelhas enquanto ela continua a se arrumar, espalhando perfume na curva do braço e na nuca. — Quer um pouco? — ela pergunta segurando seu pequeno frasco de Vera Wang Glam Princess que ela guarda no carro. Ela tem um em seu armário da escola, e um também em seu quarto.

— Não, obrigada — respondo. Estou bem... o que há, Bel?

— Beemmmm. Eu convidei Jake e Philip para irem com a gente. E *olhe* eles aí! — Ela dá um gritinho apontando para a direção de dois garotos que tinham acabado de sair de seus carros.

— Ahh, não! Você não fez isso — digo percebendo agora por que ela insistiu tanto em fazer minha maquiagem e tentou, sem sucesso, me fazer usar um de seus vestidos decotados.

— Vamos lá! Dê uma olhada neles, Kirby. Eles são *lindos*! Têm o corpo de quem joga lacrosse!

Aperto meus olhos e olho mais de perto. Apenas um deles se parece com um atleta, com os ombros largos e um jeito de caminhar arrogante. O outro é mais baixo, magrelo e asiático. Mas não importa o tipo deles, eu não quero conversar com nenhum deles. Cruzo os braços, sacudo a cabeça e digo a ela para me levar para casa.

Belinda me dá um olhar feroz, me sacode pelos ombros e diz: — Sai do carro, Kirby. Agora. Você vai para esse encontro quer você queira ou não.

Fico sentada imóvel por pelo menos trinta segundos, enquanto os carinhas desaparecem em direção à entrada do cinema, fazendo ela suar, gemer e depois

suplicar. Olho furiosa para ela, saio do carro batendo a porta com força e vou atrás dela, murmurando que ela vai se arrepender e que eu posso garantir que a noite vai ser um completo desastre.

— Por favor, tenha uma mente aberta e uma atitude positiva — ela cantarola, checando seu reflexo no espelhinho de maquiagem mais uma vez antes de a gente chegar na bilheteria.

— Jaaake! — Belinda chama e ele e seu companheiro se viram na nossa direção. Ela vai saltitando ao encontro dele, então fica nas pontas dos pés e o beija no rosto. Tenho que concordar — é uma jogada e tanto.

— Oi, Belinda — ele responde enquanto eu o olho de alto a baixo. Ele é alto, musculoso, loiro e bonito, de um jeito que não dá para passar despercebido. Parece bem claro que ele sabe disso também, já que está usando uma camiseta bem justa, um boné do time da CHAMINADE LACROSSE e óculos Ray-Ban. As lentes espelhadas me fazendo confiar nele ainda menos do que eu confiava antes.

Sem sombra de dúvidas, quando ele finalmente retira os óculos depois de um abraço propositalmente apertado em Belinda, percebo no garoto um olhar fugaz, convencido e certamente satisfeito. Ela geralmente consegue isso dos garotos a quem ela provoca. Aquele olhar de “Acabei de dar uns amassos no estacionamento do Taco Bell” que eu já vi no Richie Hayworth depois que os dois saíram do banco traseiro do Audi da mãe dele. De repente eu não acredito que esta é a primeira vez que Belinda o encontrou depois do shopping — também, essa não é a primeira vez que Belinda me conta uma mentirinha sobre os garotos que ela “namorou”. É esquisito. Às vezes tenho a impressão de que ela exagera suas proezas sexuais, no momento seguinte eu acho que ela está escondendo alguma coisa de mim. O que me leva a acreditar que ela não sabe ao certo se sente orgulho ou vergonha das suas escapadelas.

Pelo menos este Jake parece ter *alguns* modos, o que é um avanço se comparado com os outros. Ele me apresenta prontamente ao seu amigo e por incrível que pareça se lembra de meu nome sem ajuda da Belinda.

Philip acena com a cabeça e me dá um sorriso maroto. Tenho a súbita

impressão de que ele está achando divertido esse encontro arranjado, e que ele também foi arrastado para cá esta noite, mas parece mais irritado do que bravo. Naquele instante, percebo que ele é realmente bonitinho com sua pele cor de caramelo e o cabelo preto brilhante e comprido.

— Fiquei sabendo que você não gosta de sangue e violência nos filmes — ele comenta com outro sorriso irônico.

— Sim. Violência gratuita não faz meu gênero — digo percebendo um tom descortês ainda na minha voz.

— Bem, eu vetei sexo gratuito — Philip comenta, se virando para olhar Jake e Belinda que agora estavam se acariciando. — Mas acho que eles não receberam a mensagem.

Dou uma gargalhada e decido lhe dar uma oportunidade, ou pelo menos lhe dar uma chance naquela noite. Ficamos atrás de Jake e Belinda. Nós quatro caminhando a passos lentos para o cinema. Depois que nossos bilhetes foram inspecionados e rasgados pela metade, Belinda pega o toco do bilhete de Jake e o guarda no bolso traseiro da sua apertada calça jeans. Ela olha por trás dos ombros e pisca como se dissesse: — Estes toquinhos de ingresso estão perto de virarem lembrança da nossa formatura.

— Então, o que vamos ver? — Belinda pergunta olhando para Philip.

— Um filme brasileiro — ele replica.

— Espero que vocês, garotas, tenham estudado espanhol — Jake fala alto.

— Cara. É português — Philip corrige. — E tem legenda, seu idiota.

Sorrio, dando outro ponto para Philip.

Belinda faz uma careta: — Legendas?

Jake sacode a cabeça, se vira e bate no ombro de Philip com tanta força, que ele tem que se esforçar para manter o equilíbrio, e depois diz para mim: — Sim, Kirby. Meu amigo está tentando parecer inteligente para impressionar você.

— Eu *sou* inteligente — Philip retruca sorrindo. — Estou tentando fazer *você*

parecer inteligente. Mas você está estragando tudo, não está?

— Tanto faz, cara — Jake replica. — Alguém quer pipoca?

Digo que não, obrigada, mas Belinda diz que adoraria, e eu sei que ela só quer isso para começar a tocar na mão dele mais cedo. Conheço todos os truques dela. Enquanto ela e Jake entram na fila da pipoca, Philip me olha de um jeito penetrante, sorri e diz: — Tem certeza que você não quer nada?

Sacudo a minha cabeça. — Obrigada. — Procuro algo mais para falar. — Então, eles convenceram você a vir também?

Ele dá uma risada e diz: — Não, acho que eu estava a fim. Jake me mostrou sua foto... então, foi fácil me convencer.

Senti meu rosto corar, acreditando que o elogio era verdadeiro, pois parecia simples demais para ser uma cantada.

— Porém, eu sinto muito que você não está aqui por vontade própria — ele comentou.

— Não. Não foi isso que eu quis dizer — disse me lembrando de uma coisa que a Belinda leu uma vez numa revista: “os meninos também têm sentimentos”. — Então, em que ano você está? — pergunto tentando achar alguma coisa aceitável para conversar.

— Último ano. Você também, não é?

Concordo, enquanto ele faz a pergunta inevitável sobre a faculdade e para onde estou indo.

— Ainda não decidi — digo.

Ele dá uma risada. — Você está se arriscando um bocado, não está? Quais são suas escolhas?

— Mizzou — replico. — Ou nenhuma. Acho que não vou para nenhuma.

Mais do que me achar uma fracassada, logo de cara, ele me observa com curiosidade. — Por que isso?

Dou de ombros e respondo: — Eu não sei. A ideia de ir para a faculdade junto

com metade da minha escola não me parece um prospecto agradável.

— Entendo o que você quer dizer — ele retruca e então pergunta por que eu não me inscrevi em outra faculdade fora do estado.

— Dinheiro — respondi sinceramente. — Meus pais não podem pagar. E eu não sou exatamente do tipo de concorrer para uma bolsa qualquer.

Ele concorda sem criticar e eu pergunto onde ele está indo. — Para as faculdades "top de linha"?

— Sou apenas meio coreano — ele fala com uma risada. — Minhas notas de Matemática são uma droga. E eu não toco violoncelo nem jogo xadrez.

— Não foi *isso* que eu quis dizer — digo timidamente percebendo que provavelmente eu o estava estereotipando um pouco, embora isso tenha mais a ver com o fato de ele estudar na Chaminade e assistir a filmes estrangeiros.

— Só estou brincando — ele responde, me dando um olhar que diz que ele não está de modo algum ofendido. — Estou indo para Colorado.

— Legal — respondo.

— Sim. Sou de Denver. Nós mudamos para cá há seis anos quando meu pai foi transferido. Ele é engenheiro da Boeing.

— Então, você prefere lá?

— Sim. É incrível. Adoro a água e as montanhas e simplesmente ficar ao ar livre.

— E quanto a este verão? — pergunto imaginando se ele arrumou um emprego ou se ele é um daqueles garotos mimados de Clayton que passam o verão estirados no country club ou fazendo festas nas casas fantásticas dos seus pais no lago de Ozarks.

— Vou para o Alaska — ele retruca e seu rosto se ilumina ainda mais. — Consegui um estágio trabalhando como aluno-assistente para o UNAVCO. No Plate Boundary Observatory.

Pergunto a ele o que é isso e ele me conta que é uma organização que instala

estações de GPS, que acompanham a deformação das placas tectônicas do Pacífico e da América do Norte.

— Que legal — digo confusa demais pela resposta dele para poder perguntar algo mais.

— Sim. Estou amarradão. Meu amigo foi no ano passado e disse que é um trabalho bem intenso. Eles usam ferramentas elétricas, andam de helicópteros e carregam um material bem pesado. — Ele flexiona um bíceps não existente e comenta: — Tenho que ganhar músculos para as garotas da faculdade, certo?

— Por que você simplesmente não arruma um trabalho numa empresa de mudanças? Não seria mais fácil?

Ele ri.

— Estou brincando. Isso parece realmente incrível.

— Sim. Muito embora vá ter muito trabalho pesado, também vou ter de viajar para as partes mais remotas do Alaska e aprender sobre geologia e geofísica. — Ele me dá um sorrisinho tímido e completa: — Ouvi falar que é insanamente lindo.

Concordo, sentindo a mesma sensação no peito que eu senti quando caminhei pela Fifth Avenue e pelo Guggenheim e entrei na sala dos escritores. Uma sensação de que conheço muito pouco do mundo. E talvez um pouquinho de esperança de que existem possibilidades reais na vida também.

Um segundo mais tarde, Jake e Belinda chegaram carregando uma enorme caixa de pipocas, um saco de balas de morango e garrafas de Coca-Cola tão grandes que dava para afogar um esquilo. Em seu próprio benefício, Belinda segue esse conselho: “garotos não gostam de meninas que só comem saladas”.

Entramos no cinema praticamente vazio, Philip indo na dianteira e subindo os degraus e selecionando a primeira fileira do balcão. Me sento ao lado dele. Belinda ao meu lado, e Jake na outra ponta. Enquanto continuamos a conversar sobre sua viagem para o Alaska, escuto de passagem alguns trechos da conversa entre Belinda e Jake, sobre as diferenças entre os vários doces vendidos no cinema, e percebo que até agora nosso encontro não planejado está começando

bem melhor do que se tivesse sido planejado.

— Então, e quanto a você? — Philip pergunta. — Você tem algum plano de verão engatilhado?

— Estou presa aqui. Vou trabalhar no Schnucks — comento desejando ter algo mais interessante no meu arsenal. E então percebo que eu tenho. — Acabei de voltar de Nova York, no entanto, e foi muito divertido.

— Que legal! O que você foi fazer lá? — ele indaga me olhando com tanta intensidade que faz meu estômago se contorcer.

— Estava visitando minha mãe biológica — retruco.

— Sua mãe *biológica*?

— Sim. Sou adotada — digo ciente de que a estou usando para me tornar uma pessoa mais interessante.

— Ahh. Muito bem — ele fala concordando e sorrindo.

— Sim. Acabei de encontrá-la. Liguei para a agência. Consegui seu endereço e fui para Nova York. Manhattan — explico. Me sinto um pouco hipócrita por me vangloriar da minha glamorosa mãe biológica depois de eu ter devolvido as roupas glamorosas que ela comprou para me agradar. Mas apesar de tudo, o fato é que ela *é* minha mãe biológica. E eu a encontrei sozinha. E só essa parte já me faz sentir muito legal.

Com certeza, Philip me dá um sorriso rígido e boquiaberto, claramente impressionado. Foi assim que o senhor Tully me olhou, mas é diferente vindo de alguém de minha própria idade, num cinema escuro, num encontro, verdadeiro, falso, às escuras, ou qualquer outra coisa. — Que coisa maluca — ele exclama.

— Sim — eu explico. — Ela é uma produtora de televisão.

Belinda, que estava bisbilhotando a nossa conversa, se curva em minha direção derrubando pipoca no meu colo. — A mãe dela é bem famosa — ela informa Philip. — Você sabe o seriado *South Second Street?*

Philip faz que sim. — Já ouvi falar.

— É o programa da mãe dela! — Belinda grita. Sinto uma onda de afeição pela lealdade e entusiasmo inquestionáveis de Belinda. E talvez, até mesmo por ter me feito vir aqui esta noite.

Um momento mais tarde, quando as luzes diminuíram um pouco mais, os comerciais terminaram e os trailers verdadeiros começaram, Philip pega um par de óculos de aros escuros do seu bolso da frente. — Não consigo ver merda nenhuma — ele explica, colocando-os e me dando um sorrisinho oblíquo. Eu acho que ele fica muito bem neles.

— Então? — ele sussurra. — Como você acha que as coisas estão indo até agora?

— O filme? — eu indago.

— Não. O encontro — ele fala na lata.

— Até agora — eu retruco, aquela sensação estranha voltando no meu estômago — eu acho que está indo muito bem.

18

Marian

— Bem, bem, bem! Ela está viva! — minha mãe exclama sua versão humorística de me deixar culpada, quando ela finalmente me encontra no trabalho. — Eu estava quase chamando meu pessoal para chamar o seu pessoal...

— Muito engraçado — digo colocando-a no viva voz, para eu poder esticar minhas costas tensas e os ombros.

— Mas isso não iria funcionar. Porque eu não tenho pessoas à minha disposição — ela fala dando risada.

— Há há. Você tem pessoas sim — digo me referindo ao seu jardineiro, ao ajudante, o cara da piscina, o cara que passeia com os cachorros, e nossa antiga empregada Martha.

— Então, como você está querida? Estava preocupada com você — minha mãe pergunta.

— Estou bem — digo tirando-a do viva voz. Atualizo-a com as coisas do trabalho e o drama envolvendo Ângela. Que ela anunciou que iria curtir "um tempo livre zen" no Uruguai para "clarear a mente e superar a traição" dois dias antes de surgirem fotos nos tabloides, sugerindo qualquer outra coisa, menos uma fuga para introspecção da alma. Em uma das fotos tiradas numa fogueira na praia, num resort chiquérrimo chamado Estancia Vik, Ângela está fazendo topless, namorando um jogador de futebol brasileiro famoso em toda América do Sul e muito conhecido por ser mulherengo, gostar de beber e receber muitos cartões amarelos.

— Só isso? — ela retruca. — Tem algo mais acontecendo com você?

Sinto a tensão aumentar, pensando em Kirby, no meu relacionamento com o Peter e, principalmente, em Conrad. — Não sei, mamãe — replico. — As coisas não estão indo muito bem para falar a verdade.

— O que está acontecendo? — ela indaga.

Quando não consigo falar, ela insiste: — Marian? Você quer que eu vá até aí para o jantar? Estou precisando fazer umas comprinhas. Talvez um show — ela continua. — Seu pai poderia gostar de uma folga também.

— Não. Não traga o papai — digo tão rápido que quase revelo a verdade.

Com certeza, ela pergunta: — Querida. Isso é sobre... o que aconteceu?

É assim que conversamos sobre Kirby nas raras ocasiões em que falamos sobre ela, fazendo referências veladas e ansiosas, como se cada uma de nós quisesse proteger a outra de mais dor. Lembro das acusações de Peter — que eu quero que as coisas sejam perfeitas e organizadas — e de repente vejo a verdade em sua acusação, percebendo exatamente de onde eu tiro isso.

— Sim — eu murmuro envergonhada por levar três semanas para contar para minha própria mãe que minha filha voltou.

Ela não faz nenhuma pergunta a esse respeito, apenas diz: — Vou checar os voos agora mesmo e estarei aí ainda esta noite.

— Obrigada, mamãe — digo desligando o telefone, sentindo que fechamos um ciclo, estamos de volta naquele verão ensolarado. E que mais uma vez, eu *realmente* precisava de minha mãe.

Mais tarde naquela noite, logo depois que minha mãe desembarcou no LaGuardia, eu encontrei Peter na rua, do lado de fora do prédio da TV, se abaixando para entrar numa limusine preta.

Ele me vê pelo canto dos olhos e me olha mais uma vez, antes de entrar no carro e me dar um pequeno aceno descompromissado.

Mordo meus lábios e aceno de volta e então viro para outra direção.

Quando o escuto gritar meu nome, eu me viro e o observo o mais friamente possível, então dou alguns passos em sua direção.

— Oi — ele diz.

— Ei — eu respondo.

Ele olha de relance para cima, para o céu ameaçadoramente negro. — Vem aí uma tempestade.

— Sim. Talvez esfrie um pouco as coisas — digo pensando a que ponto nós chegamos, batendo papo sobre o tempo.

— Você vai para casa? — ele pergunta.

— Não. Vou jantar — respondo.

Ele ergue as sobrancelhas. — Um encontro? Já?

— Sim. Com minha mãe.

Sua face se ilumina, pois ele é um grande fã de minha mãe. — Bem, diga a ela que eu estou mandando um oi.

— Farei isso — digo olhando sua gravata verde-esmeralda e o lencinho combinando no bolso. Me sinto enrolando a conversa quando pergunto: — Então, pra onde você está indo?

— JFK — ele responde. — Estou no voo das 9 horas para L.A.

— Negócios ou diversão? — pergunto com um toque cuidadoso de sarcasmo.

— Vamos lá. O que você acha? — ele indaga.

Encolho os ombros como se dissesse que não tenho ideia do que está acontecendo na vida dele. Ele podia estar indo para a Costa Oeste para um encontro com alguma atriz idiota, ou qualquer outra coisa. Talvez ele tenha decidido que se ele vai ter que lidar com todo o meu drama, ele pode muito bem estar indo de encontro a uma garota sensual de 25 anos que não quer um bebê. Que não *teve* um bebê. Sinto uma onda irracional de ciúmes misturado com tristeza, raiva e um desapontamento amargo.

— Não. Sem diversão estes dias. Estou indo para selecionar alguns programas pilotos e trabalhar no alinhamento final — ele rebate.

— Então? Estamos bem? — indago.

Ele parece confuso e diz: — Ah, entendi. Pensei que você estava se referindo a *nós.* Você está falando do programa?

— Sim. Está tudo bem?

Faço a pergunta, muito embora eu não esteja muito preocupada em fazer alinhamentos, mas ele levanta os ombros impotente, como se trabalhasse no almoxarifado em vez de dirigir toda a rede, e fala: — Você sabe como estão as coisas com a Rivers?

— Não — digo resistindo à vontade de lhe dizer que eu nem sei como estão as coisas na minha vida. — Por que? Por acaso o programa depende *dela*?

Ele dá um sorriso sem graça e eu sinto uma ponta de pânico, pois, além do meu relacionamento, meu seriado e carreira podem estar em perigo também. Que podemos estar falando mais do que de uma simples troca de horário e um roteiro mais açucarado.

— Você está falando sério? — pergunto.

— Os anunciantes não estão felizes com o desenvolvimento da história.

O desespero sobe na minha garganta, mas eu tento me acalmar, defender do melhor modo possível meu caso com meu chefe. — Somos um elenco unido. Ainda temos Damien e Carrie... e os dois têm meio milhão de seguidores no Twitter entre si. Eles dobraram seus seguidores desde que essa história começou. Aposto que já triplicou agora.

— Marian. Acalme-se.

— Não, Peter. Não posso me acalmar. Não até que você me diga que está tudo bem. Quero dizer, você tem que acreditar na gente agora... vai dar tudo certo. Mesmo sem ela. Isto é, se o *The Office* pode continuar no ar sem o Carell, então podemos sobreviver sem uma psicopata.

— Você não está exatamente defendendo o seu programa chamando sua atriz principal de...

— No entanto, o problema não é sobre os atores, Peter. Esta é a questão. É sobre o roteiro.

Ele sorri e pela segunda vez acho que ele está se divertindo às minhas custas, mas então percebo que seu olhar está cheio de carinho — do jeito que ele

costumava me olhar. Que ele admira minha tenacidade. Percebo que ele não tem me chamado de “Champ” há muito tempo.

— Mantenha-nos informados, Peter. Convença sua equipe que vamos manter a audiência. Eu sei que vamos. Você sabe disso, não é?

Antes que ele possa responder, os céus se abrem e um aguaceiro começa a cair nas calçadas. Felizmente a marquise do prédio não me deixa molhar, mas assim mesmo eu resmungo baixinho, percebendo que não estou com uma sombrinha e vai ser praticamente impossível conseguir um táxi. Especialmente nesse horário. Peter me dá um olhar simpático, passa para o outro lado do banco e faz sinal para eu me sentar ao lado dele.

— Vamos lá. Entre. Eu lhe dou uma carona.

Eu hesito, fazendo o possível para resistir. — Você vai se atrasar para seu voo — contesto.

— Onde é o seu jantar?

— The Modern. É fora do caminho.

— São apenas *quatro* quarteirões fora da rota — ele replica. — Vamos. Não seja teimosa. Entre.

Eu entro no carro e fecho a porta, então cruzo minhas pernas e viro meu corpo em direção à janela, longe dele.

— Vamos deixar a senhorita na Fifty-third entre a Fifth e a Sixth — ele instrui seu motorista, enquanto a chuva bate no teto do carro, com o movimento do limpador de para-brisas marcando nosso silêncio. Ele finalmente raspa a garganta e tenta tocar minha mão, mais como se fosse um irmão ou amigo íntimo, do que um namorado ou mesmo um *ex*-namorado. — Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance — ele afirma.

— Bem, então neste caso, acho que não preciso me preocupar — digo incisivamente. — Você é o presidente da rede, afinal de contas. E como chefe da rede, eu sei que você vai olhar a questão como um todo.

— Claro que sim — ele responde e caímos novamente no silêncio. Apesar do

tráfego intenso, chegamos ao restaurante apenas um pouco atrasados — rápido demais para o meu desejo.

— Obrigada pela carona — digo educadamente. — E pela conversa. Gosto muito da sua honestidade.

— Deixe disso — ele implora.

— O quê? — eu vocifero.

Espero que ele fale, mas ao contrário ele apenas balança a cabeça e afasta o olhar, como se ele soubesse que vai cancelar meu programa ou nosso relacionamento. Talvez os dois.

— Tchau por enquanto — ele diz finalmente. — Ligo pra você assim que souber qualquer coisa.

— Tudo bem — replico. Então, saio do carro, bato a porta com força e corro na chuva ao encontro de minha mãe.

Quando eu chego ao final do saguão de entrada do restaurante, que mais parece um túnel, vejo minha mãe num trench coat vermelho, sua bolsa Goyard, que ela recentemente se vangloriou de ter conseguido por uma “ninharia” no eBay, aos seus pés.

— Chegou na hora certa — ela fala, correndo em minha direção. Nos abraçamos um pouco mais longamente do que o nosso costumeiro cumprimento, antes de ela me beijar no rosto e me olhar intensamente nos olhos. — É *tão* bom ver você, querida.

— Você também — digo, agora certa de que ela sabe do que se trata.

Ela demonstra seu costumeiro constrangimento, no entanto, e fala: — Você parece ótima. Muito bem. Mudou seu cabelo?

— Deixei um pouco mais claro — digo, segurando uma mecha do meu cabelo. — Você sabe, para o verão.

Ela sorri e diz que precisa fazer alguma coisa com o seu, talvez enquanto estiver aqui.

— Quando é o seu voo de volta? — indago.

— Ah, não sei. Eu simplesmente cliquei alguma coisa no computador. Acho que é na sexta-feira à tarde... vou ter que confirmar.

— Posso tentar marcar uma hora para você com Dana — digo, me referindo à minha estilista de longa data no Louis Licari.

— Isso seria fantástico — ela fala enquanto entramos no restaurante, entregamos nossos casacos e a bolsa de minha mãe para um *maître* de cabelo vermelho, que seria um ótimo substituto para Ângela Rivers.

Então, sem mais demora, como costuma acontecer em restaurantes menos sofisticados, somos imediata e silenciosamente conduzidas pelo salão de jantar branco reluzente, estreito e de teto alto até o lugar favorito de Peter, que ficava de frente ao elaborado jardim. Me ocorreu que isto seria algo de que eu sentiria falta caso ficasse sem ele — eu não seria capaz de conseguir a melhor mesa, no melhor restaurante em cima da hora.

Depois de sentarmos, minha mãe olha em volta do salão, depois para o jardim do outro lado da janela demonstrando sua aprovação. — Que lugar maravilhoso. Simplesmente deslumbrante... agora, foi este cara que fez o Union Square Café e o Gramercy Tavern? — ela pergunta, sempre por dentro de todos os melhores hotéis e restaurantes de Manhattan (assim como de Paris, Londres, e Los Angeles, para falar a verdade).

Concordo e digo: — Sim. Danny Meyer. Ele também fez o Eleven Madison... e o Shake Shack.

— E o chef? — ela fala observando os arranjos florais enormes, delicados e exóticos de flores rosas e púrpuras no centro do salão.

— Gabriel Kreuther. Treinamento clássico. Originalmente da Alsácia. Mais recentemente do Ritz, no Central Park South. Marc Aumont é o seu chef confeiteiro — eu relato, sabendo que tanto minha mãe quanto Peter são esnobes em relação à culinária, eles têm isso em comum — e eu não saberia tudo isso de

cor, se não fosse por ele.

Voltamos nossa atenção para os cardápios, silenciosamente estudando as opções de jantar de quatro pratos, com menu de preço fixo. A própria escolha era uma experiência quase religiosa para minha mãe. Depois de algumas deliberações, pedimos um vinho Sonoma sauvignon branco, e refeições praticamente idênticas, ambas escolhendo a sopa de aspargos, os escalopes, e o bacalhau fresco, que no último instante ela trocou por lagosta. Para sobremesa, escolhemos um "vacherin" de morango com ruibarbo.

Enquanto esperamos pelo nosso vinho, eu disfarço, evitando o grande elefante branco que paira entre nós, e em vez disso a coloco a par do que está acontecendo com Ângela e da minha conversa mais recente com o Peter. Como sempre, ela é feroz e totalmente leal, fazendo elogios sobre o programa: como o roteiro é forte, como não precisamos realmente da Ângela, e que a rede de TV seria louca e cega se nos cancelasse. — Vocês são bons *demais* — ela declara.

— Obrigada, mamãe — eu digo. — Infelizmente, grandes seriados são cancelados o tempo todo.

— Não é mesmo? — ela fala, relacionando alguns dos seus favoritos, alguns de mais de uma década atrás. — E aqueles horríveis que continuam passando. Pelo amor de Deus, gostaria que as pessoas tivessem mais bom *gosto.*

Sorrio, pensando que esta poderia ser considerada a maior reclamação de sua vida, exatamente quando nosso garçom traz nosso vinho, o abre e me dá a primazia que geralmente é oferecida a Peter. Rodopio a taça, experimento, sorrio e concordo, antes de observar encantada a destreza do garçom ao despejar em ambos os copos exatamente a mesma quantidade da bebida.

Quando ficamos sozinhas novamente minha mãe pega seu copo, o ergue e faz um brinde: — Para mães e filhas.

Mantenho minhas mãos firmes e encosto minha taça na dela. Então, tomamos um gole de nossos copos e os abaixamos ao mesmo tempo.

— Então — digo quando percebo que não é mais possível adiar a conversa. — Acho que você sabe o que está acontecendo, não é?

— Acho que tenho uma ideia.

— Ela me encontrou — confirmo.

— Ah, meu Deus! — ela comenta com uma expressão trágica. — Me conte tudo.

E então, conto tudo, entrelaçando todas as partes sobre Peter. Começando pela noite em que eu falei sobre casamento e ela bateu na minha porta, e terminando com a minha carona até o restaurante nesta noite. — Ela é uma menina maravilhosa — digo lembrando de sua carta e das roupas, e como ela é *verdadeira*. — E eu acho que devemos desenvolver um relacionamento de verdade. Não sei como vai ser exatamente, mas temos conversado... e me sinto muito bem.

Espero que ela diga alguma coisa — *qualquer coisa* — sobre sua própria carne e sangue, mas em vez disso ela fala: — Apenas tome cuidado.

— Tomar cuidado? — digo, me arrepiando ao ver que esta é a sua primeira reação. Lá no fundo, eu não posso realmente culpá-la, já que eu me senti da mesma forma durante a visita de Kirby.

— Tomar cuidado ao abrir portas que você realmente não quer ver abertas. Peter pode lhe dar apoio em teoria... mas será que ele realmente quer uma complicação deste tipo? Você trabalhou muito para chegar onde está. *Realmente* muito.

Sei que ela está falando mais sobre Conrad do que Kirby, e não posso discordar que encontrá-lo pode complicar as coisas. Ainda assim me vejo imaginando o que ela quer dizer com “chegar onde está”. E se foi o trabalho duro que me levou até este ponto — ou se foi simplesmente um passe de mágica.

Mais tarde naquela noite, estou sentada na cama do quarto de hóspedes onde Kirby dormiu, olhando minha mãe desarrumar sua mala. Ela viaja com poucas coisas, provavelmente porque não teve muito tempo de colocar mais coisas.

Depois de pendurar seus conjuntos de malha St. John no armário, ela pega um vestido florido comprido, que poderia ser descrito como uma camisola, um vestido solto.

— O que você acha disso? — ela pergunta segurando a roupa na sua frente.

Faço uma careta e digo: — Bonito... mas não se parece com você. De jeito nenhum.

Ela dá uma risada. — Pode acreditar ou não, mas eu gosto. Seu pai que comprou para mim.

— Desde quando o papai compra roupas para você? — pergunto. Nem *eu mesma* ousaria fazer isso.

— Nos últimos tempos, ele está tentando ser romântico, me dando presentes sem motivo, só para ser gentil.

Sorrio me lembrando da boina que Peter me deu, então pergunto a ela por que meu pai está tentando tanto.

— Passamos por um período difícil — ela explica.

— Quando? — indago. Isso é novidade para mim. Meus pais sempre pareceram se dar muito bem, e eu tenho poucas lembranças na minha infância de vê-los discutindo.

— Ah, eu não sei. Uma coisa aqui outra ali. Alguns probleminhas. Alguns maiores... mas é assim que são os relacionamentos. Eles acontecem em ciclos. Eles exigem muito esforço e paciência, e meu Deus, eterna vigilância. Talvez você e Peter devessem procurar ajuda. Talvez isso ajude vocês a recuperarem a confiança. É tudo sobre atenção... e comunicação.

— Então... você concorda que precisamos contar para o papai? Sobre a Kirby?

Um olhar divertido cruza o seu rosto antes que ela o desvie com a arrumação da sua mala.

Espero por sua resposta, mas só escuto um cantarolar nervoso enquanto ela se vira para levar seus objetos de higiene para o banheiro. — Mamãe? Você ouviu a

pergunta? — falo percebendo uma inequívoca mudança no seu humor quando ela volta para o quarto.

— Meu bem... — ela começa com um ligeiro tremor na voz, me deixando preocupada que ela esteja doente com câncer ou alguma outra coisa séria. — Seu pai... — ela recomeça, então para, respira fundo e lentamente solta a respiração antes de continuar. — Seu pai já sabe.

— Você quer dizer que ligou para ele? Essa noite? — pergunto, pensando que ela deve ter ligado para ele durante o jantar quando foi ao banheiro.

— Não — ela fala com uma careta.

— Desde *quando*? — Exijo saber, tentando controlar minhas emoções — uma mistura de choque, vergonha e traição.

— Desde... praticamente, desde o começo — ela declara.

Olho para ela e então saio do quarto.

Minutos mais tarde, ela me encontra na cozinha escura, senta no banquinho ao lado do meu, e então começa a sua explicação. Ela diz que foi tudo muito difícil. Ela poderia ter mantido segredo de um aborto, mas não de uma gravidez e um nascimento. Além do mais, e mais importante ainda, ela acreditava que contar a ele era a coisa certa a fazer. Tecnicamente eu já era uma adulta, mas apesar de tudo, ainda era sua garotinha, e ele tinha o direito de saber o que estava acontecendo com sua filha. Sua *única* filha.

Eu aceito isso com relutância. Afinal de contas, é uma ideia que tem passado pela minha cabeça desde a visita de Kirby. A parte que eu não consigo aceitar, e digo a ela, é que ela *nunca* me contou que ele sabia. Que eles nunca abriram o jogo comigo. Que *eles* mantiveram o segredo — e que eu fiquei no escuro. Por todos esses anos. Passa pela minha cabeça que eu não sei o que ele acha disso tudo, como ele se sentiu com a minha decisão de dar minha filha para a adoção. Pergunto isso para minha mãe agora, enquanto abaixo meus olhos, olhando para suas mãos, imaginando quando elas se tornaram as mãos de uma mulher mais velha.

Ela respira fundo e diz: — Bem, pra começo de conversa seu pai ficou furioso

que você iria fazer um aborto sem falar com ele antes. Ele queria muito que você tivesse o bebê.

— Ele queria? — digo com a voz embargada. Estou aliviada por ouvir isso, mas também entristecida, pensando que ele nunca pôde segurar Kirby ou lhe dizer adeus. Se minha mãe tivesse pelo menos me contado a verdade, ele poderia ter estado lá ao nosso lado.

— Você sabe que ele é contra o aborto. E ele acha que você teria se arrependido da sua escolha.

Concordo, imaginando se este conhecimento sobre seus pontos de vista interferiram na minha decisão de não ir em frente com aquilo. De repente me lembro de vários comentários pró-vida que ele fez durante a eleição presidencial de 1996 e eu na época acreditei que eram comentários filosóficos espontâneos no contexto da discussão política. No entanto percebo que ele devia estar me mandando uma mensagem. Agora tenho que repensar tudo, todas as nossas conversas ao longo desses anos. Posso sentir o quadro completo do nosso relacionamento mudar. Nada é o que parecia ser — e me ocorre que esta é a consequência de se guardar segredos. Neste momento, começo a entender como Peter deve ter se sentido, mas ainda não consigo nem imaginar como Conrad vai se sentir se um dia descobrir.

— Você concorda com ele? — indago. — Você acha que eu teria me arrependido daquela... escolha?

— Honestamente... eu não sei — ela fala finalmente com a voz embargada. — Aquele dia na clínica... eu realmente queria muito que você fizesse aquilo e terminasse logo com tudo... pra que você pudesse seguir adiante com sua vida. O mais rápido possível. Mas eu respeitei sua decisão. Do mesmo modo como respeitei sua decisão de dá-la para adoção.

— E quanto ao papai? Como ele se sentiu em relação à adoção?

Ela suspira e fala: — Seu pai queria ficar com ela. Ele achava que você deveria ir para a faculdade de Northwestern ou qualquer outra faculdade perto de casa, ou talvez que nós nos mudássemos para Ann Arbor por alguns anos e

ajudasse você a criá-la. Ele até mesmo sugeriu que nós a criássemos por você. Criá-la como nossa própria filha. Sua irmã.

— Quantos segredos! — comento.

— Eu sei — ela concorda. — Mas era assim que ele se sentia. Isso causou um problema no nosso casamento durante um bom tempo. A decisão que você tomou e o fato de eu não permitir que ele falasse com você sobre isso. Ele ficou ressentido comigo... e eu acho que isso mudou a relação dele com você também.

— De que modo? — pergunto embora eu sempre tenha tido essa sensação.

— Vocês dois costumavam ser tão próximos. Você sempre foi a garotinha do papai... mas desde então... criou-se uma barreira entre vocês dois. Vocês ficaram... tão formais um com o outro... alguma coisa se rompeu.

Concordo, pensando naqueles tempos antes de a Kirby nascer, quando éramos tão unidos quanto um pai e uma filha podiam ser. — Éramos unha e carne — como minha avó costumava dizer.

No entanto, depois daquele verão, as coisas nunca mais foram as mesmas. Às vezes, eu dizia para mim mesma que isso era parte do crescimento, de ir embora para a faculdade, de dar andamento na minha vida. Eu pensava que nós ainda éramos próximos, mas não do mesmo jeito. Mas agora posso ver claramente que isso foi outra consequência de minha mentira. Não apenas eu o estava evitando, mas ele estava fazendo a mesma coisa comigo. Mesmo quando estávamos sozinhos, nós nunca conversávamos sobre coisas importantes como casamento e filhos, vida e morte. Ficávamos sempre na superfície das coisas, um grande abismo de segredos se abrindo entre nós.

Olho para minha mãe, imaginando se teria sido diferente se ela tivesse mantido meu segredo. Imaginando se meu pai tivesse conhecido Kirby, talvez as coisas tivessem se acertado entre nós. Imaginando se seria possível fazer as coisas voltarem como eram antigamente.

19

Kirby

É domingo de manhã, meu momento favorito da semana desde que minha mãe desistiu de me obrigar a ir à missa, e eu fico à vontade, tocando minha bateria o mais forte possível, sabendo que nossos vizinhos de ambos os lados também estão na igreja. Passo pela minha lista de música de "clássicos solos de bateria", indo de "Moby Dick", do Led Zeppelin (o solo de John Bonham é um dos melhores de todos os tempos), ao "One World" do Police (não dá para ser melhor do que Stewart Copeland), e então misturando Gina Schock (tenho um pôster antigo das Go-Go em cima da minha cama), Sheila E. (que mesmo que ela não arrase sozinha, ela já tocou com todos os maiorais, incluindo o Prince, Ringo *e* Marvin), e até mesmo Karen Carpenter (provavelmente a única artista no meu iPod que meus pais conhecem um pouco).

Enquanto isso, me pego pensando no encontro da noite passada, colocando os melhores momentos numa música, num pequeno vídeo na minha cabeça. Depois do cinema, só tivemos tempo de comer um hambúrguer rápido no Blueberry Hill antes do meu horário de voltar para casa, mas foi o suficiente para perceber que Philip gostou de mim. Pelo menos como um amigo, talvez mais. Não foi tanto pelo que ele me disse, mas pelo jeito como ele me olhava — com aquele "sorriso enorme de pateta" — segundo as palavras de Belinda quando ficamos sozinhas no toalete. Não gostei da palavra "pateta", mas tive que concordar que era um sorriso enorme e verdadeiro.

Pensando nele agora, tiro meus fones de ouvido, largo minhas baquetas, e pego meu telefone para tocar no ícone do Facebook na minha caixa de entrada — um pedido para ficar amigo de Philip. Sinto o pulsar do meu coração enquanto clico no botão de aceitar, e segundos mais tarde tem um post no meu mural: *Ainda estou tentando decifrar o final daquele filme. Me diverti bastante. Vamos fazer isso novamente em breve, OK?*

Deixei as palavras assentarem na minha cabeça, me sentindo meio tonta ao

perceber que não apenas tive meu primeiro encontro de verdade com um garoto legal, mas que ele se preocupou em me convidar para sair novamente *e* postou o convite no meu mural para quem quisesse ver. Ou pelo menos para os meus 114 amigos verem. É meio patético — mas eu nunca me senti tão bem, nem quando fiz o rap na sala dos escritores — e eu respondi de volta o seu post no mural dele (para seus 316 amigos verem): *Eu também. Acho ótimo sairmos para uma segunda rodada. É só me dizer quando.*

Enquanto rapidamente escaneio seus quatro álbuns de fotos, a maioria deles consistindo em acampamentos ao ar livre e fotos de esqui, meu telefone toca. É Belinda. Atendo com um sorriso. — Siiiimmmm? — respondo. — Em que posso lhe ajudar?

— Deus do céu! Bendito Facebook! — ela comenta e então dá uns gritinhos tão altos que eu tenho que afastar o aparelho do meu ouvido.

— E que história é essa de *segunda* rodada? — ela continua. — Por acaso ele se esgueirou no seu quarto ontem à noite para a *primeira* rodada?

— Pelo amor de Deus, Belinda. Quer se *acalmar* — digo pensando se o comentário que eu postei realmente soava do modo como Belinda entendeu ou é a mente dela que é sempre tão suja, aparentemente até mesmo nos domingos de manhã, quando ela também deveria estar na igreja. — Estava me referindo ao filme. Jesus!

— Admita. Você o amou — ela afirma. — Você *realmente* o adorou.

— Ele é legal — digo, recusando a admitir até mesmo para minha melhor amiga que eu estou um pouco apaixonada, minha primeira paixonite por alguém que não é famoso ou pelo senhor Tully.

— Você quer transar com ele.

Dou um suspiro alto, mas não digo nada, como se esse comentário não merecesse uma palavra de resposta.

— Você acha ele bonitinho? — ela pergunta.

— Já respondi isso ontem à noite — replico. — Sim. Eu acho ele bonitinho.

Ele tem olhos lindos.

— Ah, Meu Deus! Baile de formatura, aí vamos nós! Você tem que convidar ele.

— Quem sabe — digo. — Não vamos passar a carroça na frente dos bois.

— Só faltam duas semanas! — ela exclama. — Você tem que se apressar. Anda logo!

— Você convidou Jake? — pergunto, lembrando de como eles ficaram de mãos dadas e se tocando durante o filme. Provavelmente por isso que nenhum deles conseguiu dar uma única opinião sobre o final estranho, que Philip e eu não conseguíamos parar de analisar enquanto devorávamos nossos hambúrgueres.

— Simmmm. Estava chegando lá.

— E?

— Ele disse que sim. — Ela dá outro gritinho e então, começa a cantar desafinada sua versão de “Best I Ever Had” do Drake.

— Então, o que vocês fizeram ontem à noite? — pergunto, ciente que seu horário de chegar em casa não significa nada — que a mãe dela dorme ridiculamente pesado.

— Seção de topless seguido de um boquete nele — ela comenta. — *Com* resultados. Ainda estou me sentindo meio tonta.

Fiz uma careta. — Eca. Isso é nojento, Belinda.

— Boquete não é uma coisa nojenta — ela explica e começa a contar em detalhes repugnantes aspectos da anatomia impressionante de Jake. — Foi difícil colocar tudo dentro. Mas eu consegui. Praticar com o pepino realmente ajudou pra eu não ter ânsia.

— Pare — grito, morrendo de dar risadas.

— OK — ela fala gargalhando. — Mas só se você prometer convidar Philip para o baile de formatura.

— Vamos ver — respondo, aquela sensação estranha no meu estômago está de volta.

— Oba! — ela grita. — Philip logo, logo também vai ganhar um boquete!

Balanço a cabeça e contra minha vontade imagino Philip no banco da frente do seu carro, com os jeans abaixados até os joelhos, a parte de trás da minha cabeça batendo no volante, e os olhos dele revirando de prazer. Não tenho planos para que isso aconteça em breve, se é que vai acontecer algum dia, mas fico chocada de perceber que a imagem não é assim tão assustadora.

Mais tarde naquela semana, depois de Philip ter me mandado diversas mensagens privadas no Facebook, incluindo uma pedindo meu telefone, meu celular vibra com uma chamada. Estou na sala de estar com Charlotte, a quem eu contei sobre o encontro, lhe dizendo tudo menos como eu estava começando a me sentir por dentro. Acho que ela percebe, e está muito animada por minha causa, chegando ela mesma a mencionar o baile várias vezes. Ela põe a TV no mudo, ergue as sobrancelhas e pergunta: — E aí? É ele?

Pego meu celular de cima da mesinha de centro e vejo o nome de Philip, que já está programado na minha agenda, iluminando meu telefone. Aceno que sim e sorrio, então saio correndo da sala, só respondendo quando estou no meio da escada.

— Oi. O que você está fazendo? — ele pergunta casualmente, como se estivéssemos acostumados a conversar no telefone o tempo todo.

— Nada de mais — digo tentando recuperar meu fôlego, enquanto fecho a porta de meu quarto e me jogo na cama. — Estava apenas assistindo TV. Dando um tempo antes de fazer a lição de casa. Evitando meus pais. O de sempre.

— Sim. Entendo você — ele comenta antes de me dizer mais uma vez como ele se divertiu saindo comigo. Uma sensação quente e que me deixou formigando se espalhou pelo meu corpo, como uma onda gigante, seguida por uma outra visão mais íntima de nós dois, desta vez numa versão mais

adolescente e romântica do que a minha imagem de um boquete no banco da frente. Na minha visão, Philip está usando um smoking; eu um lindo vestido de organza, e nós dois dançando lentamente.

— É — digo tomada por este sentimento de “que droga”. Então com as mãos úmidas, a boca seca, e o coração disparado eu falo: — Ei, Philip. Queria te perguntar uma coisa...

— Fala.

Respiro fundo, mas sinto minhas pernas bambearem. — Não sei. Talvez seja uma ideia meio idiota... meio brega... e eu realmente não sou esse tipo de pessoa... mas talvez possa ser divertido... e Belinda e o Jake vão... então, eu estava imaginando se talvez...

— Kirby — Philip fala me dando uma tábua de salvação. — Você está tentando me convidar para o baile de formatura?

— Humm, sim — digo com uma risada nervosa. — Acho que eu estava tentando fazer isso.

— Então é só me convidar — ele fala rindo para mim. — Sem mais retratações.

— Você gostaria de ir ao meu baile de formatura? Comigo? — confirmo na última pergunta, só para ter 100 por cento de certeza que ele entendeu bem aonde ele está se metendo.

— Eu *adoraria* ir — ele fala, e seu sorriso radiante parece se transportar pelo telefone.

— Ótimo — digo, sorrindo de volta para ele. — Estamos com um encontro marcado.

No dia seguinte, minha mãe leva Charlotte, Belinda e eu para a Robin’s Bridal Mart para comprar vestidos de formatura. É um *momento crucial,* como Belinda

não para de falar, já que faltam apenas nove dias para o baile. Enquanto retiramos vestidos das araras, fica claro que Belinda e Charlotte estão procurando vestidos longos em cores alegres e brilhantes, enquanto eu me vejo procurando vestidos pretos mais curtos, talvez seja influência do que eu vi no armário da Marian. “PB” ela assim os chamava, os “pretinhos básicos” — e ela disse que toda garota precisava pelo menos de um, na verdade uns dois ou três.

Minha mãe, é óbvio, deixou claro que ela acha que vestidos pretos são inapropriados para adolescentes e torce o nariz todas as vezes que eu tiro um do cabide. A certa altura, enquanto escolho um vestido preto com franjas, minha mãe vem rapidinho e diz: — Este vestido é maduro demais para você.

— Maduro demais? — eu retruco. — Eu achei que você quisesse que eu fosse madura?

— Você sabe o que eu quero dizer — minha mãe rebate.

Charlotte pula em minha defesa. — Mamãe, esta regra sobre usar preto é da *sua* época. Hoje em dia todo mundo usa. Eles até fazem roupas de bebê em preto. Você já viu as crianças da Angelina e do Brad?

Minha mãe revira os olhos e diz que ela não acha que nós deveríamos querer ser parecidas com “estes esquisitos”.

— Não importa. Você prometeu que não iria criticar se nós deixássemos você vir junto — eu argumento.

— Não quero ofendê-la, senhora Rose, mas é por isso que eu nunca faço compras com a minha mãe — Belinda diz. — Na verdade ninguém gosta.

— Isso não é verdade — minha mãe fala olhando irritada para Belinda, o que não é estranho. — Encontrei a Mary Margaret com a mãe dela na Dillard’s na semana passada. Elas tinham acabado de comprar um lindo vestido não muito curto...

— Não muito curto? — Belinda repete como se tivesse percebido alguma coisa errada. — Ou usamos vestido longo ou curto, não tem outro jeito. Aonde ela estava indo? Tomar um *chá?*

— Bem, a questão é, eu não sou a *única* mãe...

Eu a interrompo com uma questão importante. — A Mary Margaret é uma idiota. Ela só faz compras com a mãe, porque não tem amigas.

— A mãe dela me contou que ela é a *presidente* do baile — minha mãe replica, tentando ignorar a palavra idiota. — Com certeza a presidente do baile tem amigos.

— Você que pensa — Charlotte retruca. — Mas não nesse caso. Ninguém a suporta.

— Ela nem mesmo tem um *par* — Belinda completa enquanto trocamos sorrisos marotos. Em apenas alguns dias, nós nos transformamos nas garotas que ela sempre quis que a gente fosse — e que talvez, secretamente, eu também quisesse ser. Eu até mesmo me vejo me sentindo diferente na escola onde ninguém nem sabe — nem se importa — sobre meu status atual. Porém, *eu* sei, e a sensação é muito boa.

— OK. OK. Entendi a insinuação. Vou ficar de boca calada — minha mãe fala, tentando ser uma mãe divertida, embora isso vá contra o seu íntimo. — Sou eternamente grata pelo convite em acompanhá-las neste memorável evento de compras e prometo manter minhas opiniões fora de moda para mim mesma.

Aceito sua promessa enquanto nós quatro, com a ajuda de uma jovem vendedora chamada Shelly, continuamos a vasculhar todas as araras. Cerca de trinta minutos mais tarde, estamos em três provadores diferentes, freneticamente experimentando vestido após vestido, deixando a maioria de lado, pedindo a Shelly para trazer tamanhos diferentes, na maior parte do tempo exclamando como eles fazem ficarmos horríveis, e só ocasionalmente saindo do provador, quando a roupa ou é comicamente pavorosa ou bonita o bastante para a gente avaliar.

Depois de muito analisar, vetar, encorajar e admirar, cada uma de nós chegou a sua escolha final, e nos posicionamos frente a minha mãe e Shelly, defronte ao enorme espelho de três faces para uma decisão final.

— Ah, meninas! Vocês estão maravilhosas! Estou até com vontade de *chorar!*

— minha mãe exclama.

— Você *está* chorando — comento.

— Mamãe! — Charlotte fala com um desprezo não característico. Ela olha de relance por toda a loja e então sussurra: — Pare com isso. Isso é tão constrangedor! Fala a verdade, *realmente,* isso não é nem nossos vestidos de casamentos!

Então, Charlotte se vira para mim, com o porte perfeito, e fala baixinho: — Embora eu vá *realmente* casar com o Noah algum dia.

— Não consigo evitar. Minhas garotinhas estão tão crescidas. Lembro quando vocês três ainda usavam fraldas, correndo em volta da piscina com suas boinhas laranja. E agora olhe só para vocês — minha mãe reflete tão nostálgica que parece esquecer suas desavenças com Belinda. E comigo também.

— Tudo bem, vamos começar com a Lottie — Belinda fala, examinando minha irmã no seu vestido comprido de chifon.

— Dê uma volta — peço.

Ela dá uma voltinha enquanto Belinda e eu murmuramos nossa aprovação. Ao contrário de Belinda e eu, Charlotte ficou bem em quase todas as roupas que experimentou, mas esta é claramente a que ficou melhor, desde a cor salmão que combina com seu cabelo e pele bronzeada, ao estilo tomara que caia que exibe seus braços bem torneados de nadadora, os ombros e as costas. O vestido parece moderno, mas ainda assim se parece com uma roupa de conto de fadas, agradando as duas gerações na sala, e Belinda e eu lhe dizemos que tem que ser *esse*, não precisa experimentar mais nada. Está claro que Charlotte concorda porque ela fica dando voltinhas pela sala na ponta dos pés, admirando-se em todos os ângulos, até mesmo lançando olhares sensuais para o espelho, que minha mãe iria achar mais desconcertantes do que um vestido preto.

— Quanto é? — minha mãe sussurra para Shelly, embora ela saiba que nós podemos escutar. Ela parece preocupada mesmo depois de Shelly falar que o preço é bem razoável.

— Quão razoável? — minha mãe indaga.

— São 300...

Minha mãe respira ofegante até Shelly terminar a sentença.

— ... Mas vocês estão com sorte, está com 50 por cento de desconto! — Ela se curva sobre sua enorme calculadora solar, digitando os números enquanto Charlotte e eu damos um olhar divertido; até *eu* posso fazer essa conta de cabeça.

— 150 mais impostos — Shelly conclui.

— Perfeito — minha mãe diz enquanto voltamos nossa atenção para a escolha principal de Belinda — um vestido longo turquesa feito de seda pura de um ombro só e rabo de peixe, a parte de trás do vestido é bordada com strass e ela fica parecendo uma sereia sexy.

Belinda o chama de vestido milagroso porque ele esconde seus quadris e sua barriga, enquanto favorece seu bumbum redondo e perfeito (que ela chama orgulhosamente de “bumbum de gueto”) e os seios grandes.

— Adoro — exclamo.

— Eu também — Charlotte diz.

— Será que não é muito ousado? — minha mãe indaga.

— Não, mamãe — eu digo enquanto Charlotte aponta que o vestido nem tem um decote muito fundo. É claro que Belinda aproveita este comentário para levantar ainda mais suas “meninas”, que é como ela os chama, mas minha mãe não diz outra palavra, provavelmente imaginando que Belinda é um caso perdido.

— Agora, preciso lhe dizer, minha cara — Shelly fala depois de muita elocubração sobre a roupa —, este é um dos vestidos mais caros da loja.

— Eu sei — Belinda responde. — Vi a etiqueta.

— Quanto? — pergunto.

— É 400 dólares — Shelly fala com uma careta.

— Está com desconto? — Belinda pergunta.

— Receio que não — Shelly responde. — Mas ele vale. Este rabo de peixe é exótico.

— Ligue para sua mãe. Ou para o seu pai — sugiro. — Talvez cada um deles pague a metade e deixem você ser feliz.

— Sem chance — Belinda explica, mas ainda assim entra no vestiário para fazer a ligação e começar a negociação. Escuto ela perguntar para sua mãe se o pai dela tem mandado dinheiro atualmente, e posso perceber pela fala de Belinda que a resposta é não, como de costume.

Ela sai alguns segundos depois, vestida de novo na sua polo vermelha desbotada e saia cáqui apertada, parecendo sombria. — Agora é sua vez, Kirb — ela anuncia.

Sentindo pena dela, eu concordo e olho para meu vestido preto estilo melindrosa, decidindo que eu definitivamente adorei. Ele ficou *super*bem em mim, é sofisticado não apenas pela cor, mas pelo modelo como um todo, com pontos extras pela originalidade. Ninguém vai ter um vestido parecido com esse. E ele remexe quando eu caminho de um jeito confiante; posso até imaginar como vai ficar legal quando eu estiver dançando.

— É a *sua* cara — Belinda comenta, sentada de pernas cruzadas no chão. — Muito legal.

Minha mãe e Charlotte concordam que o vestido fica maravilhoso em mim, e eu peço a minha irmã para tirar uma foto com seu celular. Faço uma pose com uma mão no quadril, uma perna para frente, do mesmo modo que as celebridades ficam nas revistas. Devo estar fazendo alguma coisa errada porque me sinto estranha — e pareço completamente idiota na foto. Então, peço para Charlotte tirar outra, dessa vez ficando numa pose normal.

— Você está mandando esta foto para a Marian? — minha mãe questiona. Ela tenta parecer natural, mas eu percebo que a ideia a deixa triste — o que me faz ficar ao mesmo tempo penalizada e irritada com ela.

— Não. Mamãe — digo. Embora talvez, lá no fundo, tenha passado pela

minha cabeça mostrar meu vestido de formatura para a Marian. Como se fosse o meu jeito de dizer a ela, mais uma vez, que não ficou nenhuma mágoa em relação às roupas que mandei de volta. E também porque eu simplesmente *sabia* que ela iria adorar.

— Sim! Você deveria mesmo! — Charlotte exclama. — Você deveria pedir uns conselhos sobre sapatos, bolsas e joias.

— Uau! Sapatos, bolsas e joias? — minha mãe indaga. — Não tenho certeza se isso está no orçamento. Você pode pegar alguma coisa minha emprestada.

— Ou melhor ainda — Charlotte replica —, talvez Marian te empreste algumas coisas dela! Aposto que ela tem umas joias "sinistras" e sapatos... que tamanho ela usa?

— O mesmo que eu — digo —, 37.

Minha mãe, que usa 39 franze os lábios e depois fala: — Bem, tenho certeza que Marian vai adorar seu vestido. E ela provavelmente vai aprovar a escolha do preto também.

Concordo, certa que ela vai gostar, e esperando que Philip também goste.

Discutimos o preço, apenas um pouco mais caro que o de Charlotte, mas também estava com desconto, e eu olho para minha mãe que dá sua permissão.

— Vou ficar com esse — digo a Shelly enquanto abro o zíper lateral, saio do vestido e lanço à minha mãe um sorriso agradecido. — Obrigada — digo baixinho, entregando-o para ela.

— De nada — ela sussurra de volta, então, leva os dois vestidos para a frente da loja para pagar.

Enquanto visto de volta meu uniforme, Belinda me segue até o provador parecendo frustrada.

Olho para ela com compaixão e pergunto: — Não tem *nada* mais que você tenha gostado?

— Nada comparado a aquele — ela comenta.

— OK. Bem. Quanto você economizou? — pergunto sabendo a resposta antes mesmo de ela levantar a mão mostrando o tamanho de um grande ovo de pata.

— Bem. Eu poderia lhe emprestar um pouco — digo. — Porém, gastei tudo indo para Nova York. Além do mais — *400* dólares! Belinda, é muita burrice gastar tanto dinheiro num vestido que você só vai usar uma vez.

— A menos que você seja a Marian — ela comenta. — Aposto que isso é um troco para ela. Você tem tanta sorte de ter uma parente rica.

É a primeira vez que alguém se refere a Marian como uma "parente", rica ou não, e embora eu goste de como isto pareça, penso nas roupas que mandei de volta e lembro Belinda que este dinheiro não é meu.

Belinda suspira, então vai para seu vestiário pegar de volta sua enorme e falsa bolsa da Gucci.

Momentos depois, estamos novamente no carro da minha mãe, Charlotte no banco da frente, Belinda e eu no de trás. Checo meu telefone e vejo nova mensagem de Philip, meu terceiro grande acontecimento do dia: *Teve sorte?*

Ele está se referindo ao meu vestido, é claro, então eu digito: *Sim. Achei um muito bom.*

Ele responde quase instantaneamente: S*eu vestido ou seu parceiro de baile? Rss*

Os dois — escrevo me sentindo sedutora e ousada e digito ";)" formando minha primeira e única carinha de emoticon, algo que eu tinha jurado nunca fazer.

— Você está conversando com Philip? — Belinda pergunta.

Dou um sorriso e concordo. — Você teve notícias de Jake hoje? — indago.

— Deixa eu ver — ela fala remexendo na sua bolsa para retirar seu iPhone, juntamente com um pacote de chiclete de canela. Ela pega um pedaço para si mesma, e me oferece um outro. Pego o pacote, tiro dois pedacinhos quadrados vermelhos, e então me curvo para jogá-lo de volta na sua bolsa.

E foi então que alguma coisa me chamou a atenção: uma ponta inequívoca de seda azul brilhante escondida no fundo de sua bolsa. Olho de soslaio para Belinda, com as sobrancelhas erguidas em tom de pergunta, enquanto ela olha para seu telefone com uma expressão de culpa, vergonha e ousadia, uma combinação que eu não tinha visto no rosto dela desde o quarto ano, quando a peguei numa mentira sobre uma festinha na casa da Amy Bunce. As duas tinham me convidado, mas no último minuto me desconvidaram com uma história qualquer sobre a mãe de Amy estar com dor de cabeça. Nunca a confrontei sobre isso, até hoje, mas fiquei magoada durante muito tempo, e ainda não entendo como pôde fazer isso comigo.

Sinto a mesma sensação de traição e confusão agora, embora eu não saiba muito bem o porquê. Belinda já roubou coisas, bem na minha frente, como um pacote de cigarros ou bijuteria barata. Uma vez ela até mesmo roubou um par de leggings que vestiu por baixo da calça. E embora eu nunca tivesse falado nada nem a condenado, e frequentemente mencionasse que não valia a pena correr o risco de ser pega, eu acabava achando graça. Mas dessa vez era diferente. Primeiro, ela não me contou o que estava fazendo. Segundo, o vestido custava 400 dólares. Que merda — até onde eu sei isso pode ser considerado um crime. Tentei olhar nos olhos dela, mas ela se recusou a enfrentar meu olhar, e em vez disso mergulhou no telefone, digitando como uma louca. Penso no que meus pais fariam se soubessem — eu *nunca* mais teria permissão de sair com ela novamente.

Entretanto, por algum motivo, lembrei de Marian também. Qual seria a reação dela. O que ela iria pensar de Belinda. E o que ela iria pensar de mim por desviar o olhar e fingir que não estava vendo um vestido de formatura de 400 dólares, roubado aos meus pés.

20

Marian

Algumas noites depois que minha mãe voltou para Chicago, estava assistindo à *Mad Men* na TV e imaginando o quanto os executivos de minha rede iriam ferrar esse programa se pudessem, quando o telefone toca. Olho para o visor e meu coração dispara quando vejo o nome de Kirby.

— Oi! — digo respondendo rapidamente.

— Oi. Interrompi alguma coisa? — ela fala parecendo triste. Imagino se ainda está chateada por causa das roupas ou se a voz dela tem essa característica — o jeito que algumas meninas sempre parecem efervescentes e outras perpetuamente sarcásticas.

— Não. Estava apenas assistindo televisão... quais as novidades? — pergunto, esperando que tudo esteja bem no seu mundinho, e repentinamente ansiando por uma conversa com ela. Sobre *qualquer coisa.* Até mesmo sobre Conrad.

— Bem... resolvi ir ao baile de formatura. — Ela dá a notícia timidamente, mas com orgulho, como se isso fosse uma conquista para ela.

— Que ótimo. Que notícia maravilhosa! — respondo. — Quem é o cara de sorte?

— O nome dele é Philip Chang — ela explica. — Ele estuda em outra escola, mas minha amiga Belinda nos apresentou. Ela vai com o melhor amigo dele. Vamos os quatro juntos.

— Você gosta dele? — eu indago. — Ou vocês vão apenas como amigos?

Ela hesita um pouco e então fala: — Não sei. Ele é agradável e bem inteligente. E temos muita coisa em comum. Ele é bem... diferente dos meninos da minha escola. Então, sim, acho que eu gosto um pouco dele.

Percebo um toque de animação e ansiedade na voz dela e isso faz meu coração doer de saudade e lembranças de Conrad, como eu me sentia ligada a ele durante

nosso breve relacionamento, como eu adorava que ele era diferente de todos que eu conhecia. Imagino se ele ainda tem essa qualidade ou se os anos o transformaram em alguém mais comum; de certo modo, não consigo imaginá-lo como um pai de família de classe média, com filhos, uma perua e um emprego num escritório que ele detesta. Eu o afasto da cabeça e digo a Kirby que estou feliz por ela.

— Sim. Muito obrigada. Não é grande coisa, realmente... mas eu comprei um vestido — ela comenta.

Peço a ela para descrevê-lo, e ela diz que é preto e no estilo melindrosa. — Vou mandar uma foto — ela fala.

— Sim, eu quero ver... quero ver *todas* suas fotos da formatura. Tire muitas.

— Com certeza — ela responde e então pergunta se eu fui ao meu baile.

Digo a ela que eu não fui no primeiro ano porque fiquei doente, mas fui ao meu baile de formatura do último ano.

— Com o Conrad? — ela indaga.

— Não — digo tensa. — Fui com meu namorado daquela época. Todd Peterson.

— Foi legal? — Ela quer saber.

— Sim — digo meio desanimada e dou uma risada. — Bem, não foi muito legal. Passamos a maior parte da noite numa briga.

— Sobre o quê?

Coloco meu telefone entre meu ouvido e o ombro e aperto a faixa do meu roupão. — Ele era bem imaturo. E os amigos dele eram ainda piores, simplesmente um horror. Eu não o suportava e fiquei furiosa porque eles transformaram a noite toda numa grande bebedeira.

— E você queria um pouco de... romance? — Kirby pergunta.

— Eu queria pelo menos *dançar.* Que droga, eu teria gostado de ter pelo menos dançado uma música. Em vez disso passei a noite toda olhando ele encher

a cara numa sala escura e cheia de fumaça no DoubleTree. Foi deprimente.

— Que droga — ela comenta.

— Não estou dizendo que o baile de formatura tem que ser a noite mais importante da sua vida. Mas seria bom tentar fazer dela uma noite *um pouco* especial, você me entende? Pelo menos tentar ficar sóbrio para que você possa *relembrá-la.* Em vez disso ele desmaiou antes das 9 horas.

— Foi por isso que você terminou com ele? — ela pergunta e eu me pego imaginando o que teria acontecido se Todd não *tivesse* sido tão imaturo. E se nós tivéssemos continuado a namorar naquele verão? Será que eu iria acabar fazendo sexo com ele? E se ele tivesse me deixado grávida? Será que eu contaria a ele? Será que eu ficaria com o bebê?

— Sim. Acho que sim. Embora eu não ache que gostava muito dele. De qualquer modo, nós terminamos no dia seguinte no parque, enquanto estávamos na fila para entrar em um dos brinquedos. Ele estava se exibindo, se vangloriando da sua ressaca, como se aquilo fosse uma medalha de honra. Eu não consegui aguentar nem mais um *segundo*... então, saí da fila e fui comprar algodão-doce sozinha. — Dou uma risada e continuo. — Ele acabou vomitando por cima de um garoto na segunda volta, então acho que tomei a decisão certa.

Ela ri e então fica quieta novamente antes de dizer: — Eu queria lhe fazer uma pergunta. Saber sua opinião sobre uma coisa. É sobre Belinda. Minha melhor amiga.

— Tudo bem — digo e fico esperando.

Posso ouvi-la respirar fundo antes de continuar vagarosamente. — Então, fomos comprar os vestidos de formatura. Eu, minha irmã e ela. Com minha mãe. Charlotte e eu achamos nossos vestidos que custaram apenas 150 dólares. Eles estavam em liquidação, metade do preço.

— Foi um excelente negócio — eu interrompo nervosa.

— Sim. Essa parte foi boa... mas Belinda... ela se apaixonou por um vestido realmente sofisticado, com strass e tudo mais. Era incrivelmente caro. Quatrocentos dólares. Sei que não parece muito pra você, mas é bastante para

nós. E Belinda definitivamente não podia pagá-lo.

Eu fico arrepiada ao ouvir a palavra “nós”, e sinto uma nova onda de vergonha me cobrir, quando lembro do passeio na Barneys, enquanto Kirby continua: — Ela vive sozinha com a mãe, que é mãe solteira, e tem um pai que não liga pra ela, e ela nunca economiza seu próprio dinheiro. Então, o vestido podia custar até 1 milhão de dólares, você entende?

— Sim — respondo tentando seguir o fio da sua história. — E aí, ela escolheu um outro?

— Não — Kirby responde. — Ela... ficou com este.

— De que modo? Ela passou no cartão de crédito?

— *Nããooooo* — ela fala como se eu fosse obtusa.

Quando eu não respondo instantaneamente, ela suspira e diz: — Ela *roubou* o vestido, Marian. Ela o colocou dentro da bolsa e saiu da loja com ele. Em plena luz do dia.

Sento na minha cama e sacudo a cabeça, me sentindo estranhamente ingênua, como se os papéis houvessem se invertido, e imagino como eu não percebi que era isso que ela estava tentando me contar. Lembro de algumas colegas na escola que roubavam nas lojas por diversão. A maioria delas tinha dinheiro para comprar o que quisessem, mas faziam isso só pela emoção.

— Você a viu fazer isso? — pergunto esperando que ela não seja uma cúmplice ou esteja envolvida de alguma maneira.

— Não. Não vi o ato em si. Apenas vi o vestido no carro. Dentro da bolsa dela. Depois que saímos da loja.

— Você conversou com ela sobre isso?

— Não. Eu simplesmente fingi não ver. Nós duas fingimos... você acha que eu deveria, assim, confrontá-la? — Kirby indaga, como se estivesse me pedindo um conselho.

— Com certeza — respondo. Sinto que é a primeira vez que lhe dou um

conselho importante como mãe, e num momento decisivo.

— O que eu deveria dizer?

— Diga a ela que você sabe que ela pegou o vestido, e que você acha isso errado. Diga que ela deveria devolvê-lo. Ela pode até devolvê-lo anonimamente na loja. Dentro de uma sacola. Não tem necessidade de ela se expor. Simplesmente levar o vestido de volta para a loja. Certamente, ela irá encontrar outros vestidos que possa comprar...

Kirby fica em silêncio, como se estivesse procurando falhas em potencial com meu conselho. Com certeza, ela acha e diz: — Isso não vai dar certo. Belinda sempre faz o que quer. Eu percebi seu olhar no carro. Ela só vai ficar furiosa comigo se eu disser alguma coisa... — A voz dela diminui o tom.

Hesito, então pergunto se ela conversou com seus pais sobre a situação.

— Pelo amor de Deus, claro que não — ela retruca, e eu me sinto ao mesmo tempo lisonjeada e preocupada pela responsabilidade. — Não contei para ninguém. Será que isso vai me causar problemas? Fiz alguma coisa ilegal?

— Acho que não — retruco. — Não se você não a ajudou a roubá-lo... mas eu ainda procuraria um modo de encorajá-la a devolver o vestido. Pelo bem dela.

— Que merda! — ela replica.

— Sei que isso é uma droga, Kirb. É duro.

Posso escutar sua respiração ao telefone, como se estivesse pensando alguma coisa.

— Converse com ela simplesmente... diga a ela como você se sente. Seja o mais aberta e honesta possível com ela.

Enquanto pronuncio essas palavras, percebo que esta foi minha grande falha — e que eu quero o melhor para Kirby.

— Também acho que você deve conversar com seus pais — eu digo.

— De jeito nenhum. Não posso fazer isso. Eles já têm um problema com a Belinda. Além do mais, eles provavelmente a denunciariam. Eles são

completamente certinhos em relação a tudo — ela rebate.

— Sim. Algumas pessoas são desse jeito — digo pensando na abordagem de Peter: faça a coisa certa e conte a verdade a qualquer custo, mesmo quando não é conveniente, mesmo quando isso significa ferir outras pessoas. No entanto, talvez seja mais importante ser leal a um amigo, proteger aqueles que você ama. Foi isso o que eu fiz, em parte, quando menti para Conrad? E mantive segredo de meu pai? De Peter? Ou eu estava apenas tentando me proteger? Estou começando a perceber que eu não tenho muitas respostas, e como é difícil ser mãe. Estar em qualquer relacionamento *verdadeiro.*

— Tente apenas seguir seu coração — digo sabendo que era algo simplista, talvez soe até banal, mas isso me guiou numa das decisões mais difíceis que eu já fiz: tê-la. — Todas as vezes que segui meu coração, eu não me arrependi. E quando eu não...

Não terminei minha sentença, mas senti o peso dela no telefone, nós duas silenciosamente completando o resto da frase. Completando os últimos dezoito anos da minha vida. Todos os segredos e mentiras. Tive meus motivos, é claro. Minhas racionalizações e justificativas. Mas, lá no fundo, eu acho que sempre soube que o que estava fazendo estava errado. E agora, sei que talvez tenha chegado a hora de consertar meus erros.

— Será que eu ajudei? — pergunto, esperançosa de ter dado o conselho certo.

— Sim — ela agradece. — Ajudou muito. Obrigada, Marian.

— De nada, Kirby — respondo desejando ter algo mais para lhe dizer. Desejando que as coisas fossem tão fáceis como eu estava tentando fazer parecer.

21

Kirby

Depois da aula, encontrei Belinda na cozinha da casa dela, fazendo gelatina diet de morango e assistindo a novela *Days of Our Lives*. Ela mal olha para cima, está tão acostumada em me ver entrar na sua casa sem bater.

— Oi! — digo mascarando meu mal-estar com um grande sorriso.

Ela faz sinal para eu não fazer barulho, apontando para a televisão antiga em cima do balcão, enquanto mexe o líquido ralo com uma colher de pau. Olho de relance para a tela e pergunto o que está acontecendo na novela.

Sem afastar os olhos do aparelho, ela responde rapidamente num tom monótono. — Taylor acabou de confrontar EJ. Perguntou se ele é responsável pela morte de Arianna.

Aceno com a cabeça, momentaneamente envolvida pelo drama que eu sigo superficialmente — até que eu me lembro que nós estamos vivendo nossa própria novelinha. Um segundo depois, um comercial de produtos de limpeza para carpetes interrompe seu transe.

— O que tem de novo? — ela pergunta.

— Nada de novo — eu minto, pegando a caixa vazia de gelatina e lendo as informações nutricionais. — Nossa! Só dez calorias por porção?

— Incrível, não é? — ela comenta. — Já perdi quase dois quilos desde a semana passada. Só na dieta da gelatina.

— Humm — digo procurando um meio de iniciar a conversa. — Por que você está fazendo regime? Você está fantástica.

— Quero uma barriga mais enxuta — ela explica, batendo de leve no seu abdome. — Para quando Jake me vir sem meu modelador...

— Então você encontrou um vestido? — interrompo, a pergunta soando tão

estranha quanto eu me sinto.

Ela pega o controle remoto, o aponta para a televisão e agressivamente o coloca no mudo, antes de continuar a mexer. — Sai dessa, Kirb — ela rebate.

— O quê? — pergunto com os olhos arregalados, como se *eu fosse* a culpada, que precisava fingir inocência.

— Você *sabe* que eu encontrei um vestido — ela fala fazendo sinal de aspas no ar com a palavra “encontrei”.

Olho para ela fingindo não estar entendendo, esperando sua confissão completa. Quando ela não a faz, eu retruco desajeitadamente. — Sai dessa *você*.

Ela revira os olhos.

— Você roubou o vestido — afirmo.

— E daí? — ela rebate.

— *E daí?* — contesto. — O que você quer dizer com *e daí?*

— E daí que eu roubei o vestido? — Ela balança os ombros, lambe a colher, faz sinal com a cabeça de aprovação, como se tivesse acabado de cozinhar um molho maravilhoso, em vez de simplesmente adicionar água ao pozinho de gelatina.

— Bem, isto é... *errado* — contesto, ficando toda arrepiada por estar parecendo politicamente correta demais, mas não sei ao certo o que mais falar.

— De jeito nenhum isso é *errado* — ela rebate. — É apenas um vestido. Você tem ideia de quanto este lugar cobra a mais por uma porcaria dessas? Aposto que eles compraram essa coisa da China por 40 contos.

Olho firme para ela. Sempre soube que era impossível discutir com Belinda. Não porque ela seja especialmente boa nisso, mas porque ela é muito *ruim* para argumentar, não tem base para discutir. Ela simplesmente vê o mundo do modo que ela quer ver e não tem lógica capaz de mudar sua mente. Ainda assim, eu gaguejo um pouco, procurando outro ângulo. — Vamos lá, Belinda — digo. — Não vale a pena. E se você for pega assim tão perto da formatura? Veja o que

aconteceu com o Louie por ter colocado sal de frutas na piscina. Ele não vai colar grau agora...

Ela sacode a cabeça e responde: — Não há nada que a escola possa fazer comigo. Mesmo se eu fosse presa, eles não podiam fazer droga nenhuma, porque isso aconteceu fora do terreno da escola.

— Você pode ser expulsa da escola por um delito grave — explico.

Belinda balança a cabeça. — Não é um delito grave. É um delito leve.

— O que, você pesquisou ou alguma outra coisa? — perguntei. — Foi premeditado?

— Não, não foi premeditado — ela fala. — Eu teria pago por ele se eles não estivessem cobrando um preço tão ridiculamente alto.

Digo o nome dela outra vez, mas ela coloca o som novamente na televisão, antes mesmo de a novela recomeçar, como se estivesse deixando claro que achava aquela conversa muito chata. Mais tediosa do que a enorme lista de possíveis efeitos colaterais citados no comercial do Zoloft.

Sinto minha frustração beirar a raiva, quando digo o mais alto que posso sem chegar a gritar. — Belinda — falei atabalhoadamente. — Vamos lá. Por favor, devolva o vestido. Por favor.

Ela me olha de um jeito gozado, então imita o mesmo tom de voz recatado que ela usa para imitar a Irmã Viola, a professora menos respeitada de nossa escola. — Você está escutando o que está dizendo? Desde quando você ficou tão orgulhosa e autoritária?

Antes que eu possa responder, ela oferece uma explicação. — É aquela esnobe da Marian influenciando você?

Esta pergunta não faz sentido, e além disso me deixa enraivecida o bastante para lhe dar um ultimato — meu primeiro e *único* em toda a nossa amizade.

— Devolva ou eu não vou ao baile com você. — Assim que essas palavras escaparam de minha boca, tive vontade de colocá-las de volta. Mas é tarde demais.

Ela sacode os ombros. — Tudo bem, Kirby. Não preciso de você. Tenho um par maravilhoso. E um vestido de 400 dólares que eu consegui de *graça*...

— Uau! Tudo bem então — eu retruco. — Estou fora.

— Adeus — Belinda fala com a mais fria e completa indiferença. Eu já a tinha visto ficar mesquinha muitas vezes ao longo dos anos, mas ela nunca tinha me tratado deste jeito.

Começo a ir embora, mas paro e digo: — Só para você saber... a Marian não é esnobe. Ela é uma das pessoas mais legais que eu conheço.

— Bem, que pena que você não herdou nenhum dos seus genes legais — ela rebate.

Finjo não escutar, mas não consigo deixar de ficar repetindo as palavras dela na minha cabeça durante os quatro quarteirões até chegar na minha casa. E ainda pior, não posso evitar acreditar nelas, pelo menos um pouco.

Naquela mesma tarde, ligo para Marian para lhe contar o que aconteceu. Ela atende imediatamente, e ouço os barulhos da cidade ao fundo.

— O que você está fazendo? — pergunto.

Ela diz que está indo comer alguma coisa rapidinho, e depois voltar para o escritório. — Você conversou com a Belinda? — ela indaga.

Digo que sim e a atualizo das novidades, menos dos insultos finais. — Então acho que não vou ao baile de formatura.

— Bem. Sinto muito que as coisas tenham tomado este rumo — ela responde. — Talvez ela mude de ideia.

— Acho que não — digo, e a seriedade do que acabou de acontecer começa a fazer sentido para mim. Na verdade não é que eu vou sentir não indo ao baile, este sonho é recente demais para ter muita importância, mas o fato de que eu realmente possa ter perdido minha melhor amiga. — Você já teve uma briga

grande assim com alguma amiga? — pergunto a Marian.

Ela diz que não, mas que ela perdeu todo e qualquer contato com sua melhor amiga da escola. — Nós nunca brigamos, mas acabamos por nos separar.

— Por quê?

— Ah, não sei. Um monte de razões... mas principalmente porque eu não falei a verdade para ela...

— Sobre mim? — adivinho.

Ela hesita e então diz que sim. — Acho que é tão melhor lidar com as coisas do jeito que você fez. Você foi honesta com ela.

— Sim. Exceto que agora ela me odeia.

— Ela não odeia você. Dê um pouco de tempo a ela... talvez você possa lhe escrever uma notinha e dizer que embora você discorde do que ela está fazendo, você ainda a ama e espera que ela se divirta bastante no baile.

— O que eu devo dizer ao Philip?

— A maioria dos garotos não liga muito para estes bailes — ela explica. — Talvez você possa compensá-lo de outra forma.

— Sim — digo, e então de repente, não consigo suportar isso nem mais um segundo. Eu tenho que contar a ela. — Eu o procurei — declaro, me arrepiando ao esperar sua reposta.

— Procurou quem? — fala, adivinhando.

— O Conrad — digo. — Desde que eu vim embora. Procurei em todos os lugares. No Facebook, LinkedIn, no Google, até mesmo nos sites de encontros de ex-alunos.

— E? — ela pergunta, parecendo preocupada.

— E nada. Achei que estava descobrindo com o único Conrad Knight do Facebook — a foto do perfil estava em branco — mas esperei uma semana para ele responder meu pedido de aceitação como amigo e não era ele.

Pauso e então continuo apressada: — Estava simplesmente conjeturando, como você se sentiria em me ajudar... você entende... a encontrá-lo. Talvez me dar algumas dicas, pelo menos? Nomes de alguns de seus antigos amigos?

— Kirby — ela começa, mas eu a interrompo.

— Tudo bem se você não quiser. Eu entendo. E eu aceito numa boa.

— Kirby — ela fala dessa vez mais séria.

— O quê? — pergunto segurando a respiração, esperando, mentalmente me preparando para qual será o meu próximo passo, sem a ajuda dela.

— Eu já o encontrei — ela declara.

Me sinto paralisada nas sombras de meu quarto. — Você o quê? Quando? — pergunto com o coração acelerado.

— Na noite passada, para ser mais exata.

— Onde ele está? — indago.

— Ele ainda mora em Chicago. Na cidade. Cerca de trinta minutos de onde nós dois crescemos. Tenho seu endereço e número de telefone bem aqui — ela diz.

— Como você o encontrou? — pergunto.

— O nome dele estava listado nas páginas amarelas. Ele mora no Lincoln Park — ela completa.

Sacudo a cabeça, imaginando como eu esqueci a coisa mais fácil, o jeito mais direto de busca entre todas: olhar na droga da lista telefônica.

— Tem certeza que é o mesmo Conrad Knight? — pergunto, irrequieta, meus pés gelados em contato com o piso duro.

— Sim — ela responde.

— Como?

— Bem. Eu... liguei para o número. Do meu escritório. E a voz era a mesma.

— Você falou com ele? — pergunto animadamente.

— Não — ela responde. — Caiu na caixa postal. Mas não deixei nenhuma mensagem.

— Ah — digo, parte de mim aliviada. A última coisa que eu queria era que ela estragasse tudo para mim. Fazer ele decidir que não quer nada com nenhuma de nós, por causa do modo como ela o tratou. Tem que ser algo bem planejado. Ou uma visita totalmente surpresa.

— Estava pensando... você gostaria que a gente fosse vê-lo juntas? — ela indaga.

— Em Chicago? — digo imaginando se ela está brincando comigo.

— Sim — ela replica. — Isto é... só se você quiser ir. Você poderia conhecer meus pais também... mas talvez você queira ir sozinha.

— Não. Quero estar com você lá — digo pensando na foto dos dois juntos, e quanto tempo já se passou. Minha vida inteira e exatamente a metade da deles. Senti um arrepio de medo passar pelo meu corpo quando disse: — Quando podemos ir?

Na noite seguinte, logo depois do jantar, meus pais sugeriram que nós fôssemos ao Ted Drewes para comer um creme frozen, a única tradição da família que eu nunca iria recusar — o sorvete é bom demais. Charlotte pergunta se pode levar Noah. Minha mãe hesita, e então olha para mim como se a decisão fosse minha. Sacudo os ombros e digo que tudo bem, mas meu pai dá a última palavra.

— Char, você se importa se formos apenas nós quatro desta vez? — ele indaga.

Minha irmã parece desapontada, mas concorda sem fazer biquinho, pegando seu telefone para mandar uma mensagem para Noah. Tento relembrar alguma vez que ela tenha causado algum tipo de confusão na nossa família, mas não consigo lembrar de nenhuma. Não é normal. Ela se levanta para me ajudar a

lavar a louça, mas minha mãe, na sua versão espontânea diz: — Sabe o que mais? A cozinha bagunçada pode esperar! Vamos agora!

Momentos mais tarde, estamos todos no carro, meu pai batendo papo, minha irmã ainda mandando mensagens para Noah, mas tentando ser discreta quanto a isso, seus olhos voltados para baixo, e seus dedões movendo rapidamente por minuto toda vez que minha mãe se virava para olhar pela janela da frente. A certa altura, olho de soslaio para a tela do seu celular, coberta com carinhas sorridentes, pontos de exclamação e um coração vermelho.

Enquanto entramos no estacionamento da rua Chippewa, já existe uma fila comprida que chega até a rua. E ainda nem é verão. Entramos naquela noite de primavera quente e úmida, olhando de perto o cardápio, como se não o tivéssemos memorizado há muito tempo e ainda não soubéssemos o nome de nosso verdadeiro e único favorito — concreto — de nosso sorvete com várias coberturas.

Como sempre, escolhemos nossos costumeiros sabores e andamos pelo prédio, nos curvando no corrimão de metal preto por alguns minutos antes de atravessarmos o estacionamento novamente, de volta para o nosso carro. Ficamos em silêncio a maior parte do tempo, todos nós rapidamente devorando o creme gelado com nossas colherinhas de plástico vermelho. Minha mãe termina seu mini Frisco primeiro e vai atrás do sorvete de meu pai.

Ele tira seu Grasshopper do alcance dela e diz: — Meu bem! Falei pra você não pegar o mini!

— Mas eu estou de regime — ela se desculpa. — Tenho que perder cinco quilos antes da formatura de Kirby!

— E as calorias do meu sorvete não contam? — meu pai pergunta dando risada.

— Tem dó! Só uma provadinha! — ela pede.

Presto atenção na conversa deles, imaginando como entrar no assunto de Chicago, até que eu finalmente raspo a garganta para clarear minha voz e despejo tudo de uma vez. — Então, falei com a Marian ontem à noite — digo.

Charlotte interrompe toda sorridente. — Como vai minha tia biológica?

A pergunta não cai bem com minha mãe, que fica imediatamente amuada. Por mais esperta e boa que a Charlotte seja, ela não tem noção das coisas. Na verdade, esta deve ser a única coisa em que eu sou melhor que ela — embora, isso não tenha sido uma grande vantagem até agora.

— Ela está bem — respondo. — Está ótima.

— Maravilhoso! — meu pai fala num tom ligeiramente mais alto do que de costume. Ele mexe no seu sorvete, dá uma mordida e depois fala: — Acho que é simplesmente *maravilhoso* o fato de você conversar com ela.

— Você falou pra ela que nós a convidamos para vir aqui? — minha mãe pergunta.

— E que ela é bem-vinda para ficar conosco? — meu pai acrescenta.

— Art, tenho certeza que ela vai se sentir mais à vontade num hotel. Pode não ser um *The Plaza*, mas o *Chase Park Plaza* não é de se jogar fora.

— Bem. Na verdade, nós conversamos sobre fazermos uma viagem... juntas — explico.

— Quando? — minha mãe pergunta.

— No próximo fim de semana.

— Mas é o fim de semana do baile! — Ela e Charlotte falam ao mesmo tempo, ambas parecendo horrorizadas.

Dou de ombros e digo que mudei de ideia. O vestido pode ser devolvido.

— Você e Philip brigaram? — Charlotte pergunta.

Balanço a cabeça e digo que está tudo bem entre nós.

— Isso é porque nós dissemos que queríamos conhecê-lo antes? — meu pai tenta adivinhar.

— Não — eu respondo. — E acreditem ou não, vocês com certeza iriam aprová-lo. Ele tem a cara limpa. É inteligente. Talvez os pais dele não me

aprovem, mas vocês iriam gostar muito dele.

Meus pais não sabem o que responder a isso, trocando um olhar.

— Bem, aonde vocês estão planejando ir? — minha mãe indaga.

— Chicago.

— Por que Chicago? — meu pai pergunta como se isso não fosse óbvio. Como se eles não tivessem assinado os papéis de adoção lá.

— Humm. Porque é lá que meu pai biológico mora — digo resistindo à vontade de acrescentar um "dã" no final da minha frase.

— Ah, meu Deus! Que incrível! Ele é músico — Charlotte ansiosamente informa aos meus pais.

— Ãh? — meu pai diz. — É verdade?

— Ele *era* músico — digo. — Nós não sabemos o que ele anda fazendo atualmente.

— Nós? — meu pai indaga.

— Eu e Marian. Ela não fala com ele há muito tempo.

Aproximadamente há dezoito anos.

— Isso é típico de romances da época da escola — minha mãe fala olhando significativamente para Charlotte. Parece que ela estava querendo dizer "*Não vá você ficar grávida deste Noah, ou você também pode ter uma filha adolescente batendo na sua porta algum dia"*. Ela se vira para mim e pergunta: — Eles estavam na escola, não estavam?

— Sim. Eles tinham acabado de se formar — digo pensando que Charlotte deve ter lhe dado essas informações; eu tomei o cuidado de não entrar em detalhes.

— E para que faculdade ele foi? — minha mãe pergunta, tentando parecer natural, apesar do assunto controverso.

Sinto uma ponta de sarcasmo escapar quando dou minha última mordida. —

Na verdade, acho que ele não fez faculdade.

— Sério? — meu pai comenta.

Não consigo resistir ao meu próximo toque sarcástico. — Sim. E apesar disso, Marian se apaixonou por ele.

Mais uma vez Charlotte não entendeu o sentido subliminar da frase. — Por que ela não o amaria por isso? Talvez você não vá para a faculdade e nós amamos você!

— Ótimo — digo. — Obrigada, Charlotte.

— Claro que nós vamos amar Kirby, não importa o que decidir — minha mãe rebate. — Mas *exatamente porque* nós a amamos, queremos que ela vá.

— Mas é você quem decide, Kirby — meu pai completa. — Não vamos forçar nada.

— Apesar de que a data final para o depósito está se aproximando — minha mãe relembra. — Isso é só um lembrete.

— Porque aquele aviso grande na geladeira não basta como lembrete?

— Só estamos dizendo, querida... o tempo está se esgotando — meu pai fala. — E não tomar uma decisão *é* uma decisão.

— Talvez seu pai biológico consiga lhe explicar alguma coisa em relação a isso — minha mãe rebate. — Lhe dar alguns conselhos.

— Sim. Talvez — digo. — Marian disse que ele é muito inteligente.

— Bem, isso é ótimo. Realmente excelente — meu pai comenta com o mesmo traço de preocupação que percebi na voz da minha mãe durante toda conversa. — Aposto que ele está animado em conhecer você.

Penso em contar a verdade para o meu pai — que o Conrad nem sabe que eu existo, mas em vez disso eu simplesmente digo: — Sim. Acho que vai ser bem divertido. — Então, eu faço uma oração silenciosa para que o plano todo não seja um completo desastre. Que o Conrad seja um exemplo bem-sucedido — ou pelo menos feliz — de alguém que não foi para a faculdade. Que ele não guarde

rancor de mim por causa do que Marian fez. E que, nas palavras do senhor Tully, não seja tarde demais para nenhum de nós.

22

Marian

Na noite seguinte, e com a permissão da Kirby (depois de ela argumentar que eles não têm nada a ver com isso, que ela já tem 18 anos e pode fazer o que quer), eu ligo para os pais dela. Quando o telefone toca, me sinto mais nervosa do que pensei que ficaria, especialmente depois que o pai dela atende a ligação com a voz cheia e exuberante — Alô, aqui é o Art! — Não facilitando em nada para me deixar à vontade.

— Alô — digo olhando pra fora da janela de meu escritório. — Aqui é Marian Caldwell. É o pai de Kirby?

— Sim! Claro! Oi! Sou Arthur Rose — ele fala. — Mas pode me chamar de Art. Todo mundo chama.

— Obrigada, Art — digo. — Então... acho que vocês... sabem das... novidades das últimas semanas. — Fecho meus olhos e balanço a cabeça, pensando que para alguém que ganha a vida escrevendo roteiros, comecei nossa conversa de um jeito patético.

— Sim, sim! Certamente que sim — ele exclama. — É algo bem importante. Minha esposa e eu estamos muito felizes por você e por Kirby. Por terem se encontrado e... todas as coisas boas que aconteceram. — Ele dá uma risada e eu percebo de repente que ele está agitado demais e provavelmente esteja tão incomodado quanto eu.

— Sim. Foi maravilhoso — digo. — E eu acho que a Kirby lhes contou sobre a nossa ideia para este fim de semana? Uma viagem para Chicago?

— Sim. Ela falou sim — Art fala em voz alta. — Que vai conhecer seu pessoal, eu acredito?

— Sim — digo.

— E... como devemos chamar o cara? Desculpe, mas eu nunca me preocupei

muito com ele até... ultimamente.

— Eu sei, Art. As palavras podem ser... problemáticas. Eu realmente não sei como chamá-lo também. O pai biológico dela? Talvez devêssemos nos ater apenas aos nomes. Acho que assim será mais fácil para todo mundo.

— Boa ideia — ele fala. — Gosto... qual o nome dele, afinal de contas?

— Conrad Knight — digo sentindo meu estômago se retrair, a realidade do que estou prestes a fazer repentinamente entrando em foco. — Então o plano é tentar encontrá-lo.

— Bem, minha esposa e eu estamos um pouco preocupados com tudo isso... mas nós apenas queremos o que for melhor para Kirby, e realmente queremos lhe dar apoio. E ficamos muito felizes que ela *nos contou* sobre essa viagem, em vez de ir escondida como ela fez para Nova York. — Ele dá uma risadinha enquanto eu escuto Kirby falar alguma coisa em tom bravo e ríspido ao fundo. Ela então me manda uma mensagem que diz: *Desculpe. Ele adora divagar.*

— Mas, sim, nós superamos isso — Art fala. — Compreendemos por que ela fez o que fez e nós *sempre* a incentivamos a encontrar você, se isso era o que ela queria. Estamos muito felizes por ela. E por você. Por ambas.

— Muito obrigada — digo.

— Graças ao bom Deus minha esposa eu tivemos sorte de você ser uma pessoa tão inteligente. Uau! — Ele dá um assobio, um bem comprido. — Uma produtora. Nossa!

— Bem, obrigada, Art — digo. Por alguma razão, conversar com ele parece uma coisa mais surreal do que o momento que eu conheci Kirby. Talvez por causa de minha ligação com ele, apesar de significativa, é totalmente ao acaso. Fiquei grávida e tive um bebê; eles queriam um; a agência acertou os trâmites; e cá estamos.

— Realmente. Que conquista maravilhosa — ele diz. Posso notar que ele realmente quer dizer isso, e que ele é um homem realmente bom, mas eu ainda gostaria que ele mudasse de assunto. Mas sem chance.

— Kirby está tão orgulhosa de você — ele fala. — E é assim que deveria ser. Isto é algo muito bom: produzir um programa e morar em Nova York. A Big Apple. Cara. Minha mulher e eu estivemos lá uma vez. — E ele solta outro assobio. — Aquele lugar é assustador. Nos divertimos muito, mas não sei como você consegue... espere. Espere um segundo... por favor, Marian? Me desculpe...

Digo que sim, me esforçando para ouvir a conversa sussurrada do outro lado, provavelmente uma bronca de Kirby. Quando Art retorna, ele se acalmou um pouquinho.

— Então. Aqui. Deixa eu colocar minha mulher na linha. Ela está morrendo de vontade de falar com você.

Respiro fundo, me preparando, pensando que falar com Art é uma coisa, mas com a mãe de Kirby é outra bem diferente. Meu coração palpita de ansiedade de ouvir a voz dela, a mulher que criou o meu bebê.

— Alô? — ela fala enquanto percebo que já a estou analisando, querendo ao mesmo tempo gostar dela e também achar defeitos nela.

— Oi — digo, certa de que não importa a confusão de emoções que estou experimentando, deve ser dobrado para ela. — Sou a Marian.

— Sou Lynn.

— Prazer em conhecê-la — digo amansando o meu coração. — Pelo telefone.

— Sim — ela fala. — Prazer em conhecê-la também.

Nossa conversa para abruptamente enquanto eu procuro a coisa certa para dizer, algo que a deixe à vontade, que lhe garanta que sou uma adulta responsável e que não estou tentando tomar o seu lugar.

— Eu realmente agradeço por você e Art deixarem Kirby ir comigo para Chicago — digo finalmente.

— Bem, ela já tem 18. Nós não temos mais que lhe *dar permissão* para nada — ela comenta com um toque afiado que me surpreende; não sei por que imaginava que ela fosse um capacho. — Mas não precisa agradecer. Nós a apoiamos. E apoiamos você.

São palavras agradáveis, mas duras, e eu percebo que ela deseja firmemente acreditar nelas. A sensação que eu tenho é familiar e luto para saber de onde eu conheço essa sensação, percebendo que ela acontece durante minhas esporádicas conversas com a ex-mulher de Peter. Ela quer que seu filho goste de mim — mas não muito. E é claro, eu devo estar sempre ciente do meu papel, dos meus limites. Mesmo se eu casar com o pai dele, nunca serei sua mãe. Assim como nunca serei a de Kirby.

— Obrigada — digo pesando cuidadosamente minhas palavras. — Foi maravilhoso conhecer sua filha.

Sua filha, repito na minha cabeça e tenho certeza de que Lynn também está repetindo as mesmas palavras, porque eu sinto que ela fala com mais carinho: — Você tem sido muito boa para ela. Obrigada.

— Claro — respondo.

— Então, este fim de semana? — ela comenta. — Art e eu estamos animados pela Kirby. Apenas sentimos pena de ela perder seu baile de formatura.

Outra mensagem chega de Kirby que diz: *Jesus. Você vê o que eu tenho que aguentar?*

— Todo mundo espera demais desses bailes de formatura — replico, percebendo imediatamente que disse a coisa errada.

Com certeza, um silêncio gelado se estende entre nós e então: — É que é importante para Art e eu. Por que ela iria querer perder uma noite tão, tão especial quando já tinha feito tantos planos e já tinha o vestido e todo o resto.

Pensando no vestido de Belinda, respiro fundo, procurando um modo de mudar de assunto.

Lynn continua: — Mas Kirby é assim. Ela tem seu próprio ritmo. Literalmente.

Exatamente como Conrad, penso com meu coração batendo descompassado novamente.

— Então, Art e eu vamos deixar que ela decida isso. Se ela quer perder o baile

de formatura, vai depender dela. Ela sabe como nós pensamos. E agora você sabe também.

— Tudo bem — digo escolhendo minhas palavras o mais cuidadosamente possível. — E não importa o que ela decida... quero que vocês saibam que podem contar comigo para ser uma acompanhante responsável. Não sou mãe dela... não sou mãe de modo algum — digo soltando uma risada ansiosa. — Mas eu farei o melhor por Kirby. Pela *sua* filha.

Peter liga e me convida para o almoço na manhã seguinte. Eu aceito porque ele, afinal de contas, é meu chefe e meu programa está, apesar de tudo, em perigo. Ele sugere o Aquavit, e eu recuso porque não estou com espírito para ir a um restaurante chique, especialmente um que tem arenque e gravlax e carne de caça no cardápio.

— OK. Você escolhe — ele fala.

— Burger Heaven — digo escolhendo de propósito um lugar bem-iluminado que recebe turistas e trabalhadores da cidade — duas coisas que Peter decididamente *não* é.

— Burger Heaven? De verdade? — ele fala previsivelmente. Posso até ver ele fazendo uma careta do outro lado do telefone.

— Sim — eu confirmo.

— Isso não é uma *cadeia de restaurantes?* — ele pergunta como se fosse um palavrão.

— Sim — eu digo. — Com o melhor sanduíche de atum da cidade. Vamos naquele da esquina da Fifty-fourth e Madison. Uma e meia.

Algumas horas depois estamos sentados um em frente ao outro numa mesa de

plástico azul, que tenho certeza que Peter não vê uma há anos.

— Burger Heaven, humm? — ele fala, sentando no nosso banquinho, jogando sua gravata por sobre o ombro e desdobrando seu guardanapo de papel. — Você realmente está com raiva de mim.

— Sinta o cheiro no ar — eu peço.

— Ah, e você não é uma esnobe para comida? Certo. Valeu a tentativa — ele rebate.

— Não sou — digo pensando em Kirby e seus pais e me sentindo determinada a me afastar da arrogância incansável que Manhattan tem de si mesma. — Não sou esnobe de modo algum.

Peter se curva em minha direção e diz: — Um sanduíche de atum não salva você desta categoria. — Ele me dá uma piscadinha, parecendo incrivelmente encantador, exatamente no momento que a garçonete chega, abre seu bloquinho e pergunta se estamos prontos.

— A dama gostaria de um sanduíche de atum — Peter fala se divertindo mais do que tudo. — Com todos os acompanhamentos.

— Simples — eu intervenho. — Gostaria do sanduíche simples. Numa torrada de pão branco.

— Ah! Que criatura simples você é — ele sussurra para mim, então olha de volta para a garçonete enfezada. — E eu vou querer um dos seus fantásticos hambúrgueres.

— Com queijo?

— Claro. Cheddar. E bacon.

— Fritas?

— Por que não?

— Algo para beber?

— Apenas água — dizemos ao mesmo tempo.

— Água de torneira para mim. Mineral para ele — eu digo e lhe dou um sorrisinho afetado triunfante quando ele não protesta.

— Com gás, por favor — ele complementa. — Vocês tem Perrier?

Ela acena que sim, pergunta se é tudo, e então se vira para ir embora.

— Tudo bem. Por que você escolheu este lugar? — ele pergunta olhando em volta do restaurante.

Dou de ombros. Porque a verdade é que eu nem sei por que estou tentando provar que ele é hipócrita e crítico — em relação a tudo. De lanchonetes até adoções secretas. — Então. Me diga. A quantas anda o meu programa? Acredito que é por isso que estamos aqui.

— Sim — ele fala sorrindo. — Liberamos Ângela de seu contrato, mas salvei seu programa. Você ainda está no horário das 8, mas vai continuar às quintas-feiras e o seu orçamento só foi cortado em 10 por cento.

Concordo com a cabeça e lhe dou um sorrisinho em resposta, reconhecendo que poderia ter sido muito pior.

— De nada — ele diz.

— Muito obrigada — digo, imaginando por que não estou mais feliz.

— Essa foi de raspão, sem a Ângela. Você realmente vai ter que rebolar, pelo menos naqueles primeiros episódios.

— Nós vamos conseguir — afirmo.

— Você tem um roteiro alinhado?

— Sim. Vamos fazer com ela o mesmo que com o McLean — digo, me referindo a McLean Stevenson e à morte de seu personagem quando ele saiu do seriado M*A*S*H.

Peter sorri, se lembrando dessa referência, enquanto eu cito Radar de um dos meus programas favoritos: — O avião de Henry Blake foi derrubado sobre o Mar do Japão... ele desceu rodopiando... não há sobreviventes.

— E esta é uma das muitas razões por que eu amo você — ele fala rindo. —

No entanto, devo alertar você, que os anunciantes podem não gostar de vê-la ter uma morte violenta.

— Diga a eles que eu sou ótima com finais — explico.

Ele sacode a cabeça como se encantado com a minha insinuação. — Sinto falta de você, Champ. Estou pronto para a gente voltar a ser *a gente* novamente.

— Que *gente* seria essa? — pergunto. — O casal poderoso num limbo perpétuo em restaurantes sofisticados por toda Manhattan?

— Não se esqueça do Brooklyn — ele acrescenta. — Você sabe que eu adoro o Peter Luger.

Olho firme para ele, me recusando a sorrir.

Ele olha em volta, acostumado a que os clientes sentados em volta saibam exatamente quem ele é, então, me dá um olhar sedutor.

— O quê? — indago.

Ele sacode a cabeça, então, se curva sobre a mesa e segura meus punhos, segurando-os com força em suas mãos. — A *gente* na cama. Na minha. Na sua. Em hotéis finos ou aqueles com descontos na internet. Pode escolher.

Sinto uma onda de atração e tento resistir. Me afasto, mas ele me segura com mais força, o que faz minha atração ficar cada vez mais forte. Eu detesto o quanto eu o amo.

— Pare — digo como se realmente quisesse isso.

Ele espera um momento antes de me soltar, nossos olhos ainda presos um no outro.

— Venha para casa comigo agora — ele murmura. — Preciso fazer amor com você.

— Pra provar que você consegue o que quer? — pergunto.

— Você sabe que eu consigo.

Balanço minha cabeça. — Tenho um personagem para matar — digo. — E me

preparar para uma viagem.

Ele ergue as sobrancelhas e pergunta: — Onde você está indo?

— Para Chicago. Saio na sexta-feira.

— Uma visita para seus pais? — ele indaga. — Sua mãe não esteve aqui outro dia?

— Vou ver o Conrad — explico. — Com a Kirby.

Peter me dá um sorriso que me faria derreter se eu não estivesse tão apavorada, seu rosto todo se iluminou com a surpresa e aprovação. — Ponto pra você — ele diz com um traço bem leve de condescendência. Tão leve que eu nem posso culpá-lo, a menos que eu esteja preparada para culpá-lo por *tudo*...

Sua carreira, sua inteligência, sua aparência incrível. — Você quer falar sobre isso?

— Não.

— E quanto *a gente?* Podemos falar sobre *nós?*

— Podemos falar sobre *nós* quando eu voltar — digo sabendo que eu não posso de modo algum pensar no nosso relacionamento antes de ir para Chicago.

— Então conversaremos depois. E *então* vamos fazer amor? — Peter pergunta, tirando uma mecha de cabelo de meu rosto e a colocando atrás da minha orelha.

— Vamos ver — digo esperando que ele não perceba minha pele toda arrepiada pelo seu toque, e sabendo que não há nenhuma chance de eu recusar Peter assim como não há nenhuma chance de Conrad aceitar o que eu fiz com ele.

23

Kirby

É sexta-feira à noite, uma semana antes da formatura e eu ainda tenho que contar para o Philip que nós não vamos. Nós trocamos uma série de mensagens de texto e de voz e até mesmo vários recados no seu mural do Facebook, mas não tivemos ainda uma oportunidade para conversar realmente desde que tomei minha decisão. Então, quando eu finalmente falei com ele ao telefone, fiquei aliviada e animada ao ouvir sua voz ao vivo.

— O que você está fazendo? — pergunto sentada e abraçando os meus joelhos.

Ele me informa com a voz baixa que está procurando livros no Left Bank Books.

— Você sempre vai a livrarias nas sextas à noite? — digo, perguntando sinceramente, mas preocupada em soar como Belinda, que faz gozação de tudo que envolve crescimento cultural.

— Eu achei que houvesse o lançamento de um livro aqui hoje à noite. Um autor que eu gosto — ele se explica. — Mas eu errei as datas. É na *próxima* sexta. Então, eu estou simplesmente passando o tempo, lendo algumas coisas. Você quer vir pra cá também?

— Sim — digo sem hesitação. — Eu adoraria ficar com você. Você está no Central West End?

— Sim — ele confirma. — Na Euclid. Venha logo.

— Por quê? — pergunto, imaginando se a loja vai fechar logo ou se ele precisa ir a algum outro lugar esta noite.

— Por quê? Não sei... porque eu sinto falta de você?

— Ahh — digo, sorrindo. — Bem, eu também sinto falta de você.

Meio zonza com a nossa conversa, desligo o telefone e corro para fora de casa, dando um jeito de evitar meus pais, além da série de perguntas que eles iriam fazer sobre o porquê de eu escolher perder o baile de formatura. *Ah, eu não sei, talvez porque conhecer três pessoas da minha família biológica seja apenas um pouquinho mais significativo que ficar olhando um bando de idiotas, inclusive uma num vestido roubado dançar ao som de Kesha.*

O Central West End fica apenas a três quilômetros de meu bairro no St. Louis Hill, é um caminho rápido agora que a hora do rush está praticamente terminada, ainda assim dá a impressão de ser um mundo diferente, e eu me sinto mais descolada simplesmente ao me aproximar do pequeno corredor de boutiques da moda e restaurantes. Encontro um local para estacionar do lado de fora da livraria, e estaciono corretamente o velho Honda Accord que eu divido com a Charlotte, imediatamente enxergando Philip através da porta aberta. Ele está sentado de pernas cruzadas no chão, fazendo carinho num gato cinza de pelo longo, com uma pilha de livros ao seu lado.

Assim que eu saio do carro ele me olha com um enorme sorriso.

— Oi! — ele diz. — Há quanto tempo a gente não se vê!

— Oi — digo entrando na loja e me jogando no chão ao lado dele, o gato, tranquilo demais, nem me olhou.

— Kirby, este é o Spike, o felino mais culto do mundo. Spike, esta é Kirby — Philip nos apresenta. — A garota... — ele me olha à procura de palavras.

— Bem, Spike, vamos dizer que eu estou longe de ser a garota mais culta do mundo — confesso.

— Sim, mas ela é muito mais inteligente do que deixa transparecer — Philip sussurra próximo ao ouvido livre de Spike, aquele que não está sendo afagado com carinho. — E ela é uma aficionada por música. Tem um excelente gosto, o melhor que eu já vi. E isso é um fato.

Sorrio, adorando o elogio, e noto que ele está usando uma camiseta azul-royal estampada com as palavras em letra de forma: WILLIE, EMMYLOU, MERLE & LACY J.

— Gosto da sua camisa — comento.

— Você gosta de música country? — ele pergunta.

Dou uma risada e digo: — Hum, devo dizer um grande NÃO, mas eu realmente aprecio a sua influência em outros ritmos. E eu tenho que dar valor ao Merle.

— Ah, sim. O Spike concorda. Ele consegue se sacudir ao som de "Okie from Muskogee" como o melhor deles, mas seu gosto de modo geral é eclético. Como o seu. — Spike ronrona, esticando o corpo ainda mais para trás, com as pernas traseiras estiradas.

Sorrio e murmuro minha aprovação completa do Spike. Algo parecido com ele ser um gato bem agradável.

— Sim. Ele é muito bom... você já ouviu falar do Capitão Nemo ou Jamaica? São os ancestrais do Spike.

Sacudo a cabeça pensando como tudo que realmente sai dos seus lábios pode ser tão charmoso.

— Eles também eram legais. O capitão Nemo foi o primeiro. Ele foi resgatado depois de quase ter naufragado... por isso o nome, e Jamaica recebeu esse nome por causa de Jamaica Kincaid. Os dois Jamaicas na realidade se encontraram quando ela esteve aqui para uma noite de autógrafos...

Concordo, deduzindo que Jamaica Kincaid é uma escritora, imaginando se ela é famosa e se eu deveria conhecê-la, e procuro não esquecer de procurá-la mais tarde, do mesmo modo como eu fiz com Edith Wharton depois de minha viagem para Nova York. Digo a mim mesma que independentemente de ir à faculdade ou não, tenho que começar a ler mais, especialmente se vou ficar ao lado de pessoas tão inteligentes.

— Sim, Neems e Jamaica são demais, mas eu prefiro o Spike aqui. Ele é

audacioso e persistente. Ele sabe o que quer e não tem medo de dizer — Philip fala exatamente quando Spike se espreguiça e solta um enorme e multissilábico miau.

— Tá vendo o que eu quero dizer? — Philip fala sorrindo.

Dou uma risada e digo: — Sim. Entendo seu ponto de vista.

Philip e eu trocamos rápidos, mas significativos olhares, minha pele ficando arrepiada e quente.

— No entanto, Spike já se meteu em encrencas uma vez — Philip explica. — Não foi, meu garoto?

— O que ele fez? — digo sorrindo.

Philip abaixa a voz. — Ele tentou roubar um livro peludo de criança. Ele o tirou das prateleiras e o escondeu no fundo da sala. Ficou em maus lençóis com o dono da livraria.

Meu sorriso se apaga um pouco, lembrando de Belinda, imaginando se Philip sabe o que aconteceu. Será que Belinda confessou a verdade para o Jake? Será que ele sabe a história e pensa que sou tão nervosa quanto Belinda diz que eu sou? Sem chance, eu penso. Não importa sua piada sobre o Spike, eu simplesmente não consigo imaginar ele achando um roubo uma coisa corriqueira. Penso em lhe confidenciar o incidente, minha lealdade sendo posta à prova, mas decido contra isso, assim como fiz com Charlotte.

Philip deve ter percebido a mudança no meu rosto, porque ele se senta, esfrega as mãos no jeans, pelos do gato voando pelo ar e pergunta: — O que aconteceu? — E espirra três vezes.

Ignoro a pergunta e digo: — Deus te abençoe. Você é alérgico?

Ele faz que sim com a cabeça. — Sim, mas vale a pena.

Sorrio pensando em Belinda novamente. Imaginando se ela vale a pena.

— Eu queria conversar com você sobre uma coisa — digo tentando me convencer que Marian está certa. Além do desperdício de dinheiro com o seu

smoking (que eu espero que ele ainda possa devolver), nenhum cara se importa muito em não ir a um baile de formatura. — Podemos ir a algum lugar? Para conversar?

— Claro que sim — ele fala. — Está com fome? Quer comer uma pizza no Pi?

Balanço minha cabeça e digo: — Não estou realmente com fome. Podemos caminhar um pouquinho? Está uma noite tão agradável. A menos que você esteja com fome.

— Não. Estou bem. Adoraria caminhar — ele fala, me olhando significativamente antes de dar adeus ao funcionário do caixa, se despedindo de Spike e me conduzindo pela porta traseira para a Euclid Avenue.

É pouco antes do anoitecer e ambos estamos quietos, caminhando pelo quarteirão silencioso e cheio de árvores, até que eu finalmente digo: — É sobre o baile... acho que não vou poder ir...

— De verdade? — Ele para e me olha desapontado.

Aceno que sim. — Me desculpe. Queria muito ir, mas eu... não posso.

— Tudo bem — ele replica. — Mas, por favor, me diga, eu não estou sendo trocado por algum garotão descolado da sua escola?

— Não! — digo pensando numa outra palavra do SAT. — Isto é um paradoxo, afinal de contas.

Ele sorri e continuamos a caminhar novamente.

— Não é que eu não queira ir. É só que... Belinda e eu tivemos a maior briga. E eu acho que seria estranho ir antes que isso seja... resolvido.

— Bem, talvez as coisas se resolvam até lá? — ele indaga.

— Acho que não.

— Tudo bem — ele retruca. — Você tem certeza que não prefere irmos sozinhos? Só nós dois, sem o Jake e a Belinda?

Sacudo minha cabeça e digo: — Veja, o negócio é... ela é na verdade minha

única amiga na escola. — Presto atenção na sua reação, tentando perceber se eu perdi pontos aos olhos dele, mas ele parece não se importar nem um pouco com essa confissão. — Sou meio solitária.

Ele concorda, sem se abalar.

— Então acho que podemos deixar de fazer a coisa toda — digo. — Eu nunca fui realmente do tipo de ir a bailes de formatura, pra começo de conversa.

— Dá para perceber — ele fala, sorrindo.

— Sim. Belinda que me convenceu a ir. E eu concordei porque... bem, gostei da ideia de ir a algum lugar com você usando um vestido bonito.

— Ahh. De verdade? — ele indaga. — Não me faça corar.

— Você? Corar? — pergunto.

— O que, você acha que os asiáticos não ficam vermelhos? — ele fala dando uma risada.

— Não foi isso que eu quis dizer — digo sentindo minha própria pele ruborizar. — É que você não parece ser do tipo que fica envergonhado.

— Aposto que você consegue me fazer corar — ele diz como se estivesse me desafiando.

— Tudo bem — digo, nosso flerte me fazendo transpirar e ofegar de um jeito estranho. — Gosto dos seus olhos.

— Obrigado.

— Qual a cor deles, afinal de contas?

— Castanho-claros.

— Acho que eles parecem topázio.

Ele me dá um sorriso tímido, então olha para baixo.

— E gosto do seu sorriso — digo enquanto o papo se anima. — E eu acho que seria muito legal ir ao baile com você.

— OK. Acho que fiquei vermelho agora. Pode parar.

Olho para ele e realmente percebo um leve tom rosado se espalhar pela sua pele lisa e dourada.

— No entanto, não posso ir. Por causa de Belinda. E em todo caso, eu tenho que ir para Chicago. Vou conhecer os pais de Marian. E meu pai. Não meu pai de verdade, é claro, mas... o outro — digo engolindo em seco. — Tudo aconteceu muito rapidamente. E Marian está livre esse fim de semana...

— Olhe. Eu compreendo, Kirby. Eu entendo completamente — ele diz enquanto nossos braços se movimentam lado a lado. Eles se roçam um no outro, parecendo ser por acaso, e segundos depois, minha mão está presa na dele, um entrelaçamento perfeito. — Estou muito feliz por você e não vejo a hora de você me contar tudo quando voltar.

— Sim. É *realmente* muito excitante — digo, embora a única coisa que eu consiga pensar no momento é que eu estou oficialmente de mãos dadas com o único garoto do mundo que já gostei.

Então, como se eu já não estivesse praticamente *morrendo,* Philip para de andar abruptamente, bem em frente à fonte do Maryland Plaza, se vira para mim, e pega minha mão direita com a sua esquerda. Ele me puxa para perto dele, de modo que nossos corpos ficam bem próximos um do outro, tão perto que eu posso perceber que ele está tão nervoso quanto eu. E então, finalmente aquilo acontece. Ele se curva em minha direção, nossos rostos se encontram. Ele sorri, troca de lado e tenta novamente. Dessa vez funciona. O beijo é doce e lento e mexe com as minhas entranhas e me faz lembrar de Charlotte e eu derretendo pedacinhos de chocolate no micro-ondas. Como o lado de fora fica firme, e o meio se derrete.

Segundos depois, nos separamos, olhando nervosos em volta para ver se alguém nos viu, então, continuamos a caminhar como se um terremoto não tivesse acabado de acontecer.

— Então me conte sobre a sua bateria — ele fala.

— O quê? — pergunto porque tomo muito cuidado em não discutir meu gosto por baterias. Eu ficaria chocada se ele fosse um desses idiotas que acham que

todas as meninas bateristas são meio estranhas, mas em todo caso, não tinha lhe contado nada ainda.

— Vi uma foto de uma bateria na sua página do Facebook. É sua?

— Sim — confirmo.

— Que legal! — ele comenta e eu percebo que ele está dizendo a verdade.

Sorrio e começo a falar sobre baterias, ficando mais feliz a cada momento. Ele faz um monte de perguntas, como se ele realmente estivesse interessado no assunto — e em *mim.*

— De verdade — ele declara. — Esta é a coisa mais legal que eu já ouvi de uma menina. *Na vida*.

— Muito obrigada — eu digo. E me sinto brilhar enquanto seguimos nossa caminhada, virando para a direita, depois para a esquerda, depois para a direita novamente, circulando pelo Central West End.

24

Marian

É a noite anterior a minha viagem, e Claudia e Jess estão na minha casa me ajudando a fazer as malas e me dando um apoio moral — ou como Jess gosta de falar: “apoio imoral”. Ela está num daqueles seus dias, especialmente irreverente e descontraída, embalada pelos energéticos que está bebendo e por uma consulta um pouco mais cedo ao dermatologista. Como Claudia costuma dizer, Botox e preenchedores de ruguinhas têm o poder de salientar a personalidade também.

— Isto é lindo! Quando você comprou? — Jess pergunta pegando um vestido de malha Chanel de meu armário. Ela espontaneamente começa a tirar a roupa, largando seu jeans e camiseta branca, antes de experimentar. Eu me arrepio, já que o vestido é terrivelmente curto demais *e* largo para servir na sua estrutura incrivelmente longa e magra.

— Tire isso imediatamente — exijo. — Prefiro que você me *chame* de baixinha e gordinha do que ilustrar a imagem.

Jess sacode a cabeça como se eu estivesse sendo ridícula, mas eu a vejo apertando a cintura do vestido e olhando de relance para o espelho para verificar se o seu tamanho era um ou dois números menores.

— Foco — Claudia fala para ela, estalando duas vezes os dedos. É uma reprimenda casual, mas posso perceber que ela está ligeiramente irritada com a Jess, querendo se aprofundar na questão emocional do que está prestes a acontecer na minha vida.

— Eu *estou* focada — Jess reclama, agora vestindo apenas sua calça jeans e seu sutiã com estampa de leopardo. Ela se curva, examinando o conteúdo de minha mala, então diz, como se eu não estivesse no quarto: — Eu realmente acho que ela deveria colocar na mala algumas lingeries bonitas, você não acha?

Claudia olha de relance para minha pilha pequena de roupa de baixo de algodão branco, perfeitamente decente, e diz:

— Jess. A lingerie dela está muito boa.

— Acho que ela deveria investir em algo mais do que simplesmente *boa*. — Jess tenta fazer uma careta, mas sua testa paralisada não permite.

— E por que isso? — digo, embora eu saiba muito bem o que ela está insinuando.

— No caso de você e Conrad... quererem ficar juntos... novamente.

— Jess! — Claudia exclama, parecendo tão horrorizada quanto eu.

— O quê? — Jess pergunta. — É *possível* que eles, vocês me entendem, reacendam a velha chama.

— A chama que emaranhou a minha vida? — indago.

— A chama que criou uma — Jess declara, repentinamente a mais sábia do grupo.

Concordo, como se lhe desse um ponto por isso, silenciosamente reconhecendo que eu nunca poderia realmente me arrepender do que aconteceu, especialmente agora, depois de conhecer Kirby.

Jess continua: — Além do mais, sua mãe não lhe disse sempre para nunca ser pega usando uma roupa de baixo feia?

— Sim — replico. — Em caso de *incêndio.*

— Exatamente — Jess fala apontando para mim.

— Ah, meu Deus — eu retruco. — Você seriamente acredita que este fim de semana tem algum potencial para romantismo?

— Sim — Jess rebate. — Eu *vejo todos os fins de semana* como tendo um potencial para romance.

Digo a ela que está com a mente perturbada e Claudia lembra a ela que eu já tenho um namorado.

— Eles estão dando um tempo — Jess relembra.

— Famosas últimas palavras. Lembram de Ross e Chloe da sala de xerox? —

digo sempre me divertindo quando posso fazer uma referência a algum programa de televisão.

— Afff — Jess reclama. — Só Ross, um personagem *de ficção* covarde e boboca seria tolo o bastante para admitir que teve um caso enquanto estavam *dando um tempo* no namoro.

Claudia olha para ela, obviamente pensando em si mesma, quando teve um breve caso amoroso quando ela e Ben estavam dando um tempo. — Ou sua melhor amiga aqui? Tá lembrada de Richard?

Jess dá uma risada. — Bem lembrado. Você e Ross. Dois idiotas.

— Tudo bem, olhe — digo colocando um par das minhas calças de pijama mais confortáveis e uma antiga camiseta do Michigan na minha mala, antes de fechá-la. — Não vou sair beijando ninguém este fim de semana. Não importa se eu e Peter demos um tempo ou qualquer outra coisa.

Jess parece desapontada, então raspa a garganta e diz:

— OK. Como você acha que vai ser? Quando você encontrá-lo novamente? O que você vai dizer para ele?

— Não faço ideia — confesso.

— Você acha que deveria ligar para ele antes? Preveni-lo um pouco antes de simplesmente bater na porta dele? — Claudia indaga.

— Você acha que eu deveria? — digo, como se essa questão óbvia nunca tivesse passado pela minha cabeça.

— Não sei, você que sabe. Você gostaria que Kirby tivesse ligado para você antes de ela aparecer? — Claudia rebate.

Tentando justificar minha decisão, digo a ela que não tenho certeza se isso faria alguma diferença; acho que me deixaria ainda mais nervosa.

— Acho que você está *esperando* que ele não esteja em casa — Jess comenta. — Clássica situação de evitar conflito. Você poderia esperar mais uma década. Ou duas.

Assim que ela profere essas palavras, percebo que acertou na lata. Tenho conversado sobre como isso é importante para o bem de Kirby, mas, para falar a verdade, a última coisa que eu quero no *mundo,* incluindo discutir os níveis domésticos de mentira com meu pai, é encontrar Conrad Knight novamente. Só de pensar nisso meu estômago fica enjoado, na verdade, chego a perguntar a minhas amigas se elas acham realmente necessário que eu vá com Kirby quando ela for bater na segunda porta.

— Você está brincando? — Jess exclama, escancarando a boca de modo dramático, como se para compensar sua inabilidade de fazer outra expressão.

Até mesmo Claudia concorda, balançando a cabeça. — Marian, não faça isso. Você não pode fazer isso com Kirby. E certamente nem com o Conrad.

— Foi só uma ideia.

— Uma ideia de merda — Jess fala enquanto Claudia concorda.

— Sim. Você vai ter que enfrentar isso, garota. Vista essa calçola de algodão — Jess fala. — Está na hora.

— Mais do que na hora — Claudia reitera.

— OK. OK. Já entendi! — digo, não acostumada a ficar na berlinda; esse é geralmente o lugar de Jess no nosso grupo. Respiro fundo, imaginando como vou superar as próximas 72 horas — e sabendo apenas uma coisa com certeza: não vai ser do mesmo jeito que eu passei os últimos dezoito anos.

Doze horas depois e um doloroso voo bem cedo, estou em pé ao lado da esteira da bagagem do aeroporto O’Hare, esperando minha mala e meu pai, não necessariamente nesta ordem, algo que já fiz mais de cinquenta vezes desde que fui para a faculdade. Mas é claro que desta vez as coisas são completamente diferentes, e eu fico olhando o carrossel de metal superlotado de bagagens, e começo a desejar que tivesse alugado um carro ou pedido para minha mãe vir me buscar. Mas ela insistiu que assim era melhor — que meu pai e eu precisávamos

ficar um pouco sozinhos antes que a Kirby chegasse para, segundo suas próprias palavras, “confrontar o passado”. Meu pai e eu ainda não conversamos desde que tudo isso veio à tona, e, ao ver minha mala descendo pela esteira, me ocorre que, de certo modo, essa será nossa primeira conversa *verdadeiramente honesta* em dezoito anos — todo nosso relacionamento adulto. Por mais nervosa que eu esteja, também estou animada com nosso recomeço e espero que ele sinta o mesmo.

Segundos depois de eu recuperar minha mala, me viro para a saída e o vejo caminhando em minha direção. Ele sempre foi magro, mas parece mais magro do que o normal, cansado também, com uma expressão de concentração e determinação que ele tem durante as noites sem dormir e a angústia de um grande julgamento.

— Oi, papai — digo quando ele está um passo à minha frente.

— Oi, minha querida — ele fala e então faz suas perguntas costumeiras. *Como foi o voo? Uma mala só? Você está com fome?*

Tudo bem, sim, não, respondo a caminho do carro, e então começo um bate-papo coloquial do meu jeito. *Como está o trabalho? Alguma viagem planejada para o verão? Está bem quente aqui — o verão está chegando, até mesmo em Chicago.*

Quanto mais passam os minutos, mais cresce a tensão entre nós, só que não é aquela tensão ansiosa típica, mas sim quase um suspense agradável. Como se ambos soubéssemos o motivo da visita e que logo iríamos discuti-la, mas nenhum de nós estava com pressa de chegar lá. Já esperamos muito tempo, o que são alguns quilômetros a mais, mais um passeio de carro até em casa. Então, ele continua a dirigir as canções no rádio mudando a atmosfera do carro pelas beiradas.

Quando finalmente saímos da Green Bay Road, perto de casa, ele pigarreia e eu tenho certeza de que o momento está chegando. Alguma coisa sobre aquele verão. Alguma coisa sobre minha escolha. Alguma coisa sobre nossa visitante de St. Louis, que vai chegar em algumas horas. Mas, ao contrário, ele diz: — Sua mãe está cozinhando como uma louca agora. Acho que ela está exagerando,

como sempre. O que você acha de a gente atrasar um pouco mais?... Podíamos brincar daquele jogo da direção? Já faz muito tempo...

Olho para ele, confusa por um instante, então, lembro da antiga brincadeira que fazíamos juntos quando eu não tinha mais do que 5 ou 6 anos. A gente entrava no carro e eu fechava os olhos, e todas as vezes que ele chegava num cruzamento ele perguntava “esquerda, direita, em frente?” e eu escolhia uma das três, algumas vezes alternando, outras escolhendo apenas uma direção enquanto durasse o jogo.

Esquerda, direita, esquerda, direita, eu daria as ordens, e ele costumava brincar que a gente iria acabar na Guatemala ou Saskatchewan — e todas as vezes eu imaginava um destes destinos como uma possibilidade concreta. Ou até mesmo me sentindo apavorada e ao mesmo tempo animada, de que nós dois acabaríamos completamente perdidos. No meio do nada, perdidos no mundo, sem comida ou água, com temperaturas extremas. Claro que eu sabia que tal coisa não poderia realmente acontecer, que nós nunca iríamos parar mais longe do que Naperville ou algum outro bairro a Oeste; ainda assim, todas as vezes que chegávamos ao final e meu pai me instruía a abrir meus olhos, eu ainda me sentia um pouco maravilhada com qualquer lugar comum a que nós tivéssemos ido, podia ser uma concessionária de carros, uma ótica, a entrada da casa de um estranho. Era sempre hilário esse acaso, especialmente quando continuávamos nosso joguinho e realmente íamos para dentro da loja para comprar um Audi conversível vermelho-cereja, ou escolher óculos de grau, ou até mesmo, como fizemos uma vez, batendo na porta de alguém e fingir que tínhamos perdido nosso cachorrinho.

À medida que fui ficando mais velha, e na verdade conhecendo mais a cidade, eu espiava enquanto meu pai fingia não perceber que eu estava espiando e nós acabávamos em frente à uma sorveteria, ou no shopping ou em algum dos nossos parques favoritos, ambos exclamando que era um dia de sorte. Me ocorre agora que aqueles momentos não eram tão diferentes do que estava acontecendo no carro aquele momento — nós dois fingindo, e no entanto cientes de que o outro sabe.

Então, eu digo: — Eu adoraria jogar — e então prontamente aperto minha testa de encontro à janela. — Estou pronta, quando quiser.

— Está com os olhos fechados?

— Sim — eu minto.

— Tudo bem. Vamos — ele diz quando chegamos à nossa próxima parada. — Esquerda, direita, ou em frente?

— Direita — tento imaginar o que ele está pensando, onde ele gostaria de ir, e decido que o Gillson Park vai ser nosso destino final. — *Definitivamente* direita.

Começo a direcioná-lo pela Green Bay Leste até a Sheridan, o trecho da rua familiar que liga os vários bairros de classe média de North Shore, circulando o lago com vista para casas maravilhosas, ancoradouros e gramados, uma paisagem clássica dos filmes de John Hughes.

— Em frente — continuo a lhe direcionar, enquanto vamos para o Sul, passamos pela sofisticada Winnetka e a sonolenta Kenilworth até chegarmos ao cruzamento da Lake e Sheridan.

— Esquerda — digo e o encaminho para uma virada rápida à direita na Michigan Avenue e então pelos portões da entrada sul do parque.

— OK! Sem saída! — meu pai anuncia com alegria. — E você nem vai acreditar onde estamos!

Me afasto da janela e finjo levar um susto. — Ahhhh! Gillson Park! Não acredito!

Ele sacode a cabeça e dá risada, entrando no estacionamento do parque ao lado dos campos de softball.

— Bom trabalho — ele diz enquanto descemos do carro.

— O que você quer dizer com isso? — pergunto enquanto nos olhamos de soslaio. — Não podia ver nada. Podíamos ter acabado em qualquer lugar.

— Até mesmo Saskatchewan — ele fala.

— Até mesmo Saskatchewan — digo enquanto caminhamos pela trilha em

direção ao pequeno ancoradouro. É um dia de sol, quente, mas com brisa, e eu fico segurando meu cabelo para que ele não cubra meu rosto.

A certa altura, ele põe a mão no bolso e tira um elástico e me entrega.

Sacudo a cabeça e digo:

— Você tinha um desses elásticos no bolso?

— Tenho um clipe de papel também, caso você precise de um — ele fala sorrindo.

— E um alfinete? — pergunto.

— No carro.

— Bom saber.

Chegamos a um banco perto da água e nos sentamos, nós dois no meio do banco. Digo a ele que me lembro de quando meus pés ficavam balançando. Ele diz que vai mais além; ele se lembra de me empurrar no meu carrinho quando eu era bebê.

E aí está. *Bebê*. Não dá mais para evitar o assunto.

Começo primeiro e digo: — Então papai... a mamãe falou que você queria que eu ficasse com ela?

Sem pestanejar ele responde: — Fico feliz por você ter tido ela.

Concordo, percebendo como somos parecidos — conseguir se controlar e evitar um assunto por tanto tempo e depois ir direto nele. Também percebo que ele não respondeu à pergunta. — Mas você queria que eu ficasse com ela, certo?

— Essa é uma pergunta difícil... eu não queria perdê-la para sempre — ele comenta. Ele está usando óculos de aviador, e assim mesmo aperta os olhos em direção a água, rugas aparecem em volta dos seus olhos, se estendendo em direção a sua boca. — Mas, olha. Por incrível que pareça, isso não aconteceu.

— Papai — digo me virando para olhar no rosto dele, meus olhos escondidos por trás dos meus próprios óculos.

— Sim, meu bem?

— Me desculpe por não ter lhe contado... gostaria de ter feito isso.

— Tudo bem, querida.

— É que eu fiquei tão... envergonhada — falei com a voz embargada. A palavra não é suficientemente forte para expressar o que eu senti. — Fiquei mortificada, constrangida. E eu não queria desapontar você. Estou com 36 anos e eu posso ver agora que a situação... não era o fim do mundo. Mas com 18 anos, eu não conseguia enxergar isso... eu simplesmente não consegui.

— Meu bem, eu compreendo. Eu *sempre* compreendi. Nunca me decepcionei com você... eu apenas queria ter ficado perto de você.

— Não era só isso, no entanto — eu digo. — Eu não queria magoar você. Você trabalha tanto e sempre me deu de tudo. E lá vou eu pelo mundo, cometendo o maior erro que uma menina pode fazer, e eu simplesmente...

— Mas, querida, as coisas acontecem. Foi um *erro.* Você não *quis* prejudicar ninguém. Você provavelmente decepcionou a si mesma, mas não me desapontou.

— Isso não pode ser verdade — digo. — Você pode dizer isso agora, mas naquela época...

— Marian, olhe para mim — ele fala enquanto retiro os óculos. — Sua mãe e eu sempre tivemos orgulho de você. Sempre.

Aceno com a cabeça e murmuro um obrigada.

Segue-se um longo momento de silêncio até eu soltar um suspiro e digo: — Isto é realmente culpa da mamãe. — Sorrio, mas a expressão dele não muda.

— Ela fez o melhor que pôde, também — ele diz e eu não consigo evitar ficar emocionada ao vê-lo defendê-la.

— Só estava brincando — digo.

— Eu sei... mas por muito tempo, eu *realmente* a culpei. Por mais tempo do que percebi... todas as vezes que nós víamos um bebê. Ou que um amigo tinha um netinho... eu queria tê-la comigo. Aquela que eu tenho. A *única* que eu tenho.

— Ela é a sua cara — ele fala. — Ela parece exatamente com você quando era bebê.

Concordo.

— Ela ainda é assim? — ele pergunta com os olhos piscando. — Se parece com você?

— Sim. Ela com certeza tem as mesmas orelhas — digo as apertando de encontro à minha cabeça. — E as suas. Muito obrigada por isso.

Ele tenta dar uma risada, mas ela sai entrecortada, como se estivesse transformando um soluço em outra coisa.

— Você vai ver — digo. — Não vejo a hora de você conhecê-la.

— Eu sei — ele concorda. — Eu simplesmente não consigo acreditar que ela cresceu... ela é uma jovem mulher agora.

Concordo. — Isso me faz sentir tão velha.

— Você não faz nem ideia — ele rebate passando as mãos pelos cabelos grisalhos. Sinto uma dor repentina, lembrando que ele está ficando mais velho, e preocupada que ele vá embora. Tão agradecida que nada aconteceu com ele até hoje.

— Sabe, eu estava me barbeando esta manhã, pensando na foto desse bebê — ele fala cabisbaixo novamente. — Como eu olho pra ela sempre que estou sozinho... contando os anos... tentando imaginá-la na idade que ela está agora. E eu penso comigo mesmo, que embora eu vá conhecê-la hoje, finalmente, aquele bebê, aquela menininha, foi embora para sempre.

Concordo, sabendo que o padrão de seu discurso não é apenas uma divagação, mas ele está construindo um quadro maior e mais organizado.

— E então, me veio à cabeça... que não importa o que aconteça. O que aconteceu com você. Meu bebê foi embora. Minha garotinha foi embora.

— Papai! Eu não fui e*mbora* — digo.

— Eu sei, eu sei. Mas de certa maneira, você *foi* — ele afirma. — Claro que

podemos ver você. Conversar com você. Sabemos o que você está fazendo e acompanhamos suas amizades, relacionamentos, carreira e vida desabrocharem. Mas não importa como, você não é *nossa* mais.

Ele olha para o alto, do mesmo jeito que faz no tribunal, como se procurasse as palavras que sei que vai encontrar. — É assim — ele diz. — Kirby tem 18 anos, certo?

— Sim — confirmo percebendo que é a primeira vez que ele diz o nome dela.

— E ela vai sair de casa logo. Saindo para o mundo para fazer o que ela quiser fazer. Se Deus quiser, vai ser um trabalho produtivo e que valha a pena. E embora nós poderíamos ter tido todos esses anos com ela, *você* poderia ter tido todos esses anos com ela... ela *ainda assim* estaria saindo do ninho agora... então eu acho que o que estou tentando dizer é que a vida é muito rápida. E está ficando cada vez mais rápida. Às vezes eu perco noção das estações do ano ou mesmo de que ano estamos. E temos que fazer o melhor. Nossas escolhas. Nossos breves momentos juntos. — Ele respira fundo e solta o ar lentamente. — Nós perdemos muitos dias e anos e lembranças com ela. Mas podemos conhecê-la agora. Podemos abraçá-la agora. E é o que iremos fazer.

Seu queixo treme, fazendo com que ele pareça mais velho novamente, mas ele consegue não chorar. — Filho da mãe — ele reclama sacudindo a cabeça.

— O quê?

— Tenho um elástico e um clipe de papel, mas não tenho um lenço.

Dou uma risada e ele se aproxima mais de mim e me dá um abraço tão apertado e tão longo que eu não me lembro de já ter sido abraçada assim.

— Vamos para casa — ele fala. — Quero conhecer minha neta.

Tomamos o caminho direto para casa e encontro minha mãe na cozinha dando os retoques finais nos seus pratos. Embora ela sempre cozinhe suas receitas de cor, hoje ela consultou pelo menos dois livros de receita, ambos abertos no

balcão.

— Olá, meus queridos — ela fala com um olhar curioso. Ela olha de relance para o meu pai, para mim e depois para o meu pai. Naturalmente ela quer saber o que conversamos, mas meu pai e eu não contamos absolutamente nada, nós dois apenas comentamos seus aperitivos.

— Tudo parece delicioso — papai fala.

— E lindo — eu digo.

Ela me agradece impaciente e pergunta: — Bem, como foi?

— Como foi o que? — pergunto.

— Vocês conversaram? — ela pergunta.

— Sim — respondo.

— Sim — meu pai ecoa a resposta. — Claro que conversamos.

— E?

— Nós passamos a limpo dezoito anos de mentiras — falei sem rodeios.

— Não houve *várias* mentiras — ela rebate cobrindo com papel-filme um prato de ovos recheados e o colocando na geladeira.

— Mentira número um — digo e cito minha mãe. — Não vou dizer nada para seu pai.

— Mentira número dois — meu pai fala enumerando com os dedos. — Não podemos contar para Marian que você sabe.

Minha mãe finge não estar prestando atenção enquanto dá os retoques finais na “bruscheta”. Então, ela desamarra o avental e o pendura num enorme gancho de ferro dentro da dispensa, e se vira alegremente para nós, revelando um vestido de seda com botões dourados. Com um par de sapatos de salto alto, ela está linda, mas exagerada — talvez não de acordo com a ocasião, pelo que eu conheço de Kirby. Assim mesmo, acho que é importante que nós sejamos nós mesmos hoje — que mostremos nossa cara verdadeira e honesta, que revelemos quem somos como indivíduos e como família. E isso inclui minha mãe muito

bem-vestida e o exagero de comida.

— Então — minha mãe fala animadamente. — Vocês decidiram me fazer de bode expiatório.

— Sim. Isso mesmo — eu admito.

— É um excelente sumário — meu pai observa sarcasticamente, antes de ir até ela e lhe abraçar pela cintura. Ele raspa a garganta e sua expressão fica séria.

— Marian e eu tivemos uma boa conversa — ele continua em voz baixa, como se fosse só para ela ouvir, embora saibamos que eu consigo escutar o que ele diz.

— É uma sensação boa, não é? — minha mãe fala. — Finalmente estamos todos na mesma sintonia.

Por um segundo, me sinto coberta por uma sensação de carinho e bem estar. Mas então eu lembro de Conrad. Um olhar preocupado deve ter aparecido no meu rosto, porque meu pai pergunta: — Qual o problema, querida?

Decidindo que não há mais espaço para nenhum tipo de mentira hoje, sento na mesa da cozinha, me sentindo insegura, mas me forço a responder: — Estava pensando no Conrad.

— Quem? — meu pai indaga.

Olho para ele, confusa, e então fico mais surpresa quando lembro que não mencionamos nenhuma vez sequer o nome de Conrad no Gillson Park; nem minha mãe falou sobre ele em Nova York.

— O pai biológico de Kirby — respondo. — Lembra dele?

— Não muito bem — minha mãe fala sacudindo os ombros. — Vagamente. Nós só o encontramos uma vez.

— Sim. Bem aqui na cozinha — digo me lembrando do dia em que fiz o teste de gravidez.

Quando minha cabeça começa a rodar, vejo meu pai olhando de relance para minha mãe com um olhar pontual.

— O quê? — digo. — Que olhar foi esse?

Minha mãe balança a cabeça.

— Sem mais segredos — digo.

— Tudo bem — ela fala. — Nós o vimos uma outra vez.

— Quando? — digo me sentindo enjoada. — Onde?

— Ah, não foi nada. Nós apenas o encontramos... em algum lugar. Acho que foi naquele pequeno mercado orgânico de Winnetka — minha mãe comenta olhando de relance para meu pai. — Ao lado da banca de tomates.

Antes que meu pai pudesse confirmar que ele se lembra de Conrad ou da banca de tomates, eu exijo saber quando tudo isso aconteceu.

— Kirby deveria estar com 6 anos — meu pai retruca.

— Acho que uns 8 — minha mãe contesta.

— Vocês falaram com ele?

— Muito pouco — minha mãe diz meio tensa. — Nós nos cumprimentamos.

— Então, você o reconheceu?

— A princípio não — ela admite. — Ele tinha engordado um pouco. E seu cabelo estava... diferente.

— Diferente como? — pergunto com meu coração palpitando.

— Apenas... diferente — minha mãe completa. — Talvez um pouco mais curto? Não sei... isso foi há dez anos.

— Ele falou com você? — pergunto.

— Na verdade ele nos cumprimentou primeiro, acredito. Então dissemos oi em resposta — meu pai conta. — Foi só isso. Nós não chegamos a conversar. Fomos educados, mas não simpatizávamos muito com ele depois do modo como ele lidou com toda a... situação.

— O quê? — digo, desviando meu olhar para minha mãe e a encarando de um modo acusatório.

Minha mãe franze o cenho, admitindo sua culpa.

— Mamãe? Vamos lá? Mentira número três? — Questiono. Então me viro para meu pai e digo: — Conrad nunca ficou sabendo que eu estava grávida.

— Não? — Meu pai parecia atordoado.

— Não — admito. — Nunca contei para ele. Nunca nem mesmo o *encontrei* depois que fiz aquele teste de gravidez. E isso foi escolha *minha*.

— Tudo bem — minha mãe fala. — Foi uma escolha *sua,* Marian. Então, não venha por a culpa em mim.

— Espere. Ele *nunca* ficou sabendo? — meu pai diz, claramente tão chocado quanto Peter e meus amigos.

— Não. E a mamãe está certa, a culpa foi minha. Ele não fez *nada* errado — confesso.

Minha mãe suspira e comenta: — OK, tudo bem. Mas não podemos concordar que isso tudo agora são águas passadas?

Balanço minha cabeça resoluta. — Não. Não *podemos* concordar com isso. E certamente não direi tal coisa para Kirby. Conrad é tão parte dela quanto eu sou.

Minha mãe faz uma careta. — Eu não diria isso.

— Você não diria isso? — pergunto. — Então eu pertenço mais a você do que ao papai?

— Ah, pelo amor de Deus — minha mãe fala, com a audácia de ficar indignada. — A questão é, *você* a carregou por nove meses e fez a escolha responsável de entregá-la para a adoção, enquanto aquele rapaz provavelmente...

— Conrad — digo. — O nome dele é Conrad.

Lá no fundo, eu sei que esse meu jeito de politicamente correta não fez muito sentido quando coloquei em andamento toda essa cadeia de mentiras. Mas mesmo assim. Kirby faz parte da realidade agora. E vamos encontrar Conrad. E pelo menos, eu acho que precisamos reconhecer que ele tem um nome e um lugar nessa história.

— Além do mais, nós não temos ideia do que ele teria feito — confesso, me lembrando da minha conversa com Peter, e percebendo que agora estou do lado dele na discussão. — Eu nunca lhe dei esta oportunidade.

— Bem, o que você vai fazer, Marian? Vai contar pra ele agora? — ela pergunta levantando as mãos para o alto.

— Sim — admito. — Amanhã, junto com a Kirby.

Minha mãe me encara com os olhos arregalados. — Você não acha que é um pouco tarde para isso?

— Foi tarde demais para ela me encontrar? É tarde demais para vocês a conhecerem? — pergunto.

Meu pai balança a cabeça, embora eu não esteja muito certa se ele está respondendo à minha pergunta, ou se está simplesmente digerindo a situação toda.

— Então, o que mais ele disse? Quando vocês o encontraram aquele dia? Além de dizer oi? — digo, imaginando se ele perguntou sobre mim.

— Nada mais — minha mãe completa.

Meu pai se contrai como se estivesse se concentrando, e então diz: — Acho que ele também disse: “estes tomates estão bem bonitos”.

Vindo de qualquer outra pessoa, eu acharia o comentário sarcástico, mas meu pai está simplesmente sendo o mais preciso possível com os detalhes, uma das muitas razões pelas quais ele é um advogado tão maravilhoso.

— E isso foi tudo? — indago.

— Isso foi tudo — ele fala baixinho.

Aceno com a cabeça e digo aos meus pais que estou indo para o meu quarto por alguns minutos antes de a Kirby chegar. Ao me virar para subir as escadas, imagino Conrad na banca de tomates, lembro das suas mãos, como elas eram e como elas eram quentes na minha pele, imaginando se ele tinha uma aliança na mão esquerda no dia que meus pais o encontraram. Imaginando se ele estaria

usando uma amanhã.

25

Kirby

Ainda tenho cerca de oitenta quilômetros para percorrer na estrada I-55 e faltam cerca de noventa minutos na minha viagem de cinco horas. Até agora foi moleza. Só parei uma vez para colocar gasolina no tanque e usar o banheiro. Também me lembro de ligar para meus pais, lhes assegurando que estou muito bem, que o dia está ensolarado e claro, e com pouco tráfego. Meu pai me lembra de ficar na pista da direita, não fazer ultrapassagens, evitar caminhões grandes e ficar longe do celular.

— Ah! E sua mãe está dizendo para você não se esquecer da torta de nozes pecan. Ela vai derreter se você esquecê-la no carro — meu pai adverte, se referindo à torta que ela preparou como um presente para minha anfitriã, além de quatro guardanapos de linho para coquetel bordados à mão com a letra *C*. Deu tudo errado na primeira tentativa, nos dois projetos, queimando a crosta da torta e escolhendo uma linha de bordar de seda lilás para os guardanapos que simplesmente "não a agradaram". Então, na noite passada, a encontrei na cozinha, ainda assando a torta, ainda bordando os guardanapos. Ela estava bem concentrada, com aquele olhar que ela fica quando está rezando muito. De certo modo, não pude evitar sentir pena dela enquanto despejava o leite com chocolate no meu copo.

— Você precisa de alguma ajuda, mamãe? — perguntei quando cheguei ao lado dela. Ela tinha trocado a linha de bordar para um tom azul-pavão, e de acordo com o livro de bordado que estava na mesa, um nó celta.

Ela me olhou por sobre seus óculos de leitura, sacudindo a cabeça com um sorriso melancólico e diz: — Kirby, querida. Você não sabe bordar. Nem cozinhar. — Ela suspirou. — Uma das minhas muitas falhas como mãe.

— Você não tem nenhuma falha como mãe — digo acreditando que isto é verdade.

— Claro que sim — ela rebate. — Todos os pais têm falhas. É inevitável. Você vai ver.

Concordei, pensando *como você pode discutir tal argumento*? — Então perguntei se ela queria companhia.

Ela me olhou, surpresa. — Você deveria ir para a cama. — Mas ela não reclamou quando me sentei perto dela na mesa.

— Você está ansiosa? — ela perguntou.

— Um pouquinho — disse soltando um enorme bocejo.

— É normal ficar ansiosa — ela explicou.

— Eu sei.

— Estou ansiosa por você.

— Obrigada.

— Não posso esperar para saber tudo sobre a sua... segunda família.

Posso perceber que isso foi um teste, e bem irritante, mas apesar de tudo respondo o que ela quer ouvir. — Eles não são minha segunda família. Só tenho uma família.

— Tudo bem se você os considerar sua família também.

— Mas eu não vou — disse. — Eles são estranhos.

— Marian não é estranha.

— Tudo bem, ela não. Mas ela é mais uma amiga.

— Ela não se sente como uma mãe...

— Mamãe, pare com isso. OK? — A interrompo.

Ela segurou um bocejo, quando lhe disse que estava indo dormir.

— Sim. Vá dormir. Amanhã é um grande dia.

Termino meu leite, coloco o copo na pia, e passo ao lado dela a caminho da escada.

— Mamãe? — digo desajeitadamente ao parar do seu lado.

— Sim, querida?

— Obrigada.

— Por quê? — ela me perguntou com os olhos bem abertos e um olhar martirizado, como se fosse perfeitamente normal assar tortas e bordar durante a noite toda.

— Por fazer tudo isso — eu disse. — Tenho certeza que os Caldwell irão amar os guardanapos.

— Sim. Acho que sim — ela fala. — Ainda bem que mudei para azul. Todo mundo gosta de azul, você não acha?

— Sim. E quem não adora uma torta de pecan? — eu acrescento para lhe agradar e elogiar ao mesmo tempo.

Ela concorda e diz: — Se Deus quiser eles não têm alergia a nozes. Acabei de pensar nisso.

— Sim — disse, a caminho dos degraus. — Se Deus quiser.

E aqui estou eu na I-55, e me pego rezando. Na verdade, um pedido bem específico para Deus, para que tudo dê certo neste fim de semana. Que todo mundo goste de mim, que me aprovem e aceitem o fato de que eu sou parente de sangue deles.

Meu telefone toca no banco ao lado, interrompendo minha conversa com Deus. Embora possa ouvir meu pai me dizer para não atender o telefone enquanto estiver dirigindo, vejo o nome de Philip e agarro o aparelho. Pressionando-o contra o meu ouvido. Por mais que eu esteja ansiosa pelo fim de semana à minha frente, pelo menos, metade dos quilômetros que já rodei foram gastos pensando em Philip. Desde sexta-feira à noite, que nós temos conversado diariamente por pelo menos uma hora, e já nos beijamos mais duas vezes. Na

noite passada, eu até mesmo o deixei levantar minha blusa.

Também me vejo pensando em Conrad e Marian, e imagino se o namoro deles era parecido com o nosso. Sei que eu e Philip não vamos ficar juntos para sempre, que ele vai para o Alaska e depois vai embora para o Colorado, e a única coisa que eu posso esperar é que a gente mantenha contato. Porém, não consigo imaginar perdê-lo como amigo, assim como posso pensar como deve ser difícil para Marian encontrar Conrad depois de tanto tempo.

Uma hora depois de ouvir as músicas de Ray LaMontagne, a direção do meu mapa on-line termina na Maple Hill Road, uma linda rua com casas que são quatro vezes o tamanho de qualquer uma no meu bairro. A casa dos pais de Marian é a mais elegante entre outras com jardins maravilhosamente bem-cuidados e canteiros que parecem caixinhas de joias. Quando paro na entrada da casa, percebo que ela tem uma semelhança incrível com a casa do filme *O Pai da Noiva* — então imagino se é *aquela* casa. Estaciono atrás de um Land Rover e um Mercedes conversível, ambos encerados e reluzentes.

Demoro um pouco para sair do carro, checo minha aparência no espelhinho retrovisor e mando uma mensagem para meus pais dizendo *Cheguei bem*, então uma outra mensagem, um pouquinho mais longa, com o mesmo sentido para Philip. Então, respiro fundo, pego minha bolsa no banco de trás, a torta de pecan enfeitada com um selinho que diz “Da cozinha de Lynn Rose”, e os guardanapos de linho embrulhados em uma sacola de presente dourada. Então, abro a porta, saio do carro e a fecho com um empurrão.

Estou nervosa, minha respiração está ofegante a caminho da porta, mas também estou muito curiosa para conhecer os pais de Marian, e ver onde ela cresceu. Imagino Conrad parado na frente da casa, esperando para pegar sua namorada. Então, toco a campainha, seu carrilhão é uma linda melodia de seis tons.

Escuto passos vindo em minha direção antes de a porta se abrir, e lá está a mãe de Marian, ainda mais glamorosa do que ela, em um vestido chique e com os braços abertos para me receber.

— Olá, Kirby! — ela exclama enquanto eu sinto um cheiro incrível de

comida.

— Olá, senhora Caldwell — digo quando Marian aparece bem atrás dela no vestíbulo.

— Pode me chamar de Pâmela — ela fala e começa a me abraçar, mas então decide não fazê-lo.

Aceno com a cabeça e entrego a ela a torta e os guardanapos e digo: — Minha mãe que fez.

— Ora, que gentil da parte dela — ela exclama tocando-os antes de colocá-los na mesa do hall. Ela então pega a torta, declarando que é uma beleza, enquanto Marian afasta sua mãe para me abraçar. Nosso abraço parece ao mesmo tempo formal e carinhoso, e eu imagino se as duas coisas são possíveis, e se não é, qual deles estou sentindo.

— Que bom ver você — Marian declara.

— Bom ver você também — digo.

— Entre, querida, entre — Pâmela fala e me conduz por um corredor largo até uma enorme cozinha cheia de comida. — Você quer beber alguma coisa? Temos suco de toranja fresco, suco de laranja, suco de ameixa e água natural e com gás.

Suco de ameixa? Penso aliviada ao perceber que todo mundo é um pouco esquisito.

— Mamãe, espere um pouco — Marian balbucia, mas Pâmela não obedece, abrindo a geladeira e me olhando com expectativa.

— Vou tomar um pouco de água, por favor — digo.

Ela acena com a cabeça e tira uma enorme garrafa de Evian da porta e despeja a água em um copo azul alto, que o guardanapo da minha mãe vai combinar com perfeição.

— Sente — ela fala apontando para o balcão quando o pai de Kirby entra na cozinha, ocupando-a imediatamente com sua forte presença. Gosto dele imediatamente.

— Kirby — ele fala caminhando em minha direção e cobrindo minha mão com a dele. — Finalmente. Seja bem-vinda.

— Obrigada — digo, tocada por um sentimento afetuoso.

Ele retorna sua mão para o bolso, me olhando com um sorriso. Finalmente ele acena como se estivesse satisfeito com o que vê, e fala: — Estou feliz que você está aqui... É simplesmente... tão *bom* conhecer você!

— Obrigada, senhor Caldwell — digo, sabendo que ele também vai me corrigir.

É claro que ele o faz, pedindo para eu chamá-lo de Jim. Embora a mãe de Marian seja muito agradável, sinto uma vibe completamente diferente do pai dela, e o único modo que posso descrever isso é que eu me sinto ligada a ele. Ou talvez, mais significativamente, ele se sente ligado em *mim*.

Com certeza, ele logo fala: — Você está olhando para minhas orelhas enormes? Acho que vou ter que pedir desculpa por isso?

Dou uma risada genuína e digo: — Sim. Mas eu não me importo com elas.

— Você não se importa com elas em mim — ele diz se virando para Marian. — Ou nela?

— Em qualquer um de nós — declaro relaxando um pouquinho.

— Pelo menos vocês garotas têm o cabelo para cobri-las — ele justifica.

— Sim. Cabelo ralo — Marian fala.

Ele passa a mão pelo seu cabelo grisalho, cheio e grosso, apenas com uma ligeira entrada aparecendo na têmpora e diz: — Uau. Uau! Vocês não podem me culpar por isso também.

Marian se vira para olhar para sua mãe, que parece não gostar da acusação. — Não temos cabelo ralo. Temos cabelo *fino.* Existe uma diferença.

— E qual seria essa, exatamente? — Marian indaga.

— O cabelo é fino, mas temos bastante — Pâmela fala se voltando para a sacola de presente.

Lembro da minha mãe e seu cabelo grosso e cacheado que minha irmã herdou, e percebo como é legal finalmente saber de onde herdei o meu. Então, eu lembro de como minha mãe sempre me disse que adora cada fio de cabelo da minha cabeça — e eu sinto uma pontada de dor inesperada por ela.

— Ah, eles são *tãooo* lindos — Pâmela exclama, admirada com os guardanapos.

— Foi minha mãe que fez — eu digo.

— Bem, eles são maravilhosos. Simplesmente *maravilhosos* — Pâmela fala exagerando um pouco.

Digo que fico feliz que ela gostou deles, enquanto ela continua a falar sem parar. A observo enquanto me desligo do que ela fala, reconhecendo esse tipo de pessoa. Então, eu percebo que, ironicamente, ela me lembra de uma versão mais educada e mais rica do meu pai. Os dois são falantes, afáveis e extrovertidos, mas ainda assim tem alguma coisa nela que faz sentir que eu nunca realmente chegarei a conhecê-la, que ela sempre vai me manter a uma certa distância, do mesmo modo como meu pai usa o esporte. Não importa quão íntimo seja o amigo, eles nunca parecem avançar além das conversas sobre os Cardinals e os Rams. Posso imaginar que Pâmela é igual, só que com um foco diferente e mais estreito.

— Então, o que você gostaria de fazer hoje? — ela pergunta. — Ir à cidade? Você já esteve em Chicago?

— Ela nasceu aqui — Marian fala afobada.

Olho de relance para ela e depois para Pâmela. — Já faz muito tempo — digo.

— Bem, tem muito o que fazer. Museus, galerias de arte, shoppings. Você gosta de fazer compras, Kirby?

— Claro. Às vezes — digo pensando “Quem sai aos seus não degenera”.

— Querida. Eu não acho que hoje é dia de fazer compras — Jim comenta. — Vocês não acham melhor simplesmente ficar conversando? Conhecer um pouco mais uns aos outros?

Pâmela levanta a mão como se dissesse “Foi mal” e então fala: — Bem, temos permissão para comer? Preparei um banquete!

— Sim — Marian fala. — Podemos comer, mamãe.

— Ótimo — ela exclama. — Então, vamos comer!

Sorrio, pensando que pelo menos tem uma coisa que minha família tem em comum com essa, e talvez com todas as outras famílias. Quando em dúvida, vá em frente e coma.

26

Marian

Na manhã seguinte, depois que Kirby e eu conseguimos escapar do café da manhã que minha mãe queria preparar, pulamos no Land Rover do meu pai, sem tomar banho, e começamos a dirigir sem rumo pela minha cidade natal, a pedido dela, para conhecer onde cresci. Ela até mesmo tem uma lista de todos os lugares que quer ver, minha escola, nossa igreja (embora eu tenha lhe contado que nós quase nunca íamos), a casa de infância do Conrad e a casa de Janie.

— Então, como vai o Philip? — perguntei a ela assim que tiramos o carro da entrada. Não falei para ela que escutei do corredor ela conversando e rindo até quase meia-noite.

— Ele está bem — ela comenta.

— Então, as coisas estão evoluindo bem?

— Sim — ela fala sorrindo. — Acho que estamos namorando...

Espero por mais detalhes, mas posso perceber que ela não vai falar mais sobre sua vida pessoal, e eu decido não insistir.

Alguns minutos mais tarde, viramos uma esquina, nos aproximando do meu antigo reduto. — Ali está a New Trier High School — digo apontando para o familiar prédio de tijolinhos. — Lar dos orgulhosos e poderosos Trevians.

Ela acena, quando eu pego minha caneca de viagem e tomo um gole de café, e dou uma volta em torno do terreno praticamente vazio da escola. Passo pela escola, pelo estacionamento, olho as pistas, inundadas de memórias.

— O que você está pensando? Sobre seus dias de líder de torcida? — ela pergunta com um toque de sarcasmo.

— Ha — digo, embora eu estivesse sim. — Fiquei sabendo que eles se livraram do esquadrão aqui. Não tinha muito interesse. É uma coisa boa. Acho que as meninas deveriam achar algo melhor para fazer do que ficar animando a

torcida dos seus colegas homens.

Ela sorri maliciosamente. — Você não gostava de ser líder de torcida?

— Sim. Mas eu gostaria de ter me envolvido com futebol. Eu adorava o jogo, mas abandonei para ser líder de torcida. Por causa do Todd. Argh — digo, revirando os olhos. — Ele era o nosso zagueiro.

— *Claro* que ele era — Kirby comenta.

— Ei! Estou dizendo para você que eu me arrependo. Isso não me redime? — pergunto embora secretamente eu não me arrependa *completamente* de ter feito parte do esquadrão. Janie e eu nos divertíamos muito — e aquela sainha curta plissada e aqueles pompons realmente me deixavam muito atraente e descolada, em uma época quando se sentir legal era importante.

Kirby olha de relance para mim, então olha para a pista novamente enquanto observamos um garoto correndo pra cima e pra baixo nos degraus da arquibancada com uma determinação Olímpica. — Sim, isso redime você... mas o Conrad redime mais.

Faço que sim com a cabeça, e ouvir seu nome solta uma descarga de eletricidade que tento esconder agora cantando a música que eu ainda sei de cor: — *We say New Trier; You say Trevians! New Trier!* — Olho para ela fazendo um movimento com minha mão direita.

Kirby entra na brincadeira e fala: — Trevians.

Sorrio e continuo com o próximo verso: — *We say green and you say blue. Green.*

— Blue — ela fala erguendo o punho.

Vamos de carro até a frente da escola e eu aponto para uma grande placa vermelha e branca de PROIBIDO ESTACIONAR numa área reservada só para ônibus. — Você vê aquela placa? — pergunto.

— Sim.

— Eu avancei pela sarjeta e a derrubei dias depois de ter recebido minha

carteira de motorista, bem dentro de um monte de neve.

— De propósito? — ela pergunta, como se a história fosse parte dos meus dias de rebeldia, em vez de ser um acidente traumático naquele momento.

— Não — digo. — Foi um acidente. Tinha um saco do McDonald's no painel. Quando fiz a curva, ele caiu. Eu me curvei para pegá-lo, e não soltei a direção para acertar a curva. Passei direto pela calçada. Eu estava com Todd, que começou a gritar para eu brecar, mas acidentalmente apertei o pedal do acelerador. A coisa toda aconteceu na frente da equipe de Matemática e do time de luta livre, ambos estavam entrando nos ônibus. E claro, Todd rapidamente me abandonou para entrar no ônibus também.

— Deixe eu adivinhar. Ele entrou no ônibus da equipe de Matemática?

— Engraçadinha — respondo. — No de luta livre, é claro. Segundo no estado na categoria de 80 quilos.

— Só segundo lugar?

— Sim — digo e imito a voz grossa dele. — Mas foi a maior roubada, cara! Foi um assalto!

Kirby dá uma risada e diz: — Então você se meteu em encrenca? Por derrubar a placa?

— Sim. O reitor veio esbravejando lá de dentro até que ele viu que era eu. Eu tinha uma boa reputação, então ele amansou um pouquinho. Mas ele me mandou fazer mais duas horas extras de prática de direção com o professor, que tinha o hálito horrível. Foi uma droga.

— Essa foi a única vez que você se meteu em confusão? — ela pergunta me dando um outro olhar bem pontual, como se estivesse pensando *antes de você ficar grávida.*

— Sim. Praticamente foi só dessa vez. Eu nem mesmo faltei do último dia de aula — digo, enquanto volto para a Winnetka Avenue. — A menina bonitinha e certinha.

Sem sombra de dúvidas ela acrescenta: — Por acaso, a menina bonitinha e

certinha realmente fica grávida?

— Esta ficou — digo. — Onde vamos agora?

— Para a casa do Conrad — ela responde.

Sinto minhas mãos começarem a suar e ficarem tensas na direção, meu coração dispara enquanto nos dirigíamos para aquela área da cidade conhecida como os “presidentes” porque todas as ruas são denominadas com o nome de um presidente. Tomo o caminho mais longo, mas ainda assim chego na velha casa de Conrad em menos de cinco minutos.

— É aqui — digo diminuindo a velocidade e apontando uma casa de rancho, agora pintada de um azul empoeirado e uma porta vermelha. — Costumava ser branca com as venezianas verdes — conto pra ela.

— Isso... traz muitas lembranças? — ela pergunta.

— Sim — respondo —, com certeza. Boas e más. A maioria boa.

Olho para a casa, relembrando as noites que passei lá dentro, ouvindo ele dedilhar sua guitarra, nós dois conversando e dando risadas, assistindo filmes e fazendo amor. — Aquele era o quarto dele — digo apontando para a janela do canto direito. Então, digo a ela que nós praticamente terminamos tudo na sala da casa dele. — Logo depois que eu menti pra ele sobre meu teste de gravidez.

Ela acena e engole em seco.

— Meu único e grande arrependimento — ela confessa.

— Seu *único* grande arrependimento? — ela pergunta. — De verdade? E quanto... você sabe?... ficar grávida pra começo de conversa?

— Como eu posso me arrepender disso? — digo olhando para ela.

— Tudo bem. Talvez agora não. Mas naquela época. Você tinha que se arrepender.

Eu aceno que sim, assumindo a difícil confissão. — É claro. Eu não queria isso para nenhuma adolescente... eu não queria isso para você. Acho que você deve esperar para fazer sexo, se não até o casamento, pelo menos por um longo

tempo. De modo que se você ficar grávida, você estará pronta para lidar com isso melhor do que eu estava — digo esperando que ela ainda seja virgem.

— Você quer dizer ser capaz de ficar com o bebê? — ela pergunta.

— Sim — respondo. — É isso mesmo o que eu quero dizer.

Me viro para olhar para ela e escolho as palavras com cuidado. — Eu gostaria de ter ficado com você. Acho que teria sido a decisão certa para você.

— Eu também desejaria isso — ela comenta. — Eu amo meus pais e minha irmã, mas eu desejaria isso também.

Meu coração fica em frangalhos quando digo seu nome e então não vou dizer que as coisas acontecem por uma determinada razão — porque eu realmente não acredito nisso. Eu acho que muita coisa na vida acontece por acaso... mas eu digo isso: — Estou feliz que tudo aconteceu deste modo. Estou feliz por ter ficado grávida de você. Estou feliz por ter tido você. Estou feliz que você tem uma família que a ama. E mais do que tudo, estou feliz porque você está aqui agora.

Ela me dá um sorrisinho enquanto continuo, não me deixando fugir do assunto.

— Mas meu Deus... eu não deveria ter mentido para ele. — Sacudo a cabeça e balbucio: — Isso foi *muito errado.*

— Mas você vai reparar isso — ela comenta. — Hoje. Não é?

— Vou tentar — digo e sinto meu estômago retorcer. Só de pensar como foi difícil passar em frente a sua antiga casa, como vou conseguir ir até a porta da sua casa atual?

Ela diz que podemos ir quando eu estiver pronta, e respiro fundo e saio com o carro, atravessando os trilhos do trem para chegar na casa de Janie, a última parada na sua lista. Quando chegamos, vejo a mãe de Janie na frente da casa, trabalhando no jardim de bermudas e um chapéu de palha. Ela faz sinal para o meu carro e corre para a janela, rápido demais para alertar Kirby que nunca gostei muito dela. Ela é o tipo da pessoa que diz “sou o tipo de pessoa que” e

então completa o espaço com uma virtude que é ou uma característica universal ou simplesmente autocongratulatório (“sou o tipo de pessoa que adora ajudar os outros”). Ela me irritava quando eu era criança — e muito mais quando fiquei mais velha, embora eu provavelmente não tenha encontrado com ela nos últimos seis ou sete anos.

— Marian! Bem que eu achei que era você! Sua mãe me contou que você estava vindo pra cá este fim de semana! Como vai querida?

— Estou bem, obrigada — digo percebendo que ela olha Kirby apenas de relance, prova que minha mãe não divulgou o motivo da minha visita. Imagino quanto tempo vai levar para que as barreiras do nosso segredo desabem completamente. Como o Muro de Berlim — apenas algumas aberturas aqui e ali até que as marretas apareceram e a festa começou. De certo modo, não consigo imaginar minha mãe começando uma conversa sobre Kirby, e eu imagino o porquê disso. Esconder a verdade que estava enterrada — ou o fato que nós mentimos em primeiro lugar? E é possível realmente separar os dois depois de tantos anos?

— Como está Janie? — digo sabendo que vou ter que aturar vinte minutos de monólogo sobre a vida de Janie em Cincinnati, que irão inevitavelmente repetir tudo o que a Janie me contou numa carta que recebi, colocada dentro de um cartão de natal enfeitado com uma foto da família na beira do Lago Michigan. As cartas são as mesmas, entra ano sai ano, exaustivamente contando as atividades extracurriculares de seus três filhos (“Cub Scouts! Chess club!) e feitos atléticos (“Brandon pegou primeiro lugar!”), suas várias atividades filantrópicas (“quinhentas cestas de Páscoa para jovens carentes — um recorde!”), e é claro, detalhes da mais recente promoção de seu marido Keith e suas aventuras no triátlon (“não sei como ele consegue”). Presto atenção na senhora Wattenberg agora, terminando sua cobertura da vida de Janie, com um toque geral do Meio Oeste — incluindo valores familiares e um ritmo mais devagar.

— Então, como vai a vida na cidade grande? — ela pergunta finalmente.

Antes que eu possa responder, ela balança a cabeça e diz como está orgulhosa

de mim, o quanto ela gosta do meu programa. E embora ele não seja o favorito do marido dela, ele também assiste, e eles contaram para todos os seus amigos, para pelo menos gravar o programa, porque é bom para meu ibope. Eles estão fazendo a parte deles!

Agradeço a ela enquanto ela toma um fôlego, exausta, e então muda a marcha. — Então, quando foi que você e Janie conversaram pela última vez?

— Já faz bastante tempo, infelizmente — digo pensando que deve estar fazendo uns dez anos desde a nossa reunião da escola, que eu disse a ela que não poderia comparecer por causa do trabalho, mas na verdade tinha mais a ver com o Conrad. Eu sabia que ele não viria, mas eu não queria escutar o nome dele. Não queria estar por perto de ninguém que tivesse notícias dele. Não queria pensar nele de jeito nenhum.

— Mas vocês não brigaram, não é?

— Ah, não, senhora Wattenberg, nada disso. Nós simplesmente... nos afastamos. Isso acontece.

— Bem, você tem uma vida bem diferente, isso é verdade — ela fala olhando de soslaio para minha mão esquerda, e eu percebo que ainda estou segurando firme na direção.

— Alguma novidade de casamento? Está prestes a ganhar um anel? — ela pergunta. — Sua mãe adora o seu namorado. Eu vi a foto. Ele parece com o Richard Gere jovem, que sempre foi meu favorito. Desde *Uma Linda Mulher.* E quem imaginaria que você pudesse se apaixonar por um homem que contratou uma prostituta?

Sorrio e digo: — Sim. É verdade, isso mesmo.

E então, balanço a cabeça e levanto minha mão esquerda e cantarolo: — Ainda sem anel!

— Bem, fique firme! Ele vai chegar! E bebês virão logo depois. Você ainda tem tempo. E quem sabe? Você pode ter gêmeos. Você sabia que a chance de ter gêmeos aumenta com a idade? Mulheres mais velhas têm mais possibilidades de liberar dois óvulos. Talvez você até tenha trigêmeos! Você poderia alcançar Janie

numa tacada só.

Tenho a vontade, por um momento fantasioso, de dizer a ela que a sua procriação não era uma competição, não mais do que os resultados do SAT e conseguir uma vaga no esquadrão das líderes de torcida, e entrar em uma boa faculdade e todas as outras coisas, tanto grandes quanto pequenas, que ela tornou numa disputa quando Janie e eu éramos pequenas, indo até o ponto de disputar qual de nós teve o primeiro dentinho antes que a outra, segundo a minha mãe. Nunca pude entender por que ela tinha tanto interesse em fazer comparações entre Janie e eu, coisa que a própria Janie se recusava a participar; na verdade os esforços de sua mãe causavam um efeito contrário.

Mas em retrospecto, posso perceber que eu *estava* participando da disputa. Talvez seja por isso que eu estava tão atenta aos comentários da senhora Wattenberg. E talvez esta seja parte da razão por que eu não quero que Janie nem ninguém saiba a verdade — porque eu tenho certeza que ela, e outros como ela, vão delirar com o drama. A garota com mais chance de sucesso, que ia para a Universidade de Michigan com uma bolsa de estudos acadêmica, de uma família importante, cujo pai é um advogado poderoso. Grávida aos 18 anos, com um filho de Conrad Knight, não precisa falar mais nada. É o choque e a desgraça mais terríveis.

Posso também perceber como eu era egocêntrica e achava que as minhas novidades fariam muita diferença na vida dos outros. Que as pessoas iam falar de mim por semanas, ou talvez apenas por uma noite na mesa de jantar, antes de mudar de assunto. E quem liga, afinal de contas, para o que eles teriam dito? Percebo, agora, anos mais tarde, como isso era pouco importante. O quanto eu sacrifiquei por causa de um erro, incluindo minha amizade com Janie. Embora tenha se passado muito tempo para eu sentir falta dela, sinto pena de não ter mantido nossa amizade. Mesmo que a gente não tenha muito em comum atualmente, nós sempre teríamos o passado, que, de algum modo, é tão importante quanto o presente ou o futuro. É a nossa origem, é o que nos torna quem somos.

Olho para Kirby e a vejo observando a senhora Wattenberg com certo desdém.

Penso em sair rápido dali, para nosso próprio bem, mas sei o que devo fazer. Então, eu pigarreio e dou o grande mergulho. — Ah, me desculpe eu não apresentei a você... senhora W, está é Kirby Rose.

— Oi — ela fala sem a mínima curiosidade. Mas desta vez eu decido que vou *deixá-la* bem interessada.

— Kirby é minha filha — declaro.

A senhora Wattenberg fica paralisada, literalmente, do jeito que a gente costumava ficar quando brincava de estátua. — Como? Sua filha? — ela fala com uma risada nervosa. — Você não tem uma filha! Espere. — Ela dá uma olhada em volta do carro como se estivesse procurando uma câmera escondida nos canteiros. — É um tipo de programa de irmã mais velha? Um reality show?

— Não. Não é um show — eu digo. — É a vida real.

— Mas... o que você quer dizer com isso? — ela indaga, curiosa.

— Kirby é minha *filha* — digo novamente. — Não é, Kirby?

Kirby faz que sim com a cabeça, com um sorriso sarcástico, parecendo seguir cada nuance emocional. — Certo, *mamãe.*

— Mas...? — a senhora Wattenberg pergunta. — Ela é sua enteada...

— Não — digo, balançando a cabeça. — Ela é minha filha *biológica.*

— Mas como? Quantos anos você tem? — ela pergunta, olhando para Kirby com uma fascinação recém-descoberta.

— Dezoito — Kirby responde.

— Sim, senhora Wattenberg. Fiquei grávida no verão depois da nossa formatura. Este foi o motivo que eu atrasei um ano a faculdade. Então, eu a tive e tomei a difícil decisão de dá-la para adoção. Achei que era a coisa certa a fazer naquela época. Felizmente, ela voltou e me encontrou. Estamos nos conhecendo. — Dou a notícia com simplicidade porque isso não é realmente sobre a notícia. É sobre o ato de contar a verdade, finalmente. Me sinto estranhamente liberada, me deliciando com a sensação de abertura e honestidade. *Esta é quem eu sou. É*

pegar ou largar.

— Minha nossa. Eu não fazia ideia — a senhora Wattenberg replica. Ela parece não apenas espantada, mas perturbada, claramente despreparada para receber a fofoca com tanta facilidade; geralmente é algo mais difícil de se conseguir.

— Sim. Não se preocupe, senhora W. Ninguém sabia. Nós mantivemos tudo em segredo... mas eu não deveria ter feito isso. Por favor, conte para Janie, e diga que eu sinto muito ter mentido para ela. Na verdade, fique à vontade para contar para quem a senhora quiser — digo, como se ela precisasse da minha permissão para contar a fofoca mais suculenta da Maple Hill Road, desde que dois vizinhos trocaram de esposas, as mulheres ficaram nas casas e os maridos se mudaram para o outro lado da rua. Uma mudança tranquila. A piada era que um marido ficou com um sofá enorme, mas desconfortável e peitos falsos na troca. Penso em contar a ela quem é o pai — porque eu sei que ela está morrendo de vontade de perguntar — mas decido contar para o Conrad primeiro.

— Bem, essa é uma notícia surpreendente! — ela diz com um olhar que revela que não sabe se deve ficar envergonhada ou orgulhosa. Um liberador segundo mais tarde, decido que isso não importa. Porque eu *estou* orgulhosa.

À medida que nos afastamos, sorrio para mim mesma balançando a cabeça, imaginando o que aconteceria se ela soubesse como tudo começou. Bem no andar de cima da casa dela e na sua cama de dossel.

— O que é tão engraçado? — Kirby pergunta.

A garota não deixa escapar nada.

— Ah, não sei... é que é uma sensação muito boa.

— Sacudir o mundo dela deste modo?

— Sim — eu digo. — E simplesmente... contar a ela que você é minha filha. Contar a ela a *verdade*.

— Pense nisso como um treinamento — Kirby conclui.

— Acho que sim — retruco.

— Vamos fazer isso agora? — ela pergunta. — Ir até a casa dele e acabar logo com isso?

— Mas ainda não é nem meio-dia — contesto.

— Sim. Você deveria esperar até à tarde para dar más notícias — Kirby retruca.

— Estas são *boas* notícias — digo.

— Sim — ela diz, exibindo um sorrindo exagerado de miss. — Com certeza, sou a filha que ele sempre quis.

Ela está brincando, mas eu a olho seriamente e concordo, como se para lhe dizer que é *exatamente* assim que eu me sinto.

27

Kirby

Uma hora mais tarde, depois de termos tomado banho, e nos vestido praticamente de modo idêntico com jeans e blusinhas marinho sem manga (a minha uma versão barata da dela), nos encontramos no hall, olhamos uma a outra e começamos a rir, então começamos a passar a maquiagem no quarto dela, lado a lado. A certa altura, percebo que as mãos de Marian estão tremendo enquanto ela passa o delineador preto sobre os olhos. Ela franze o rosto, não gostando do resultado, então o retira e começa tudo novamente, mordendo seu lábio ao passar o líquido mais lentamente na segunda vez. Não parece diferente, talvez tivesse ficado melhor da primeira vez, mas eu a observo desistir com um longo suspiro e passar para o blush.

Quando estamos prontas, descemos para o andar de baixo, onde ela deixa um breve recado para os pais dela sobre o balcão. Verifica o conteúdo da sua bolsa pelo menos umas quatro vezes, abre uma garrafa de água da geladeira, toma um gole, pergunta se eu quero alguma coisa, mas não está prestando nem um pingo de atenção na minha resposta — que é não.

— Marian — digo, finalmente.

— Humm?

— Vamos, OK?

Ela concorda, sorri, então se move para a frente da casa como se esta não fosse uma missão com dezoito anos de atraso.

Então, finalmente, estamos a caminho da cidade, o endereço do Lincoln Park colocado corretamente no GPS, e a voz alta de uma arrogante mulher inglesa nos informa onde virar. Ela irrita Marian, que finalmente imita seu acento britânico.

— Ah, *cale a boca* — ela grita, mas não consegue descobrir como diminuir o volume mesmo depois de mexer no sistema por vários minutos.

— Você acha que ele é casado? — digo abruptamente.

Ela continua a olhar fixo para frente e responde: — Acho que não. Mas não sei o porquê. Talvez uma namorada séria. Talvez ele seja divorciado. — Ela solta uma risadinha tensa. — Eu realmente não faço ideia. Não consigo imaginá-lo. Quero dizer, eu lembro dele exatamente como ele era, e eu até posso imaginar como ele está, você entende, quase vinte anos depois, mas eu não consigo imaginar como é a *vida* dele agora. O que ele está fazendo... acho que vamos descobrir logo, logo.

Concordo e vinte minutos mais tarde, nossa amiga inglesa nos informa que chegamos ao nosso destino final na 1130 Armitage, uma casa cinza de pedras ladeada por duas construções de tijolinhos vermelhos.

— Bem. Aqui estamos — ela fala, parecendo mais pálida do que de costume ao estacionar o carro em um espaço vago na frente da casa.

— Tem certeza que você quer fazer isso? — pergunto. — Isto é, podemos simplesmente ir embora. Ou eu posso fazer isso sozinha.

Ela parece tentada com a ideia, mas então sacode a cabeça. Ela desliga o carro e então agarra na direção como se estivesse se equilibrando. — Não. Estou pronta.

Saímos do carro, atravessamos a calçada e andamos até os degraus da entrada, como se estivéssemos a caminho de um velório. Ela estende o braço, sua mão treme ao tocar a campainha do apartamento “2C Knight”. Esperamos. Nada. Sua mão pressiona mais o botão enquanto ela respira fundo e tenta novamente. Alguns segundos se passam. Nada ainda.

— Ele deve estar fora da cidade — digo parcialmente aliviada, pelo menos por causa dela.

— Ou talvez ele esteja fora... fazendo alguma coisa — ela fala parecendo que vai desmaiar. — Podemos tentar novamente daqui uma hora ou mais. Talvez possamos ir comer alguma coisa e depois voltar?

— OK — digo, relutante em acompanhá-la ao descer os degraus. Ela hesita quando chega lá embaixo e então vira a direita, depois muda de ideia e gira 180

graus e quase dá de cara com um homem. Eles quase batem um no outro, mas isso não acontece, e eu repentinamente o reconheço, antes mesmo que eles próprios registrem o fato. Mas quando eles dão um passo atrás, percebo que eles começam a se reconhecer, e eu fico arrepiada ao vê-los juntos. Meus pais. Aqui estamos nós três, eu acho. Pela primeira vez. Aqui está o que deveria ter sido.

Meu pensamento a seguir é realmente embaraçoso — é o seguinte: meu pai é "um gato". Muito mais bonito do que o outro pai que eu conheço. De um jeito rude e artístico, com cabelos escuros ondulados e olhos incríveis. Ele está usando calça jeans desbotada, botas de couro marrom de trabalhador da construção civil — um cowboy híbrido, uma camisa de linho branca para fora da calça e uma longa echarpe de algodão estampada torcida e com um nó solto em volta do pescoço. Imagino que ele deve ter perfume de incenso, ou maconha ou uma combinação dos dois, até que eu percebo que ele *realmente* tem esse perfume — pelo menos a parte do incenso. Em um de seus braços está uma sacola do mercado, uma baguete aparecendo no topo de um saco de pano. Tudo nele parece incrível e urbano.

Eles continuam a se olhar, sem demonstrar nada, sem se mover, do jeito mais estranho que já vi, quase como se eles estivessem blefando um ao outro. Era o modo como você olharia para um perfeito estranho.

Porém, se eles fossem realmente estranhos alguém iria quebrar o silêncio e dizer algo agradável depois de um olhar tão prolongado entre eles. Começo a imaginar se eu talvez não deveria reapresentar meus próprios pais.

Ele finalmente fala, dizendo seu nome como uma simples constatação, um leve aceno de cabeça. E então: — O que você está fazendo aqui? — A voz dele não é completamente grosseira, mas é distante e gelada. Ele muda sua sacola para o outro braço e eu olho para sua mão livre. Não tem aliança.

Marian abre a boca para falar e então me lança um olhar desesperado. Eu já sabia que ela estava nervosa, mas não tinha ideia que ela estava tão abalada.

— Eu estou... nós estamos... queria conversar com você — ela gagueja.

De leve, penso. *Bem de leve.*

— Conversar? — ele diz, inclinando a cabeça para o lado.

— Sim.

— Sobre o quê? — ele fala todo tranquilo, calmo e frio.

Ela me olha de relance novamente, e eu imagino se ela está pensando em contar tudo aqui no meio da rua. Sacudo minha cabeça, avisando que este não é o melhor plano de ação, mas ela já se virou para ele e disse. — Podemos ir para algum lugar... conversar? Talvez tomar um café?

— Eu não tomo café.

— Você costumava tomar café.

— Não tomo mais.

Percebo que estou com a respiração presa enquanto continuo a observá-los. É tão emocionante quanto qualquer cena na televisão. Solto a respiração com cuidado.

— Que tal um chá? — ela pergunta. — Ou nós podemos sentar em algum lugar? Qualquer lugar?

Ele dá de ombros e olha para mim pela primeira vez, nem uma centelha de reconhecimento, só indiferença com um traço de irritação. Ele olha para o relógio e murmura que não tem muito tempo.

— Não vai demorar muito — ela retruca.

Ele concorda com a cabeça. — OK. Deixe eu guardar essas coisas. Volto num instante.

Ao se virar para entrar, subindo dois degraus de cada vez, noto que o peito de Marian está literalmente subindo e descendo por baixo da blusa. É a primeira vez que a vejo não estar perfeitamente composta, incluindo quando eu bati na sua porta, e por algum motivo, isso me faz me sentir não apenas mais próxima dela, mas também me faz *gostar* mais dela. Antes que eu mude de ideia, me aproximo e toco no braço dela e digo: — Bem, este foi um bom começo.

— Ele me odeia — ela fala enquanto sentamos lado a lado no último degrau.

— É melhor do que não sentir nada — digo, embora na verdade, o que eu percebi foi muito mais uma indiferença fria do que ódio.

— É mesmo? — Ela me olha de um jeito engraçado, como se esperasse que isso fosse verdade.

Faço que sim com a cabeça e então mando uma mensagem rápida para Philip, dizendo que acabei de ver meu pai.

Um minuto mais tarde, a porta da frente se abre e Conrad reaparece. Nos levantamos de um salto e ficamos em pé em estado de atenção. Noto que ele tirou a echarpe, substituiu as botas por um par de sandálias, como se aquela conversa breve o tivesse superaquecido. Considero isso um bom sinal — mas então imagino o que realmente eu quero que ele sinta. O que eu quero que resulte disso, além da sua aceitação do meu nascimento, de mim? E será que ele consegue me aceitar apesar de ainda odiá-la?

Ele me olha, como se estivesse me vendo pela primeira vez. — Sou Conrad — ele fala, sem estender a mão.

Olho para ele, espantada, pensando que ele poderia ter dito simplesmente “sou George Clooney” já que foi tão surreal o que eu senti, como ele parece quase famoso para mim.

— E você é? — ele indaga.

— Sou Kirby — digo, me sentindo tola por ter esquecido de falar.

— Ah. Kirby. Entendo — ele fala com um toque de irritação. Minha tradução paranoica: *obrigado por dizer seu nome, mas quem você é, droga, e o que você está fazendo aqui com ela?*

Marian raspa a garganta e fala: — Aonde podemos ir?

Ele balança os ombros e diz: — Tem um Argo Tea alguns blocos acima. Na esquina da Sheffield.

— OK — ela concorda. — Está ótimo.

Ele olha para ela sem entender nada, indicando que no momento não tem nada

“ótimo” acontecendo. Na melhor das hipóteses, o que quer que esteja acontecendo é bizarro e desconfortável. Na pior, é simplesmente algo hostil. Mas ele desce os últimos degraus, vira a esquerda, caminhando rapidamente rua acima. Marian e eu andamos atrás dele, nós três caminhando em fila única e em silêncio.

Quando entramos no Argo, o barulho lá dentro é um alívio, assim como a luz quente e o cheiro de coisas assando. Conrad começa a entrar na fila, então se vira para nós e diz: — Peguem uma mesa. Vou fazer o pedido. O que vocês querem?

— Vou querer... chá verde, por favor — Marian responde e olha para mim.

— Quero o mesmo — digo apesar de eu realmente não gostar de chá verde, de jeito nenhum.

Marian abre a bolsa, pega a carteira, procurando encontrar algumas notas, mas Conrad a olha sarcástico e diz: — É por minha conta.

— Obrigada — ela diz colocando o dinheiro de volta.

— Obrigada — eu repito e a sigo para uma das únicas mesas abertas no centro da área de alimentação.

Depois de sentarmos, olho para ela e digo: — Você precisa contar para ele. Assim que ele voltar para a mesa, você precisa dizer para ele quem eu sou.

— Você já fez isso — ela retruca.

Reviro meus olhos, sentindo um toque de impaciência ao ver sua incapacidade de lidar com a situação. — Dizer a ele que eu sou filha dele — digo, me curvando sobre ela. — Ou então eu vou dizer.

28

Marian

Quando ele volta para a mesa com nosso chá, estou praticamente tendo um ataque nervoso. Ao pegar minha xícara, noto (e provavelmente eles também) que minhas mãos estão tremendo. Me sinto meio zonza, transpirando, esquisita e praticamente não consigo respirar direito.

— Como você está? — Começo me odiando, por uma escolha tão absurda de palavras para começar a conversa. Do canto dos meus olhos vejo Kirby me lançar um olhar fulminante.

— Humm. Bem — Conrad responde. — E você?

— Bem — replico. — Ótima. Bem.

— Excelente. — Ele levanta a cobertura plástica da sua xícara, verificando o andamento do saquinho de chá, sem deixar muito vapor escapar. — Fiquei sabendo que você está fazendo sucesso — ele fala sem me olhar. — Não assisto seu programa, mas tenho certeza de que é muito bom. Parabéns!

Achei que havia uma certa possibilidade de ele saber sobre a minha carreira, mas fiquei surpresa por ele mencioná-la. — Obrigada — digo olhando para as minhas mãos que estão sobre a mesa. — O que você tem feito?

— Uma coisa ou outra.

— Ah. — Aceno com a cabeça ligeiramente ansiosa já que ele não compartilhou nenhuma informação sobre sua vida.

— Você quer dizer o que eu faço para viver? — ele pergunta, ainda evitando me olhar nos olhos.

— Acho que sim. Sim — afirmo.

— Você pode perguntar isso então.

— OK — digo enquanto minhas pernas não ficam quietas debaixo da mesa.

— O que você faz?

— Trabalho em um bar — ele responde.

Aceno com a cabeça mais uma vez, desta vez sorrindo.

— Era o que você esperava?

— O que você quer dizer com isso? — digo embora eu saiba exatamente o que ele quer dizer.

— Olhe, Marian. O que você quer? — ele fala me olhando diretamente nos olhos. Minhas mãos começam a formigar. *Tudo* está formigando — meu corpo todo e minha mente estão sofrendo por uma descarga sensorial e emocional. Por um segundo bizarro, parece que temos 18 anos novamente, mas eu me lembro que não — *ela* tem 18. E apesar de tudo que aconteceu no passado, esta é a parte mais difícil de todas. O fato que ela está me observando, esperando que eu conserte alguma coisa que não pode ser consertada. Não completamente. Talvez jamais. E certamente não nesta mesa, ao lado de uma xícara de chá.

Quando eu não consigo dar uma resposta, ele diz: — É muito bom ver você, eu acho. Mas realmente... por que você está aqui?

Olho para ele, criando forças, imaginando como ele ainda não adivinhou. A idade dela. Sua presença na mesa. Seus *olhos*. Olho para ela de relance e vejo que ela está irritada, provavelmente pensando que ela esperou dezoito anos por *isso*? Passo a língua pelos lábios, minha garganta está seca e contraída, então tomo um gole de chá que queima o céu da minha boca.

Ele balança a cabeça. — Eles fazem o chá bem quente aqui. Deveria ter lhe avisado.

— Tudo bem — digo com a voz embargada.

E então, depois de duas respirações difíceis, me ouço começar a despejar desculpas desconjuntadas e explicações, enquanto os dois me olham, um deles sem se abalar, a outra apavorada com o desastre que é a sua mãe.

Aquele dia na sua casa... o último dia que a gente se viu... eu menti... eu estava apavorada... fiz a coisa errada... me desculpe por nunca ter lhe contado...

eu estava grávida... e eu tive um bebê... mas eu a entreguei para adoção... achei que era a coisa certa a fazer... mas apesar disso eu sei que deveria ter lhe contado... sinto muito.

Quando paro de falar abruptamente, ele fala: — Espere. O que você quer dizer com “estava grávida”?

— Eu estava grávida — repito tolamente. — Falei para você que não estava... aquele dia na sua casa... mas eu... estava...

— Você descobriu isso mais tarde? — ele pergunta franzindo os olhos, confuso.

— Descobri aquele dia — digo. — No banheiro. Na sua casa. O teste deu positivo. Mas eu disse a você... que era negativo. Eu... menti para você.

— Por que você faria uma coisa dessa? — ele dispara.

— Não sei.

— Você não *sabe*?

— Eu estava apavorada.

Ele acena que sim, mas claramente não aceita isso como uma explicação decente. — Então você *teve* o bebê?

— Sim — eu digo. — Mas eu a entreguei para adoção. Achei que era a melhor solução... já que nós dois éramos jovens demais...

— Nós? — ele retruca. — *Nós* não sabíamos que *você* estava grávida. — Seu rosto estava tenso e suas palavras cortantes.

— Eu sei — digo. — Sinto muito.

— Sim. Você já falou isso.

— Certo. Desculpe. — Sacudo minha cabeça, fecho meus olhos e os abro.

— Então quem a adotou? Onde ela está?

Seguro o fôlego, percebendo horrorizada, que ele *ainda* não percebeu a verdade. Então, enquanto seu olhar se vira para ela, eu vejo tudo acontecer, tudo

acontecendo ao mesmo tempo.

Com certeza, ele sussurra: — Merda. Você é...?

— Sim — Kirby fala com sua postura perfeita e elegante. — Sou eu.

— Minha filha? — ele fala olhando nos olhos dela. *Seus o*lhos.

— Exatamente isso. Sim — ela replica.

Ainda olhando-a nos olhos, ele balança a cabeça como se estivesse em choque, e eu digo novamente, para ambos, como eu me arrependo por tudo isso.

29

Kirby

— Qual é mesmo seu nome? — Conrad me pergunta depois que Marian fez o pior trabalho do mundo ao contar alguma coisa para alguém: *surpresa, é uma menina! Ah, e PS: você é o pai.* E então, começa uma lenga-lenga de desculpas e explicações que ele ainda não aceitou. E pelo que tudo indica, ele não tem nenhuma intenção de aceitar. E eu não posso culpá-lo.

— Kirby — digo pensando que eu deveria provavelmente acrescentar alguns detalhes da minha autobiografia. *Kirby, de St. Louis... Kirby, também música... Kirby, eu não estou tentando receber uma pensão de você.*

— Bem, Kirby — ele diz. — Eu provavelmente deveria dizer algo profundo... mas... — Ele estende as suas mãos, vazias.

Aceno com a cabeça, sentindo uma necessidade repentina e desesperada de agradá-lo — ou pelo menos não irritá-lo mais do que ele já está. — Não preciso de nada profundo — rebato.

— Bem, sim. Isso é bom. Porque eu não tenho nada.

— Tudo certo — eu sussurro.

— E eu tenho que ir para o trabalho, afinal de contas. — Ele pega um iPhone do bolso e diz: — Você quer me dar seu número? Talvez possamos conversar uma outra hora. Nos inteirarmos dos últimos... quantos anos você tem mesmo?

— Dezoito.

— Sim. Dos últimos *dezoito* anos. — Ele balança a cabeça incrédulo, balbucia algo que parece “isto é irreal”.

Engulo em seco, então lhe dou meu número, lentamente recitando os dígitos, observando enquanto ele dá entrada neles no seu telefone, imaginando se ele vai ligar algum dia.

— E qual é o seu sobrenome? — ele fala me olhando novamente.

— Rose — digo abalada.

Ele digita as quatro letras enquanto acena com a cabeça e diz: — Bonito nome.

— Obrigada.

— Espero que eles também sejam...

— Quem?

— Os Rose. Sua família...

— Ah. Certo. Sim. Eles são legais. Normais. Você entende...

— Sim. Bem, isso é bom. Fico feliz em saber isso — ele diz, sua voz nervosa, mas controlada ao olhar pontualmente para Marian. Então, ele se levanta com seu chá e fala: — Bem. Olhem, eu tenho que ir. Mas obrigado por virem. Vocês duas. Eu gostei.

Marian acena com a cabeça, seus olhos colados na mesa quando ele me olha e diz: — Prazer em conhecê-la, Kirby.

— Eu também — digo à beira das lágrimas. Sei que isso é culpa dela, mas fico magoada que ele não queira ficar e conversar comigo um pouco mais. A coisa toda parece ter sido um desastre. Fico olhando enquanto ele se levanta, se afasta da nossa mesa e sai pela porta, desaparecendo na esquina. Foi embora.

Estou tomada por uma frustração avassaladora, mas digo a mim mesma que não é pessoal; ele nem mesmo me conhece. E além do mais, rejeição é simplesmente uma parte do território da adoção. O que eu esperava? Tive sorte de não ter *duas* portas batidas na minha cara.

— Bem — digo dando um último gole no chá verde que tem um gosto tão amargo quanto eu. — Isso realmente não deu certo.

Voltamos para casa e encontramos os pais de Marian na cozinha com outro banquete preparado. Aparentemente, cientes da nossa missão, eles fazem algumas perguntas tímidas, mas rapidamente chegam à conclusão que o encontro foi longe de ser um sucesso.

A mãe de Marian parecia irritantemente satisfeita com isso, fazendo alguns comentários do tipo “bem que eu falei” e “assim foi melhor” enquanto o pai de Marian parecia compreender que na verdade assim *não é* melhor. Pelo menos não para mim. Ao atravessar a cozinha para pegar gelo ele pausa ao meu lado, põe a mão no meu ombro e o aperta gentilmente.

— Dê um tempo para ele poder respirar — ele fala para mim. — É muita coisa para absorver ao mesmo tempo. Ele vai entender.

Marian parece tão cética quanto eu, mas nenhuma de nós diz o que eu estou pensando: sem *chance* de ele voltar atrás. Ele a odeia, e por consequência, a mim. Não é culpa dele, fico repetindo isso para mim mesma. Isto é, uma coisa é você se envolver com um filho que você nunca encontrou, mas pelo menos sabia que *existia.* E outra coisa me conhecer do modo como ele o fez. Uma emboscada emocional.

Embora eu não tenha esquecido que tudo isso é culpa de Marian, não posso evitar sentir pena dela. Ela está visivelmente sofrendo. Além do mais, tenho que lhe dar algum crédito por se expor e ir comigo até lá. Ela poderia ter lhe escrito uma carta (que, pensando bem poderia ser um plano melhor). Ela poderia ter me largado lá e se escondido na esquina (provavelmente também uma ideia melhor). Ela poderia ter dado a notícia com arrogância ou indiferença. Quero dizer, de certo modo, todo seu desconforto, hesitação e gaguejar me mostraram o quanto ela se importa — e que ela sabe que estragou tudo.

Trinta minutos depois de um bate-papo que eu nem consigo me lembrar o que era, meu telefone vibra anunciando uma mensagem. Olho no meu colo, esperando ver uma mensagem de Philip. Em vez disso é um número com prefixo 312 que eu não reconheço. Antes de fazer especulações, clico no texto e leio: *Kirby. Fui pego de surpresa hoje. Sei que isso não é culpa sua. Conrad.*

Encaro as palavras, percebendo que o pai de Marian estava certo —

exatamente certo — e eu me sinto aliviada e cheia de esperança quando meu telefone toca novamente e uma segunda mensagem chega. *Gostaria de conversar mais com você. Ligue ou apareça se puder. Zelda's on Rush. Música ao vivo, comida decente. Estarei aqui a noite toda.*

Meu rosto deve ter revelado alguma coisa porque Marian me olha e pergunta: — O que foi?

— É dele — digo. — Conrad.

— O que... ele falou? — Marian indaga.

A mãe de Marian franze os lábios e se levanta da mesa.

Entrego o celular para Marian e ela lê a mensagem sem demonstrar nenhuma expressão, então, me olha e pergunta: — Você quer ir?

— Ir aonde? — a mãe de Marian fala da pia. — Temos planos para o jantar esta noite.

Marian olha sua mãe de um jeito rígido, prevenindo-a para ficar fora disso, e então olha de volta para mim. — Não se preocupe com o jantar. Faça exatamente o que quiser fazer.

Concordo.

— Você quer ir? — Marian sussurra.

Abaixo meus olhos e murmuro: — Sim.

Porque eu quero. Mais do que tudo.

— OK — Marian fala. — Eu levo você.

Olho para ela imaginando o que ela quer dizer com isso. Será que vai ser minha motorista ou acompanhante?

— Obrigada — digo, escolhendo minhas palavras cuidadosamente. — Mas será que você poderia apenas... me deixar lá? Acho que talvez eu devesse tentar ir sozinha desta vez.

— Sim, é claro — ela fala acenando que entende completamente. Mas posso

perceber um inconfundível toque de frustração nos olhos dela, que ela compensa dizendo um pouco alto demais e alegre demais que esta é uma excelente ideia. — Vocês dois devem ficar sozinhos. Definitivamente. Agora que ele sabe de você, Conrad e eu não temos mais nada para falar.

— Não mesmo — sua mãe ecoa.

Ao anoitecer, Marian me deixa na frente de um prédio comum de tijolinhos vermelhos na Rush Street, difícil de achar a não ser por um pequeno sinal de neon laranja que diz ZELDA'S — MÚSICA AO VIVO 365 DIAS AO ANO.

— Estarei de volta às 11 horas — ela fala quando estou saindo do carro. Ela parece irrequieta, e eu imagino se é porque Conrad está do outro lado da porta, ou se é porque estou indo para um bar e ela sabe que meus pais iriam matá-la por causa disso. — A menos que você queira vir antes. Basta me ligar.

Concordo, pensando que sem chance de eu querer ir embora antes das 11, nem se fosse por causa do som que eu estou ouvindo pulsar até ali, na rua. — Onze está bom.

— E você tem dinheiro para o jantar?

— Sim — respondo. — Tudo bem. Está tudo em ordem.

— E você não vai... beber... bebidas alcoólicas?

— Não, Marian — digo revirando os olhos.

Quando ela não se afasta, faço um movimento com a mão para ela ir embora e me afasto do carro, subindo na sarjeta, atravessando a calçada cheia de buracos, e então desço alguns degraus até a entrada no nível do jardim. Empurro a pesada porta de metal e entro numa sala comprida e estreita, imediatamente me apaixonando pela atmosfera quente e íntima que fica ainda mais aconchegante pelo teto baixo e a grande massa de gente amontoada ali. Pedaços de vela com a cera derretendo enfeitam o salão com uma luz trepidante, e luzinhas brancas de natal estão penduradas atrás de um velho bar de carvalho.

Quase não tem nenhum lugar disponível, muitas pessoas em pé ao lado do bar, outras amontoadas em plataformas que circundam o recinto, outras ainda estão sentadas em mesas redondas em volta de um pequeno palco no fundo do lugar. Um cara bem jovem acabou de tocar uma versão bem legal da música de Stevie Ray Vaughan, “Tin Pan Alley” e agora o palco está vazio a não ser por um piano de cauda preto e um conjunto branco reluzente de bateria. Pilhas de estojos de guitarra, amplificadores, e outros equipamentos, enchem um canto escuro ao lado do palco. O público é eclético, multirracial e de diversas gerações, mas a maioria é mais velha, boemia e nem um pouco brega. Tenho a sensação que a maioria são frequentadores regulares, que vêm aqui pela música em vez de paquera, algo tão prevalente nos poucos bares que Belinda e eu conseguimos entrar em St. Louis.

Escaneio o salão, procurando por Conrad e quando não o vejo, me encaminho para o bar como ele tinha me instruído na sua última mensagem, nosso ponto de encontro. Uma bartender com um penteado a la Bettie Page, braços musculosos tatuados com caracteres japoneses, e uma barriga absurdamente magra, entre um top apertado e um jeans de cintura baixa, me pergunta o que eu gostaria de beber. Penso em pedir uma vodca tônica ou pelo menos uma cerveja. Tenho impressão que ela não vai pedir minha identidade, mas decido não tentar. Em vez disso peço por uma Coca e lhe dou uma nota de 5 dólares.

Ela recusa o dinheiro, dizendo que é por conta da casa, enchendo o copo para mim. — Você está aqui para encontrar o chefe, não é? — ela pergunta me entregando o refrigerante.

— Humm, estou aqui para encontrar o Conrad — explico.

— Sim. Ele é o dono.

— Ah — eu digo, imaginando por que ele não contou para Marian que ele era o *dono* do bar.

Um velho negro sentado dois banquinhos abaixo de mim, faz um sinal a ela com a cabeça, e ela responde com um aceno próprio. — Pronto para outro.

Ele concorda e ela mistura Bourbon com água, e desliza o copo na sua

direção. Então, ela caminha até onde estou e aponta o palco. — Conrad está lá atrás em algum lugar. Algumas vezes na noite do microfone aberto começa um pouco devagar, então, ele tem que encorajá-los um pouco... do contrário ele vai ter que subir no palco e ficar lá a noite toda.

— Ele ainda canta? — pergunto agora ainda mais animada.

— Ele ainda canta? — Ela rebate com uma risada gostosa. — Que diabos, *sim*, ele ainda canta. E ele ainda toca o baixo e a guitarra, o sax e o piano. Você já o ouviu?

Sacudo minha cabeça, morrendo de vontade de dizer a ela que ele é meu pai, que nos conhecemos hoje, especialmente quando eu o vejo se aproximar, sendo cumprimentado a cada passo que dá, parecendo descolado e rock'n'roll no mesmo jeans que estava usando mais cedo, só que agora com uma camiseta preta e um boné verde de beisebol John Deere, a aba desfiada e curva. Meu coração está disparando quando ele se senta no banco do bar ao meu lado e diz: — Estou feliz que você veio. — Sua expressão é tranquila, sem nenhum traço da tensão que eu vi antes.

— Obrigada por me convidar — digo quando uma mulher em um vestido lilás e sapatos pretos grossos senta no piano e começa a cantar uma linda versão da fantástica música de Joni Mitchell, "Both Sides Now".

Conrad a observa por um momento, fazendo sinal de aprovação, então ele levanta sua voz um tom, embora o ruído seja tão baixo que ninguém precisa gritar para ser ouvido. A mesma garota do bar lhe entrega uma cerveja Coors Light e ele lhe agradece e diz para mim: — Você conheceu Steph?

— Sim — digo olhando para ela. — Sou a Kirby.

Ela acena e fala: — Sim, estava contando para ela que a noite do microfone aberto é tudo ou nada...

Conrad sacode a cabeça. — Raramente temos nada. Mesmo nossos amadores são bons. E isso inclui nossos bartenders. — Ele sorri para ela.

— Ei. Quem você está chamando de amador? Recebi 50 paus pela minha última apresentação.

— Ah, sim? E onde foi isso?

— Na festa de formatura da minha sobrinha. Então, tecnicamente, virei profissional.

Conrad mal sorri, e então diz: — Aqui nós adoramos música ao vivo. Não aquela droga de karaokê. Mas a coisa verdadeira, não importa se é rock, soul, funk, jazz ou blues.

Concordo e tento achar um modo de mostrar para ele que eu conheço música — *boa música* — e que ele não está lidando com, vamos dizer, Charlotte ou Belinda. — Sim, posso perceber. Você vai de Stevie Ray Vaughan a Joni Mitchell numa noite de microfone aberto? Nada mal.

Ele ergue a sobrancelhas surpreso, sorri e fala: — Você conhece o material.

Aceno que sim.

— Você toca?

— Sim. Eu canto um pouco e toco um pouco de guitarra. Mas geralmente eu toco bateria. — Isto é mais do que já admiti para alguém, pelo menos de uma vez só. Lembro de Philip e como ele teve que ver minha bateria no Facebook antes de eu tocar no assunto. Estou fazendo progresso.

— Você é baterista? — ele pergunta, parecendo menos surpreso e mais respeitoso do que tudo.

— Sim — digo, sentindo que vou ter que me beliscar. Não acredito que estou tendo essa conversa em um lugar como esse com meu *pai.*

— Isso é impressionante!

— Por quê? Porque eu sou uma garota? — pergunto fingindo estar ofendida, mas secretamente adorando sua atenção e sua aprovação óbvia.

— Porque bateristas sempre me impressionam. E, sim, em parte porque você é uma garota. — Ele me olha brincalhão. — Uma garota pequenininha. Qual o seu peso? Você não deve pesar nada.

— Talvez. Mas eu toco — digo — e eu não sou uma batedora leve.

Ele me dá um largo sorriso. — O que você costuma escutar? — Ele quer saber.

— Um pouco de tudo. Rock, folk, R&B, até mesmo rap — digo. — Qualquer coisa menos country. Minha família adora country. Eles acham que Alan Jackson é que fez o original “Summertime Blues”.

Ele joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada incrível. Então, ele me dá um olhar sério e pergunta: — Quais as cinco melhores bandas?

— Uau. Isso é difícil — comento. — Talvez Wilco, Radiohead, Van Morison, R.E.M e os Velvets — digo contando nos meus dedos. — Maureen Tucker é minha heroína. Embora, Yael chegue perto.

— Droga. Você realmente *é* minha filha.

— Sim — digo toda arrepiada. — Eu sou. — Tomo um longo gole da minha Coca, jogando o canudinho no bar e então digo: — E quanto a você? Marian me contou que você costumava tocar numa banda grunge?

Ele visivelmente se arrepia quando menciono o nome dela e diz: — Aquilo foi há muito tempo. Mas, sim, eu costumava viver com camisas de flanela e adorava o som enlameado da guitarra com toda aquela poeira e experiência. Toquei todas aquelas coisas.

— Como o quê? — indago.

— Nirvana. Pearl Jam. Alice in Chains. Mudhoney. — Ele parece ligeiramente pensativo, então sacode a cabeça e diz: — Isso foi há muito tempo. Diversifiquei bastante desde então.

— Diversificou em que direção? — digo ainda tentando duramente parecer descolada, ainda encantada em ver como *meu pai* é lindo. É um pouco perturbador, na verdade.

— Um pouco de tudo. Como você. Desde Mike & the Mechanics até Bo Diddley e Violent Femmes. Adoro o rock clássico. Os Stones, os Beatles, Bob Dylan. Que diabos, eu até mesmo ouço música country. A gente vai ficando um pouquinho mais velho e passa a apreciar a simplicidade dessas letras. São

autênticas. Sem fingimento. Isto é, Waylon Jennings? Hank Willian? Não dá para não gostar desses caras.

Penso na camiseta de Philip e digo: — Sim. Mas eles não são realmente country.

— Caramba! — Ele dá uma risada. — Por que você diz isso?

— Eles são da Era Dourada.

— Era Dourada, humm? — ele fala. — Quantos anos você tem mesmo?

— Dezoito — digo e o rosto dele muda novamente, e eu imagino se ele está pensando nela. *Dezoito anos atrás.* Foi então, que falei bruscamente: — Então, você está muito puto com ela?

Espero que ele pareça surpreso ou disfarce, mas em vez disso ele sacode a cabeça, a resposta é clara antes mesmo de ele responder. — Estou muito puto.

Concordo e olho o apoio de papelão para copo.

— Vamos deixar uma coisa bem clara aqui, no entanto. Eu estou puto com *ela.* Não com você — ele fala e isso parece algo garantido até esse momento, mas ainda me deixa cheia de alegria ouvi-lo confirmar isso. — O que ela fez foi realmente... — ele começa a dizer “fodido” mas troca para “uma confusão”.

— Eu sei que foi — digo olhando nos olhos dele. — E ela sabe também.

— Sim. Bem. — Ele sacode os ombros e estala os dedos.

— Ela estava apavorada — explico. — Apavorada demais para ficar comigo.

— Ela não tinha que ficar com você para me contar.

— Não acho que ela queria que *você* ficasse comigo também.

— Isso ficou bem óbvio.

— Sim — respondo.

— Mas você entende — ele retruca —, isso realmente não cabia a ela.

Eu digo: — Se você tivesse ficado comigo, todo mundo iria saber. Ela não queria isso.

— De novo — ele fala dobrando um guardanapo na metade e depois em quatro. — Isso não dependia dela. Mesmo que ela finalmente fez a decisão certa para você — e parece que ela fez —, ela ainda assim não tinha o direito de não me contar sobre meu próprio filho.

— Eu sei.

Ficamos em silêncio por um segundo até que ele fala finalmente.

— Bem. Ela conseguiu sua torre de marfim. Então, está tudo certo. Para ela.

Eu sei o que ele está querendo dizer — que nenhum de nós fazia parte dos seus grandes planos para sua vida perfeita na Fifth Avenue. E embora eu saiba que também deveria estar magoada com ela, não consigo evitar de sentir pena dela, especialmente porque acho que se ela pudesse, ela teria feito as coisas diferentes.

— A vida dela não é perfeita — digo, é uma revelação repentina para mim. — Eu nem acho que ela é tão feliz. Apesar de todo o seu sucesso e dinheiro. Isto é... ela tem um apartamento incrível em Nova York, e um namorado rico que provavelmente vai pedi-la em casamento qualquer dia desses, e ele é o dono, praticamente, da rede de TV...

Conrad levanta as suas mãos e diz: — Sim. Isso é ótimo. Mas eu realmente não preciso saber os detalhes.

— Certo — digo. — Me desculpe.

— Tudo bem — ele fala novamente. — Olhe. Isso não é muito importante... é que simplesmente... Marian e eu somos diferentes. Muito diferentes. Sempre fomos.

— Você é casado? — pergunto.

Ele balança a cabeça. — Nããoo... mas eu fui. Por cerca de três anos.

— Você teve filhos? — pergunto, aguardando a resposta nervosa, embora eu não tenho certeza do que eu quero ouvir. Seria muito legal ter um meio-irmão e ele como nosso pai — e tenho a impressão que eu gostaria de qualquer filho dele, e provavelmente seriam muito mais parecidos comigo do que Charlotte.

Mas, porém, seria muito legal também se eu o tivesse só para mim.

— Sem filhos — ele fala. — Ela não quis.

— Mas você sim?

— Muito. — Ele sorri para mim e eu sinto um frio na espinha, feliz por ouvi-lo dizer isso muito mais seguro do que Marian jamais pareceu ser.

— Por isso que você rompeu com ela? — pergunto achando que seria irônico se ter um bebê foi o fator de rompimento uma vez, e não ter foi o fator da outra.

Ele ri, trocando um olhar com a bartender que parece estar escutando a nossa conversa, ou pelo menos prestando atenção em nos servir atentamente os drinques. — Não exatamente.

— Sinto muito — digo. — Sei que não tenho nada com isso.

— Não. Tudo bem — ele fala. — Mas você também poderia perguntar diretamente a ela. — Ele aponta Stephanie e diz: — Ela é a ex. Uma fantástica bartender. Uma droga de esposa.

Stephanie atira uma fatia de limão pra cima dele, que bate no balcão. — Ei! Se cuida. Eu não fui *tão* ruim assim.

— Sim. Se você não estivesse fingindo ser hétero, você teria sido a esposa perfeita.

Ambos deram risadas, claramente não havia animosidade entre eles. — Eu sou *bi*. Entenda bem *isso*. E você não era exatamente fácil de conviver, meu bem... — Stephanie ri um pouco mais e depois vai para o outro lado do bar preparar uma marguerita. Observando-a apertar o copo em uma travessa de sal, digo:

— Ela sabe quem eu sou?

Conrad balança a cabeça. — Não. Não contei a ninguém ainda. — Ele me olha, começa a falar alguma coisa e então muda de ideia.

— Que foi? — digo.

Ele olha por sobre o ombro, em direção ao palco e diz: — Eu ia lhe dizer que

ela *sabe* quem é sua mãe.

— Como? — pergunto imaginando se ela estudou na mesma escola que eles.

— Porque sim — ele fala dando de ombros.

Não vou deixar ele escapar dessa, mas fico encarando-o até ele falar. — Porque a Marian foi o grande amor da minha vida. Por muito tempo. E este é o tipo de informação que você compartilha quando é muito jovem e idiota e espera que vai ficar ainda mais importante e melhor do que aquilo que você perdeu. É o tipo de merda que você perde tempo lembrando. Deixe eu te falar uma coisa, não traz vantagem nenhuma. Lembre-se disso, OK? As coisas são o que são e não faz sentido ficar lembrando do passado o imaginando como poderia ter sido.

Olho para ele e ele me fita de volta. — Eu sei, eu sei. O amor da minha vida nem mesmo me conta que vai ter um filho meu. Isso não é uma merda? Uma coisa patética? — Ele sacode a cabeça com uma risadinha.

— Não é patético — digo.

— Sim. Bem, tem que querer dizer alguma coisa...

— Eu não acho que isso diz *alguma coisa* sobre você. Ou sobre mim — digo, e a verdade se cristalizando na minha cabeça. — Acho que diz alguma coisa sobre *ela.* Da pessoa que ela foi um dia.

— E ainda é — ele conclui. — As pessoas não mudam.

Digo a ele que não tenho muita certeza sobre isso, percebendo como eu devo parecer tola tentando dar conselho para alguém que tem duas vezes a minha idade. Meu próprio *pai*.

Com certeza, ele me dá um olhar cético. — Ah, é mesmo?

— OK. Você deve estar certo — digo. — Mas pelo menos ela *tentou* consertar as coisas. Foi ela que encontrou você, sabia? E ela deu as caras pra bater hoje.

— Mais ou menos com dezoito anos de atraso, você não acha?

— Acho que sim — concordo. — Mas pelo menos estamos aqui agora.

Ele sorri, toma um longo gole da cerveja e fala: — Sim. Esta é uma coisa boa,

garota baterista. Um bom modo de se olhar para a vida. Tentar aproveitar o que a gente pode.

Sorrio, pensando que isso não tem nada a ver comigo; tem mais a ver com meus pais. Com a Charlotte. *Olhe pelo lado bom. Agradeça o que você tem. Veja quantas coisas boas existem na sua vida. O otimismo é a base da coragem.* Sinto uma onda súbita de saudade, mas não daquele tipo que deixa você triste. Do tipo que faz você lembrar de quem você é e de onde vem.

— Então, como são seus pais? — pergunto a ele, certa de que eles não são nada parecidos com a família de Marian.

— Meu pai é um pouco nômade. Gosta de andar por aí. Ele já casou três vezes e nunca ficou muito num emprego, porque, você entende, todos os patrões são idiotas. Então, não dá para contar com ele em nada... mas ele é agradável. Nunca teve um inimigo.

— E quanto a sua mãe? — pergunto.

Conrad me olha, seus olhos mudando repentinamente. — Minha mãe morreu em um acidente de carro quando eu tinha 11 anos.

Meu coração fica apertado. — Ah... sinto muito — digo pensando por que a Marian não tinha me contado um fato tão importante sobre ele.

— Sim. Foi horrível. Ela era uma mãe incrível... e não estou falando isso simplesmente porque ela morreu. Ela realmente *era* especial. Ela tinha um jeito de tornar as coisas divertidas mesmo quando éramos muito pobres. E, cara, como ela cantava. Tinha uma voz de meio-soprano maravilhosa. — Me sinto sorrir quando ele diz: — É isso que você é?

Faço que sim com a cabeça.

— Isto é realmente muito legal — ele fala sorrindo para mim. — Então, o que você acha? Quer tocar essa noite? Cantar um pouquinho?

— No palco? — digo.

Ele dá uma gargalhada e fala: — Sim. No palco. A bateria está bem lá em cima.

Balanço minha cabeça e digo a ele que acho que não.

— Por que não?

Dou de ombros.

— Você já tocou ao vivo? Na frente de um público?

Balanço a cabeça.

— Bem, então está mais do que na hora, você não acha?

Sacudo a cabeça novamente, desta vez sorrindo.

— Vamos. Podemos fazer isso juntos — ele fala escorregando do banquinho e me levando para a parte de trás do salão em direção ao palco. — Você escolhe a música. Pra mim qualquer uma serve.

— Qualquer uma? — digo e a música ficando cada vez mais alta à medida que nos aproximamos das caixas de som.

— Praticamente sim — ele completa.

Sentamos em uma mesinha à esquerda do palco, marcada com uma plaquinha de reservada, enquanto ele pede hambúrgueres e batatas fritas e outra coca para mim. Enquanto isso, uma multidão de pessoas vem até ele, falam oi, perguntam quando ele vai cantar, e até mesmo fazem pedidos.

— Estamos decidindo isso agora — ele fala apontando para mim, me apresentando como “Kirby, uma baterista e minha parceira esta noite”.

Duas horas passam rapidamente, com muita conversa e música. O público não é muito exigente, parecendo apreciar cada exibição, mas isso não diminui o pavor que sinto ao perceber que Conrad vai realmente me fazer subir ao palco. A cada minuto, ele sugere uma música que descarto por uma razão ou outra — o significado, a falta de uma batida forte da bateria, ou o fato de eu simplesmente não gostar dela. Para falar a verdade, estou enrolando, vetando algumas das minhas favoritas que sei cantar e tocar tais como a do Creedence Clearwater Revival “Have You Ever Seen the Rain?” e uma do Neil Young “Good to See You”.

Lá pelas 10h45, quando ele diz: — Vamos lá, Kirby, o que você tem a perder? — Eu finalmente cedo e concordo com uma sugestão dele, “Small Town” do Pearl Jam.

— Vai ser essa — ele fala. — Você conhece?

Concordo, relembrando a letra na minha cabeça.

Ele cruza os braços, balança a cabeça e diz que não toca essa música desde o verão de 1995.

— Então, isso parece apropriado, huh? — digo.

— Bem, acho que sim — ele fala sorrindo, abaixando ainda mais a aba do seu boné, de tal modo que praticamente esconde seus olhos. — Vamos fazer isso.

Meu coração está batendo forte enquanto subimos no palco, eu pego meu lugar em um banquinho atrás de uma bateria DW, com um acabamento brilhante de titânio, uma beleza. Tento me familiarizar com ela, mexendo nos pedais, segurando as baquetas, até mesmo as testando. Decido que vou deixar os pratos de lado, do mesmo jeito que o famoso Moe sempre fazia.

Observo Conrad pegar o microfone, a multidão o tratando como uma grande estrela, todo mundo sentando mais reto, com sorrisos mais largos, batendo palmas ou assoviando à espera. Não apenas ele é o dono, mas claramente o favorito do público.

— Boa noite, para todos — ele começa, a voz dele ainda mais profunda nas caixas de som. Ele gira seu boné, e a aba agora está pra trás.

Uma meia dúzia de pessoas gritam o nome dele; outros lhe desejam novamente “boa noite”.

— Hoje à noite, gostaria de apresentar pra vocês a grande Kirby Rose. Uma talentosa baterista que está de visita de St. Louis. Eu não a conheço há muito tempo — ele fala, se voltando para olhar nos meus olhos. — Mas ela é uma garota incrível. Eu realmente gosto dela. E sei que vocês irão gostar também. Então, vamos recebê-la calorosamente, no estilo de boas-vindas do Zelda’s.

O público começa a aplaudir loucamente e sinto que vou desmaiar, estou

transpirando por todos os poros, as luzes claras queimam meus olhos. Tomada pelo pavor, vejo Conrad caminhar até a ponta do palco, retirar sua guitarra de um estojo coberto de adesivos, e então joga a alça por sobre a cabeça, dedilhando algumas cordas. Exatamente quando eu estava quase desmaiando, ele se vira, dá uns passos na minha direção e diz: — Simplesmente relaxa. Respire fundo. Me siga. Você é capaz de fazer isso, garota.

Concordo, ouvindo o ritmo da canção na minha cabeça, assim como eu sempre faço antes de começar a tocar.

Então, o bar fica silencioso, todos observando, esperando, enquanto Conrad começa a dedilhar sua guitarra, cantar a melodia, sua voz de tenor suave e rica, me lembrando de Eddie, porém com seu próprio tom rouco característico.

Eu sinto arrepios, apesar do calor do palco, quando a batida da melodia chega até mim tão naturalmente quanto as notas para ele. A certa altura, ele se aproxima e me pede para cantar. Sacudo a cabeça. E ele diz: — Vamos lá, Kirby. Quero ouvir você. Cante garota.

Então eu canto, encontrando uma harmonia rapidamente, cantando timidamente no início e então mais forte enquanto arraso na bateria.

É aí que olho para cima e a vejo no fundo do salão, perto do bar, nos observando.

— Ela está aqui — digo a ele na próxima vez que ele se aproxima de mim.

Ele lê meus lábios e faz um pequeno aceno com a cabeça. Talvez ele já tivesse notado, mas eu posso ouvi-lo, vê-lo, e *senti-lo* de repente tocando com muito mais paixão. Ele fecha os olhos, tocando a guitarra enquanto toco a bateria, ambos cantando juntos.

30

Marian

Sabia que Kirby podia tocar bateria desde aquele dia que ela fez o rap na sala dos escritores. Mas eu ainda fico emocionada e encantada ao entrar no bar e vê-la tocando uma bateria de verdade, sob os holofotes de um palco, perante um público presente, com o *pai* dela. É surpreendente e surreal, e eu me sinto cheia de orgulho e dor.

E ainda assim, aqui estão eles, juntos, cantando a canção que eu me lembro tão bem de vê-lo tocar. Era uma das minhas favoritas do seu repertório — uma que eu sempre pedia enquanto ficávamos horas deitados no futon do seu quarto. Foi essa que ele tocou no bosque naquele dia que tiramos nossa única fotografia. Sua voz está ainda melhor agora, mais madura, embora eu nunca o tenha visto neste ambiente, numa performance real. Seu toque de guitarra é sofisticado e seguro, e *meu Deus,* tão sexy que não consigo suportar. Estou olhando o garoto por quem me apaixonei, me sentindo como a garota que fui um dia, as lembranças voltando com tanta força e tão depressa que sinto minha cabeça e meu coração doerem.

Depois do último e lindo acorde final, o público aplaudiu de pé, gritaram como loucos e assoviaram. As pessoas gritavam o nome dele; alguns o nome dela. Um homem num chapéu de feltro preto colocou as mãos em volta da boca e gritou pedindo bis. A essa altura, Conrad se vira e conversa com ela. Ele está de costas para mim, mas eu a vejo acenando com a cabeça, sorrindo, e então se curvando para sussurrar alguma coisa em resposta no ouvido dele. Esta noite eles são uma equipe, a primeira vez deles juntos.

Conrad volta rápido para frente do palco, abaixa sua cabeça e murmura tranquilamente ao microfone: — Ei! Por acaso mencionei que ela é minha filha?

Com este anúncio, os aplausos aumentam terrivelmente de volume, assim como os pedidos de bis. Porém, Kirby se levanta, se curva rapidamente em agradecimento, e então fala ao microfone que ela tem hora para chegar em casa,

mas agradece muito. As pessoas dão risada. Eles gostam dela. Eles *a adoram. Eu* a amo.

Ela me vê, faz um aceno rápido e me dá um sorriso largo, então sussurra algo para Conrad enquanto os dois descem do palco e caminham em minha direção, entre tapinhas nas costas e elogios do público. À medida que eles se aproximam, posso ver que ambos estão suados e ofegantes. Então, eles estão bem ao meu lado. O sorriso que Conrad exibia no palco desapareceu, mas também desapareceu sua agressividade de hoje mais cedo.

— Uau! — digo. — Vocês foram incríveis!

— Obrigada — Kirby responde com o rosto corado e brilhante, seus olhos reluzem. Existe uma alegria pura no seu rosto, que me dá vontade de cobri-la de beijos.

Também tenho vontade de beijar Conrad — o desejo é tão forte, tão assustador — e vai contra meu bom senso. Olho nos olhos dele e comento: — Essa música trouxe de volta tantas lembranças.

Ele acena com a cabeça, aceitando meu comentário sem exatamente concordar com ele, enquanto passa um braço pelos ombros de Kirby. — Ela é talentosa — ele declara desconsiderando o comentário.

— Está claro pra quem ela puxou — eu afirmo.

— Sim — ele fala e se afasta de mim, tornando a conversa algo privativo entre ele e Kirby. — Obrigado por ter vindo aqui — escuto. — Eu me diverti muito.

— Eu também — ela fala ofegante com orgulho, a adrenalina e um óbvio afeto por ele.

— Volte logo — ele diz tirando o suor da testa com as costas da mão.

— Talvez este verão? — ela fala. — Depois da minha formatura?

— A qualquer momento — ele afirma. — Absolutamente quando você quiser.

Lembro-me do final da sua visita, quando ela veio me ver em Nova York,

como este sentimento soou diferente nos meus lábios. Como foi diferente nossa primeira noite juntas, enquanto ficamos sentadas naqueles banquinhos da minha cozinha — cuidadosa e reprimida. Como ele é diferente de mim. Ele é verdadeiro e puro — duas coisas que eu amava nele. Duas coisas que eu realmente nunca fui capaz de ser, pelo menos não na minha vida real, somente nos mundos que crio no papel. Pelo menos, não desde aquele verão.

Kirby se afasta alguns passos, trocando algumas palavras com a bartender, as duas aparentando ser amigas, enquanto Conrad olha para mim — *realmente* olha para mim.

— Eu odeio o que você fez — ele fala. — Mas estou tentando não odiar *você*.

— Obrigada — digo tomada por uma nova onda de emoção.

— Obrigado por voltar — ele fala, e então abaixa novamente seu boné, escondendo os olhos. — Bem, acho melhor voltar para o trabalho.

— Certo. Claro — digo.

— Até qualquer dia, Marian — ele fala e se vira uma vez mais para ter alguns momentos em particular com Kirby, lhe dando um enorme e suado abraço de adeus.

Na volta para casa, ela está calada, como se estivesse pensando em tudo o que aconteceu, *curtindo* aquele momento, um pequeno sorriso de triunfo paira no rosto dela. Quero respeitar sua privacidade, a integridade emocional da sua experiência, no entanto, estou morrendo de vontade de saber o que ela e Conrad conversaram, e o que ele lhe contou sobre a vida dele. No final, não aguento mais nenhum segundo e pergunto direto para ela se ele é casado.

Ela sacode a cabeça.

— Filhos? — pergunto com hesitação.

— Só eu — ela fala olhando a paisagem pela janela lateral, enquanto saímos da cidade e nos dirigimos para o norte, para os bairros da classe média.

— Bem, é muito bom ver que ele ainda está fazendo música — digo, procurando uma abertura, qualquer coisa para que ela me fale como foi a noite,

sobre Conrad, os sentimentos dela.

— Sim. Mas ele também é um empresário — ela comenta. — Zelda's é o bar dele. Sua criação.

— Hum? — digo surpresa e encantada. — Isso é maravilhoso.

— Sim. Tudo começou com um clube de jazz, tipo, quinze anos atrás. E ele trazia todos esses grandes músicos da cidade, seus amigos e outras pessoas que ele conhecia. E então, a notícia se espalhou boca a boca e agora o bar é como uma lenda em Chicago e músicos vêm de toda a parte do país para tocar todos os tipo de música. — Nunca a tinha visto tão animada assim antes sobre qualquer coisa.

— Bem, não estou surpresa — digo, embora uma partezinha de mim esteja *muito* surpresa, e eu vejo que ela percebe isso, do mesmo modo como ela sempre parece perceber quando não estou falando a verdade.

— Ele nunca foi para a faculdade — ela diz. — Mas olhe como ele está hoje. Ele está *realmente* feliz naquele bar. Ele falou que é o seu lar. Sua família. Até mesmo sua ex-esposa trabalha lá, e eles ainda são amigos.

Registro esse fato, imaginando como era o relacionamento deles e por que eles se separaram, então digo: — Vocês dois estavam fantásticos juntos.

— Obrigada — ela fala. — Foi realmente muito divertido.

Ficamos em silêncio quando nos aproximamos de Glencoe, e então nos dirigimos para Maple Hill. As casas estão escuras na sua maioria, exceto por uma ou outra luz acesa nas varandas. Quando entramos na garagem, ela se vira para mim e pergunta: — Você destruiu o coração dele, sabe disso, não é?

Fico paralisada e então me volto para olhar para ela, seu rosto está no escuro. — Ele disse isso para você?

— Não com essas palavras, mas sim. Ele realmente amou você.

Posso sentir que ela está do lado dele, e não posso culpá-la. *Eu* também estou do lado dele.

— E eu acho... — ela fala e sua voz vai diminuindo.

— O quê? — digo, desligando o carro e olhando-a de frente.

— Deixa para lá — ela fala sacudindo a cabeça.

— Você pode me falar o que quiser — digo me preparando para alguma coisa que ele disse que vá me magoar, alguma coisa verdadeira que eu sei que provavelmente mereço.

Mas em vez disso ela diz: — Não sei. Tenho a impressão de que ele ainda gosta de você.

Antes que eu possa retrucar, ela sai do carro, bate a porta e vai andando em direção à entrada da frente. Eu saio e vou atrás dela, desejando poder voltar no tempo. Desejando ser um pouco mais parecida com ela quando eu tinha 18 anos.

Na manhã seguinte, Kirby bate na porta do meu quarto um pouco antes das 9 horas. Ela já está vestida, com a mala a seus pés, e diz que tem que pegar a estrada, ela tem que estudar para as provas finais. Eu me apresso e visto um moletom rapidamente, e alguns minutos mais tarde estamos no vestíbulo, meus pais estão vindo da cozinha para nos encontrar.

— Tem certeza que você não pode ficar para o café da manhã? — minha mãe pergunta.

— Eu realmente tenho que voltar para estudar para as provas — Kirby responde. — Se eu quiser passar no pré-cálculo e me formar.

Meu pai acena com a cabeça e retruca: — Nós com certeza entendemos isso.

— Bem — Kirby fala, sua voz soando mais ousada agora do que quando ela chegou, como se ela tivesse amadurecido no palco ontem à noite. — Muito obrigada por me receberem. Foi realmente muito agradável conhecer vocês.

— Ah, você também, Kirby — meu pai fala dando um passo a frente para lhe dar um grande abraço e um beijo no rosto. — É muito bom finalmente poder conhecer minha neta. Sabemos que você tem uma família que a ama muito, mas

esperamos poder fazer parte disso. Nós realmente esperamos que este seja apenas o começo. — Ele olha para minha mãe e ela acena concordando, não com muita convicção, torcendo, nervosa, seu colar de pérolas.

Kirby sorri e então me surpreende dizendo: — Obrigada, vovô.

Ele sorri, há muito tempo que não o vejo parecer tão feliz assim.

Depois de alguns segundos de um silêncio embaraçoso, quando fica claro que minha mãe não vai lhe dar um abraço de adeus, eu falo que vou acompanhá-la até o carro. Meus pais concordam com a cabeça, entendendo que eu quero ficar sozinha com ela, enquanto pego sua mala e vamos para fora. Quando chegamos ao seu carro, ela está calada e séria novamente, mas eu digo a mim mesma que isso tem mais a ver com despedidas, especialmente em novos e frágeis relacionamentos. Vai levar um tempo para ganhar sua confiança e estabelecer um vínculo verdadeiro, seja de amizade ou algo mais maternal, e estou disposta a trabalhar para que isso aconteça.

— Então, vou me formar em algumas semanas — ela comenta.

— Sim? — falo esperançosa.

— Meus pais queriam que eu convidasse você. Então, você está convidada... Porém, eu sei como você é ocupada com seu programa e tudo o mais, então eu entendo se você não puder ir...

— Estarei lá — afirmo. — Com certeza.

Ela acena com a cabeça e diz: — Legal. Passo uma mensagem com os detalhes. Ou ligo ou qualquer coisa.

— Isto seria ótimo — digo.

— Bem. Muito obrigada — ela diz, muito embora nós duas sabemos que o convite é um presente dela para mim — não o contrário.

Lá dentro, minha mãe se serve de mais uma xícara de café, e então serve uma

para mim e meu pai. E então começa a quebrar ovos numa vasilha, para fazer uma omelete. Lembro a ela que vou pegar um voo mais cedo e não tenho muito tempo antes de fazer minha mala.

— Exames finais e roteiros para a televisão — meu pai fala ainda parecendo pensativo. — Isso nunca acaba.

— Ou grandes julgamentos — falo sorridente.

— E então como foi a noite passada? — minha mãe pergunta com a voz tranquila, como se a Kirby tivesse simplesmente ido ao cinema.

Olho para ela, imaginando por que ela não pode aceitar o peso de tudo que está acontecendo ou aceitar a ideia de Kirby nas nossas vidas. Talvez ela se sinta culpada pela decisão que me ajudou a tomar e quer justificar para si mesma, que foi a coisa certa a fazer. Talvez ela ainda veja um estigma no que aconteceu e está preocupada com o que as outras pessoas irão pensar. Talvez ela simplesmente tenha medo de Conrad, se preocupe que ele vá me tirar dos eixos uma vez mais.

— Conrad e Kirby realmente se deram muito bem — falo e lhes conto brevemente sobre a cena que vi quando entrei no bar, mas não consigo me expressar completamente ou lhes fazer justiça. — Foi emocionante... Muito tocante. Fiquei feliz pelos dois.

Meu pai abaixa sua xícara e me olha nos olhos. — Isto é realmente importante — ele declara.

— Eu deveria ter contado a ele há muito tempo — afirmo.

Minha mãe balança a cabeça, se recusando firmemente a ver as coisas deste modo.

Eu a ignoro e olho para meu pai. — Parece bem claro que ele nunca irá me perdoar pelo que fiz com ele.

— Você não pode voltar atrás — ele diz. — Apenas olhe para frente. Você está fazendo a coisa certa *agora*.

— Estou tentando — digo.

— É a única coisa que você pode fazer — meu pai me conforta, me abraçando exatamente como ele abraçou Kirby no vestíbulo de casa.

Eu durmo no voo de volta para Nova York mas ainda estou meio grogue quando entro no meu apartamento, no fim da tarde. Minha empregada veio na sexta-feira, e o lugar está ainda mais arrumado do que o normal, tudo no seu lugar. Abro a geladeira, mas como de costume não há nada para comer — não que eu esteja com fome afinal de contas. Caminho até a minha mesa e dou uma olhada na pilha de roteiros que eu pretendia ler no avião, mas me sinto completamente sem inspiração para lidar com isso agora. Penso em dar uma corrida no parque, mas não estou com vontade de fazer isso também. Ligo meu aparelho de som, mas música — *qualquer* música — me lembra de Conrad e do olhar no rosto dele quando ele percebeu quem ela era. Nunca vou esquecer aquele olhar. Então, por fim, pego o telefone, ligo para Peter e peço para ele vir para minha casa. Ele diz que sim, é claro, ele estará aqui assim que puder, e sua voz me acalma.

Ele chega por volta das 5, direto do escritório. Ele diz que ficou lá o fim de semana todo, apagando incêndios. Imagino se um deles tem algo a ver com meu programa, mas não pergunto nada. No momento estou exausta demais para me importar. Sentamos no meu sofá e eu lhe conto sobre o fim de semana — a conversa com meu pai no parque, a hostilidade de Conrad e sua performance emocionante com Kirby. Conto tudo para ele, menos como estou me sentindo agora — porque nem eu sei como descrever meus sentimentos para mim mesma.

— Isto é um grande progresso — ele fala quando terminei. Ele está com

aquele olhar satisfeito que costuma demonstrar nas reuniões depois que encontrou a solução para um problema, e eu percebo que ele merece o crédito pelo que aconteceu neste fim de semana. Por me fazer ver que eu tinha que confrontar o passado e dizer a verdade. Que eu devia isso tanto a Kirby, Conrad e ao meu pai, quanto a mim mesma. — Você ficou feliz por ter ido?

— Sim — eu digo. — Foi duro... mas sim.

— Tudo aquilo que vale a pena é difícil — ele declara segurando minha mão e a apertando.

— Sim. Bem, você estava certo.

Peter balança a cabeça como se dissesse que a questão não é essa, não importa quem estava certo. — Desculpe se fui duro com você. Foi difícil para mim aceitar... todos esses segredos.

— Eu sei — digo. — Eu compreendo.

— Mas, podemos seguir em frente — ele comenta. — Certo?

Eu aceno, cada parte do meu corpo tentando fazer exatamente isso.

— Senti sua falta Champ — ele fala.

Digo a ele que também fiquei com saudades dele, e depois de olharmos um ao outro, *realmente* nos olharmos um ao outro, ele me puxa para perto dele e me beija. Eu murmuro desculpas e ele sussurra sua compreensão e seu perdão.

— Eu quero você — ele fala, suas mãos correndo pelo meu corpo, então deslizando sob a minha blusa.

— Vamos — digo, levando-o para o meu quarto onde nós silenciosamente tiramos a roupa, cada um de nós ajudando o outro com os botões, fechos e cintos. Nossos olhos presos o tempo todo no outro, uma conversa silenciosa acontecendo, até que estamos ambos nus, nos beijando novamente. Ele me diz que sou linda, passando suas mãos pelos meus quadris e minhas costas antes de me colocar na cama. Ele é tranquilo e seguro em cada movimento, cada palavra. Penso em tudo o que aconteceu desde a última vez que estivemos juntos deste modo, algumas noites antes de Kirby bater na minha porta. Parece que faz uma

eternidade.

— Você está pronta? — ele pergunta.

Digo que sim, digo a ele o quanto eu o quero, preciso dele e o amo.

Seu corpo ainda está cobrindo o meu, ele coloca suas mãos em cada lado do meu rosto, e balança sua cabeça como se estivesse me dizendo que eu entendi mal. — Não foi isso que eu quis dizer com “pronta”, Champ... você está pronta para dar o próximo passo? Juntos?

Olho pra ele, incrédula. Era a última coisa que eu esperava. A última coisa que eu estava pensando nos últimos dias e semanas.

— O que você quer dizer com isso? — falo só para ter certeza.

Ele solta todo o seu peso sobre meu corpo, me beijando novamente. — Estou pronto, Champ — ele murmura no meu ouvido. — Estou pronto para lhe dar o anel dos seus sonhos. Casar. Ter um filho. Tudo que temos direito. Do jeito que você quiser.

Me sinto tremer ao imaginar uma pequena cerimônia com nossas famílias. Aidan e Kirby ao nosso lado. A vida que eu sempre quis. Nos beijamos de um jeito que não nos beijávamos há muito tempo, e com certeza não desde que ela me encontrou. Então, lentamente fazemos amor, sua respiração no meu ouvido, seus braços apertados ao meu redor. Demoramos um longo, longo tempo, até não aguentar nem mais um segundo e nós dois gozamos juntos. Pude senti-lo explodindo dentro de mim, suavemente gemendo meu nome, e falando que vai fazer de mim sua esposa. Digo a mim mesma que sou a mulher mais sortuda do mundo. Digo a ele que não poderia estar mais feliz. E quando caio no sono com minha cabeça apoiada no seu peito, eu quase, quase acredito nisso.

31

Kirby

Meus pais, minha irmã e Noah estão acabando de almoçar quando chego em casa depois de dirigir cinco horas. Eles se animam quando me veem, até mesmo minha mãe. Me forço a sentar e ficar com eles, apesar da minha vontade enorme de ficar sozinha.

— Bem — Charlotte pergunta quando minha mãe se levanta para me preparar um prato. — Como foi tudo?

— Foi incrível — digo desejando que houvesse alguma forma de eu descrever simplesmente *como* foi incrível. — Como foi o baile?

Ela e Noah se olham e sorriem quando ela diz que foi *o melhor* momento da vida dela. Ela também informa que o senhor Tully expulsou cinco pessoas por estarem dançando escandalosamente — e oito por bebedeira.

— Você viu Belinda? — Não consigo deixar de perguntar.

— Só por um instante, quando nós chegamos — ela fala. — O vestido dela era *irado.* Tão lindo. Ela acabou comprando aquele turquesa que ela experimentou.

Aceno que sim com a cabeça, fingindo estar surpresa, não apenas me sentindo frustrada por ela não ter mudado de ideia sobre o vestido, mas estranhamente senti pena dela também. Não pode ter feito com que ela se sentisse bem — não importa quão maravilhosa ela estava.

Charlotte empurra seu prato de salada de atum sem acabar de comer e diz: — E então? Você o conheceu? Seu pai biológico?

— Sim — digo quando minha mãe me traz um prato de salada de atum e uma tigela de sopa de tomate.

— Como ele é? — ela pergunta e todos me olham ansiosos.

— Ele ainda é um músico. Ele tem um bar chamado Zelda’s com música ao vivo 365 dias ao ano. — Evito encarar meus pais quando me levanto e pego uma lata de Coca da geladeira, depois me sento, abro a lata e tomo um longo gole.

— Você foi a um bar? — minha mãe pergunta. Ela não consegue evitar.

— Sim — eu respondo. — Mas eu não bebi. Não é diferente dos restaurantes aqui de St. Louis, nada parecido com o Hill — digo me referindo ao bairro de restaurantes italianos onde meu pai sempre pega uma bebida no bar antes de se juntar a nós. — Foi tudo certinho, mamãe. Pode confiar em mim.

Ela acena que sim e fala que *realmente* confia em mim. Completamente.

Parecendo ansioso para se livrar do assunto de Conrad, meu pai pergunta: — E quanto aos pais de Marian? Eles foram agradáveis?

— Sim — digo. — Eu gostei mais do pai dela do que da mãe. A mãe dela é meio esnobe, mas até que é legal.

Minha mãe parece curiosa com isso, talvez aliviada por eu ter o meu radar de esnobe funcionando. — O que eles fazem para viver?

— Ela não trabalha. Ele é um advogado para pessoas como a Oprah. Eles são muito ricos.

Meus pais fazem que sim com a cabeça, como se já tivessem adivinhado isso.

— Como ele é? — Charlotte pergunta. — O seu pai.

— Meu pai está bem aqui — falo apontando para meu pai que sorri de volta para mim.

Charlotte continua: — Certo! Você sabe o que eu quero dizer — seu pai *biológico.*

— Não posso mentir, ele é bonito. Ele parece um... roqueiro — digo dando uma risada. Olho para minha mãe, que parece toda preocupada novamente. — Não um roqueiro dos anos oitenta, de cabelo comprido e drogado, mamãe. Apenas, você entende, um artista. Ele é realmente legal. Muito, muito agradável. — Começo a contar para eles como nós cantamos juntos no palco, mas decido

guardar isso para mim mesma por enquanto. Além do mais, não quero magoar meu pai. Eu sei como eu me sinto por ele ter mais em comum com a Charlotte do que comigo; não tem razão fazê-lo se sentir do mesmo modo. Então, faço um agrado para minha mãe, e digo: — Ah, a senhora Caldwell realmente adorou os guardanapos.

— É mesmo? — minha mãe exclama toda animada.

— Sim. Ela achou que eles eram muito bonitos. E ela gostou da torta também.

— Você comeu a torta? — ela pergunta.

— Não — digo. — Mas, provavelmente porque eles queriam guardá-la para mais tarde. Eles não são alérgicos a nozes nem nada.

Minha mãe olha encantada quando Charlotte e Noah se levantam para ir embora, avisando que estão indo para uma festa numa piscina. — Você quer vir? — Charlotte me convida, claramente só para me agradar, pela centésima vez no ano, mas ainda assim legal.

Digo a ela que não, obrigada. Estou bem cansada da viagem, e tenho muita coisa para estudar. Então, eu os observo sair de mãos dadas, penso em Philip, animada para ligar para ele, vê-lo e beijá-lo novamente.

Digo aos meus pais que vou desarrumar as malas, mas eles me interrompem e dizem que têm uma coisa para me dizer.

Me preparo, esperando mais um sermão sobre a faculdade, mas em vez disso o que eles dizem é sobre Belinda.

— O que tem ela? — digo. Minha mente dá voltas, tentando descobrir o que eles sabem e se eu vou me complicar, de algum modo.

— Sabemos que ela roubou o vestido da loja Robin’s — meu pai fala. Então, antes que eu possa decidir se eu fico calada ou não, ele pergunta: — Você sabia disso, não é?

Olho para ele, pensando que isso é típico e tão *inacreditável* que eu vou me meter em encrenca, mas sei que vai ser pior se eu mentir, então digo: — Sim, eu sabia disso. Como foi que *vocês* ficaram sabendo?

— A gerente da loja me ligou — minha mãe explica. — No domingo de manhã. Ela lembrou que Belinda tinha experimentado aquele vestido e suspeitaram dela quando perceberam que ele estava faltando no mostruário na semana passada. Ela estava esperando para ver se ela iria usá-lo no baile.

— Por que ela ligou para você? — pergunto.

— Ela achou que Belinda fosse minha filha.

— O que você disse para ela?

— Disse que na verdade ela não era minha filha, mas uma amiga íntima da família. E que eu iria descobrir se era verdade e entrar em contato com ela.

— E?

— Perguntei a Charlotte que vestido Belinda usou. Não disse a ela por que eu queria saber. Mas ela confirmou que sim, que ela usou aquele vestido.

— Ela vai ser presa? — pergunto em pânico.

Minha mãe olha para meu pai que fala: — Não. O gerente *ia* chamar a polícia. Até sua mãe e eu pagarmos por ele.

— Você fez *o quê*? — pergunto me sentindo paralisada. Era a última coisa que eu poderia imaginar que meus pais fariam. Acobertar uma criminosa.

— Eles iriam prestar queixa — ele explica. — Mas eu disse a ela que pagaria o vestido e resolvi a questão. Então, liguei para Belinda.

— E o que aconteceu?

Ele responde: — Pedimos a ela para vir aqui, nos sentamos e simplesmente... conversamos com ela.

— Belinda está bem confusa agora — minha mãe fala. — Está sendo bem difícil para ela desde que o pai foi embora. E eles estão tendo muitas dificuldades financeiras. Não que isso justifique o que ela fez. Mas não queremos ver o futuro dela arruinado. Achamos que ela é uma boa garota, lá no fundo, mas está um pouco perdida no momento.

— O que ela disse? — pergunto.

— Ela estava muito chateada. E não apenas por que ela foi pega. Ela parecia realmente arrependida. Ela prometeu nos pagar de volta e suplicou para não contarmos nada para sua mãe.

— Vocês vão contar?

— Nós temos que contar — meu pai afirma. — Nós gostaríamos de saber se você fizesse alguma coisa assim.

— Eu nunca faria — eu digo.

— Nós sabemos. Ela nos contou sobre a sua briga. E que foi por isso que você não foi ao baile.

Aceno que sim, esperando que eles me dissessem que eu deveria ter conversado com eles. Eu deveria ter feito algo mais. Em vez disso, minha mãe fala: — Deve ter sido uma situação bem difícil para você, Kirby.

Meu pai concorda e diz: — Sim. E a maioria das garotas não teria sido tão forte para tomar uma posição como a sua.

Olho para baixo, envergonhada, embora não tenha certeza do porquê. Acho que é porque não estou muito acostumada com este tipo de atenção. Já faz muito tempo que eles não dizem que estão orgulhosos de mim. — Eu queria ir para Chicago, também — balbucio com a cabeça curvada, imaginando por que eu estou tentando desmerecer um pouco deste crédito.

— Por que você não liga para Belinda? — meu pai pergunta. — Ela está aguardando você.

Alguns minutos depois, chego à porta da casa de Belinda, desta vez bato na porta. Ela atende imediatamente e me leva para cima, para seu quarto. Sentamos na cama dela em silêncio. Sua pele está horrorosa, como se ela estivesse chorando ou bebendo ou as duas coisas. Afasto meu olhar, e olho para a parede que está coberta de textos — a maioria letras de canções pop idiotas, como por exemplo “Onde estaríamos se não pudéssemos sonhar?”. Uma citação bem

decente, se ela não tivesse tirado de uma música do Jonas Brothers.

— Meus pais me contaram o que aconteceu — digo, e antes de acabar de falar, ela já estava chorando. Me aproximo dela e a abraço.

— Me desculpe — ela fala. — Fui tão mesquinha com você...

— Sim, você foi — digo me afastando e sorrindo para ela.

— Sinto muito — ela fala novamente. — Não sei o que tem de errado comigo... estou tão deprimida o tempo todo... e tão cansada de ser pobre e nunca ter nada bonito para vestir.

— Eu sei, Bel — respondo.

Ela sacode a cabeça e diz: — As coisas são diferentes para você. Você não tem um pai que é um coitado — você tem *dois* pais e *duas* mães e uma delas é realmente rica. E Charlotte me contou que você foi conhecer seu pai biológico... ele é uma estrela do rock?

Dou de ombros, tentando minimizar a história, mas digo: — Ele é realmente muito legal... mas podemos falar sobre isso mais tarde...

Ela assoa o nariz e diz: — Acho que fiquei com um pouco de ciúmes, também. Tanta coisa emocionante acontecendo com você. Até mesmo o Philip. Ele *realmente* gosta de você.

— Jake gosta de *você* — comento.

— Não, não gosta. Ele é simplesmente como todos os outros. Ele só quer sexo, é isso...

— Todos eles querem sexo — digo sorrindo, embora eu saiba que Belinda está certa: *é* bem diferente comigo e com Philip.

— E seus pais. Meu Deus. Eu sei que você acha que eles são uns chatos, Kirb, mas eles são incríveis — ela conclui.

Faço zombaria dela. — OK. Vou ter que discordar de você aqui.

— Não. De verdade. Eu teria sido levada presa algemada se não fosse pelo seu pai. Ah, meu Deus. Devo muito a ele. Muito mais do que 400 dólares, eu

realmente devo a ele. Você é *tãooooo* sortuda de tê-los como pais. Sempre quis ter pais assim...

Olho para ela, surpresa de ela se sentir desse modo. Depois de todos esses anos me ouvindo reclamar deles, ela nunca havia dito nada parecido.

— Eles são rígidos, mas pelo menos se importam com você — ela fala começando a chorar novamente.

— Sua mãe se importa com você também — digo.

— Eu sei, mas não é a mesma coisa. Ela nunca está por perto... não que isso seja culpa dela, ela tem que trabalhar... mas eu não sei. É simplesmente uma droga, Kirb... isto é, eu sei que a culpa é minha, que não tem desculpa para o que eu fiz. Mas estou simplesmente... tão cheia de... *tudo*.

Abraço ela novamente, imaginando como eu nunca tinha percebido que minha melhor amiga se sentia tão mal assim. De repente penso que talvez todo mundo se sinta um pouco assim. A não ser Charlotte. E ah, meu Deus, talvez *até mesmo* Charlotte.

— Você me perdoa, Kirb? Do jeito como eu tratei você?

— Sim. Claro que sim. Você é minha melhor amiga, e sempre será.

Então, eu olho nos olhos dela e lhe digo que vai dar tudo certo. Realmente tudo certo. Com nossa vida, nosso futuro, tudo. Digo isso novamente, e pela primeira vez em muito tempo, eu realmente acredito.

Na segunda de manhã, encontro o senhor Tully no escritório dele e peço por uma permissão para escapar da aula de Educação Física. — A menos que você ache que preciso praticar badminton para ter sucesso na vida?

Ele sorri, aponta para minha cadeira costumeira e fala: — Como estão indo os estudos para o pré-cálculo?

— Uma merda — digo — ou é “merdamente”?

Ele ignora minhas palavras e minha pergunta de gramática, e diz: — Estou vendo que você precisa de 72 para passar. Você acha que vai conseguir?

— Sim — falo deixando pra lá a pergunta. — Está no papo.

— Bem — ele fala. — É bem tranquilizador ver esta confiança toda!

— Sou uma garota mudada.

— Ah! Isso tem algo a ver com sua viagem para Chicago? Ou com seu novo namorado?

Olho para ele surpresa e um pouco envergonhada. — Como você sabe sobre o Philip?

— Espionagem no Facebook — ele fala e eu lembro das mensagens incrivelmente melosas que temos postado nos nossos murais.

Sorrio. — Sim. Philip é legal, mas tudo isso é por causa do meu pai biológico.

— Me conte — o senhor Tully fala estalando os dedos e se curvando em minha direção.

Começo a sorrir, e então conto a história toda, como nós nos demos bem, como eu estou emocionada por estar ligada a alguém tão talentoso, e até mesmo contei as emoções que senti no palco.

O senhor Tully parece atento a cada palavra, muito mais do que costuma fazer, e me diz que desejaria ter estado lá para ver isso. — Um dia — ele fala —, quando você for a próxima estrela do American Idol.

Reviro os olhos.

— Vou poder dizer que já conhecia você desde...

Sorrio. — Sim. Talvez eu até mesma consiga uns passes pra você entrar no camarim.

Ele dá uma risada e diz: — É melhor você não me esnobar!

Eu rio e prometo que não farei isso. Conversamos por mais alguns minutos até ele dizer: — Então? Você tem algo mais para cumprir, não é? Uma última

tarefa...

Olho para ele séria. — Por favor, me diga que isto não é sobre a Mizzou.

— Kirby.

— Ugh! Vamos lá, senhor T!

Ele ignora minhas reclamações, continuando: — Kirby, eu realmente acho que você deveria ir. Tente *um* semestre. Você sempre pode trancar matrícula ou transferir...

— Meus pais andaram conversando com você? — digo. — A data de inscrição já acabou, você sabe disso.

— E você sabe que eles pagaram sua inscrição? — ele declara.

Eu não *sabia* com certeza, mas achei que eles tinham feito isso quando pararam de mencionar isso, assim que o prazo terminou.

— Olhe, Kirby. Esta é a minha opinião mais sincera e honesta. Eu acho que você deveria ir para a faculdade. Não quer dizer que não deva investir na música, até mesmo como profissão. Mas faculdade é uma experiência e é algo que você deveria tentar. Obter uma educação sólida e ao mesmo tempo ainda ter um plano B.

— Por que a faculdade não pode ser o meu plano B? — indago. — E a música meu plano A?

— Os dois não são mutuamente exclusivos. Olhe para os R.E.M. e Radiohead.

Reviro meus olhos novamente.

— Você poderia entrar na Escola de Música do Missouri, Kirb. — Ele se vira e tira um formulário da sua mesa, meu nome está escrito no alto. Me entrega o papel e eu o examino: “Instrumentalistas devem preparar uma ou duas peças. Material que demonstre a qualidade do tom e proficiência técnica é desejável. Percussionistas devem estar preparados para tocar pelo menos dois dos seguintes: um estudo/solo no teclado de percussão (marimba, xylofone,), bateria completa, tímpano, estilos na bateria (swing, rock, funk, latina etc)”.

Paro de ler e olho pra ele.

— Você consegue isso, Kirb.

— Você nunca nem me ouviu tocar — contesto.

— Eu *sei* que você é boa — ele fala. — Eu simplesmente sei.

Eu não respondo.

— Pense no que poderia aprender com professores de verdade.

— Pense em toda a baboseira que eu teria que aprender.

— Conhecimento não é baboseira.

Cruzo meus braços, fingindo estar mais zangada do que realmente estou.

— Pense um pouco sobre isso, tá?

Digo a ele que já pensei.

— Talvez pensar um *pouquinho* mais sobre o assunto? — ele fala. — Por favor? Por mim?

Dou um suspiro exausta, e digo: — Tudo bem. Um pouquinho mais.

Parece o mínimo que eu posso fazer pela única pessoa que tem consistentemente acreditado em mim desde o começo.

Aquela noite depois do jantar, Conrad me manda uma mensagem. *Ei, garota baterista. O que está fazendo?*

Sorrindo eu respondo: *Nada de mais. Apenas estudando para os meus exames. E você?*

Ele responde imediatamente: *Estou ouvindo um pouco do Sly e Family Stone... o álbum "There's a Riot Going On" é lindo, se você não conhece. Acho que você iria adorar.*

Conheço algumas músicas deles como "I Want To Take You Higher" mas não

estou muito familiarizada com este álbum, e então imediatamente faço download do iTunes e depois de ouvir algumas músicas, mando uma mensagem de volta com minha opinião: *Impressionante. Adorei "Poet" e "Family Affair". Obrigada pela dica.*

Um segundo mais tarde o telefone toca. É ele. Eu agarro o aparelho entusiasmada.

— Ei — ele diz. — Coisa boa, humm?

— É maravilhoso — digo.

— Eu achei que você iria gostar.

— Com certeza.

— E então... como estão os estudos?

Digo pra ele que estou apenas tentando passar no pré-cálculo para poder me formar. Ele diz que estava no mesmo barco, com a mesma matéria.

— E?

— Eu passei — ele fala. — Raspando. Eu não fui para a faculdade, mas pelo menos consegui terminar o Ensino Médio.

Respiro fundo e então faço a "pergunta de 1 milhão de dólares". — Você se arrepende de não ter ido?

— Não — ele diz. — Esta provavelmente é a resposta errada. Mas, é a verdade... embora eu tenha tido sorte.

— Eu estou apenas tentando descobrir o que fazer com a minha vida. Ou pelo menos com os meus próximos anos — replico.

— Você está pedindo um conselho.

— Na verdade não. Já ouvi muitos.

— Sim. Imaginei isso... tenho certeza que a Marian já lhe encheu a cabeça.

— Sim. Ela acha que eu deveria ir. Mas, não ficou me dando sermão — digo, imaginando se ele está apenas tentando achar uma desculpa para falar dela,

como ela está sempre fazendo com ele.

Com certeza, ele fala em seguida: — Então, você gostou do resto de tempo que passou junto com ela?

— Fui embora na manhã seguinte. Mas sim, foi muito bom. Nos divertimos bastante... ela está vindo para minha formatura, então vou vê-la em breve.

— Ah — ele comenta. — Isto é maravilhoso. Que bom para você. Bom para vocês duas.

— Sim — eu respondo. — Eu sei que você tem que administrar o Zelda's e... pode ser estranho ficar com ela... — Seguro minha respiração e então falo: — Mas você também está convidado...

— Obrigado, Kirby. É muito gentil da sua parte...

— Seria meio estranho, no entanto, não é? — pressiono, lhe dando uma chance de escapar.

— Sim. Provavelmente seria bem embaraçoso... mas, me fale quando vai ser... a Steph sempre pode tomar conta do bar. Talvez, eu possa dar uma passadinha...

— Com certeza — falo o mais natural que consigo, tentando controlar meu entusiasmo, dizendo a mim mesma que isso provavelmente não vai dar certo, mas pelo menos ele está pensando nisso. — Seria muito legal. Mas não importa. Não é nada de mais.

— Tudo bem — ele fala —, já entendi.

— Bem, é melhor eu voltar a estudar — digo.

— OK — Conrad replica. — Lembre-se disso: o segundo derivativo mede a aceleração. Pense: carros velozes.

Dou uma risada. — Sim. O segundo derivativo mede como a taxa de mudança de uma quantidade está mudando em si mesma. Então, sim, a aceleração. Como você se lembra disso, afinal de contas?

— Eu me lembro de um *monte* de merda que é inútil — ele fala.

— Então, isso é inútil? — pergunto.

— Cem por cento.

— Eu sabia — respondo sorrindo.

32

Marian

Quando cheguei ao trabalho na segunda-feira, Alexandre me encontra no meu escritório e me entrega um novo roteiro que Jeanelle escreveu e ele revisou. — Aprecie o *Gilmore Girls* misturado com o *Cheers* — ele declara.

Eu suspiro e digo: — Sério? Será que vou odiar?

— Você não vai amar. Eu aceitei todas as correções que a rede fez. E então pincelei com alguns toques especiais, para manter nosso foco.

— Pelo menos ainda estamos no ar, certo? E eu ainda nem me casei com o chefe...

Tento esconder um sorriso por trás dos papéis, mas ele deve ter percebido, porque ele diz: — Ah, merda, Caldwell. Vocês estão noivos?

— Sim. Acho que sim — digo ainda digerindo as novidades. — Não conte pra ninguém. Não é oficial. Embora nós dois saibamos que Standish não costuma mudar de ideia.

Alexandre balança a cabeça, encantado. — Você será a próxima Julie Chen e Leslie Moonves. Talvez ele nos dê de volta o horário das 9.

— Sim — digo sorrindo, mas me sentindo estranha. — É o mínimo que ele pode fazer por nós, não é?

Naquela noite, encontro Jess para jantar no Village e lhe conto as novidades do fim de semana, assim como as novidades sobre Peter.

— Então, não houve faíscas com Conrad? — ela pergunta parecendo ignorar o fato que eu estou prestes a ficar noiva.

Olho de relance para o meu cardápio e balanço a cabeça. — Não.

— Você quer me olhar nos olhos e dizer isso novamente? — ela exige.

Olho para ela e falo: — Se por faíscas você quer dizer que ele me odeia e que

eu acho que ele está mais lindo do que nunca, então sim, houve faíscas. Do contrário, não.

— Lindo de que modo você está querendo dizer? — ela indaga.

— Um arraso. Maravilhoso — eu retruco.

— Compare ele com alguém que nós conhecemos.

— Não consigo.

— Famoso?

Eu respondo rapidamente. — Uma mistura entre James Franco e Bradley Cooper. E ele ganha dos dois.

— Você pensou um bocado nisso.

— Talvez. Um pouco... afinal de contas — eu digo. — Podemos falar sobre Peter? Por favor?

— Certo. Muito bem. Parabéns — ela fala como se eu tivesse acabado de lhe contar que ganhei um ano grátis de toalha de papel. — Esta é uma ótima notícia.

— Sim. Ele quer comprar o anel esta semana.

— Que emocionante.

Estreito os olhos e digo: — Jess! Por que você não gosta dele?

— Eu gosto dele. Eu só acho que você não o ama.

— Eu o amo sim! — exclamo. — O que há para não amar?

— O que há para não amar, dificilmente é uma razão *para* amar — ela declara. E o bom partido da sua vida não é a mesma coisa que o *amor* da sua vida. Seja cuidadosa com esta distinção sutil, mas bem significativa.

Sacudo a cabeça, desejando que Cláudia estivesse aqui conosco, e pensando que Jess é a última pessoa para dar conselhos de relacionamento.

— Estou bem ciente da diferença — contesto. — E Peter é as duas coisas.

— Se você diz que sim — ela fala. — Mas eu nunca vi você brilhar quando

fala dele do mesmo modo como você brilhou quando falou de Conrad.

— Conrad foi uma fantasia de criança. Nada mais.

Ela aponta o dedo para mim. — Ele poderia ser mais, no entanto. E você já tem uma filha com ele.

Digo que ela não sabe o que está falando, então, fecho o cardápio decidida.

— Você sabe o que quer? — ela indaga.

— Sim — eu respondo. — Eu sei.

— O que você acha? — Peter pergunta enquanto estamos sentados em um pequeno escritório no distrito de diamantes, encontrando seu joalheiro de longa data, Ari Zwacker. Decidi não ficar incomodada porque Ari desenhou o anel de Robin — e a maioria das joias que ela possui — e em vez disso me concentrar na fileira de pedras maravilhosas exibidas na mesa dele. Por baixo de cada uma havia uma descrição da cor, quilate e a pureza, e eu percebo que não há nenhuma pedra com menos de três quilates e que não sejam perfeitas. Não entendo muito de diamantes, mas tenho certeza que qualquer uma dessas pedras custa mais do que ganhei nos meus primeiros cinco anos de televisão.

— Elas são maravilhosas — digo, mas parte de mim gostaria que eu tivesse deixado Peter me surpreender. Uma vez mencionei, sem querer, que eu mesma gostaria de escolher meu próprio anel, algo que teria que olhar todos os dias, mas existe uma coisa decididamente não romântica e um pouquinho deprimente sobre ter um símbolo de amor reduzido a tais classificações científicas — especialmente classificações que focam em imperfeições.

— Qual é o seu favorito? — Peter pergunta, olhando para mim com expectativa.

Finjo escolher caso haja uma grande diferença de preço, mas claramente existe um vencedor no grupo — uma pedra de quatro quilates, com uma lapidação esmeralda de arrasar. Eu finalmente aponto para esse. — Aquele é

lindo... mas todos eles são — digo. — Qual deles você gosta?

Ari acena com a cabeça e fala para Peter: — Exatamente como você previu. — Então, ele cuidadosamente pega a pedra com uma pinça e a coloca em uma armação, e desliza o conjunto no meu dedo. Olho para ele incrédula. É simplesmente o diamante mais lindo que já vi, inclusive aqueles que aparecem nas revistas nas mãos das celebridades.

— Você gosta dele? — Peter indaga.

Olho para ele, ainda incapaz de falar, enquanto ele sorri e dá uma piscadela para Ari. — Ligo pra você mais tarde.

Ari acena que sim e nos despedimos, então, entramos na Forty-seventh Street, no meio de uma multidão de judeus azídicos e vários casais olhando as vitrines.

— Você está feliz? — Peter pergunta quando viramos na Fifth Avenue.

— Extasiada — digo lhe dando um enorme sorriso para provar.

Ele se curva e me dá aquele tipo de beijo que você não vê frequentemente em uma calçada lotada. Um beijo que acompanha um diamante praticamente puro de quatro quilates. Um beijo para o qual eu teria dado praticamente *qualquer coisa* no mundo para receber naquela noite em que mencionei pela primeira vez o assunto de casamento. Na noite que conheci Kirby e minha vida toda começou a mudar.

Na noite seguinte, Peter e eu fomos a uma festa luxuosa com o tema do Doutor Jivago, uma festa de aniversário em *black tie* de um velho amigo dele (e de Robin) no Península. Já tínhamos feito nossa primeira volta de cumprimentos e experimentado diversos tipos de vodca, e foram servidos salmão defumado e caviar beluga, mas nenhum de nós estava realmente com espírito para uma cena, e o sentimento é apenas aumentado quando Robin e seu namorado escultor nos encurralam.

— Então, quando vocês dois vão se casar? — Robin fala abruptamente depois

que conversamos sobre os assuntos básicos.

Peter passa o braço pela minha cintura e a surpreende dizendo: — Em breve.

Como se de propósito, um garçom nos entrega duas taças de champanhe de uma bandeja de prata. Robin levanta a dela, exigindo que façamos o mesmo. — Bem, um brinde a isso! Estou realmente feliz por vocês. Vocês formam o casal perfeito. Fico até mal de ver como vocês são perfeitos um para o outro.

— Obrigada, eu acho — balbucio erguendo minha taça e tomando um gole.

— Um brinde a uma grande, bagunçada e louca família — Robin fala então, se vira para informar ao seu namorado como nossa situação é diferente, incluindo a história do retorno de Kirby. Então, antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, ela pergunta se pode ir ao casamento. — Por favor, por favor, Peter?

Peter sorri, mas sacode a cabeça e diz que não.

— A Marian vai permitir — ela afirma. — Não é, Marian?

— Ah, claro. Com certeza — digo e então desvio o assunto fazendo uma piada sobre convidá-la também para a lua de mel. Alguns segundos mais tarde ela se afasta com seu namorado e Peter e eu vamos para o terraço lá fora. Encostamos em uma grade alta, olhando as luzes da Fifth Avenue. É uma noite clara e linda, do tipo que deixaria você eufórica e emocionada por ser uma nova-iorquina, feliz por estar *viva,* mas, enquanto bebericamos nossa champanhe e admiramos a vista, minha mente dispara a correr, como tem acontecido desde que voltei de Chicago. A certa altura ele me faz uma pergunta, mas eu não escutei nenhuma palavra.

— Humm? — eu pergunto.

— O que está havendo, Champ? — ele pergunta. — Você parece estar a quilômetros de distância.

Peço desculpas e digo que estava pensando no meu programa — um roteiro que eu estava reescrevendo.

Ele me dá um olhar curioso e pergunta: — Existe alguma outra coisa que você

está tentando reescrever?

Olho de relance para ele, nervosa, e digo: — Bem, acho que estava pensando também sobre o anel...

— O que tem ele? — ele indaga.

— Humm... acho que você não deveria comprar aquele anel... ainda — digo quando percebo uma jovem modelo dar uma encarada nada sutil em Peter. Sinto uma sensação dolorosa de perda de território e então tento me concentrar na nossa conversa.

— Por que não? — Peter fala bebendo o resto da sua champanhe e colocando a taça na mesa atrás dele.

— Não sei — digo. — Acho que ele é grande *demais.*

— Não é grande demais.

— Bem, não tenho certeza sobre a lapidação... eu simplesmente não estou certa se este... é *o certo.*

Ele cruza os braços e diz: — Você não tem certeza que *ele* é o certo ou você não tem certeza que *eu* sou o certo.

Engulo em seco, tentando recuperar o fôlego e a coragem para continuar, imaginando se estou fazendo o correto ou se esta vai ser uma outra escolha da qual vou me arrepender durante anos.

— Peter — digo. — Acho que não deveríamos nos casar.

— E por que você está falando isso? — ele indaga, as luzes da cidade estão refletidas nos olhos dele.

— Porque... não tenho certeza se realmente estamos apaixonados do jeito que deveríamos estar para casar — digo lembrando da minha conversa com a Jess, finalmente admitindo para mim mesma que ela está certa.

— *Eu tenho* certeza — ele fala, enquanto admiro como ele tem certeza de tudo. É isso que faz dele um grande CEO. Ele nunca duvida das suas decisões.

Balanço a cabeça, prestes a cair no choro, chateada demais para dizer a ele

que acho que ele está apaixonado apenas pela *ideia* que tem de mim. Assim como eu faço com ele. Todas as alternativas estão assinaladas, especialmente agora que retificamos as complicações envolvendo Kirby.

— Não parece certo... mas — eu digo. — Talvez nunca tenha sido...

Espero que ele demonstre paixão, raiva, *qualquer* emoção forte. Mas em vez disso ele diz simplesmente: — Existe alguma coisa que eu possa dizer para convencer você do contrário?

Sacudo minha cabeça, desejando que ele pelo menos tentasse alguma coisa. Mas, quando ele não faz, digo: — É difícil de explicar. Eu simplesmente me sinto *mudada.*

— Isso tem a ver com o que aconteceu no último fim de semana? — ele pergunta.

— Não necessariamente — eu digo, mas lá no fundo sei que tem a ver. Que tem *tudo* a ver com o último fim de semana, com Conrad, e comigo fazendo as pazes com o meu passado. Reconhecendo o que eu tive um dia e que joguei fora. Eu quero desesperadamente me sentir daquele jeito novamente. Estar em um relacionamento em que eu não esteja tentando construir um roteiro ou consertá-lo. É sobre querer alguma coisa verdadeira — mesmo que seja confuso e complicado. Foi isso que Kirby me ensinou.

— Acho que deveria voltar para casa — falo colocando minha taça de champanhe na mesa.

Peter me olha, tão bonito e composto como sempre, e pergunta se pode me acompanhar até em casa. Ou pelo menos até o manobrista. Seus olhos estão tristes e confusos, mas ele continua a ser o perfeito cavalheiro.

Olho nos olhos dele e digo: — Acho melhor eu ir sozinha.

Ele acena que sim, então me acompanha até o elevador, me dá um beijo de leve no rosto e sussurra adeus.

33

Kirby

Tirei 80 no meu exame de pré-cálculo — um milagre incrível. Não apenas isto é oito pontos a mais do que eu precisava para passar nessa matéria, mas é um *B*. Eu nunca tinha tirado um B em um teste de Matemática, na minha vida inteira. Depois de contar as boas-novas para o senhor Tully, ele me cumprimenta com um toque de mão e então tira um cartão da sua mesa. Ele me diz para ir em frente e abri-lo agora, então eu abro. Existem nuvens azuis fofas do lado de fora e do lado de dentro está escrito "O céu é o limite!". Por baixo em uma letra pequena e bonita, ele escreveu: "Eu comprei isso ANTES do seu exame. Eu sabia que você iria conseguir. Para cima e para frente!!! Seu amigo, senhor T." Então, tinha um PS que dizia: "Estudantes de música geralmente são bons em Matemática e vice-versa. Se é que você me entende".

Dou uma risada e digo a ele para não esperar demais, embora esteja começando a pensar que eu talvez vá em frente com isso. Que diabos. O que pode acontecer de ruim? Lembro da minha primeira batida na porta de Marian. A chance de dar errado era enorme — e se eu tivesse deixado isso me impedir? Por que eu deveria deixar isso me segurar agora?

— Vou sentir falta de você no ano que vem — diz o senhor Tully.

— Virei visitar.

— Acho bom.

Sorrio, mas me sinto surpreendentemente triste, apesar de que tudo o que eu mais queria nos últimos quatro anos era escapar daqui.

— E não se esqueça da sua promessa — ele fala quando a campainha toca e eu começo a ir para o auditório para nossa última reunião do ano — uma dolorosa apresentação dos prêmios para todos os alunos do último ano que realmente conquistaram algo.

— Que promessa? — digo pensando que ele vai falar pela última vez da faculdade.

Mas, ao contrário, ele fala: — Camarim. Passes.

— Pode deixar — digo dando risadas porque eu quase posso imaginar isso acontecendo.

Na noite anterior à minha formatura, meus pais me levam para o LoRusso, meu restaurante favorito no Hill, para nossa comemoração oficial com Charlotte, Belinda e a mãe dela, e Philip. É a primeira vez que meus pais encontram Philip, então é meio esquisito, mas ele é um desses raros garotos que se dão superbem com os adultos, sem ser um puxa-saco. Belinda também está de volta como era antes, embora sua mãe a tenha colocado de castigo indefinidamente — ou pelo menos até que ela pague o vestido para os meus pais. Ela já abriu mão de cinco cheques que ganhou de formatura, e eu contribuí com 50 paus do meu último pagamento, em parte pra ser legal, mas também em proveito próprio, já que eu fico sem ter nada para fazer quando Belinda está de castigo. Só faltam 70 dólares para ela ficar livre.

Enquanto isso, minha mãe é a única que está estranha. Ela está limpando a casa como uma maluca, se preparando para a chegada de Marian, embora ela vá ficar no hotel — o Chase Park Plaza, exatamente como minha mãe havia previsto. Falei para minha mãe que não era porque Marian duvidasse das nossas acomodações, apenas que ela não queria incomodar. Acho que isso é verdade, e digo a mim mesma que não tenho que me envergonhar do meu bairro, minha casa, minha família ou qualquer outra coisa que seja parte de mim.

— Gostaria de propor um brinde — meu pai fala agora, enquanto todos erguemos nossos copos de Coca. — Para Kirby, por passar no pré-cálculo! E para Kirby, Belinda e Philip... parabéns pelas suas formaturas e muita sorte em todos os seus futuros empreendimentos, não importa o que eles sejam!

Ele me olha direto nos olhos e sorri, seu jeito de jogar a toalha em relação à

faculdade, me dizendo que está tudo bem — que *eu vou* ficar bem — não importa o que eu decida.

O dia seguinte é um turbilhão de atividades. Você iria pensar que alguém estava casando por causa de tanta arrumação, limpeza e comida sendo preparada — para não dizer nada dos nervos à flor da pele e da emoção transbordante. Até mesmo Charlotte parece mexida e com os olhos cheios de lágrimas quando entra no meu quarto. Olho por cima da minha bateria, dando um alô para ela, mas continuando a tocar baixinho. Ela senta na minha cama ainda desfeita e diz: — Vou realmente sentir falta de você o ano que vem.

— Quem disse que eu vou para algum lugar? — eu respondo.

— A mamãe acha que você vai se mudar para Nova York — ela diz. — Ou Chicago.

— Ah, ela acha isso? — digo fazendo uma batida de três toques, que é uma manobra que marca todas as piadas do Letterman.

— Você vai? — ela indaga, prendendo seu cabelo molhado num rabo de cavalo.

Deixo de lado minhas baquetas, balanço os ombros e digo: — Sabe-se lá o que vai acontecer.

— *Você* sabe — ela fala. — Eu sei que você tem um plano.

— OK — eu falo indo me sentar ao lado dela na cama. — Vou te contar um pequeno segredo.

Ela se curva e murmura: — O quê?

— Acho que vou para a Mizzou.

Ela começa a sorrir e pergunta pra quem eu já contei.

— Você é a primeira — digo. — E não está definido. Então, fique calada.

— Não vou contar para a mamãe — ela fala. — Prometo. Desde que você me prometa que vai me ligar e conversar comigo sempre, onde quer que você esteja no ano seguinte.

— Mas nós não conversamos sempre agora — falo sorrindo para ela.

Ela dá uma risada, reconhecendo que eu não gosto muito de conversar, e então diz: — Promete?

— Prometo — digo pensando que, por incrível que pareça, acho que vou ficar com um pouco de saudades dela também.

Um pouco antes de sair para a cerimônia, Marian me liga e me deseja boa sorte e então confirma nossos planos para depois.

— Vou procurar você. Que cor você vai usar? — pergunto enquanto minha mãe finge não ouvir.

— Vermelho — ela fala orgulhosamente e eu me lembro de ter lhe contado que essa era a cor da nossa escola.

Olho de relance para minha mãe, que também está vestindo vermelho, e digo: — OK. Isso vai ser fácil. — Então lhe pergunto novamente se ela tem as instruções para chegar a nossa casa.

— Sim — ela diz. — Não se preocupe comigo. Apenas aproveite o momento. E a gente se vê mais tarde.

— OK — falo me lembrando de Conrad, que me contou na noite passada que, afinal de contas, ele viria. Eu quase conto para ela, mas decido que ele provavelmente não iria querer isso, e que ele provavelmente vai fazer o possível para ficar longe dela. Então, simplesmente lhe agradeço e digo adeus.

Sem perder um segundo, minha mãe pergunta: — Então, que cor ela vai usar?

— Humm, vermelho — digo. — Que coincidência, né?

Minha mãe franze o cenho e diz: — Eu sabia... talvez eu devesse trocar?

Penso como foi difícil e quanto tempo ela levou para encontrar o vestido certo, e alguma coisa me faz me aproximar dela, abraçá-la e dizer: — Não, mamãe. Você deveria usar este vestido. Ele fica lindo em você. — Eu olho pra ela e espero que ela saiba o que estou pensando. Que não importa o que ela use; eu só tenho uma mãe *verdadeira*. E é ela.

Algumas horas mais tarde, depois que meus pais e Charlotte me deixaram e foram estacionar o carro, estou parada junto com meus colegas de classe, reunidos na entrada da Catedral Basílica. Olho em volta daquelas paredes centenárias cobertas por um mosaico representando o rei Louis IX da França — uma homenagem a ele que deu o nome para nossa cidade. Na verdade, de acordo com a conversa nervosa da minha mãe vindo para cá, este é o maior mosaico de igreja do mundo. É claro que ela não quer apenas que a nossa família se apresente bem para Marian — mas também a cidade e minha escola, e não posso dizer que não me sinto da mesma forma.

A certa altura, o caos de centenas de garotos e garotas se organiza e formamos filas de dois em dois, as meninas com chapéus de formatura e becas brancas, os meninos de vermelho. A maioria dos docentes está presente, também usando chapéus e becas, incluindo o senhor Tully, que parece estranhamente sério e bonito. Uma versão gravada da música “Land of Hope and Glory” começa a tocar, e é a nossa deixa para começar a nossa entrada. Todo mundo fica completamente em silêncio, incluindo os garotos mais desordeiros, e eu sinto uma estranha e coletiva onda de emoção, um respeito em comum por estarmos ultrapassando barreiras — algo que nunca achei possível. Acho que finais fazem isso com as pessoas.

Respiro fundo e entro no santuário escuro e frio. Flashes de câmeras irrompem em todos os cantos — o que parece estranho em uma igreja — e existe um murmúrio de atividades silenciosas das pessoas amontoadas nos bancos da igreja. Olho para o teto maravilhoso, lembrando as palavras da minha mãe: “41 milhões de pedacinhos de vidro em mais de 7 mil cores”. Quando começamos

novamente a andar, olho a multidão e vejo Marian, depois minha família. Eles estão em lados opostos da nave, mas praticamente nas mesmas fileiras, então não tem como olhar para todo mundo quando eu passo. Para não magoar ninguém, decido simplesmente olhar em frente, minhas mãos juntas como fomos instruídos a fazer. Não vejo Conrad e digo a mim mesma para não ficar desapontada se ele não vier.

Quando a música para, tomo meu lugar ao final de um longo banco, todos distribuídos em ordem alfabética, e olho o programa, com os nomes assinalados dos meus colegas de classe que se destacaram — *Melhor* isso e *Mais brilhante* naquilo. Fecho o programa e meus olhos e começo minha meditação particular, desligando-me de tudo à minha volta, embora tenha certeza que o sermão do padre O'Malley e o discurso da Gena Rych servirão de inspiração para muitas pessoas.

Penso no meu nascimento e na minha adoção, e nos meus primeiros dezoito anos. Penso nos últimos meses e na minha viagem para Nova York e meu encontro com Marian. Penso no dia de hoje e no que ele significa para minha família, que está sentada atrás de mim. Penso em tudo que teve que acontecer para que eu chegasse até aqui. Penso sobre para onde eu vou e quem eu quero ser.

E então nossos nomes são chamados, um de cada vez. Tem aplausos para todo mundo, alguns mais altos e mais escandalosos do que outros — diretamente relacionados à popularidade de cada um — e à medida que nos aproximamos dos Ks, meu coração começa a disparar, igualzinho como aconteceu quando subi ao palco com Conrad, embora por razões bem diferentes desta vez. Deixando de lado o meu pavor do pré-cálculo, me formar no Ensino Médio sempre foi algo que considerei uma garantia, então, não é que eu esteja surpresa por estar aqui. Mas assim mesmo estou orgulhosa e surpreendentemente agradecida também. Estou grata a Marian por eu ter nascido — e por ter me dado para uma família que queria um bebê. Estou grata a Conrad, não importa se ele está aqui ou não, por me aceitar incondicionalmente, sem perguntar nada. Estou grata a minha irmãzinha por nunca ter me feito sentir uma estranha, embora ela poderia facilmente ter feito isso, até mesmo porque eu mesma estava fazendo isso. E

principalmente sou agradecida aos meus pais por me amarem e fazerem de mim a filha deles.

Ouço meu nome — *Kirby Katherine Rose* — e me levanto e subo os degraus até o altar onde cumprimento o diretor da nossa escola e recebo meu diploma. Quando me viro para descer os degraus e pouco antes de me sentar novamente, vejo pela primeira vez Conrad, que me saúda de longe com um chapéu invisível. Respondo com um sorriso enorme e então levanto meu chapéu em agradecimento.

Já estávamos em casa há trinta minutos — tempo suficiente para vestir uma camiseta e jeans e minha mãe ficar bem nervosa — e, pra falar a verdade, me deixar com os nervos à flor da pele.

— Tem certeza que você não quer usar um vestido? — ela me pergunta.

— Sim, mamãe. Tenho certeza — digo tentando ter paciência com ela. — Podemos tentar ficar um pouco mais calmos e sermos normais?

— Concordo com a Kirby! — meu pai grita lá de baixo e eu me arrepio, sabendo que isso significa que ele vai falar sem parar com a Marian.

A campainha toca logo depois que meus pais estão reunidos meio desajeitados na nossa sala de estar — onde a gente nunca senta. Eu me levanto e mordo os lábios, imaginando quantas mais batidas dramáticas na porta podem existir na minha vida. Quando abro a porta, vejo Marian com um enorme buquê de flores cor-de-rosa, em um vaso. É a cor que eu menos gosto, mas tenho que admitir que são bonitas.

— Parabéns — ela fala e as entrega para mim, junto com um cartão. — Foi uma cerimônia linda...

— Obrigada — agradeço.

— Adoro sua casa.

— Obrigada — agradeço novamente, minha ansiedade aumentando. Me viro e a conduzo para a sala, colocando as flores em uma mesinha de canto, longe do caminho. Então eu fico no meio da sala, e, com o máximo de compostura que consigo ter, apresento meus pais para minha mãe biológica.

— Mamãe, papai, esta é a Marian Caldwell — digo depois de ter praticado essas palavras de manhã cedo. — Marian, esta é minha mãe e meu pai. Lynn e Art Rose.

Eles se cumprimentam, primeiro meu pai e Marian e depois minha mãe e Marian, todos sorrindo e acenando com a cabeça, murmurando "olá", como se eles falassem línguas diferentes e estão esperando um intérprete para fazer uma ponte.

Charlotte aparece na sala e me dá um alô. — Ah, sim. E esta é Charlotte. Minha irmã — digo apontando para ela.

— Oi! — Charlotte fala acenando novamente.

— É um prazer conhecer todos vocês — Marian fala.

Meu pai raspa a garganta e começa a falar um monte de coisas agradáveis. — Bem-vinda a St. Louis! Estamos felizes por você ter vindo! Foi muito gentil da sua parte vir até aqui. Muito gentil. Sei que Kirby está feliz. Então, nós também estamos. Obrigado.

— Obrigada por me incluírem — Marian fala para meu pai. Então, ela olha para minha mãe e diz: — Foi muito gentil de todos vocês.

Olho para ela, pensando que tudo nela, desde o cabelo, suas roupas e as palavras que saem dos seus lábios, são elegantes e encantadores. Noto que ela está usando um sapato fino na cor nude, em contraste com os sapatos de couro pretos da minha mãe. Eu não entendo de moda, mas tenho certeza que Marian escolheu melhor uma cor para combinar com o vermelho. Me ocorre que eu saberia essas coisas se fosse filha de Marian — então, me lembro que não tenho nenhuma vontade de saber esse tipo de informação. Deve ser muito difícil e sofrer muita pressão ser perfeito assim. Meus pais apenas querem que eu dê o *melhor* de mim, algo bem mais fácil de conquistar.

— Marian, o que você gostaria de beber? — meu pai pergunta. — Vinho? Cerveja? Um refrigerante? Limonada? Água?

Ela hesita, então diz que adoraria um copo de vinho.

— Excelente! — meu pai fala, se virando para ir buscar, quando minha mãe o interrompe colocando a mão no braço dele.

— Humm, Art. Será que ela quer tinto ou branco? — ela pergunta com um sorriso congelado, continuando a não falar diretamente com a Marian.

— Ah. Qualquer coisa que esteja aberto — Marian responde. — Gosto dos dois.

Meu pai olha para ela confuso, inseguro sobre o que escolher, então ela diz: — Branco seria ótimo. Obrigada.

Meu pai acena e olha para minha mãe. — Querida? Pra você?

Ela fala pra ele que também vai tomar vinho branco, então se vira rigidamente para Marian, aponta o sofá e diz: — Você não gostaria de se sentar?

— Obrigada — Marian fala, enquanto as duas sentam lado a lado em seus vestidos vermelhos, uma visão que me deixa assustada. Me viro e olho para Charlotte, um olhar que diz *socorro* enquanto ela pega a última cadeira na sala e começa seu costumeiro blá-blá-blá — que nunca foi tão apreciado. Ela fala da cerimônia, como o senhor Tully ficou bonitinho de chapéu e beca, e como ela ficou orgulhosa quando recebi meu diploma.

— Você escutou quando eu gritei seu nome? — ela pergunta.

— *Todo mundo* ouviu você — falo sorridente.

Enquanto isso, meu pai reaparece, trazendo nossas bebidas, e então percebe que não tem mais nenhum lugar para sentar.

— Aqui, querido — minha mãe fala, escorregando na direção de Marian e fazendo sinal para ele se sentar no sofá ao lado dela. Agora os três estão enfileirados, algo ainda mais assustador, e mais conversas embaraçosas continuam.

A certa altura, olho no meu telefone e vejo uma mensagem de Conrad, que eu não consegui encontrar no pandemônio que se seguiu após a cerimônia.

Belo trabalho, garota baterista. Feliz de poder ver isto.

Eu desesperadamente mando uma mensagem de volta: *Onde você está?*

Ele responde imediatamente: *Em um pub na cidade, comendo alguma coisa.*

Minha mãe pigarreia e fala: — Kirby, deixe de lado este telefone, por favor?

— É importante, mamãe — respondo.

Então eu digito de volta, o mais rápido que consigo: *Adoraria ver você. Dê uma passada aqui se puder. Não se preocupe se não for possível.* Então, digito meu endereço. Na pressa massacro as letras da minha rua Eichelberger Street, mas acho que ele é bem esperto para encontrá-la. Se ele realmente quiser vir.

— Desculpe — digo colocando o telefone longe de mim e trocando um olhar com Marian. Ela ergue as sobrancelhas como se soubesse, ou suspeitasse, ou tem esperanças, e eu aceno de volta, para lhe prevenir. Apenas para certificar.

Um minuto mais tarde, por sugestão da minha mãe, vamos para a cozinha almoçar, passando pelo bolo, exibido em toda a sua glória na mesa da sala de jantar.

Marian para e o admira. — Que bolo lindo! — ela exclama e eu imagino se ela sabe que foi minha mãe que fez o bolo inteiro.

Charlotte fala: — Espere até você experimentar a cobertura da mamãe! *Tãoooo* gostosa.

Meu pai para bruscamente como se tivesse se esquecido de algo e então fala: — Não temos nenhuma vela!

— Não precisamos de vela para um bolo de formatura — digo enquanto meu pai discorda, começando um versinho de “Feliz formatura para você!”.

— Ugh. Por favor. Não — eu peço.

— Sim. Por favor, Art — minha mãe fala sorrindo. Ela se vira para Marian e diz: — Kirby não herdou sua linda voz de nós, isso é certeza!

É a primeira menção do óbvio e todos riem quando Marian fala: — Ela também não herdou isso de mim.

O gelo não está quebrado, mas com certeza está um pouco mais derretido enquanto nos dirigimos para a cozinha, nos sentamos em volta da mesa já pronta para o almoço, com nossas melhores louças. Depois de uma longa bênção, meu pai olha para o alto e diz: — Não quero ficar todo derretido...

— Então não fique, papai — eu balbucio.

Ele me olha, levanta as mãos e diz: — Só uma coisa, prometo.

Reviro meus olhos e me preparo quando ele se volta para Marian. — Lynn e eu simplesmente queremos agradecer a você por nos ter dado o melhor presente que uma pessoa pode dar a outra. Nós rezamos a Deus por alguém como você. E Ele trouxe você — e Kirby — para nós. — Ele começa a ficar com a voz engasgada enquanto eu rezo para que ele realmente não comece a chorar. — Ela e Charlotte são nossas maiores preciosidades.

— OK, papai — falo gentilmente. — Agora vamos comer, OK?

— Sim! Isso é tudo! Isso é tudo! — ele fala.

Marian respira fundo, como se estivesse preparando uma resposta eloquente, mas então para e diz simplesmente: — De nada. Foi a coisa mais difícil que já fiz, mas depois de conhecer vocês... sei que tomei a decisão certa. — Ela me olha de relance, um olhar cheio de tristeza. — Para o bem de Kirby. Vocês têm uma família maravilhosa.

Analiso as palavras dela e sei que farei isso por muito tempo. *Para o bem de Kirby.* Então, talvez ela se arrependa pelo seu *próprio* bem? Ou talvez seja simplesmente o melhor jeito que ela encontrou de dizer que está feliz por ter desistido de mim. Tanto faz, percebo que não posso negar que me sinto do mesmo modo. Eu não mudaria minha infância, mesmo se pudesse.

Um momento depois a campainha toca, e todos olham em direção à porta.

— A Belinda está vindo? — meu pai pergunta.

Sacudo a cabeça, sabendo que ela está com os avós, e ele tenta adivinhar

novamente. — Philip? Que garoto maravilhoso que ele é!

Sacudo minha cabeça novamente e viro em direção ao vestíbulo, nervosa demais para responder ao meu pai. Imediatamente, vejo a imagem do rosto de Conrad através do painel de vidro colorido da porta da frente e me sinto começar a relaxar. Abro rapidamente a porta, digo oi, tão feliz por vê-lo.

— Oi para você — ele fala dando um passo à frente para me dar um abraço carinhoso e tranquilo, me entregando um pequeno embrulho de presente que parece um livro. — Parabéns!

— Obrigada — digo. — Você não precisava me trazer nada.

— Não é nada — ele fala. — São apenas algumas partituras. Eu escrevi uma pequena música para você... tem uma batida fantástica e um solo de bateria... então, eu realmente espero que você venha tocar comigo este verão.

— Legal — digo sorrindo tão forte que meu rosto dói.

Nos olhamos por um segundo e então me lembro de convidá-lo para entrar. — Estamos almoçando... a Marian está aqui.

— Eu bem que imaginei — ele fala. — Não vou ficar muito tempo. Mas eu realmente gostaria de conhecer seu pessoal.

Me sentindo mais zonza do que tensa, eu o levo para a cozinha, onde todo mundo fica realmente quieto — a não ser Charlotte, que grita: — Ah meu Deus, esse *é ele*? — Como se ele fosse mesmo uma estrela do rock. O que ele é para mim.

Sorrio para ela e aceno que sim, então digo: — Pessoal, este é o Conrad. — Então apresento minha mãe, meu pai e minha irmã para ele.

Todos se cumprimentam e eu digo: — E claro, você conhece Marian.

Já que vocês dois fizeram sexo e acidentalmente me fizeram.

— Oi, Marian — ele cumprimenta. Ele não é tão caloroso com ela, mas todo o resquício da raiva desapareceu.

— Oi, Conrad — ela fala segurando seu copo de vinho com o olhar de uma

gazela assustada pelos faróis de um carro, do jeito que ela sempre fica quando está perto dele, enquanto meu pai vai pegar uma cadeira da sala de jantar, colocando-a entre mim e Charlotte.

— Você está com fome? — minha mãe pergunta a Conrad, se pondo de pé. — Vou buscar um prato para você.

— Não, muito obrigado — ele agradece. — Acabei de comer e não posso me demorar muito.

Charlotte fala: — Estávamos exatamente falando da voz de Kirby para cantar. Ela deve ter puxado pra você. Você não é músico?

Conrad acena modestamente e fala: — Sua irmã tem muito talento. Bem que eu gostaria de ter crédito nisso...

— Você *pode* assumir os créditos — Marian acrescenta. Então, ela se vira para minha mãe e fala: — Você deveria ter visto os dois juntos no palco.

Claro, eu não tinha contado isso pra ninguém da minha família, então, uma longa discussão começa sobre nossa performance no bar, Marian conduzindo tudo, contando pra todo mundo como nós dois juntos fomos brilhantes. As intenções dela foram boas, mas eu desejaria que ela não tivesse feito minha mãe ficar com aquele olhar triste novamente, provavelmente porque não contei nada a ela.

— Eu ia contar pra você — disse a ela. — Mas, com as coisas da Belinda... as coisas simplesmente ficaram bagunçadas.

Minha mãe acena, como se entendesse, enquanto meu pai vai para a geladeira e traz uma cerveja gelada para Conrad. — Não sei se você gosta de cerveja. Mas aqui em St. Louis você tem que beber isso!

Olho para Conrad, segurando o fôlego, esperando que ele fique, e com certeza ele aceita a cerveja e diz: — Estou sempre a fim de uma Bud. Obrigado, cara.

Eu solto a respiração, aliviada e feliz, e então começo a rir — não sei por quê. Tento parar, mas não consigo.

— O que há de tão engraçado? — Charlotte fala, procurando pela piada, como

ela sempre faz.

Sacudo a cabeça e digo: — Nada... apenas levante a mão quem acha que isso é realmente, *realmente* bizarro?

Todo mundo levanta suas mãos e o gelo está oficialmente quebrado.

Um pouco depois de comermos o bolo da minha mãe (e meu pai fez todo mundo cantar e posar para fotos), vamos todos para a sala, incluindo Conrad, que está na sua segunda cerveja e parou de olhar para o relógio. Quando meu pai liga a TV no jogo dos Cards, os dois começam a discutir baseball (Conrad é fã do White Sox) e realmente os dois parecem se dar bem — o que é fantástico, a não ser que salienta o fato de que minha mãe e Marian não têm nada a dizer uma para a outra. Elas já terminaram todos os assuntos superficiais e está claro que não têm muito em comum. Foi então que Charlotte aparece com os álbuns de foto de família.

— Quer ver algumas fotos de Kirby quando ela era pequena? — Charlotte pergunta a Marian, lhe entregando três enormes álbuns.

— Charlotte! — eu protesto. — Isso é tão chato!

Mas eu fico secretamente feliz quando Marian se anima e diz para minha irmã que é uma excelente ideia, ela adoraria ver algumas fotos. Ela abre o primeiro álbum e fica paralisada, olhando minhas primeiras fotos de bebê, incluindo aquelas tiradas no mesmo dia que ela me entregou. Vejo minha mãe observando Marian com um olhar tenso, quase bravo, e começo a desejar que ela se apresse, vire a página e me veja já engatinhando. Mas ela não faz isso. Ela apenas se demora olhando o começo, com uma expressão triste até que ela finalmente fala: — Conrad. Venha aqui. Fotos da Kirby de quando ela era bebê.

Ele acena com a cabeça, levanta da sua cadeira e caminha até ela, olhando por sobre seu ombro e depois se sentando no sofá ao lado dela. — Que bebê bonito — ele fala para ninguém em particular.

Não posso deixar de me sentir orgulhosa porque *ele* parece orgulhoso, mas eu ainda digo: — OK, pessoal. Vão em frente. Vocês têm dezoito anos para cobrir.

Marian finalmente vira a página enquanto minha mãe se aproxima do sofá e começa a narrar sobre os ombros de Conrad. Este foi o primeiro dia que eu sorri, que rolei, que comi comida sólida, que me levantei do berço. À medida que as páginas continuam a virar, minha mãe finalmente se senta do outro lado de Marian, relaxando um pouco e contando histórias sobre mim — e Charlotte — algumas engraçadas, mas a maioria bem sem graça. Conrad e Marian não parecem nem um pingo cansados, no entanto, e perguntam muitas coisas para minha mãe. Ela responde e meu pai e Charlotte de vez em quando fazem algum comentário engraçado.

Quando eles chegam no meu primeiro conjunto de bateria e minha mãe começa a contar a história de como eu dormi com ela ao lado da minha cama, tenho uma sensação engraçada por dentro e, então, percebo o que é. É a sensação de saber onde mora meu coração.

Bem aqui onde estou. Nesta casa. Com meus pais e Charlotte. As pessoas que sabem todas as minhas histórias, desde o começo. As pessoas que *me* conhecem.

— E esta foi quando Art e eu compramos nossos primeiros tapa-ouvidos — minha mãe fala com uma risada. — Não que Kirby não fosse talentosa desde o começo. Mas, muito, *muito* barulhenta e talentosa.

Ela me olha e sorri. E eu sorrio de volta para ela porque percebo que ela sabe o que estou pensando e sentindo. Melhor ainda, posso dizer que ela está sentindo a mesma coisa.

Um pouco depois das 7 horas, quando todos começamos a bocejar, Conrad diz que vai pegar a estrada. Meu pai diz que ele pode ficar para passar a noite, mas ele educadamente recusa, insistindo que adora dirigir à noite.

Marian diz que também precisa ir embora, então pergunta a meu pai se ele não se importaria em chamar um táxi.

— Posso levar você — Conrad oferece baixinho.

— Tem certeza? — Marian fala, parecendo surpresa.

— Sim. Sem problemas — ele fala dando de ombros.

Todo mundo se despede enquanto Marian pega sua bolsa e meu pai escreve as indicações de volta ao hotel. Caminho até o vestíbulo, esperando por eles, esperando que ninguém mais venha atrás. Ninguém vem, e um momento depois estou lá fora com eles, parada ao lado do carro de Conrad. Ainda não está escuro, mas parece que uma tempestade está se aproximando, os trovões estão rugindo a distância.

— Bem — Marian fala depois de um breve silêncio. — Obrigada por nos receber.

— Sim. Obrigado, Kirby — Conrad fala.

— Foi uma cerimônia muito bonita. E que dia! — ela comenta.

Aceno que sim, sentindo um nó na garganta. Tem tantas coisas que eu quero dizer, mas minha mente fica vazia e a única coisa que eu consigo fazer é sentir.

— Estou feliz por vocês dois estarem aqui — finalmente consigo falar, pensando como é estranho estar ao lado de duas pessoas que *fizeram* você, uma coisa que para a maioria das pessoas é uma certeza que os acompanha a vida toda, mas algo que eu nunca realmente acreditei que iria acontecer. E certamente não assim — em um dia tão importante.

— Estamos orgulhosos de você — Marian fala.

Conrad concorda, aceitando o “nós” e até mesmo acrescenta: — Nós gostaríamos de ter méritos pelo que você é.

Sorrio, então respiro fundo e lhes dou um abraço, primeiro Marian, depois Conrad — que se torna em um desajeitado e rápido abraço a três. Luto contra as lágrimas que não sei de onde vêm, e então falo um rápido e último adeus. Só que dessa vez eu sei que não é o último.

De volta nas sombras da minha varanda, eu me viro e os vejo entrar no carro e

partir, acenando quando Conrad buzina duas vezes, um bipe para cada um deles. Então, respiro fundo e volto para dentro para me juntar à minha família.

34

Marian

É impossível não pensar no passado enquanto Conrad me leva de volta ao hotel. Acabamos de passar várias horas com Kirby e a família dela e eu ainda não comecei a processar essas emoções — da sua emocionante cerimônia de formatura ao primeiro momento estressante quando entrei na casa dela e conheci seus pais, da chegada surreal de Conrad até o fim da tarde quando a irmã de Kirby trouxe os velhos álbuns de família e sua mãe começou a contar as histórias que só ela poderia contar. Penso como deve ter sido difícil para Lynn e Art dividir um dia tão especial e importante com estranhos, mesmo que nós sejamos seus parentes consanguíneos. *Principalmente* porque somos. Estou feliz por Kirby e animada com o futuro dela, mas é difícil ver de perto e em cores tudo o que perdi e nunca serei capaz de recuperar, não importa quantas histórias me contem ou quantas fotografias eu veja. Eu realmente fui sincera no que disse — que eu tomei a melhor decisão por *ela* — mas, não posso negar uma sensação de perda profunda por aquilo que deixei pra trás. Pelo que poderia ter sido.

Neste momento, no entanto, estou pensando em Conrad, e só nele. Mantive minhas lembranças afastadas o dia todo, mesmo quando ele ficou tão perto de mim que eu podia sentir seu cheiro familiar, mas agora elas estão voltando com força total. Tenho que lutar contra a vontade de me aproximar e colocar minha mão na perna dele como eu costumava fazer quando rodávamos no seu Mustang preto.

— Entre na I-44 — digo seguindo as instruções que Art desenhou para nós em um guardanapo. Estou tentando fazer cada quilômetro, cada segundo, ter valor, desejando que Conrad fosse mais devagar ou que pelo menos abaixasse o volume do rádio e conversasse comigo.

Ele acena que sim: — Entendi.

Eu disfarçadamente olho para o rosto dele, mas ele se vira e me pega olhando.

— O quê? — ele pergunta. Sem hostilidade, mas também sem calor. Apenas silêncio. Por um segundo eu quase sinto falta da raiva.

— Nada — digo olhando direto para a estrada novamente. A paisagem é urbana, mas genérica. Poderíamos estar em qualquer lugar.

Ele suspira, muda de estação uma vez, duas vezes, então obviamente insatisfeito, desliga o rádio completamente. Dirigimos mais alguns minutos em silêncio até nossa saída na Vandeventer Avenue.

Ele vira para a direita, então finalmente fala: — Ela é uma garota incrível.

— Eu sei — eu digo. — Ela é maravilhosa.

— E a família dela também — ele diz. — Eu realmente gosto deles. O Art é uma figura.

— Sim — eu digo. — Ela realmente teve sorte.

— *Você* teve sorte também — ele fala me olhando com firmeza. — Se ela tivesse ficado em uma situação ruim...

Ele sacode a cabeça e eu termino a sentença por ele. — Você nunca me perdoaria.

— Não — ele fala.

Eu aponto nossa última curva para a South Kingshighway. — Então, você? — digo. — Me perdoou?

Ele respira fundo e balança os ombros, como se eu tivesse acabado de fazer uma pergunta filosófica impossível, em vez de uma relativamente simples. — Não sei, Marian.

Mordo meus lábios e não digo nada, não tendo escolha a não ser aceitar isso, junto com a sua óbvia relutância em conversar. Cerca de um quilômetro depois, aponto meu hotel. — É ali. Na direita — digo.

Ele acena e então para na entrada quando um manobrista aparece.

— Tem um bar no saguão — digo me sentindo desesperada. — Quer entrar para beber alguma coisa?

Ele balança a cabeça. — Tenho cinco horas de estrada à minha frente.

— Só um drinque? — eu digo. — Dez minutos?

Ele respira fundo, solta o ar e diz: — OK. Um drinque.

Abro a porta e digo ao manobrista que estou hospedada no hotel, mas meu amigo vai ficar alguns minutos. Então, ambos saímos do carro e caminhamos pelo saguão praticamente vazio até o Eau Bistro, e pegamos dois assentos no fundo do bar. Um minuto depois o bartender nos atende. Peço um vinho, ele pede uma cerveja. Ele olha direto para frente até nossos drinques chegarem e toma seu primeiro e longo gole. Então, ele se vira e olha pra mim, direto nos olhos e pergunta: — Por que você não me contou?

Digo a ele que não sei.

— Isso é besteira. Você *sabe* sim.

— Eu... não... achava que era madura o bastante... não estava pronta para lidar com verdades adultas... e escolhas complicadas. Manter um segredo parecia bem mais fácil.

— Não era um segredo. Era uma mentira — ele declara.

Aceno que sim, percebendo que Peter estava certo — na verdade existe pouca diferença entre os dois.

— Você achou que eu iria convencer você a fazer um aborto? — ele pergunta.

— Não — digo colocando meu copo de volta no balcão, sem beber. — Não foi isso. Era mais... que eu estava com medo de você me convencer de *não* fazer um aborto... então, assim que eu *me convenci* a não fazer o aborto, fiquei com medo de você querer que eu ficasse com ela.

— Eu não teria tentando convencer você a fazer *nada* — ele comenta. Sua voz está mais confusa e magoada do que com raiva. — Eu teria deixado *você* escolher. Foi isso que eu disse a você antes de fazer o teste.

— OK. Talvez eu estivesse com medo de que se eu lhe contasse... eu iria *me* convencer a ficar com ela — digo.

Ele me dá um olhar completamente exasperado, então, literalmente joga as mãos para o alto.

— Eu amava você — eu digo, como se isso explicasse tudo. E de certo modo, acho que explica.

— Eu amava você também — ele fala me encarando novamente.

Seguro seu olhar, me sentindo meio tonta e, naquele instante, sei com certeza que não é apenas a nostalgia que está me deixando mexida por dentro. É o próprio Conrad, aqui ao meu lado.

— Eu poderia ter ajudado você — ele fala abaixando a voz. — Pelo menos, você poderia ter se despedido de mim.

— Eu sei. Eu deveria — digo me lembrando daquele dia. — Estou feliz que você viu as fotos.

Ele balança a cabeça. — Eu estava falando de dizer adeus para *você.*

Quase perco o fôlego e digo — Ah.

— Eu sempre soube que nós não ficaríamos juntos, Marian. Que nós éramos provavelmente jovens demais. E que você era definitivamente boa demais para mim... mas eu pensei que eu fosse bom o bastante pelo menos para um *adeus.*

Sacudo a cabeça. — Eu não era boa demais para você.

— Sim. Certo. — Ele toma um gole da sua cerveja e revira os olhos. — A Senhora Produtora Toda Poderosa, prestes a casar com algum... droga... figurão de Hollywood.

Olho pra ele surpresa.

— Kirby me contou.

— Bem, ela contou para você que nós terminamos? — digo percebendo que eu nem cheguei a *lhe* contar esta novidade.

Conrad dá de ombros, como se isso não fizesse diferença. Eu tenho certeza que não.

— Não sou toda poderosa — digo com a voz baixa.

— Você é importante sim — ele diz. — Peixe grande. Lago grande. Grande *coisa*.

Olho pra ele, pensando que eu daria tudo para voltar e lhe dizer a verdade naquele dia. Mas eu sei que ele não iria acreditar, então, em vez disso falo: — Sim. OK. Sou importante. Mas você tem uma vida melhor e mais verdadeira. Eu vi você naquele palco. Você está fazendo o que ama.

— Você também — ele retruca.

Balanço a cabeça, percebendo que embora a televisão e escrever sempre tenham sido minhas paixões, eu sempre deixei meus objetivos superarem a jornada — e o amor pelo que estou fazendo. Uma batalha constante para estar no controle, chegar ao nível acima, assegurar que a vida continue perfeita e cuidadosamente alinhada.

— Não é a mesma coisa. Você parece tão... *feliz* — digo.

— Tive alguns probleminhas aqui e ali. Um divórcio. Algumas muitas drogas. Mas, no conjunto... não posso reclamar, até agora. — Ele bate na madeira.

— Você quer ter filhos? — falo abruptamente.

— Já tenho uma — ele rebate.

— Você entende o que eu quero dizer — digo. — Você quer mais? Uma família?

— Com certeza. Sim. Eu sempre quis... e você?

Aceno que sim e digo: — Sim. Se der certo.

Como de onde nós viemos, eu penso, imaginando Kirby e a família dela, a casa deles cheia de amor. — Mas, se não acontecer, tudo bem — eu digo.

— Você sempre vai ter Kirby — ele declara.

— Sim — digo. — Você também.

Ele me dá um sorriso meio de lado e diz: — Difícil acreditar que ela é o

resultado de uma estúpida noite de verão, não é?

Balanço a cabeça e digo: — Não foi uma noite *estúpida*.

— Você sabe o que eu quero dizer. Nós éramos um casal de garotos idiotas. Tolos.

— Sim. Acho que sim. Mas, de certa maneira, acho que eu era mais esperta naquela época — digo pensando como eu segui meu instinto naquela noite quando disse sim para ele. Por muitos anos eu me arrependi. Arrependi-me dele. Até mesmo me arrependi dela. Mas agora posso ver que existe redenção e beleza em um acidente que surgiu do amor. Agora eu posso ver que ela é a melhor coisa que já fiz.

Ele toma um longo gole da sua cerveja e depois sorri para si mesmo.

— O quê? — digo esperando algo profundo.

Ele me dá um olhar que eu me lembro bem, o mesmo que ele me deu no quintal da Janie. — Você poderia ser mais esperta naquela época, mas você é mais bonita agora. — Ele sacode a cabeça. — *Droga*.

Sorrio, surpresa — um elogio era a última coisa que eu esperava essa noite. — Você também — digo sentindo minhas entranhas se contorcerem.

Ele ergue as sobrancelhas, pede a conta para o bartender e diz que é melhor ir embora. — Eu me lembro o que acontece quando bebo com você.

— Você estava bebendo Dr Pepper aquela noite — falo sorrindo.

— É mesmo? — ele diz.

Aceno que sim.

— Bem, então, eu me lembro o que acontece quando *você* bebe. Você abusou de mim.

Posso perceber que ele está brincando, mas meu coração ainda bate loucamente. — Não vá embora ainda — eu sussurro.

— Tenho que ir — ele fala. — Mas talvez eu a encontre novamente. Na formatura de Kirby na faculdade.

— Eu não acho que ela vá para a faculdade — eu falo.

— Ah, ela *vai* — ele fala com uma piscada, como se ele tivesse uma carta na manga. E eu aposto que sim. — Então, nos vemos em quatro anos?

Aceno que sim, mas digo que eu realmente esperava poder conversar com ele antes disso. Ele diz que eu sei onde encontrá-lo; Zelda's fica aberto 365 dias ao ano.

Olho para ele cheia de esperanças. Quase soa como um convite. — Por que é chamado de Zelda's, afinal de contas? — pergunto tentando me lembrar do nome da mãe dele, desejando que nós pudéssemos falar sobre ela essa noite. Desejando que pudéssemos conversar sobre muitas coisas.

— *O Grande Gatsby* é meu livro favorito — ele fala. — F. Scott Fitzgerald o dedicou para Zelda.

— A esposa dele? — pergunto.

— Sim. Sua esposa maluca que ele não tinha que amar tanto daquele jeito — ele fala me olhando de um jeito pesado. — Você sabe o que o epitáfio deles diz? É uma citação do livro... o filho deles escolheu para eles.

Sacudo a minha cabeça. — O que diz?

Seus olhos ficam semicerrados enquanto ele recita: — "Então, nós continuamos, barcos contra a corrente, voltados incessantemente para o passado".

Olho para ele e ele me olha de volta com aqueles intensos olhos azuis-acinzentados.

— Agora — ele fala colocando duas notas no bar. — Eu realmente tenho que ir embora.

— OK — eu falo. — Mas simplesmente se lembre...

— O quê? — ele fala se levantando do seu banquinho e ficando tão perto de mim que nossas pernas se tocam e eu sinto seu hálito quente no meu rosto.

Respiro fundo e digo: — Você pode correr. Mas não pode se esconder.

— Fiquei sabendo — ele fala com um pequeno sorriso e eu percebo que ele se lembra de suas próprias palavras naquela noite inesquecível. Posso afirmar que ele se lembra de *tudo.*

Ele se levanta, coloca a jaqueta e me dá um adeus com a cabeça. Então, ele caminha para fora do bar enquanto eu relembro nosso diálogo, esse dia inteiro, e a noite que fizemos nosso erro perfeito, debaixo do ventilador de teto do quarto dos pais de Janie. Peço mais um copo de vinho, sentindo uma onda intensa de solidão. Sinto falta de Peter por um momento — e então percebo que não é de Peter que eu tenho saudade, mas do sonho que nós dois compartilhamos uma vez. Penso na minha carreira e no que eu quero escrever quando esse programa eventualmente terminar, ou porque vai ser cancelado, ou porque vou decidir seguir em frente.

Eu sei que tenho outra história para contar. Posso até imaginar os personagens principais — um músico talentoso e sua filha espirituosa — e o começo de sua jornada juntos. Não sei como eles irão terminar ou exatamente para onde eles estão indo, mas tudo bem. Tem bastante tempo para fazer isso mais tarde. Tempo para ver onde a corrente vai me levar. Por enquanto, eu fico sozinha neste bar em St. Louis e termino meu vinho. Não é o que planejei — este dia, este momento, estes relacionamentos improváveis, tanto velhos e novos. Ainda assim me sinto tomada pela paz e a certeza de que, pelo menos uma vez, estou exatamente onde eu deveria estar.

[1] Antiácido para o estômago (N. T.).

[2] Prova equivalente ao ENEM (N. T.).